



PPGCIUFPB
Programa de Pós-Graduação
em Ciência da Informação

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO



Entre Ecos e Silêncios: O Diário da Borborema e as memórias da história de Campina Grande (PB)



IRENILDA SANTOS DA SILVA MEDEIROS

JOÃO PESSOA
2025

IRENILDA SANTOS DA SILVA MEDEIROS

**ENTRE ECOS E SILÊNCIOS: O DIÁRIO DA BORBOREMA E AS MEMÓRIAS DA
HISTÓRIA DE CAMPINA GRANDE (PB)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Área de Concentração: Informação, Conhecimento e
Sociedade

Linha de pesquisa: Informação, Memória e Sociedade.

Orientação: Profa. Dra. Edna Gomes Pinheiro

**João Pessoa
2025**



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Defesa nº 328

Ata da Sessão Pública de Defesa de Dissertação do(a) Mestranda **IRENILDA SANTOS DA SILVA MEDEIROS** como requisito parcial e obrigatório para obtenção do grau de Mestra em Ciência da Informação, Área de Concentração em Memória, Mediação e Apropriação da Informação.

Ao trigésimo dia do mês de setembro de dois mil e vinte e cinco (30/09/2025), das nove horas às onze horas e quarenta e cinco minutos, no prédio da pós-graduação do CCSA reuniu-se a banca examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação para avaliar a candidata ao Grau de Mestra em Ciência da Informação na Área de Concentração Informação, Conhecimento e Sociedade, a mestranda **IRENILDA SANTOS DA SILVA MEDEIROS**. A defesa ocorreu em sala virtual do Google Meet e de forma presencial – no mini auditório II do Bloco da citada Pós-Graduação. A banca examinadora foi composta pelos (as) professoras: Dra. Edna Gomes Pinheiro – PPGCI/UFPB (Presidenta/Orientadora); Dra. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira – PPGCI/UFPB (Examinadora interna), Dr. Izabel França de Lima – PPGCI/UFPB (Suplente interna); Dra. Juccia Nathielle do Nascimento Oliveira – UEPB (Examinadora externa) e Dra. Fernanda Mirelle de Almeida Silva – UEPB (Suplente Externa). Dando início aos trabalhos, a professora Dr^a Edna Gomes Pinheiro, Presidenta da Banca Examinadora, explicou aos presentes a finalidade da sessão e passou a palavra à discente para que fizesse oralmente a apresentação do trabalho de dissertação intitulado: **ENTRE ECOS E SILÊNCIOS: O DIÁRIO DA BORBOREMA E AS MEMÓRIAS VIVAS DA HISTÓRIA DE CAMPINA GRANDE (PB)**. Após a apresentação, a candidata foi arguida na forma regimental pelas examinadoras. Respondidas todas as arguições, a Professora Edna Gomes Pinheiro, Presidenta da Banca

Examinadora, acatou todas as observações da banca e procedeu para o julgamento do trabalho, concluindo por atribuir-lhe o conceito:

(X) Aprovado () Indeterminado () Reprovado.

Observações da Banca:

A banca considera uma pesquisa de relevância para a área da CI. Todavia sugere que sejam acatadas as apreciações mencionadas pelas examinadoras, as quais não tiram o mérito da pesquisa, mas visam potencializar seu impacto, pois foram apontadas com o intuito de elevar a qualidade do texto final a ser entregue ao PPGCI,

Dentre as modificações sugeridas, destaca-se: Colocar no sumário, a metodologia como cap.II. Modificar o título do cap. IV. Deixar apenas uma questão norteadora de pesquisa. Ressaltar a importância da Biblioteca Átiça Almeida.

Diante do exposto, a Banca reconhece o mérito da pesquisa e recomenda a publicação em periódicos científicos.

Proclamados os resultados e encerrados os trabalhos, eu, Professora Dr^a Edna Gomes Pinheiro, Presidenta da Banca Examinadora, lavrei a presente ata que segue assinada por mim e pelas participantes da banca, juntamente com os pareceres de avaliação da DISSERTAÇÃO e da defesa de dissertação da mestranda, devidamente assinados por seus respectivos avaliadores e em formato digital.

João Pessoa, 30 de setembro de 2025.

Documento assinado digitalmente
 **EDNA GOMES PINHEIRO**
Data: 21/10/2025 01:30:45-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. Edna Gomes Pinheiro
Presidenta/Orientadora – PPGCI/UFPB

Documento assinado digitalmente
 **BERNARDINA MARIA JUVENAL FREIRE DE OLIVEIRA**
Data: 22/10/2025 21:20:53-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira -Examinadora Interna – PPGCI/UFPB

Documento assinado digitalmente
 **JUCCIA NATHIELLE DO NASCIMENTO OLIVEIRA**
Data: 24/10/2025 07:16:32-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. Juccia Nathielle do Nascimento Oliveira
Examinadora Externa – UFPB

Dra. Izabel França de Lima
Suplente Interna- PPGCI/UFPB

Documento assinado digitalmente
 **FERNANDA MIRELLE DE ALMEIDA SILVA**
Data: 23/10/2025 14:31:01-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. Fernanda Mirelle de Almeida Silva
Suplente externa – UFPB

Documento assinado digitalmente
 **IRENILDA SANTOS DA SILVA MEDEIROS**
Data: 24/10/2025 09:52:40-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Irenilda Santos da Silva Medeiros
Mestranda

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M488e Medeiros, Irenilda Santos da Silva.

Entre ecos e silêncios : o Diário da Borborema e as memórias da história de Campina Grande (PB) / Irenilda Santos da Silva Medeiros. - João Pessoa, 2025.
276 f. : il.

Orientação: Edna Gomes Pinheiro.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCSA.

1. Memória social. 2. Jornal Diário da Borborema. 3. Dispositivos infomemoriais. I. Pinheiro, Edna Gomes.
II. Título.

UFPB/BC

CDU 82-94 (043)

IRENILDA SANTOS DA SILVA MEDEIROS

**ENTRE ECOS E SILÊNCIOS: O DIÁRIO DA BORBOREMA E AS MEMÓRIAS DA
HISTÓRIA DE CAMPINA GRANDE (PB)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, como parte dos requisitos exigidos para obtenção do Grau de Mestre em Ciência da Informação.

Área de concentração: Informação, Conhecimento e Sociedade.

Linha de pesquisa: Informação, Memória e Sociedade.

Orientação: Profa. Dra. Edna Gomes Pinheiro

BANCA EXAMINADORA

APROVADA em: / /

Profa. Dra. Edna Gomes Pinheiro
Orientadora - PPGCI/UFPB

Profa. Dra. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira
Membro Titular Interno - PPGCI/UFPB

Profa. Dra. Izabel França de Lima
Membro Suplente Interno – PPGCI/UFPB

Dra. Juccia Nathielle do Nascimento Oliveira
Membro Titular Externo – BCUEPB

Dra. Fernanda Almeida Silva
Membro suplente externo – BC UEPB

João Pessoa
2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço, a todos os que, de alguma forma, tornaram possível a realização desta pesquisa. Cada gesto, cada palavra de incentivo, cada contribuição — por menor que tenha parecido — foi essencial para que este trabalho ganhasse contorno, forma, perfil e configuração. Este percurso não foi solitário; foi tecido por mãos generosas, por presenças que iluminaram os momentos de dúvida e fortaleceram os meus passos incertos. Foi pela Sua graça que pude chegar até aqui, honrando minha trajetória e trazendo orgulho aos meus antepassados.

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, fonte inesgotável de sabedoria e amor, pela graça divina da vida e pelas inúmeras bênçãos concedidas ao longo dessa minha jornada. Foi pela Sua misericórdia que pude atravessar os dias difíceis, encontrar sentido nas noites silenciosas e renovar a esperança quando o cansaço ameaçava calar a minha vontade de seguir. A Ele, minha entrega e louvor, pois sem sua luz, este caminho teria sido árido e sem direção.

Aos meus familiares; pela educação, amor, apoio e orações. A minha mãe Maria Dalva Santos por sempre me incentivar nos estudos. Meu pai Odivio Ferreira da Silva, meu avô Oswaldo Ferreira (codinome Oswaldo Preá) que sempre me ensinou a valorizar, aprender e agradecer os livros e o conhecimento do passado, ele é meu expoente de um historiador autodidata. Meu irmão Hausman S. Silva que me ajudou quando tive que deixar meu filho caçulo sob seus cuidados, durante minhas jornadas às aulas do Mestrado. Amo muito todos vocês.

Ao meu companheiro, Márcio da Silva Medeiros, pelo amor partilhado por tantos anos dividindo a vida e pelas batalhas vencidas, além de ajudar sempre com nossos filhos. Aos meus filhos, Abraão Medeiros, Mariana Medeiros e Heitor Medeiros por ter tornado fácil trilhar o caminho entre mãe e filhos. Amo muito a todos.

Aos colegas, professores, alunos e servidores do PPGCI/UFPB, que dividiram comigo textos, trocas, conhecimentos, atenção, trabalhos, aprovações, ideias, conquistas, em especial a Marcos Paulo Farias e Raimunda Tamyres, meu respeito, admiração e consideração sempre.

Em especial à professora Edna Gomes Pinheiro, minha orientadora, expresso minha profunda gratidão por ter me encorajado ao longo desta jornada. Sua orientação foi essencial para dar contorno, profundidade e propósito a esta pesquisa. Mais do que apoio

acadêmico, recebi dela inspiração constante, pela leveza com que encara a vida e pelo amor genuíno que nutre pelos livros e pela literatura. Obrigada por tudo!

Agradeço à Banca Feminina, mulheres fortes, sábias, que muito me inspiram, e que tive a honra de tê-las umas como professoras outras como companheiras de profissão. Professoras: Bernardina Freire, Izabel França, a Bibliotecária Juccia Nathielle e a Bibliotecária Fernanda Mirelle Almeida, Obrigada por terem aceitado meu convite.

Às minhas colegas de trabalho Estela Fernanda P. dos Santos, Isabelly Cristiany C. Lima, Ana Carolina S. da S. Aragão, Camile de A. Gomes, Valéria Soares e Silva, Hellys Patrícia M. de Sousa, Giulianne Monteiro (*in memoriam*), verdadeiras amigas, cuja presença e apoio foram fundamentais desde o início desta pesquisa, quando eu ainda escrevia meu projeto. Sou imensamente grata por cada gesto, de incentivo e colaboração ao longo dessa jornada. Meu sincero e profundo agradecimento a todos vocês!

A Coordenadora de Bibliotecas da UEPB, Luciana Dantas de Medeiros, por todo apoio durante o meu afastamento em 2025 para finalizar este mestrado. Minha gratidão pelo suporte oferecido durante esse período, para que eu pudesse avançar nessa caminhada acadêmica. Muito obrigada por toda a colaboração e incentivo!

Agradecimento especial à Dra. Juccia Nathielle do Nascimento Oliveira, bibliotecária da UFPB. Durante sua atuação na UEPB, no acervo Bezerra de Carvalho, ela compartilhou não apenas conhecimentos técnicos, mas também lições de vida e inspiração. Sua paixão pela pesquisa, dedicação incansável e compromisso com o saber foram fundamentais para meu desenvolvimento. Sou profundamente grata por sua presença nesse percurso.

Aos amigos e amigas que, de alguma forma, contribuíram para a realização desta pesquisa, minha gratidão. Cada gesto de apoio, palavra de incentivo e colaboração oferecida foi essencial para eu chegar até aqui. Vocês desempenharam um papel verdadeiramente significativo nessa jornada.

DEDICATÓRIA

Aos tropeiros, cuja coragem e determinação desbravaram caminhos, unindo terras e histórias, levando não apenas mercadorias, mas também cultura, esperança e o espírito de um povo resiliente. Aos incansáveis escritores, jornalistas, editores e colaboradores do Diário da Borborema, que, com palavras precisas e paixão inabalável, transformaram notícias em memória, registrando cada capítulo da história de Campina Grande e da Paraíba. A todos que dedicaram seu tempo, esforço e talento para preservar a alma do JDBO - dos que redigiram suas páginas, aos que as distribuíram e aos leitores que, dia após dia, absorveram suas histórias e reflexões. Que estas páginas sirvam como reconhecimento e celebração da jornada daqueles que, com determinação e amor pela comunicação, ajudaram a construir um legado que jamais será apagado. Portanto, esta pesquisa é um tributo àqueles que fizeram do Diário da Borborema mais do que um jornal - um símbolo de resistência, conhecimento e identidade.

A evolução dos jornais no Brasil... Das pedras e tábuas, foram para os papéis de seda escritos à mão, papéis impressos em grande quantidade e atualmente jornais online. Ou seja, o jornal continuará sempre vivo não importando a forma como será a sua circulação na sociedade.

(Silva, 2022)

RESUMO

Afirma que os jornais, mais do que registrar fatos, eles constroem narrativas que mantêm viva a memória coletiva, reinterpretando acontecimentos à luz do tempo e transmitindo valores, saberes e identidades às novas gerações. Nessa direção a pesquisa intitulada: *Entre Ecos e Silêncios: o Diário da Borborema e as Memórias da História de Campina Grande (PB)*, analisa o JDBO como veículo infomemorial, destacando seu papel na construção da memória coletiva de Campina Grande. Ativo por 54 anos (1958–2012) reconhecido como fonte relevante para compreender os ecos e silêncios que atravessam a história cultural campinense. Aborda a seguinte questão norteadora: Como o Jornal Diário da Borborema (JDBO) contribuiu para a constituição de memórias sociais e culturais que fortaleceram a identidade campinense, por meio da representação de eventos históricos e cotidianos que marcaram a trajetória da cidade. **Objetivo geral:** analisar como o Jornal Diário da Borborema preserva e atualiza as memórias sociais e culturais de Campina Grande (PB), evidenciando sua contribuição para a memória coletiva. **Objetivos específicos:** a) evidenciar os dispositivos infomemoriais que destacam eventos como: a) Festa de São João, Festival de Inverno, Feira Livre de Campina Grande, Polo Tecnológico Campinense; b) investigar imagens, momentos históricos e aspectos do cotidiano que impactaram a sociedade campinense; c) examinar como as narrativas jornalísticas legitimam práticas culturais e sociais, revelando negociações simbólicas entre tradição e modernidade. Esboça a **fundamentação teórica** pautada nas contribuições de autores creditados na área da Ciência da Informação e áreas afins, a saber: Aróstegui (pesquisa histórica, 2006); Assmann (memória coletiva, 2011); Canclini e Hall (aculturação, identidade e representação); Capurro (epistemologia, CI, 2003); Chartier (história cultural, 1990); Dodebel (memória social, 2006); Halbwachs (memória coletiva, 2006); Le Golf (história e memória, 2003); Nora (lugares de memória, 1993); Ricoeur (silêncios e esquecimento, 2007), dentre outros. O percurso metodológico está fundamentado em uma abordagem **qualitativa**, de caráter **exploratório** e **descritivo**. É uma pesquisa **documental** - corpus constituído por edições selecionadas do JDBO, priorizando reportagens, editoriais, colunas e imagens que abordam *a Festa de São João, o Festival de Inverno, a Feira Central de CG e o Polo Tecnológico*. Utilizou os procedimentos **bibliográficos, documentais e hemerográficos** para investigar edições do JDBO, com base nas técnicas de análise documental e temática. Para tal, utilizou a técnica de análise de conteúdo temática (Bardin, 2011), com foco na identificação de dispositivos infomemoriais, representações culturais e silenciamentos. Os resultados alcançados revelam o potencial do JDBO como fontes legítimas de memória social, reforçando práticas interdisciplinares que contribuem para a valorização da imprensa como agente ativo na construção da história local.

Palavras-chave: Jornal Diário da Borborema; memória social; dispositivos infomemoriais.

ABSTRACT

Newspapers do more than simply record facts; they construct narratives that keep collective memory alive, reinterpreting events in the light of time and transmitting values, knowledge, and identities to new generations. In this regard, the research, entitled "Between Echoes and Silences: the Borborema Diary and the Memories of the History of Campina Grande (Paraíba), analyzes the Borborema Diary (JDBO) as an infomemorial vehicle, highlighting its role in the construction of collective memory in Campina Grande. Active for 54 years (1958–2012), the JDBO is recognized as a relevant source for understanding the echoes and silences that permeate Campina Grande's cultural history. It addresses the following guiding question: How the newspaper *Diário da Borborema* (JBDO) contributed to the construction of social and cultural memories that strengthened Campina Grande's identity, through the representation of historical and everyday events that shaped the city's trajectory. **General objective:** to analyze how the *Diário da Borborema* preserves and updates social and cultural memories of Campina Grande (PB), highlighting its contribution to collective memory. **Specific objectives:** a) to highlight the infomemorial devices that highlight events such as: a) the Feast of Saint John, the Winter Festival, the Campina Grande Central Market, and the Campina Grande Technological Center; b) to investigate images, historical moments, and aspects of daily life that impacted Campina Grande society; c) to examine how journalistic narratives legitimize cultural and social practices, revealing symbolic negotiations between tradition and modernity. The theoretical foundation is outlined based on the contributions of authors accredited in the field of Information Science and related fields, namely: Aróstegui (historical research, 2006); Assmann (collective memory, 2011); Canclini and Hall (acculturation, identity, and representation); Capurro (epistemology, CI, 2003); Chartier (cultural history, 1990); Dodebel (social memory, 2006); Halbwachs (collective memory, 2006); Le Golf (history and memory, 2003); Nora (places of memory, 1993); Ricoeur (silences and forgetting, 2007), among others. The methodological approach is based on a qualitative, exploratory, and descriptive approach. This is documentary research—a corpus comprised of selected editions of the JDBO, prioritizing reports, editorials, columns, and images covering the Festa de São João, the Winter Festival, the CG Free Market, and the Technological Center. Bibliographic, documentary, and newspaper procedures were used to investigate JDBO editions, based on documentary and thematic analysis techniques. To this end, the thematic content analysis technique (Bardin, 2011) was used, focusing on identifying infomemorial devices, cultural representations, and silencing. The results reveal the potential of the JDBO as a legitimate source of social memory, reinforcing interdisciplinary practices that contribute to the appreciation of the press as an active agent in the construction of local history.

Keywords: *Jornal Diário da Borborema*; social memory; info memorial devices.

LISTA DE ABREVIATURAS

ATCEL	Associação Técnico Científica Ernesto Luis
BCG	Bacilo de Calmette e Guérin
BORAA	Biblioteca de Obras Raras Átila de Almeida
CCT	Centro de Ciências e Tecnologia
CG	Campina Grande
CH	Centro de Humanidades
CI	Ciência da Informação
EMDEB	Empresa de Desenvolvimento da Borborema
ENAP	Escola Nacional de Administração Pública
ETER	Escola Técnica Redentorista
FAPESQ-PB	Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba
FENAT	Festival Nacional de Teatro
FENATA	Federação Nacional do Teatro Amador
FIEP	Federação das Indústrias do Paraná
FICG	Festival de Inverno de Campina Grande
FUNDAJ	Fundação Joaquim Nabuco
FUNART	Fundação Nacional de Artes
FURNE	Fundação Universidade Regional do Nordeste
GRESSE	Grêmio Recreativo dos Subtenentes e Sargentos do Exército
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBM	International Business Machines Corporation
ICE	Instituto de Corresponsabilidade pela Educação
IHGC	Instituto Histórico de Campina Grande
INPI	Instituto Nacional da Propriedade Industrial
INSA	Instituto Nacional do Semiárido
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
ITA	Instituto Tecnológico de Aeronáutica
JDBO	Jornal Diário da Borborema
MAAC	Museu de Arte Assis Chateaubriand
MGCG	Museu Histórico de Campina Grande
NDIHR	Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional
NudofDB	Núcleo de Documentação Física do Diário da Borborema
PAqTECPB	Fundação Parque Tecnológico da Paraíba
PROCULT	Pró-Reitoria de Cultura
SBRC	Simpósio Brasileiro de Redes de Computadores e Sistemas Distribuídos
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
URNe	Universidade Regional do Nordeste
WRCO	Representação do Conhecimento e Ontologias

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Encadernação da primeira edição do JDBO	44
Figura 2 -	NudofDB - Dados do Exemplar	45
Figura 3 -	Orientação ao pesquisador	45
Figura 4 -	Matérias continuadas em páginas subsequentes	46
Figura 5 -	História da Imprensa Campinense	48
Figura 6 -	Primeiro Congresso de Imprensa do Interior Nordestino	49
Figura 7 -	Negros vão às aulas dos brancos	50
Figura 8 -	Festivo São João nos Clubes Campinenses	52
Figura 9 -	Festivo junino continuação pág. 4. Letra B	52
Figura 10 -	Festejos juaninos - GRESSE	52
Figura 11 -	Programação da festa junina de 1958	53
Figura 12 -	São João por Eptácio Soares	54
Figura 13 -	Hotéis sem vaga para turista retardatário	55
Figura 14 -	Mesmo com ônibus extra, faltou transporte para o sertão	56
Figura 15 -	Foto da matéria do jornal mostrando a população na rodoviária	56
Figura 16 -	São João - processo aculturativo	58
Figura 17 -	A população foi questionada se a tradição do São João está morrendo	59
Figura 18 -	O problema é preservar a tradição dos festejos juninos	60
Figura 19 -	Festejos de São João com animação na Paraíba	61
Figura 20 -	Quadrilhas animam o São João da edição do dia 24/06/1977	61
Figura 21 -	Festas animadas	63
Figura 22 -	São João animado	64
Figura 23 -	UFPB patrocina o 4º Congresso Nacional de Repentistas	66
Figura 24 -	Os coqueiros de Zé-Rodrigues, atualmente local do Parque do Povo	67
Figura 25 -	Registro fotográfico histórico da construção do Parque do Povo	68

Figura 26 - Parque do Povo e Pirâmide finalizados - imagem de fevereiro de 1986	69
Figura 27 - São João em ritmo alucinante	70
Figura 28 - São João no Clube dos Caçadores - junho de 1986	71
Figura 29 - Diário da Borborema 24 de junho de 1986	71
Figura 30 - Suplemento dominical Revista Tudo - Zé Fogueteiro	75
Figura 31 - Inauguração do Parque do Povo	78
Figura 32 - Ilustra o casamento junino	78
Figura 33 - Jornal do dia 07/06/1986 – inauguração do Forródromo	79
Figura 34 - Mais de 100 mil turistas no Maior São João do Mundo	79
Figura 35 - Criatividades descaracterizam a originalidade da quadrilha junina	79
Figura 36 - Informe das quadrilhas de hoje 07/06/1986	83
Figura 37 - Show de Luiz Gonzaga no Forrock - shows de Forró no Clube Campestre	84
Figura 38 - Largada da Corrida da Fogueira	84
Figura 39 - Lojas respeitaram a tradição do São João e abriram na terça-feira	86
Figura 40 - 45 anos da carreira de Marinês e Sua Gente	86
Figura 41 - Clima juninos já toma conta do município	88
Figura 42 - São João de Campina Grande terá o maior quadrilha do mundo	89
Figura 43 - Grande negócio movimenta US\$ bi no país	90
Figura 44 - Quadrilhas fazem a festa nos bairros Campinenses	91
Figura 45 - Museu mostra as “Cenas de uma Cidade”	92
Figura 46 - Várias imagens do São João de Campina Grande junho de 2007	93
Figura 47 - Mais de 300 mil devem passar por CG	93
Figura 48 - Mudanças na tipografia do jornal, páginas coloridas	93
Figura 49 - Lançamento do Diário Junino do Diário da Borborema	94
Figura 50 - Muita festa e alegria durante o lançamento o Diário Junino	94
Figura 51 - Festa descentralizada é iniciada	95

Figura 52 - Festival de Sanfona	96
Figura 53 - O poder das festas de São João, edição de 24/06/2007	96
Figura 54 - Valei-me meu santim!!! edição de 12/06/2007	97
Figura 55 - Devotos aproveitam data para agradecer benção - idealizador da procissão pesquisa vida do Santo	99
Figura 56 - Festa para o santo profeta em Campina	99
Figura 57 - São João movimentou a economia de Campina Grande	101
Figura 58 - Corrida da Fogueira é tradição o Calendário Junino	101
Figura 59 - Vertiginoso surto de construção em Campina Grande	105
Figura 60 - Prefeito louva a ação de Assis Chateaubriand	106
Figura 61- Uma realização do Senador Assis Chateaubriand	106
Figura 62 - Medicina para todos	107
Figura 63 - A cidade sem água durante cinco dias	109
Figura 64 - Curso de Problemas do Nordeste na Escola Politécnica da Paraíba	111
Figura 65 - A diplomação da primeira turma de engenheiros pela Escola Politécnica	112
Figura 66 - O “orós” e a engenharia nacional	113
Figura 67 - Campina Grande na era da automação	115
Figura 68 - Um sinal aberto para o perigo	120
Figura 69 - Feira Central busca reconhecimento	121
Figura 70 - Reunião define detalhes do XI FICG	127
Figura 71 - Capa da primeira edição do jornal Diário da Borborema (1957)	161
Figura 72 - As edições encadernadas do jornal Diário da Borborema	163
Figura 73 - Capa ganhadora do Prêmio ExxonMobil	164
Figura 74 - Prêmio Esso especial de primeira página	166
Figura 75 - Açude Novo (Campina Grande)	180
Figura 76 - Estátua dos Pioneiros da Borborema	180
Figura 77 - Museu dos Três Pandeiros	180

Figura 78 - O Maior São João do Mundo	de Campina Grande	189
Figura 79 - O Parque Tecnológico como memória informacional de Campina	de Campina Grande	196
Figura 80 - O FICG	mostra o que sabe fazer	199
Figura 81 - O FICC	: uma história de lutas	199
Figura 82 - Feira Livre de Campina Grande: comércio, tradição histórica	e cultural	204
Figura 83 - Assis Chateaubriand: o magnata paraibano das comunicações		211

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Sistematização dos procedimentos metodológicos	33
Quadro 2 -	Quadro de coleta de dados do São João	35
Quadro 3 -	Quadro de coleta de dados do Polo Tecnológico	102
Quadro 4 -	Linha do tempo da Ciência e Tecnologia a partir de 1950 em CG	109
Quadro 5 -	Quadro de coleta de dados da Feira Central	116
Quadro 6 -	Quadro de coleta de dados do Festival de Inverno	123
Quadro 7 -	Quadro etapas da pesquisa	129
Quadro 8 -	Recorte da coleta de dados	131
Quadro 9 -	Elementos do recorte documental do São João	133
Quadro 10 -	Elementos do recorte documental da Feira Central	135
Quadro 11 -	Elementos do recorte documental do Polo Tecnológico	136
Quadro 12 -	Elementos do recorte documental do Festival de Inverno	137
Quadro 13 -	Apresentação das etapas da Análise de Conteúdo	215
Quadro 14 -	Apresentação das Categorias e Subcategorias Temáticas	217
Quadro 15 -	Quadro lúdico das Categorias e Subcategorias Temáticas	221
Quadro 16 -	Apresentação das Categorias, Subcategorias e Eixos Temáticos	226
Quadro 17 -	Quadro lúdico da Representação dos Recortes e Eixos Significantes	228

SUMÁRIO

1	NADA SURGE DO ACASO. TUDO TEM UM PONTO DE PARTIDA....	21
2	PERCURSO METODOLÓGICO: O TRAÇADO DO CAMINHO NORTEADOR DA PESQUISA.....	32
2.1	Traços e caminhos da pesquisa.....	32
2.2	Entre o olhar e os vestígios: os caminhos da coleta de dados.....	128
3	DESENHO TEÓRICO: O ENCONTRO DO TEMA COM OS AUTORES.....	138
3.1	Jornais como fonte de informação, memória e identidade coletiva: entre narrativas e registros.....	143
3.2	Jornal Diário da Borborema como veículo infomemorial e agente de mudança cultural urbana em Campina Grande.....	150
3.3	Diário da Borborema como veículo infomemorial e agente de aculturação urbana em Campina Grande.....	155
3.4	Da imprensa à universidade: A UEPB como guardião do legado do Diário da Borborema.....	168
3.5	A memória da cidade de Campina Grande como o reflexo de si mesma.....	177
3.5.1	A imprensa regional como mediadora da memória social.....	184
3.5.2	O maior São João do mundo como dispositivo infomemorial e expressão da memória cultural.....	187
3.5.3	O Polo Tecnológico como eixo da memória informacional de Campina Grande.....	191
3.5.4	O Festival de Verão na memória jornalística do Diário da Borborema: entre palcos e páginas.....	197
3.5.5	Do chão da feira ao papel impresso: A celebração da cultura campinense no JBDO.....	201
3.6	Vozes do JBDO os escritores que marcaram épocas.....	204
3.6.1	Da terra seca à tinta viva: Assis Chateaubriand - Chatô: O menino da Borborema que fez da imprensa sua voz e do JBDO o seu legado.....	209
4	DECIFRANDO SENTIDOS A PARTIR DO MATERIAL EMPÍRICO.....	214
4.1	Tecendo fios da análise: categorias e subcategorias descobertas.....	215

5	A busca do ponto final: quando o fim é apenas uma pausa.....	230
	REFERÊNCIAS.....	235
	APÊNDICES.....	243
	APÊNDICE A - MAPEAMENTO DOS JDBO (ACERVO COMODATO).....	244



*Estala relho marvado./ Recordar hoje é meu tema.
Quero rever os antigos tropeiros da Borborema.
Assim caminhavam as tropas cansadas.
E os bravos tropeiros buscando pousada
Nos ranchos e aguados dos tempos de outrora.
Caindo mais cedo que a barra da aurora.
Riqueza da terra que tanto se expande.
E se hoje se chama de Campina Grande.
Foi grande por eles que foram os primeiros.
Ó tropas de burros, ó velhos tropeiros.*

*Raimundo Asfora e Rosil Cavalcante (1975)
Música de Luiz Gonzaga*

1 NADA SURGE DO ACASO. TUDO TEM UM PONTO DE PARTIDA

Os acontecimentos não nascem do nada. São frutos de decisões, erros e acasos que, vistos de longe, revelam um ponto de partida
(Medeiros, 2025)

O título mencionado ressoa como um chamado à consciência de que a vida não se desenrola como uma sucessão aleatória de eventos, mas como uma trama entrelaçada por significados, escolhas e experiências. Embora o acaso seja frequentemente mobilizado para justificar o que escapa à compreensão, essa ideia se mostra insuficiente diante da percepção de que tudo o que acontece possui uma origem — visível ou invisível.

Nesse contexto, o título também revela o papel essencial dos jornais na construção da memória coletiva. Ao promoverem a rememoração e a ressignificação de vivências, eles transcendem sua função informativa: não apenas registram os fatos, mas atuam como agentes narrativos, moldando sentidos que atravessam o tempo e influenciam profundamente a maneira como a sociedade compreende sua própria história.

Assim sendo, a certeza de que “nada é por acaso, tudo tem um ponto de partida” encontra eco na trajetória dos tropeiros homenageados na canção “Tropeiros da Borborema” (Luiz Gonzaga), haja vista que esses homens não apenas desbravaram o sertão nordestino — eles abriram caminhos. Cada passo dado por seus burros carregados de pele e algodão foi um ponto de partida para o desenvolvimento de Campina Grande, que viria a se tornar um pólo de progresso no interior da Paraíba. Eles estabeleceram rotas comerciais, e foram agentes silenciosos da transformação econômica e cultural da região da Borborema.

Percebe-se que a posse do texto da música “Tropeiros da Borborema” para particularizar o tema da pesquisa, está articulada ao fato de que o tema da pesquisa se complementa no propósito de manter a memória e outros aspectos que colaboram para a construção da identidade cultural e social da cidade de Campina Grande (PB). A música Tropeiros da Borborema é uma homenagem de Luiz Gonzaga aos antigos Tropeiros que desbravaram o sertão nordestino na Região da Borborema (PB).

É uma narrativa poética para relembrar e valorizar o trabalho árduo dos Tropeiros, homens que foram fundamentais para o desenvolvimento econômico e social da região, segundo nos conta (Silva, 1999, p.21),

[...] evocando a imagem dos antigos Tropeiros que ajudaram a construir os alicerces dessa cidade. E como a história registra, o fizeram com bravura e muito trabalho, desbravando os horizontes do desenvolvimento naquela

época que data da origem da povoação e que, em sua passagem por este lugar, plantaram a semente do próspero Município que haveria de liderar todo o compartimento da Borborema. Ademais, haveriam de rasgar as estradas que pavimentaram o progresso e a irradiação de Campina para todos os quadrantes da Região [...]

A música nos diz que, devido à sua localização e desenvolvimento regional, Campina Grande, tornou-se um ponto de repouso dos tropeiros, eles que levavam mercadorias junto com seus jumentos enfrentavam longas e difíceis viagens durante dias, até aportar em um local em que pudessem descansar. Foi dessa forma que esses viajantes faziam o traslado e abasteciam inúmeros lugares da Paraíba adentro.

Assim, os tropeiros da Borborema, passaram a ser considerados figuras ícones e emblemáticas, pois devido a precariedade de estradas para os produtos chegarem de João Pessoa para Campina Grande e depois partir para o Sertão segundo nos conta (Silva, 1999, p.21). Os tropeiros tiveram um papel de notabilidade no comércio de algodão (conhecido como ouro branco) intenso, chegando a se tornar a maior exportadora do produto no Brasil, e a segunda no mundo (Silva, 1999, p.30).

Na verdade, essa música nos faz lembrar que, tal conexão possibilita aprofundar a compreensão sobre formas de expressar os registros históricos e transformações ao longo do tempo, considerando que é impossível pensar na Paraíba, sem lembrar a cidade de Campina Grande. Assim sendo, tal visita a esse espaço da história de Campina Grande foi necessária para fornecer a dimensão do que representa o nosso objeto de estudo, o qual será abordado á adiante. Além disso, destacamos como o “Diário da Borborema” se tornou um significativo meio de comunicação e de informação para a sociedade local, devido à proeminência que essa cidade teve e tem para a Paraíba.

O crescimento de Campina Grande foi impulsionado pelo *boom* da cultura algodoeira, tornando-se um pólo de atração para pessoas de diversas regiões do Brasil. Segundo registros históricos do Anuário Estatístico do Brasil, sua população saltou de 17.041 habitantes em 1907 (BRASIL, 1916) para 126.139 em 1940 (IBGE, 1940), consolidando a cidade como um dos grandes centros econômicos do país.

Entretanto, a praga do Bicudo em 1983 trouxe uma drástica reviravolta segundo (Degrande *et al.*, 2004; Silva, 2012), causando uma estagnação na produção de algodão e severos impactos econômicos não apenas para Campina Grande, mas para várias cidades da Paraíba. No entanto, à medida que o ciclo do algodão perdia força, (EMBRAPA, 2003, p.13), “até 1931, a Paraíba foi o maior produtor de algodão do Brasil, com produção de 23 milhões

de quilos de algodão em caroço”, Campina Grande buscava novas formas de preservar sua identidade e memória, reinventando-se diante dos desafios para sobreviver.

Foi nesse contexto que, em dois de novembro de 1957, Campina Grande testemunhou a fundação do Jornal Diário da Borborema (JDBO), conforme relata Souza (2013, p. 2). Embora tenha sido criado com esse nome oficial, rapidamente se consolidou como o emblemático “jornal campinense Diário da Borborema”. Fundado pelo magnata das comunicações Assis Chateaubriand, o periódico tornou-se uma peça essencial na difusão da informação e na preservação da memória histórica da cidade, acompanhando suas transformações ao longo das décadas.

Percebe-se que ao longo dos anos, Campina Grande enfrentou desafios, mas continuou a se reinventar para sobreviver. Hoje, essa trajetória de resiliência e inovação se refletem na preparação para celebrar seus 161 anos de emancipação, em 11 de outubro de 2025, reafirmando sua história de resistência e transformação.

Quando nos referimos a resiliência, chamamos atenção para a resiliência como a capacidade humana de se recompor diante da adversidade, restabelecendo seu padrão de funcionamento após o impacto de experiências desafiadoras - ainda que não permaneça ileso a elas. Trata-se de uma concepção que reconhece na fragilidade um traço da força. Podemos observar que a população ao longo do tempo, mesmo sob a sombra de uma ameaça ao seu bem-estar, pode ver-se abatida, dobrar-se ao peso das circunstâncias, e ainda assim reencontrar em si o impulso vital que a faz reerguer-se a fim de sobreviver.

Em que pesem a força dessa conquista e a crença na perspectiva do jornal como fonte histórica de preservação da memória, entra em cena como fonte documental, merecendo a atenção de pesquisadores de diversas áreas seja da Ciência da Informação (CI), antropologia, linguística, educação, comunicação social entre outras, pois auxilia pesquisadores Brasil e do mundo a problematizar, indagar e refletir o presente e o passado para assim compreender as ações e acontecimentos ao longo dos anos.

Sendo assim, os jornais como fonte de memória passam a lembrar e narrar o passado a partir de parâmetros próprios de uma atividade propriamente jornalística. Dessa forma, a ação de lembrar é um jogo simbólico onde o indivíduo seleciona e hierarquiza fragmentos do passado com o intuito de atribuir sentidos a uma trajetória no tempo.

À luz desse posicionamento, constata-se que, ao longo dos anos, os jornais impressos, promovidos como produtos essenciais dos veículos de comunicação, passaram a integrar o acervo das bibliotecas, formando as chamadas Hemerotecas.¹ Com a constante

¹ Espaço físico ou virtual dedicado à guarda, conservação e consulta de coleções de publicações periódicas,

expansão desse acervo, tornou-se indispensável sua replicação no ambiente digital, impulsionada pela evolução tecnológica e pela necessidade de adaptação aos novos tempos.

A digitalização é um passo importante, mas não o suficiente para preservar o patrimônio documental, porém ela amplia sua acessibilidade, visibilidade e disponibilidade. Esse processo é impulsionado por centros de informações, como as bibliotecas, que desempenham um papel fundamental na conservação da memória coletiva, social e cultural do país, garantindo a ampliação do acesso às informações e democratizando o conhecimento, sendo assim, torna-se uma estratégia essencial de preservação e difusão do conhecimento, assegurando que as informações se mantenham disponíveis, interpretáveis e dinâmicas para as gerações vindouras.

Vale ressaltar que o processo de gestão das fontes informacionais nas bibliotecas abrange desde a aquisição até etapas fundamentais como seleção, tratamento, conservação, acondicionamento e disponibilização, garantindo que o conhecimento permaneça, acessível e preservado ao longo do tempo.

Além de atuarem como guardiãs da memória, as bibliotecas são essenciais na organização e disseminação da informação. Por meio de critérios, métodos e procedimentos específicos, estruturam seus acervos periódicos de maneira eficiente, atendendo às necessidades de cada instituição e proporcionando aos pesquisadores um acesso ágil e eficaz às bases de conhecimento.

A análise do Jornal Diário da Borborema (JDBO) nesse contexto torna-se essencial, pois sua trajetória não apenas justifica a escolha do tema de pesquisa, mas também evidencia a relevância histórica e cultural da publicação. O envolvimento e o interesse pelo assunto reforçam a necessidade de um estudo aprofundado, capaz de explorar suas contribuições para a construção da memória social e sua influência na disseminação da informação ao longo dos anos. Examinar sua evolução permite compreender os desafios enfrentados pelo jornal e seu impacto na sociedade, consolidando sua importância como veículo de comunicação e registro documental.

Entretanto, observa-se uma significativa lacuna na produção científica da área de Ciência da Informação voltada especificamente para o (JDBO) como fonte informacional. Esse déficit parece revelar a resistência do tema em se inserir plenamente nas discussões centrais da área, abrindo espaço para questionamentos, novas interpretações e caminhos ainda

como jornais, revistas, anuários e boletins. Ela funciona como um arquivo histórico, preservando a memória e a história da imprensa para fins de pesquisa e referência. O termo é a união das palavras gregas "hemera" (dia) e "theke" (coleção ou depósito), que significa "coleção de diários".

não explorados pela investigação acadêmica, o que reforça a necessidade de aprofundamento teórico e metodológico. A busca por respostas precisas e fundamentais torna-se essencial para estabelecer conexões entre essa vertente do conhecimento e o objeto de pesquisa, garantindo uma contextualização sólida e alinhada aos objetivos propostos.

A ausência de estudos sobre o Jornal Diário da Borborema (JDBO) na Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI) revela uma lacuna significativa na produção acadêmica da área. Embora esse silêncio não seja surpreendente, considerando o caráter regional do periódico, ele aponta para a urgência de aprofundar as discussões sobre a interface entre jornalismo e memória social no campo da Ciência da Informação (CI). Em busca no repositório institucional da UFPB, também identificamos a lacuna em relação ao JDBO, sendo diferente quando pesquisamos sobre o mesmo assunto no repositório institucional da UFCG, onde encontramos vários trabalhos acadêmicos. Por sua natureza interdisciplinar, a CI possui ferramentas conceituais e metodológicas capazes de ampliar as perspectivas sobre preservação documental e apropriação informacional, especialmente no que diz respeito ao papel dos veículos de comunicação na construção e manutenção da memória social. Reconhecer e investigar fontes como o JDBO é, portanto, um passo necessário para fortalecer o diálogo entre informação, cultura e história local.

Isso posto, fica concreta a percepção de que a CI carrega um compromisso fundamental com a memória coletiva, sendo um campo essencial para a compreensão e valorização dos registros históricos pois a memória individual é moldada socialmente e existe dentro de quadros coletivos de referência. Quando se trata da memória social, sua atuação vai além da organização e recuperação de informações, assumindo um papel ativo na perpetuação do conhecimento. Assim, a ausência de estudos sobre o JDBO reforça a urgência de investigações que possam revelar sua relevância e sua contribuição para a preservação da história regional nordestina.

Nesse viés, a pesquisa justifica-se, ainda, pela relevância histórica do jornal Diário da Borborema, entendendo que não é suficiente apenas a disponibilização dos documentos para consulta e apreciação da comunidade acadêmica e da população em geral. É necessária a ampliação destes recursos em favor dos usuários, adicionando dados para suportes favoráveis para futuras pesquisas.

Outra justificativa, não menos relevante, emerge da profunda preocupação da pesquisadora com a preservação documental e o acesso à informação, compromisso que não surgiu de maneira súbita, mas foi sendo moldado e fortalecido ao longo de sua trajetória acadêmica. Desde os primeiros passos na graduação, essa inquietação se revelou por meio da

participação ativa em projetos voltados para a compreensão, recuperação e disseminação de acervos históricos e institucionais. Como por exemplo, foi aluna integrante do Grupo de Estudos: Centro de Documentação de Biblioteconomia (CEDOC-BIBLIO) e do Grupo de Pesquisa: Web, Representação do Conhecimento e Ontologias (WRCO), na linha de pesquisa: Memória, organização, acesso e uso da informação, com o Projeto de Pesquisa: Resgate da Memória Estudantil do Curso de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação no Brasil através do Repositório Eletrônico Dspace, onde pôde iniciar a digitalização de alguns documentos dos encontros nacionais e regionais estudantis de Biblioteconomia.

A necessidade de preservar e garantir a acessibilidade desses registros tornou-se uma missão contínua, impulsionada pela percepção de que a memória representa um elemento essencial para a construção da identidade cultural e para o fortalecimento da pesquisa acadêmica. Nesse percurso, a pesquisadora enfrentou desafios técnicos e metodológicos, refletindo sobre os melhores processos para a digitalização, conservação e disponibilização de acervos. Esses desafios não apenas aprimoraram sua visão crítica sobre a temática, mas também reforçaram a urgência de ampliar as discussões sobre a preservação informacional em espaços acadêmicos e institucionais.

Posto isso, este estudo transcende a investigação teórica, refletindo o compromisso de uma trajetória dedicada à valorização da memória de Campina Grande, à organização da informação e à democratização do conhecimento. Esses aspectos são essenciais para preservar o legado documental e fortalecer a identidade histórica.

A manipulação de fotos e documentos exigiu um profundo entendimento sobre os melhores métodos de conservação, além da escolha de tecnologias que garantem durabilidade e acesso aberto ao acervo. O impacto desse processo despertou uma preocupação constante com a invisibilidade de fontes documentais relevantes para futuros pesquisadores e a necessidade urgente de se desenvolver estratégias eficazes para torná-las acessíveis ao público e aos pesquisadores.

Ao buscar a práxis, ainda, na graduação em 2010 na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), participamos do grupo de Grupo de Pesquisa: *Web, Representação do Conhecimento e Ontologias (WRCO)*, na linha de pesquisa: Memória, organização, acesso e uso da informação, com o Projeto de Pesquisa: Resgate da Memória Estudantil do Curso de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação no Brasil através do Repositório Eletrônico Dspace.

Assim, o tratamento de fotos e documentos revelou-se um desafio, exigindo um estudo detalhado sobre o suporte mais adequado para o acervo, a escolha de extensões de

arquivo que assegurem a perenidade da informação, a digitalização parcial do material e a definição de um repositório que fosse simultaneamente duradouro e de acesso aberto.

Anos depois, em 2012, com a aprovação da pesquisadora em um concurso para a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), iniciou-se um trabalho na Hemeroteca, onde se deparou com um acervo praticamente sem utilização pelos usuários. Mais uma vez, surgiram questionamentos essenciais: por que esse acervo permanecia inacessível e negligenciado? Que estratégias poderiam ser adotadas para estimular os usuários a explorá-lo e reconhecer seu valor histórico? Esse compromisso se intensificou ainda mais com a atuação da pesquisadora na Hemeroteca da UEPB. Ao se deparar com documentos subutilizados e à margem da memória social, novas inquietações emergiram: por que esses registros históricos não eram consultados? Quais barreiras dificultavam o acesso e como superá-las para garantir a preservação e o uso efetivo desse acervo?

Em 2018, como bibliotecária da UEPB, a pesquisadora participou do treinamento Noções de Preservação de Acervos em Papel na Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ), em Recife. Apenas em 2022, ao integrar a equipe da Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida (BORAA), passou a atuar diretamente no acondicionamento e na formulação de políticas de preservação do acervo. Foi nesse contexto que teve seu primeiro contato com a coleção do JDBO, um acervo rico em memória documental, mas pouco explorado. Esse encontro marcou um ponto de inflexão em sua trajetória, despertando novas inquietações e reafirmando a importância de resgatar e valorizar esse patrimônio histórico.

Diante desse cenário, a pesquisadora buscou um alinhamento com a Ciência da Informação, um campo interdisciplinar que desempenha um papel essencial na preservação e disseminação da memória social. No entanto, a escassez de estudos e iniciativas voltadas para acervos como o da Hemeroteca evidenciou a necessidade urgente de aprofundamento investigativo sobre o tema.

Nesse contexto, a escolha do objeto de pesquisa não foi meramente circunstancial, mas surgiu como um desdobramento natural das experiências acadêmicas e profissionais da pesquisadora. Ao longo dos anos, ela se deparou repetidamente com desafios e negligências relacionadas ao tratamento da memória documental, o que reforçou sua determinação em compor esta pesquisa. Atualmente, o acervo encontra-se em condições ideais de conservação, com as devidas condições de ambiente, de climatização e acondicionamento compatíveis com o que a Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida deseja. Atualmente, a coleção encontra-se disponível para consulta aos pesquisadores mediante agendamento.

Assim, este estudo representa não apenas um desafio acadêmico, mas também um

compromisso com a valorização da memória e da identidade informacional, consolidando anos de pesquisa e dedicação à preservação documental como elemento fundamental na construção do conhecimento e na manutenção da identidade histórica. Nessa direção, o tema desta pesquisa está particularizado ao indicar um lugar comum de memória entrelaçado com um objeto de pesquisa, ao JDBO, que, apesar de atualmente estar fora de circulação, teve uma existência de 54 anos de vida, com uma circulação impressa diária.

A partir desses relatos, entra-se em sintonia com a problemática da pesquisa: **como o jornal constitui memórias sociais que contribuíram para a identidade campinense?**

Articulados a essa problemática, inferir-se o objetivo geral da pesquisa: analisar como o Diário da Borborema enquanto objeto infomemorial preserva memórias sociais, evidenciando sua contribuição para a memória social. Os objetivos específicos incluem: a) evidenciar os dispositivos infomemoriais que destacam eventos como: Festa de São João; Polo Tecnológico; Feira Central e; Festival de Inverno; b) investigar imagens, momentos históricos e aspectos do cotidiano que impactaram a sociedade campinense; c) examinar como as narrativas jornalísticas legitimam práticas culturais e sociais, revelando negociações simbólicas entre tradição e modernidade.

A expressão **“dispositivo infomemorial”** é relativamente nova, a expressão circula na produção acadêmica brasileira de Ciência da Informação desde a década de 2010, usada em contextos da CI, dos Estudos da Memória e da Comunicação, para pensar a intersecção entre **informação e memória**. O termo “infomemorial” une dois eixos: 1) **“info”**, de informação, ligada à produção, circulação e registro de sentidos; 2) **“memorial”**, de memória, ligada à preservação, lembrança e construção simbólica do passado. Um dispositivo infomemorial é, portanto, um sistema, meio ou suporte em que a informação e a memória se articulam, isto é, um espaço onde os discursos do presente se inscrevem como traços de memória e produzem significados sociais duradouros. Em outras palavras, o dispositivo infomemorial produz sentido enquanto informa e conserva sentido enquanto registra.

Na expectativa de encontrar soluções para essa questão, buscam-se respostas que enfatizem a relevância da temática sob o ponto de vista social do tema, na medida de sua contribuição na resignificação da memória social e identitária, visto as múltiplas possibilidades para a construção de futuras pesquisas, bem como sob o ponto de vista científico, devido à contribuição efetiva da UEPB que reconhece a relevância em promover a preservação, a conservação, o acesso e uso do JDBO como fonte de informação aos pesquisadores.

Diante dessas informações, delineia-se os aportes teóricos que nortearam a pesquisa, os quais foram embasados em autores creditados na área da Ciência da Informação e áreas afins.

Assim sendo, foram revisitados: Aróstegui (pesquisa histórica, 2006); Assmann (memória coletiva, 2011); Canclini e Hall (aculturação, identidade e representação, 2003); Capurro (epistemologia, CI, 2003); Chartier (história cultural, 1990); Dodebei (memória social, 2005); Halbwachs (memória coletiva, 2006); Le Goff (história e memória, 2003); Nora (lugares de memória, 1993); Ricoeur (silêncios e esquecimento, 2007), dentre outros que versam sobre a temática em pauta, bem como assuntos complementares que podem enriquecer a construção teórica e as análises desta pesquisa, a exemplo de: Jornais como fonte documental para a memória coletiva/social/cultural; Jornais, percepção e memória; Lugares de memória; jornais: organização e disseminação da informação; memória coletiva; silêncio e esquecimento, dentre outros.

Entre ecos e silêncios o JDBO pode ser considerado como um evocador da memória social que celebra a resistência, a perseverança e o espírito do povo de Campina Grande como a história do povo paraibano. Foi com esse entendimento - de que o JDBO é guardião e difusor da memória coletiva, preservando tanto os grandes acontecimentos quanto os gestos cotidianos que moldam nossa história - que nasceu nosso interesse pelo tema. E com ele, a convicção de que esse legado precisa ser revelado, valorizado e plenamente acolhido pela comunicação.

Diante desse cenário, optamos por incorporar à pesquisa, ancorando-a no paradigma social proposto por Capurro (2003). Esse paradigma desloca o foco da informação como mera transmissão técnica ou representação cognitiva, para compreendê-la como um fenômeno **social, contextual e interpretativo**, profundamente vinculado às práticas culturais, às relações de poder e aos processos comunicacionais que permeiam a sociedade. Nesse mesmo horizonte teórico, inspiramo-nos, também, a “epistemologia social” de Shera (1977), que destaca os aspectos sociais da informação em circulação.

Adotamos esse referencial como base teórica central. Esse enfoque permite considerar as comunicações e as comunidades de discurso² envolvidas na produção e transmissão da informação, oferecendo uma compreensão mais profunda sobre como se constituem memórias sociais que contribuíram para a identidade campinense.

² São grupos sociais que compartilham valores, linguagem, referências e práticas comunicativas. Dentro dessas comunidades, certos discursos fazem sentido porque há um repertório comum.

Vale ressaltar que o percurso metodológico foi desenvolvido, mesclando técnicas advindas de múltiplas abordagens, com destaque para a abordagem **qualitativa, pesquisa bibliográfica** (revisou a literatura existente sobre memória coletiva, memória social e o papel dos jornais na preservação dessas memórias); **pesquisa documental e análise documental** (analisou documentos históricos e edições do JBDO para identificar como os registros jornalísticos contribuíram para a preservação da memória coletiva).

As análise e interpretação dos achados da pesquisa foram efetivadas através da análise documental. No que tange aos resultados da pesquisa, podemos aferir que eles apontam contribuições relevantes para a ressignificação da memória social da cidade campinense (PB); a preservação histórica do jornalismo paraibano inerente ao impacto social, político e econômico; para a ciência da informação na promoção da interdisciplinaridade, visto que a CI poderá se beneficiar de conceitos e métodos de outras áreas, como a história e a comunicação, dentre outras.

Essa estrutura foi concebida, a partir da interação entre prática e teoria, consolidando um percurso metodológico que sustenta a construção desta pesquisa. Diante desse cenário, torna-se relevante apresentar, a seguir, os elementos que fundamentaram sua organização descritiva:

Introdução – apresentou o tema central da pesquisa, justificando sua escolha e destacando sua relevância no campo dos estudos culturais e educacionais. Situa o objeto de estudo no contexto histórico e social, delineando os objetivos e a motivação que orientam o percurso investigativo;

Metodologia – descreveu de forma detalhada os procedimentos adotados, as técnicas de coleta e análise de dados, bem como as abordagens teóricas e práticas que orientam a pesquisa. A escolha metodológica é justificada com base na natureza do objeto investigado e na busca por uma escuta sensível e contextualizada;

Fundamentação Teórica – estabeleceu um diálogo crítico entre diferentes autores e correntes de pensamento, favorecendo uma compreensão aprofundada da temática. Essa seção sustenta os argumentos desenvolvidos ao longo do trabalho, oferecendo embasamento conceitual e ampliando as possibilidades interpretativas;

Análise e Interpretação dos Dados – examinou os dados obtidos, a partir das fontes empíricas e documentais, promovendo reflexões embasadas e articulando os achados com o referencial teórico. Essa etapa permitiu compreender os sentidos emergentes da pesquisa e revelar conexões significativas entre os discursos, práticas e memórias analisadas;

Resultados – apresenta as descobertas que emergiram da investigação,

evidenciando as contribuições do estudo para o campo da cultura popular, da educação patrimonial e da valorização das identidades locais. Os resultados são discutidos à luz dos objetivos propostos, revelando avanços, desafios e possibilidade;

Considerações Finais – sintetizou as principais conclusões da pesquisa, destacando suas implicações teóricas, metodológicas e sociais. Além disso, apontou os caminhos para futuras investigações, sugerindo desdobramentos que possam ampliar o diálogo com outras áreas do conhecimento e fortalecer práticas educativas comprometidas com a diversidade cultural;

Referências – Reuniu as fontes bibliográficas, musicais e documentais que subsidiaram e fortaleceram a construção do conhecimento ao longo do trabalho. Essa seção evidencia o compromisso com a pesquisa rigorosa e com o reconhecimento dos saberes que alimentam a reflexão acadêmica.

2 PERCURSO METODOLÓGICO: O TRAÇADO DO CAMINHO NORTEADOR DA PESQUISA

lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós

(Halbwachs, 2006)

A estratégia adotada nesta pesquisa compreende uma série de etapas e métodos direcionados ao alcance dos objetivos delineados na pesquisa. De acordo com Minayo (2004, p. 22), esse percurso diz respeito ao "caminho e o instrumental próprios de abordagem da realidade".

2.1 Traços e caminhos da pesquisa

A construção desta pesquisa se fundamenta em uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória e interpretativa, voltada para compreender a atuação do Diário da Borborema como agente infomemorial da preservação e das memórias sociais e culturais de Campina Grande (PB). Ao investigar os modos pelos quais o jornal representa eventos históricos e cotidianos da cidade, busca-se evidenciar sua contribuição para a constituição da memória coletiva e da identidade urbana campinense.

Utilizamos a abordagem qualitativa que permite compreender os significados atribuídos aos eventos, narrativas, registros históricos e culturais veiculadas pelo jornal, valorizando a subjetividade, o contexto histórico e cultural em que foram produzidos. O enfoque qualitativo nos permitiu valorizar a dimensão simbólica, textual e contextual das edições veiculadas ao longo de sua trajetória editorial.

O caráter exploratório justifica-se pela escassez de estudos sistematizados sobre o acervo do referido periódico na área da Ciência da Informação, especialmente no que tange à sua contribuição na memória coletiva da cidade de Campina. Enquanto o aspecto descritivo está relacionado à sistematização das informações encontradas nos exemplares analisados, ou seja, à necessidade de organizar, categorizar e interpretar os conteúdos encontrados, considerando a identificação de temas recorrentes, representações sociais e elementos culturais que permeiam as publicações.

A pesquisa documental foi realizada por meio da consulta ao acervo físico do jornal, atualmente está sob a guarda da Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida (BORAA), da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), que abriga mais de 17 mil edições do periódico

do jornal, além de fotografias do JDBO.

Destacamos o quadro 1 de forma simples e direta para demonstrar as edições analisadas, com colunas que destacam os principais elementos encontrados:

Quadro 1- Sistematização dos procedimentos metodológicos

Quanto a(o)	Método
Tipo de Pesquisa	Qualitativa, exploratória e descritiva
Procedimentos técnicos	Bibliográfico e documental
Análise e Interpretação dos dados	Análise de conteúdo(Bardin (2011)
Abordagem do problema	Qualitativo

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025)

A análise dos dados foi conduzida com base na técnica de análise de conteúdo, (Bardin, 2011), buscando identificar temas recorrentes, representações culturais e aspectos da memória coletiva presentes nas publicações. Para tanto, delimitamos a partir de critérios temáticos e temporais, priorizando as edições que abordam eventos culturais, manifestações populares, o desenvolvimento tecnológico de Campina Grande e datas comemorativas entre os anos de 1957 e 2007.

Os procedimentos de coleta consistiram na seleção e análise de exemplares físicos do jornal, com apoio do catálogo ao usuário e registros internos da biblioteca. Foram utilizados instrumentos como planilhas de categorização, temática e registros fotográficos das páginas analisadas, um processo de sistematização dos dados, com o intuito de preservar a integridade dos documentos e transcrição de muitas das matérias a fim de facilitar a leitura da coleta de dados da presente pesquisa.

A análise de conteúdo, conforme proposta por Laurence Bardin (2011) é uma técnica de investigação qualitativa que busca interpretar os significados presentes em discursos, documentos e produções simbólicas. Trata-se de um método sistemático e flexível, capaz de revelar os sentidos latentes e manifestos nos textos, por meio da identificação de categorias, padrões e núcleos de sentido. Segundo Bardin, essa técnica se estrutura em três etapas principais:

- a) **Pré-análise** - momento de organização do corpus, seleção dos documentos, definição dos objetivos e estabelecimento dos critérios de análise. Aplicada ao

presente estudo, essa fase compreendeu a escolha das edições do Diário da Borborema que compõem o recorte temporal da pesquisa, com atenção especial às edições inaugurais e às que registram eventos culturais emblemáticos de Campina Grande.

- b) **Exploração do material** – nessa etapa ocorreu a leitura flutuante, a codificação e a categorização dos dados. Os textos jornalísticos foram examinados em busca de recorrências temáticas, expressões significativas e articulações discursivas que revelam como o jornal construiu narrativas sobre a cidade, sua cultura, seus personagens e suas festas. A análise permitiu identificar categorias como: memória social, cultura popular, religiosidade, cotidiano urbano e celebrações identitárias.
- c) **Tratamento dos resultados e interpretação** – fase na qual, os dados foram sistematizados e interpretados à luz dos objetivos da pesquisa e do referencial teórico. Registrou e revelou a atuação do Diário da Borborema como mediador simbólico entre os acontecimentos da cidade e a construção de uma memória coletiva, evidenciando tanto os ecos - aquilo que foi registrado e reverberado - quanto os silêncios - aquilo que foi omitido ou marginalizado.

Os corpos documentais selecionados para esta pesquisa concentram-se em quatro eixos fundamentais da memória campinense: o *São João*, o *Polo Tecnológico*, a *Feira Central* e o *Festival de Inverno*. As matérias do jornal que abordam esses eventos e espaços constituem as fontes centrais, revelando como o jornal registrou, ao longo do tempo, diferentes aspectos da vida cultural, econômica e social da cidade.

A decisão de pesquisar acerca desses corpos documentais selecionados, foi determinante para a compreensão da memória que a cidade guarda no jornal. Mais do que simples registros, cada um desses eixos representa uma faceta da identidade da cidade, a festa que fala dessa mudança da festa popular, da tradição e de como ela se projeta para o mundo, a inovação que a impulsiona ao futuro, a feira que preserva sua tradição e o festival que celebra sua arte. As matérias do Diário que abordam esses eventos e espaços constituem, assim, não apenas fontes históricas, mas a forma como a cidade se reconhece e se reinventa.

Um dos corpus documental delimitado teve por base um critério temporal e temático, priorizando as edições do mês de junho, pois é o período em que ocorrem as celebrações do São João, a pesquisa se debruçou em cinco décadas distintas: 1958, 1977, 1986, 1997 e 2007. A seleção dessas edições permite principalmente observar continuidades e transformações na forma como o São João de Campina Grande foi representado ao longo do tempo, revelando aspectos da memória coletiva, da identidade local e das práticas culturais.

Quadro 2 - Quadro de coleta de dados do São João

QUADRO DA COLETA DE DADOS - SÃO JOÃO							
Nº	FIGURA	DATA DE PUBLICAÇÃO	TÍTULO DA MATÉRIA	SEÇÃO DO JORNAL	PERSONAGENS OU INSTITUIÇÕES CITADAS	PALAVRAS-CHAVE	TIPOS DE ABORDAGEM 1. INFORMATIVA 2. OPINATIVA 3. PROMOCIONAL
21 & 22	Festivo São João nos Clubes Campinenses; Festivo juanino cont. pág. 4, Letra B	24/06/1958	Festivo São João nos Clubes Campinenses	Seção 1	Sítio Santa Tereza, Pça Coronel Antº Pessoa, Clube dos Caçadores, Campinense Clube	São João em CG Clube Campestre, Clube dos Caçadores, Clubes Campinenses, Tradicional quadrilha, Festivos juninos, Sítio Santa Tereza	Informativa
23	Festejos juaninos. Cunvite	24/06/ 1958	Festejos juaninos - Cunvite	Seção 1	GRESSE	Festejos juaninos, convite	Promocional
24	Programação da festa junina de 1958	24/06/1958	Programa	Seção 1		Reservas de mesa, associados, não associados, casamento matuto, quadrilha, fogueira de São João e de São Pedro,	Promocional
25	São João por Epitácio Soares	24/06/1958	São João	Seção 1	Das festas dos Batistas	Tradições nordestinas, São João, Festejos são joanescos, Formação histórica, Luso-africana, herança luso-africana, Festa popular	Opinativa

26	Hotéis sem vaga para turista retardatário	07/06/1977	Hotéis sem vaga para turista retardatário	Seção 2		Turista, Hotéis sem vaga, Hotéis Campinenses, São João	Informativa
27	Mesmo sem Ônibus-extra faltou transporte para o Sertão	24/06/1977	Mesmo sem ônibus extra faltou transporte para o Sertão	Seção 2	Estação Rodoviária, Empresa Nacional de Luxo, Empresa Nossa Senhora de Fátima, Empresa Gaivota, Empresa Patoense	Estação Rodoviária, Falta de transporte no São João	Informativa
29	São João - processo aculturativo	24/06/1977	São João	Seção 2	A Nau Catarineta, O Fandango, O Congo	São João Nordestino, Processo aculturativo, Tradições folclóricas, Tradição nordestina, Povo de origem-luso-africana-indígena	Opinativa
30	A população foi questionada se a tradição do São João está morrendo	24/06/ 1977	A tradição do São João está morrendo?	Seção 2	Severino Félix, Ary Ribeiro, João Florêncio, Severino Antônio, Antônio Clemente, Joana Mara, Geraldo José de Andrade, Antônio José, João Severino de Moura, Maria Otávia de Barros, José Siqueira, Hélio José de Souza, Getúlio José	São João, Comunicação de massa, São João tradicional, Opinião pública campinense	Opinativa
32 & 33	Festejos de São João com Animação na Paraíba; Quadrilhas animam o São João da edição do dia 24/06/1977	25/06/1977	Festejos de São João com animação na Paraíba	Seção 2		Festejos de São João, Fogueiras, Tradição junina, Adivinhações, Sanfoneiros, Balões.	Opinativa

34	Festas juninas	24 de junho de 1977	Festas juninas prosseguem hoje e amanhã	Seção 3	Clube dos Caçadores, Jair Alves, Os Vikings, Campinense, Genival Lacerda, Jackson do Pandeiro, Marinete e seu Jagunço, Auditório São Francisco, Bastinho, Luizinho, Zelito, Zé-Calixto, o Cantor Nordestino Manoel Serafim. Clube do Trabalhador, SAB-Palmeira, Edmilson e seu Regional, Os Eletron, Convento do Catolé, SAB-Bodocongó, Paulistano, Os Magníficos, Ipiranga, conjunto Manoel Tambor, Ru Ouro Branco, Escola Anísio Teixeira, Escola Heleno Henrique, Instituto Domingos Sávio, Instituto Cacildiva.	Festas juninas em Campina Grande, Clubes de Campina Grande, São João nos Clubes e Entidades	Informativa
35	São João animado	25 de junho de 1977	São João animado	Seção 2	Empresa de Desenvolvimento Cultural da Borborema, Centro Turístico da Estação Velha,	Comemorações juninas em Campina Grande, São João fraco, concurso de quadrilhas de rua, São João no bairro José Pinheiro, São João no bairro Monte Castelo	Informativa
					Universidade Federal da Paraíba, 4º Congresso Nacional de Repentistas, Prof. Átila Almeida, Associação de Repentistas e Poetas Nordestinos, Presidente o Sr. José Gonsalves, Universidade Regional do Nordeste, Ary	Universidade Federal da Paraíba, Congresso de Repentistas, Associação de Repentistas e Poetas Nordestinos, Campina Grande, Congresso Nacional de Violeiros, Prof. Átila Almeida, Reitor Prof.	

36	UFPB patrocina o 4º Congresso Nacional de Repentistas	25 de junho de 1977	Universidade Federal patrocina 4º Congresso Nacional de Repentistas	Seção 3	Viana, Padre Genival Saraiva, Prof. Milfont, Funart, Ministério da Educação, Governo do Estado da Paraíba, Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba, Prefeitura Municipal de Campina Grande, Jorge Amado da Bahia. Filgueiras Sampaio do Estado do Ceará, Eurípedes Formiga do Estado de São Paulo, Cavalcante Proença do Estado do Rio de Janeiro, O escritor, Teo Brandão do Estado de Alagoas, Dr. José Rabelo do Estado de Pernambuco, O Reitor Prof. José Figueiredo, O Reitor Prof. Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque, José Gonsalves Filho	Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque	Informativa
40	São João em ritmo alucinante	3 de junho de 1986	São João em ritmo alucinante	Página 6	Parque do Povo, Forródro, Banda do Camarão	Maior São João do Mundo, Parque do Povo, Forródro, Campina Grande	Informativa
41	São João no Clube dos Caçadores - junho de 1986	3 de junho de 1986	São João no Clube dos Caçadores	Página 7	Clube dos Caçadores, Clube Campeste em Santa Terezinha	São João no Clube dos Caçadores	Promocional
43	Suplemento dominical Revista Tudo - Zé Fogueteiro	1 de junho de 1986	Zé Fogueteiro	Página 6	José Paulo Barbosa, Zé Paulo, Hortênsio Ribeiro, O velho Gunde, A negra Chica filha de mãe Celinda, Chico Bundam, Padrinho Cahtó, Neco Beto	Zé Fogueteiro, o Maior São João do Mundo, Fogos, Mijão, Buscapé, Foguetão, Campina Grande	Informativa

44	Inauguração do Parque do Povo	7 de junho de 1986	O maior São João do Mundo	Página 7	Ronaldo Cunha Lima, O senador Humberto Lucena, O deputado estadual José Maranhão, O João Agripino Neto filho de João Agripino, Três do Forró, João Gonçalves, Três do Nordeste, O vice-prefeito Antônio de Carvalho, O deputado José Luiz Júnior, A secretária do Trabalho e do Bem Estar Social Maude Brasi, O vereador João Dantas, O ex-secretário de Serviços Urbanos Mário Araújo, O Presidente da Câmara de Vereadores Lindacy Medeiros, O secretário da Coordenadoria de Planejamento Cleryston Lucena, O major Luiz Ferreira comandante do 2º Batalhão da Polícia Militar de Campina Grande, O presidente da Associação Comercial Sérgio Catão, O cônsul Noujain Habib, O ex-deputado estadual Agassiz Almeida, O candidato a deputado Cássio Cunha Lima, Polícia Militar, Polícia Federal, O engenheiro do Parque do Povo Carlos Alberto, Banco Itaú, Prefeitura de Campina Grande, Rede Globo de Televisão	Parque do Povo, Inauguração do Parque do Povo, Forródrômo, Ronaldo Cunha Lima, Maior São João do Mundo, São João	Informativa
----	-------------------------------	--------------------	---------------------------	----------	--	--	-------------

48	Criatividades descaracterizam a originalidade da quadrilha junina	7 de junho de 1986	“Criatividades” descaracterizam a originalidade da quadrilha junina		Maria Clara Lima, Quadrilha “Banho de Cheiro”, Maria de Lourdes Almeida, I Festival de Quadrilhas, Centro Social Urbano do bairro do Monte Santo, Lenira Gomes, Departamento de Recreação e Cultura da Secretaria de Educação e Cultura de Campina Grande, Ronaldo Cunha Lima, UFPB.	São João, Quadrilheiros, Quadrilha junina, Roupas tradicionais juninas, Tradição junina	Opinativa
49	Informe das quadrilhas de hoje 07/06/1986	7 de junho de 1986	Quadrilhas - Pitú: informa as quadrilhas de hoje		Pitú, Teatro Municipal, I Festival Nacional da Música de Forró, Quadrilha “Noite da Escola Parque”, “Quadrilha Risca Chão”, “Quadrilha Poleiro do Galo”, “Quadrilha Arraial Verde e Amarelo”, “Quadrilha Forró Quarenta Graus”, “Quadrilha à Moda Antiga”	Quadrilhas juninas, Ruas e locais das quadrilhas	Promocional
52	Lojas respeitaram a tradição do São João e abriram na terça-feira	24 de junho de 1986	Lojas desrespeitaram a tradição do São João e abriram na terça-feira		Boa esperança, Serve Bem, Lojas Brasileiras, Hiper Bompreço, Sindicato dos Empregados do Comércio de Campina Grande, Câmara dos Vereadores, Sindicato dos Comerciantes Campinenses, Ivan Freire, Ministério do Trabalho, II Batalhão de Polícia Militar.	Desrespeito a tradição junina, São João, Supermercados Campinenses	Informativa
54	Clima junino já toma conta do município	11 de junho de 1997	Clima junino já toma conta do município		Associação Atlética Banco do Brasil, Telpa, Serviço social do Comércio, Instituto São	São João, Clima junina em Campina Grande, Decoração junina	Opinativa

					Vicente de Paula, Voluntárias da Caridade		
55	São João de Campina Grande terá maior quadrilha do mundo	11 de junho de 1997	São João de Campina Grande terá maior quadrilha do mundo		Prefeitura Municipal, Departamento de Cultura da Secretaria de Educação, Cultura e Desportos, Lenira, Rede Globo, Programa Domingão do Faustão	São João, Maior quadrilha do mundo, 3 mil dançarinos de quadrilha	Informativa
57	Quadrilhas fazem a festa nos bairros campinense	17 de junho de 1997	Quadrilhas fazem a festa nos bairros campinenses		Aeroporto João Suassuna, Terminal Rodoviário Argemiro de Figueiredo, Departamento de Cultura da Secretaria da Educação do Município	São João, Turistas, Campina Grande, Quadrilha junina no Aeroporto, Quadrilha junina na Rodoviária, Quadrilhas nos bairros	Informativa
58	Museu mostra as “Cenas de Uma Cidade”	24 de junho de 1997	Museu mostra as “Cenas de Uma Cidade”		O Museu Histórico de Campina Grande, A artista plástica Margareth Aurélio Agra, O secretário Itan Pereira de Educação e Cultura de Campina Grande, O animador cultural Walter Tavares, Bloco da Saudade	Museu histórico, Campina grande, Exposição de quadros,	Informativa
64	O surgir da festa junina descentralizada de CG	5 de junho de 2007	Festa descentralizada é iniciada		Vila Sandra Cavalcante, Forró Penerado, Trio Força Livre, Amados do Forró, Banda Magnus, O prefeito Veneziano Vital do Rêgo, Centro de Arte e Cultura Marinês, O chargista premiado Fred Ozanan, Marinês “A Rainha do Forró”. O Memorial Marinês	São João nas ruas de Campina, Festa junina descentralizada	Informativa
	Valei-me meu santim!!! - edição de		Valei-me, meu		Paróquia de Santo Antônio, O padre José Hermes Fernandes de Macedo, Amauri Ferreira		

67	12 de junho de 2007	12 de junho de 2007	santim!!!		Barros o organizador da festa, A dona-de-casa Maria Félix, O Padre José Acirio, Fernando Bulhões, Ordem de Santo Agostinho, Ordem de São Francisco, Santo Antônio de Lisboa, Santo Antônio de Pádua, Santo Antônio, Papa Gregório DC	Santo Antônio, São João	Opinativa
68	Devotos aproveitam data para agradecer bênção - idealizador da procissão pesquisa vida do santo	23 de junho de 2007	Devotas aproveitam data para agradecer bênções		A agente de pastoral da igreja do Cinza Maria do Bom Sucesso da Silva, Cristo, São João Batista, A dona-de-casa Edite de Albuquerque Araújo, São João Batista, Jesus e Maria, Zacarias, Isabel, São João, O historiador George Gomes de Araújo, A ordem da Carta Régia	Devotas, São João, Devoção à São João Batista, Primeira Capela em 1702	Opinativa
71	Corrida da fogueira é tradição no Calendário Junino	15 de junho de 2007	XXVIII Corrida da Fogueira será realizada no domingo		Secretaria Municipal de Educação Esportes e Cultura, Coordenação de Esportes, XXVIII Corrida da Fogueira, Parque do Povo.	Corrida da Fogueira, São João, XXVIII Corrida Fogueira, São João	Informativa
OBS	Nº - corresponde a numeração em que a imagem e a matéria aparecem no texto da pesquisa						

Fonte: Elaborada pelas autoras, 2025

Ao revirmos o baú de lembranças e histórias, damos voz ao passado para associá-lo ao presente, significa colocar na ordem cronológica tudo o que veio antes e depois, para que incessante possa existir a compreensão da cidade de Campina Grande e de vários personagens que foram noticiados no jornal. Pensamos o que falavam da cidade, os termos, histórias, etc.

O jornal Diário da Borborema constitui uma importante fonte de memória social de Campina Grande, revelando aspectos significativos da cidade desde sua fundação até seu discreto encerramento. Diante disso, tornou-se necessário traçar um perfil editorial do periódico, mesmo diante das limitações impostas pela ausência de digitalização e indexação de seu acervo. Especificamente, nossa pesquisa concentrou-se na análise das edições de outubro de 1957 - mês inaugural do jornal - e dos dois meses subsequentes, novembro e dezembro do mesmo ano. Esse recorte inicial serviu como base para a compreensão do perfil editorial ao longo das décadas seguintes (1960, 1970, 1980, 1990 e 2000). Tal investigação só foi possível graças à recorrência de eventos, fatos e festas emblemáticos para a cidade, bem como à contribuição de autores relevantes que escreveram para o jornal, mantendo uma profunda ligação com Campina Grande.

A pesquisa documental foi conduzida no Acervo da Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida, onde realizamos uma análise da trajetória do jornal desde sua primeira edição até junho de 2007. Constatamos que o periódico teve início como uma publicação modesta, com estrutura simples e conteúdo limitado, mas ao longo dos anos foi se consolidando, aprofundando suas abordagens temáticas e incorporando elementos de modernização editorial. Esse processo de evolução o transformou em um jornal de referência no cenário paraibano, até o encerramento de suas atividades..

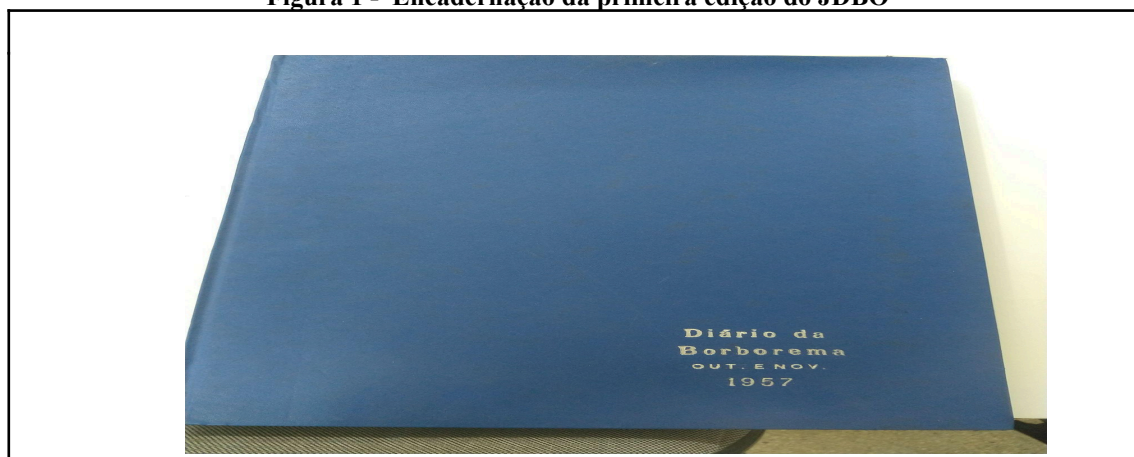
Essa pesquisa de cunho documental foi possível devido à ajuda da bibliotecária do Acervo da BORAA, que nos forneceu vários dados do catálogo do acervo. Vale salientar que o Jornal chegou a UEPB já encadernado como está até hoje acondicionado no acervo. Assim, a pesquisa foi realizada, a partir de uma análise da extensão editorial do jornal desde sua fundação até os últimos dias de sua publicação, considerando a sua evolução editorial de suas publicações ao longo do tempo. A pesquisa percorre toda a trajetória histórica do periódico, contemplando desde os seus primeiros registros impressos até seu fechamento, que agora é resguardada nas margens das páginas amareladas/flavescentes e ressecadas/gretadas pelo tempo, onde a memória encontra abrigo e continuidade.

Percorrendo os labirintos do passado retratado nas páginas deste periódico. Faz-se necessário um ponto de partida que nos conduza à compreensão dos caminhos por onde

começou e até a chegada da sua evolução editorial, o quando e o onde se entrelaçam na tessitura de sua trajetória.

A primeira edição do JDBO, ver **figura 14**, foi amplamente e cuidadosamente examinada folha a folha, um gesto de escuta atenta às marcas do tempo. Entre as folhas desgastadas e oxidadas devido a ação do tempo, deparamo-nos com escritos que, embora arcaicos, ainda retumbam memórias vivas - relatos que contam histórias que moldaram o imaginário de tantos leitores. Essas fontes, cenas impressas, documentos históricos e testemunhos jornalísticos da primeira edição do jornal, revelam a riqueza das mais diferentes matérias produzidas sob múltiplas vozes, a saber, colonistas, jornalistas, fotógrafos e cidadãos campinenses.

Figura 1 - Encadernação da primeira edição do JDBO



Fonte: Arquivo da BORAA, 2025

Por meio dessa relação entre pesquisa e o objeto de pesquisa o JDBO, pode-se dizer que: como o passado não pode ser recuperado e/ou resgatado, compreender melhor os primeiros passos da existência do JDBO, é separá-lo em outro tempo e o espaço em uma perspectiva da história cultural regional. A pesquisa documental do jornal ancorada nessa sociedade em transformação é uma empreitada que faz-nos compreender melhor as primeiras etapas da existência do JDBO, como agente formador da memória coletiva campinense.

A primeira edição do jornal apresenta-se de forma tímida, com poucas informações editoriais, porém com muitas propagandas e com edições que se tornaram confusas à primeira vista, mas depois com um olhar atencioso e minucioso consegue-se desvendar do que se trata. Para delinear o perfil editorial do jornal, optamos por traçar suas principais categorias temáticas, o que nos permitiu identificar as características centrais da publicação. Essas categorias estão organizadas da seguinte forma:

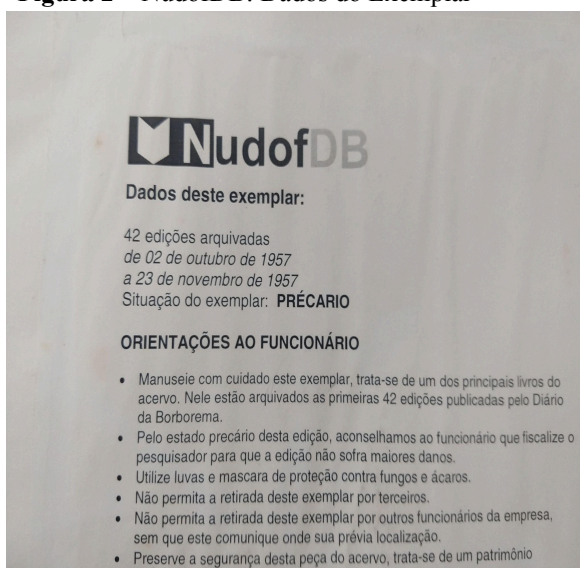
CATEGORIA	DESCRIÇÃO
Notícias locais, regionais e nacionais	Fatos e acontecimentos da comunidade imediata, cobertura do estado da PB, eventos e temas de relevância no Brasil,
Notícias internacionais e esportivas	Informações sobre o cenário global, destaques esportivos
Notícias sociais, religiosas, educação e política Notícias religiosas	Eventos sociais, aniversários, ações governamentais homenagens, conteúdos ligados à fé
Lançamentos de livros	Divulgação de obras literárias recém-publicadas
Cinema, teatro, saúde, classificados	Programações culturais e críticas

Vale ressaltar que a primeira encadernação do jornal, realizada pelo NudofDB, revela-se não apenas como um repositório físico de edições, mas como um artefato orientador. Nela, inscrevem-se avisos, procedimentos e diretrizes que guiam o leitor e o pesquisador em sua jornada pelas páginas da memória. Essa encadernação inaugural resguarda, ainda, um conjunto valioso de informações complementares, tais como:

42 edições arquivadas
de 02 de outubro de 1957
de 23 de novembro de 1957
Situação do exemplar: PRECÁRIO

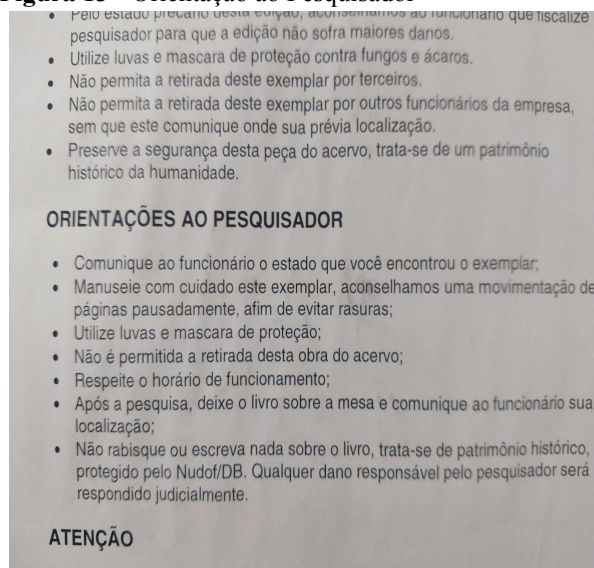
Informações revelam-se com maior nitidez nas **figuras 2 e 3**, que se seguem, onde cada fragmento visual amplia e aprofunda a compreensão do conteúdo preservado.

Figura 2 – NudofDB: Dados do Exemplar



Fonte:- Arquivo da BORAA, 2025

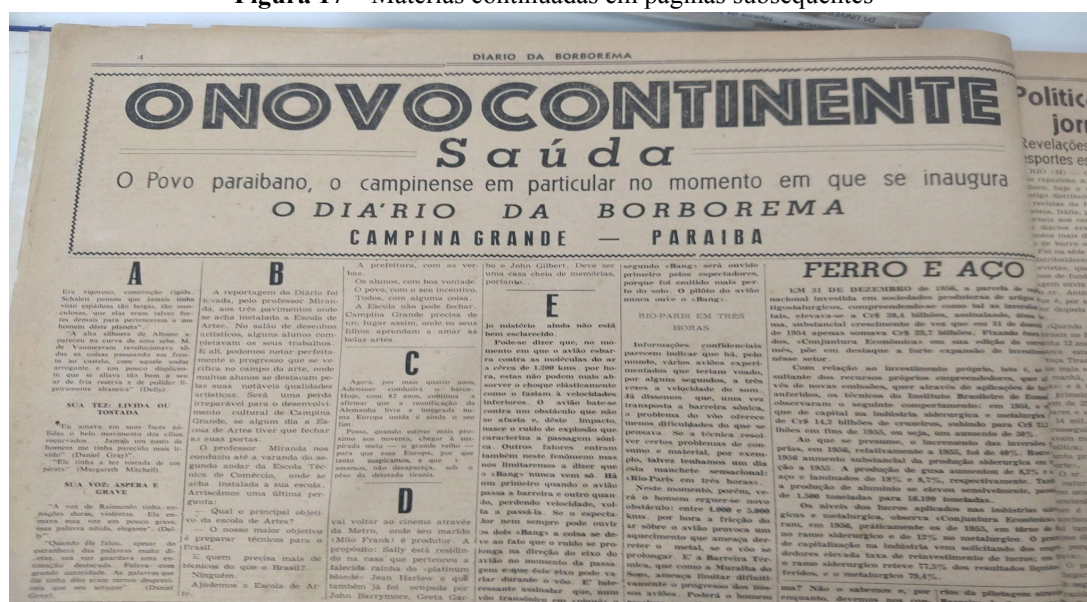
Figura 13 - Orientação ao Pesquisador



Fonte:- Arquivo da BORAA, 2025

Nessa perspectiva, ao investigarmos nosso objeto de estudo, a documentação analisada revelou de forma evidente que as primeiras edições do JDBO apresentavam grande quantidade de propagandas, além de diversas estratégias de escrita voltadas para a interação com os leitores. Um exemplo disso pode ser observado na página da **figura 17**, cuja matéria tem **continuidade na página 4 da seção B**. Essa prática de fragmentar conteúdos e distribuí-los ao longo do jornal revela uma estratégia editorial que permitia ampliar o espaço destinado à publicidade em diferentes partes do periódico. Ao mesmo tempo, essa estrutura incentivava uma leitura mais atenta e exploratória, conduzindo o leitor por diversas seções e páginas do jornal.

Figura 17 – Matérias continuadas em páginas subsequentes



Fonte: Arquivo da BORAA, 2025

A matéria da **figura 18** traz um breve relato sobre a “História da Imprensa Campinense”, carregada de significado para a história da imprensa local. A presença dos marcos de surgimento dos primeiros jornais e os atores por trás desse pioneirismo que antecedeu o surgimento do Diário da Borborema nos transporta para as autoridades desbravadoras desse passado da comunicação de Campina.

História da Imprensa Campinense

Resumo da luta pela sobrevivência da cultura em Campina Grande - Vultos do jornalismo campinense - De “Gazeta do Sertão” ao DIÁRIO DA BORBOREMA

No momento em que se inaugura em Campina Grande o primeiro jornal diário, com possibilidade de uma vida longa a serviço da cultura e dos interesses fundamentais desta grande cidade do Nordeste brasileiro, é oportuno um retrospecto sobre jornais que aqui circularam em outros tempos como órgãos de agremiações políticas ou de qualquer outro sentido, porém que tiveram de qualquer

maneira sua influência na vida campinense. O primeiro desses periódicos, na ordem cronológica, foi a Gazeta do Sertão, semanário dirigido pelo Dr. Irineu Ceciliano Pereira Joffily, avô do deputado José Joffily Bezerra e grande historiador, citado com muita honra por Euclides da Cunha, nas páginas de Os Sertões. Era companheiro do Dr. Irineu Joffily, na direção da Gazeta do Sertão>>, o engenheiro Francisco Retumba, tendo aparecido esse jornal pela primeira vez em circulação no ano de 1888.

Em 1891, era a Gazeta do Sertão empastelada pela polícia, sendo a partir daí suspensa a sua circulação.

Em 1889 surgia em Campina Grande um outro jornal, não com aquela feição nem com a mesma combatividade da Gazeta do Sertão, mas com fôlego muito curto, pois não teve muito longa vida. Era a <<Gazetilha semanário de Eleutério Escobar. Sucedeu-o na arena <<O Tempo>>, também hebdomadário, que morreu como diria Bilac a respeito dos jornais de seu tempo, doo mal de poucos números... Ainda em 1890 apareceu <<O Campinense, de José Martinho da Cunha, de destino igual ao dos confrades que o antecederam em circulação. Eram todos eles semanários fundados e dirigidos por homens que tinham um ideal a cumprir, fosse ele político ou de puro diletan??? de empresa, os pequenos jornais que não contam com recursos com que se sustentar, têm todos uma vida efêmera. Ao Album sucedeu O Éco do desembargador Boto de Menezes e João de Sá, em 1895, e a este <<O Prelúdio>>, que tinha em sua direção os acadêmicos Hortêncio Ribeiro, Severino Pimentel, Severino Procópio e Nilo Bezerra, Esse jornal, de feição nitidamente literária, circulou em Campina Grande no princípio do século, no ano de 1905. A cidade poderia ter seus cinco ou seis mil habitantes e ainda não era sequer servida por estrada de ferro.

Entre 1908 e 1909 circulou <<O Campina Grande>>, semanário como os demais, e que era dirigido pelos acadêmicos Antônio Sá, Protásio Sá, Gilberto Leite e Virgílio Maracajá, todos de saudosa memória. Isso evidencia que já naqueles dias distantes a mocidade acadêmica de Campina Grande perseguia um ideal de cultura, procurando aprimorar os seus conhecimentos através do traquejo literário nas colunas dos jornais.

O professor Severiano Correia de Araújo, que fazia oposição do coronel Cristiano Lauritzen, chefe político em evidência no município, fundou em 1909 o 15 DE NOVEMBRO, folha que, conforme o próprio título nos indica, defendia dos ideais republicanos, já estão vigentes no país. Esse jornal saiu de circulação três anos depois, em 1912. No mesmo ano quem que o <<15 DE NOVEMBRO atingia o seu crepúsculo, nas -????????????

garra que não emigrou e continuou cantando até ser arrebatada pela morte; João Honório e Elísio Nepomuceno um idealista que não encontrou a si mesmo, e que um talento embutido na mais doentia das modéstias.

No dia 7 de setembro de 1920, Campina Grande comemorava a data magna da Pátria com o aparecimento da <<Revista Campinense>>, mensário do Gabinete de Leitura 7 de setembro e que estava destinada a desaparecer um ano depois, em 20 de maio de 1921. Foi o primeiro órgão ilustrado da imprensa campinense. Colaboravam na <<Revista Campinense>> Júlio Maciel, Rafael Sebas, José Faustino Cavalcanti, José de Barros Ramos, Mauro Luna, Acácio Figueirêdo Ribeiro, além de outros.

<<O Lidador>>, órgão da Associação dos Empregados no Comércio, apareceu pela primeira vez em 1922. Não teve também uma longa duração. O <<Instituto Olavo Bilac>>, sob a direção do professor Mauro Luna publicou <<O Clarão>> em 3 de dezembro de 1922. O <<Sporte>>, semanário de José Malheiro Maciel viveu entre 27 de maio de 1923 a 18 de novembro do mesmo ano. Morreu na idade zero. Mesmo assim apresentou uma boa equipe de colaboradores entre os quais encontravam-se assinando algumas de suas colunas os nomes de Anésio Leão, poeta e mestre do idioma; epaminondas Câmara, verdadeira traça dos arquivos, historiador e pesquisador incansável do nosso passado; Fiuza Chaves e outros.

De 1 de Setembro de 1923 a 27 de maio de 1924, voltou a circular em sua segunda fase, desta vez sob a direção de Hortêncio Ribeiro, o semanário <<Gazeta do Sertão>>, não conseguimos apurar de que morreu esse jornal, mas o seu ex-diretor está aí vivinho da silva, inteligente e arguto apesar de stentão para contar-nos melhor a sua história.

Luiz Gomes da Silva (conhecido entre os seus íntimos por Luiz Peixe), talvez um dos mais incompreendidos jornalistas campinenses, baixote e irreverente, sabendo escrever como gente grande, manteve de 14 de julho de 1928 a 27 de abril de 1929, <<O Século>>, que apesar do nome não viveu nem cem meses. Ruiu muito cedo a bastilha do Luiz Peixe. Em 1931, ainda sob o influxo de uma

revolução que embora sem sangue abalou a estrutura política e social do país, Tancredo de Carvalho fundou aqui no dia 10 de Janeiro o hebdomadário que tomou o nome de <<Brasil Novo>> em homenagem à nova fase político-social brasileira. Esse jornal existiu em Campina Grande até 6 de fevereiro de 1932, quando foi sua redação transferida para a Capital. Frequentavam as suas páginas Moisés Araújo, Epaminondas Câmara, José Tavares Cavalcanti, uma inteligência que passou como um meteoro, Pereira Diniz e Severino Leite. Entre setembro de 1931 a maio de 1932 o Instituto Pedagógico dirigido pelo saudoso Tenente Alfredo Dantas, benemérito da instituição em Campina Grande, ofereceu uma bela revista com o nome de <<Evolução>>. Não sabemos se houve qualquer influência spenceriana na orientação dessa revista. Sob a orientação de outro venerando mestre que encaneceu na árdua labuta de desbravar inteligências moças - o professor Manoel de Almeida Barreto - circulou no período de 30 de janeiro de 1933 a 25 de junho do mesmo ano <<O Comércio de Campina>>. Essa folha saiu do mercado sem falência e sem concordata. No ano de 1932 quando um vulcão imenso parecia querer incendiar o Nordeste numa das maiores sêcas a que assistimos, Luiz Gil e Pedro Aragão, dois homens danados de teimosos fundaram no dia 4 de outubro, <<O Rebate>>. Tenho a impressão que eles quiseram rebater com o papel tinta aquela fogueira enorme que parecia engolir tudo, transformando a região sertaneja num verdadeiro inferno. A teimosia de Aragão e Gil, vomitou sangue para manter em forma <<O Rebate>>, é que tem feito esse periódico permanecer até hoje em circulação, embora apresentando muito mais anúncios comerciais do que mesmo matéria jornalística. É a luta pela sobrevivência, explicada pelas leis do instinto. Entre 30 de janeiro de 1933...

Cont. à pag. 4 letra A

Edição (junho de 1958)

Figura 18: História da Imprensa Campinense

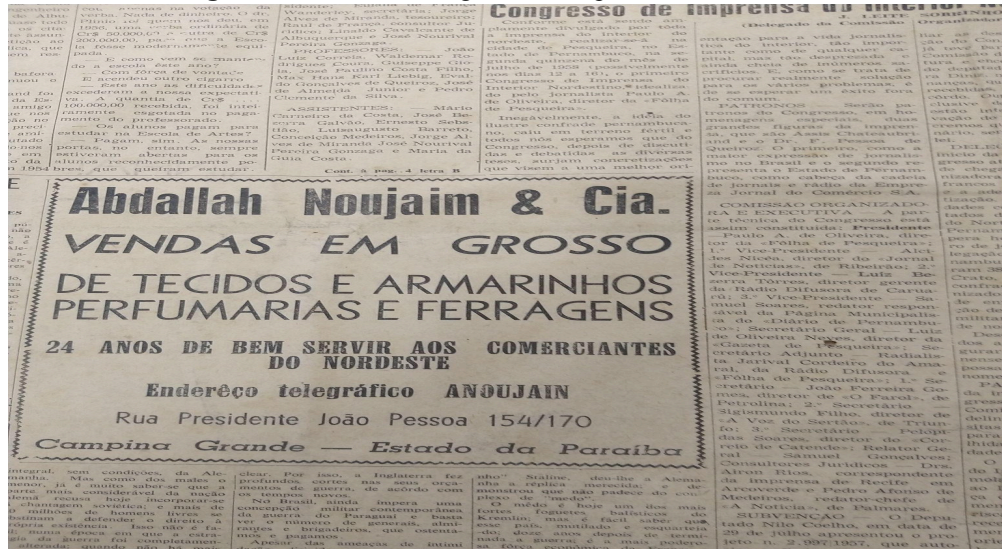


Fonte: Arquivo da BORAA, 2025

Durante o percurso da pesquisa documental, identificamos também notícias que demonstram uma reflexão acerca da Imprensa Nordestina, que começava a se preocupar com discussões em relação à sociedade e o papel social da imprensa nordestina. Evidencia-se de acordo com a matéria da **figura 19**, abordando o Primeiro Congresso de Imprensa do Interior Nordestino posto que era necessário discutir as responsabilidades do dito jornalismo regional nas três esferas de debate, a saber, cultural, social e político. Seria o início de uma imprensa regional, que estava inquieta não apenas para narrar fatos e

acontecimentos? Todavia uma imprensa com ares de perquirição de um ator de formação crítica e envolvimento coletivo.

Figura 19 - Primeiro Congresso de Imprensa do Interior Nordestino



Fonte: Arquivo da BORAA, 2025

Durante a pesquisa, ao folhearmos a edição de junho de 1958 do jornal, não teríamos como não trazer essa informação a esta dissertação. A matéria ao trazer esse relato de uma situação deplorável que aconteceu nos EUA, consta na **figura 20**, em que os estudantes negros foram expostos, leva-nos ao testemunho de uma época em que a educação, enquanto direito universal dos povos, ainda cruzava fronteiras simbólicas de cor e classe, porém começa também a ser falado e denunciado, para transpor essas estremaduras e passa a ser reivindicada como espaço de acesso e emancipação.

NEGROS VÃO ÀS AULAS DOS BRANCOS

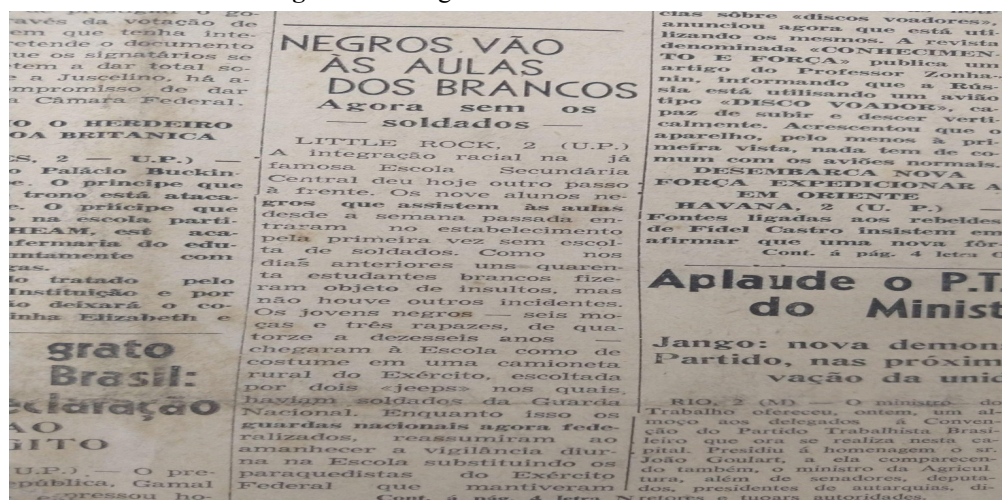
Agora sem os - soldados -

LITTLE ROCK, 2 (U.P.) A integração racial na já famosa Escola Secundária Central deu hoje outro passo à frente. Os nov alunos **negros que assistem às aulas** desde a semana passada entraram no estabelecimento pela primeira vez sem escolta de soldados. Como nos dias anteriores uns quarenta estudantes brancos fizeram objeto de insultos, mas não houve outros incidentes. Os jovens negros - seis moças e três rapazes, de quatorze a dezesseis anos - chegaram à Escola como de costume em uma camioneta rural do Exército, escoltada por dois <<jeeeps>> nos quais, haviam soldados da Guarda Nacional. Enquanto isso os **guardas nacionais agora federalizados**, reassumiram ao amanhecer a vigilância diurna na Escola substituindo os paraquedistas do Exército Federal que mantiveram... Cont. á

pág. 4 letra N

Edição (de junho de 1958)

Figura 20 - Negros vão as aulas dos brancos



Fonte: Arquivo da BORAA, 2025

O Diário da Borborema sustenta a identidade de um povo, um esteio duradouro onde a memória perpetuou o vivido e assim deu corpo à história do coletivo campinense. Foi esse elo com a memória coletiva que orientou nossa pesquisa a revisitar algumas festas na cidade pelos olhos do JDBO. Trata-se de um compromisso com o tempo, com as raízes e com os sentidos compartilhados por gerações. Versa mais sobre um registro: é uma escuta sensível de uma época, e do tempo com seus ecos na tessitura da vida campinense.

Diante da miríade de festas que acontecem durante o ano, enfatizamos o recorte das festas tradicionais juninas que aconteciam em Campina. Nosso recorte temporal foi delineado a partir da primeira edição que registrou o São João em 1958, estendendo-se em intervalos de quase 10 anos. O intuito dessa escolha reside em compreender, desde a aurora do periódico, como esses festejos eram narrados e divulgados à sociedade. Então, estamos na barra da janela a observar como o jornal um canal de informação se transformou ao longo das décadas, e, por conseguinte, observarmos como as festas juninas também sofreram mudanças no transcurso temporal nesses períodos.

O ano era 1958...

*Tem tanta fogueira. Tem tanto balão. Tem tanta brincadeira. T
odo mundo no terreiro faz adivinhação. Meu São João, eu Não.
Meu São João, eu Não. Eu não tenho alegria. Só porque não vem.
Só porque não vem. Quem tanto eu queria. Danei a faca no tronco
da bananeira, não gostei da brincadeira, Santo Antônio
me enganou. Sai correndo lá pra beira da fogueira.
Vê meu rosto na bacia a água se derramou
(Antônio Barros)*

Festa de São João

Iniciamos nossa pesquisa pela primeira data festiva popular nordestina de nosso recorte a ser noticiada pelo jornal: a festa de São João. No ano de 1958, o Diário registrou pela primeira vez, no seu segundo ano de atuação as comemorações juninas da cidade, elaborando, em suas páginas, o que viria a ser a reminiscência dessa tradição, que percorre fé, cultura e identidade popular, conforme as imagens consultadas nos revelam.

O periódico nossa primeira coleta de dados que se encontram nas **figuras 21 e 22**, nos relata que o São João em Campina aconteciam em Clubes, os citados na matéria foram o Campinense Clube e o Clube dos Caçadores. A leitura, mesmo que rápida no texto, nos remete a descrição de uma noite de alegria que chega a ser aquela alegria de criança a olhar um brinquedo colorido, ao pincelar palavras como: “crepitar das fogueiras” e “espocar dos fogos”. Ao mesmo tempo em que determinadas palavras colocadas no texto, nos remete a uma cidade que ilumina e aquece essa parte fria da estação em Campina, fazendo sua fogueiras nas ruas suburbanas, como a frase: “das fogueiras que iluminam a maior parte das suas ruas suburbanas”.

Festivo São João nos Clubes Campinenses

Interessantíssima a decoração do Campinense Clube - A cidade apresentou aspecto de inusitado colorido - No Clube dos Caçadores

A cidade apresentou na noite de ontem aspecto de inusitado colorido, com o crepitar das fogueiras que iluminavam a maior parte das suas ruas suburbanas e o espocar dos fogos, comemorando o São João.

Os clubes apresentavam de corações interessantíssimas, baseadas em motivos caipiras, destacando-se em sua ornamentação o Campinense Clube cuja esmerou se em apresentar o que há de mais típica na paisagem nordestina, para decorar o tradicional sodalício da praça coronel Antônio Pessoa.

NO CLUBE DOS CAÇADORES

O Clube dos Caçadores, a-

Cont. na pag. 4, letra B

B

pós várias noites de ensaios da tradicional quadrilha sanjoanesca, realizou uma interessante festa caipira em sua sede campestre, no sítio Santa Teresa, a que compareceram os associados e respectivas famílias, além de grande número de convidados.

Várias famílias deixaram a cidade às primeiras horas da noite, indo comemorar o São João em suas fazendas, num ambiente mais apropriado da natureza, onde os festejos juninos adquirem maior beleza nos seus aspectos telúricos, como são comemorados no nordeste.

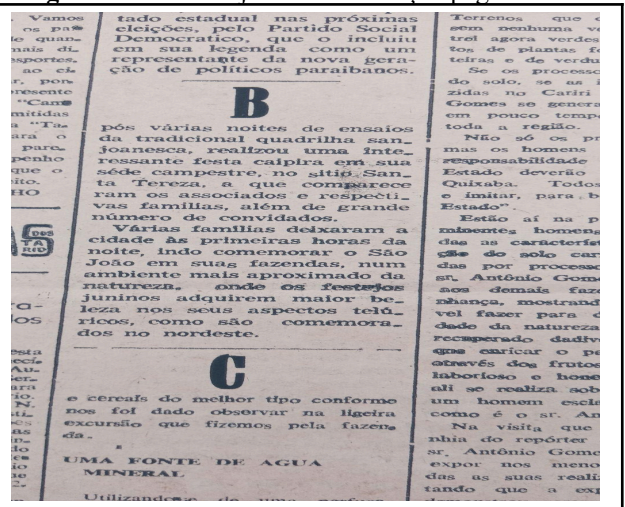
Edição (24 de junho de 1958)

Figura 21 - Festivo São João nos clubes Campinenses



Fonte: Arquivo da BORAA, 2025

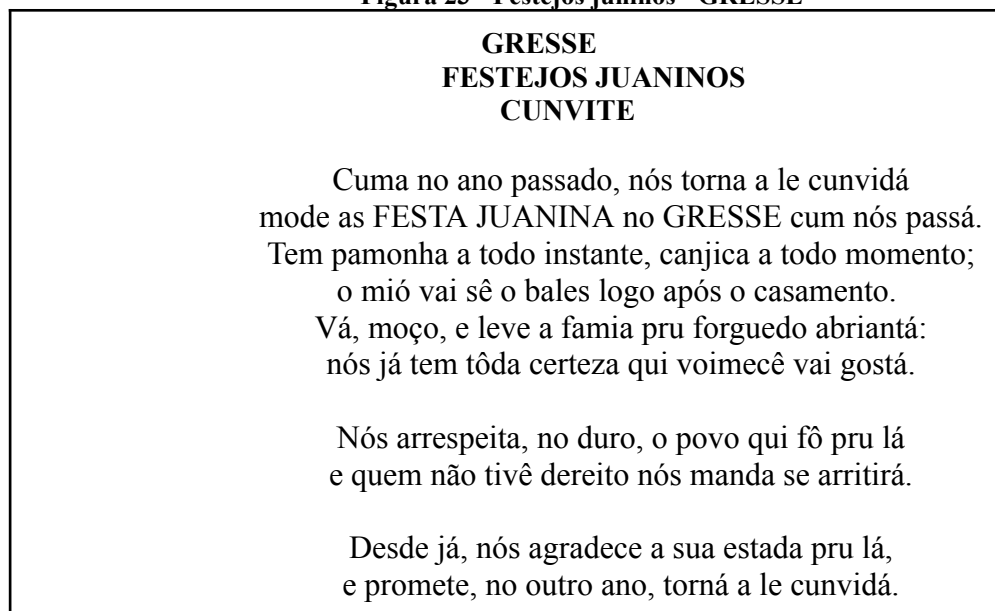
Figura 22 - Festivo junino continuação pag.4 Letra B



Fonte: Arquivo da BORAA, 2025

Bem aos modos juninos e inspirando-se na pronúncia de vocábulos do interior paraibano, a edição através da cadência oral, apresenta um convite em forma de poesia, a fim de cativar a atenção da população local, conforme demonstra a **figura 23**, as variações linguísticas regionais.

Figura 23 - Festejos juninos - GRESSE

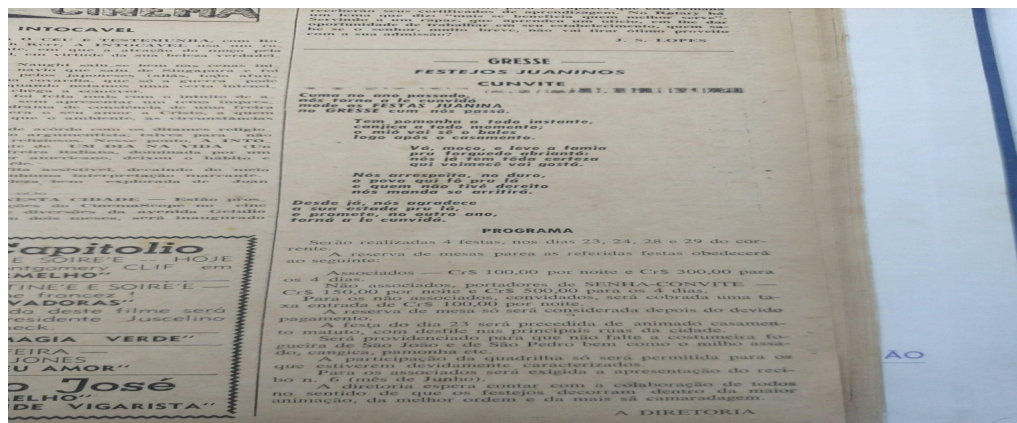


Fonte: Arquivo da BORAA, 2025

Assim sendo, logo abaixo do convite na mesma página da matéria, revela-nos a programação da festa, compondo um retrato vivo da tradição e da alegria que marcavam a estação, conforme **figura 24**. Nesta programação é possível observar a citação de elementos da cultura gastronômica da época junina, acompanhados dos símbolos culturais do São João que são as fogueiras de São João e São Pedro, bem como as quadrilhas juninas, bastando apenas estarem devidamente caracterizados para participarem da quadrilha, ou seja, trajar

uma indumentária típica e integrar a dança, que em roda e verso, ao som da sanfona, zabumba e triângulo, celebra a memória e a alegria do povo.

Figura 24 – Programação da festa junina de 1958



Fonte: Arquivo da BORAA, 2025

PROGRAMA

Serão realizadas 4 festas, nos dias 23, 24, 28 e 29 do corrente.

As reservas de mesa para as referidas festas obedecerá ao seguinte:

Associados: - Cr\$ 100,00 por noite e Cr\$ para os 4 dias.

Não associados, portadores de SENHA-CONVITE - Cr\$ 150,00 por noite e Cr\$ 500,00 para os 4 dias. Para os não associados, convidados, será cobrada uma taxa entrada de Cr\$ 100,00 por noite.

A reserva de mesa só será considerada depois do devido pagamento.

A festa do dia 23 será precedida de animado casamento matuta, com desfile nas principais ruas da cidade. Será providenciado para que não falte a costumeira fogueira de São João e de São Pedro, bem como o milho assado, canjica, pamonha etc.

A participação da quadrilha só será permitida para os que estiverem devidamente caracterizados.

Para os associados será exigida a apresentação do recibo n.6 (mês de junho).

A diretoria espera contar com a colaboração de todos no sentido de que os festejos decorram dentro da maior animação, da melhor ordem e da mais sã camaradagem.

A DIRETORIA

Edição (24 de junho de 1958)

O colunista e escritor do JDBO, sr. Epitácio Soares, nos oferece um relato de acordo com a **figura 25**, que medita acerca da festa tradicional do São João, nas raízes da celebração tradicional, herdada por nossos antepassados nordestinos, essa festa histórica que resume nossas origens populares. Nas palavras do sr. Epitácio, a festa junina revela-se não apenas como mais um evento histórico, mas ela mergulha e emerge como síntese viva de nossas origens populares, um lugar onde memória e identidade se intrincam em ritmos de danças e clarão da fogueira.

Trata-se de uma antítese que nos convida a refletir: até que ponto nosso senso crítico é capaz de confrontar a doce sensação de nostalgia de um passado que, por vezes, parece sempre melhor? Estaria essa percepção enraizada em nossas memórias afetivas ou

deverás por outros motivos, que filtram e suavizam o ontem, ou nas inúmeras razões que, conscientemente ou não, projetamos sobre o que já não existe?

Portanto, esse passado trazido no texto por Epitácio Soares representa uma lembrança viva? Candau (2012, p.89) vem para meditarmos: “O conteúdo da narrativa é, nesse caso, uma negociação entre uma certa representação do passado e um horizonte de espera. Por essa razão a memória, portadora de uma estrutura possível de futuro, é sempre uma memória viva”. Assim, entre a lembrança idealizada e o juízo ponderado, move-se o delicado equilíbrio entre a emoção e a análise histórica.

São João Epitácio SOARES

A avalanche modernista que como um rolo compressor andou esmagando uma porção de coisas que faziam parte das nossas melhores tradições nordestinas, não apagou, entretanto, êsse traço original que nos conduz às origens e nossa formação histórica. O São João entre nós ainda é o mesmo dos tempos remotos dos nossos avoengos. A singularidade dos festejos é a mesma. Semelhantes ainda são as características de origem luso-africana das festas do Batista.

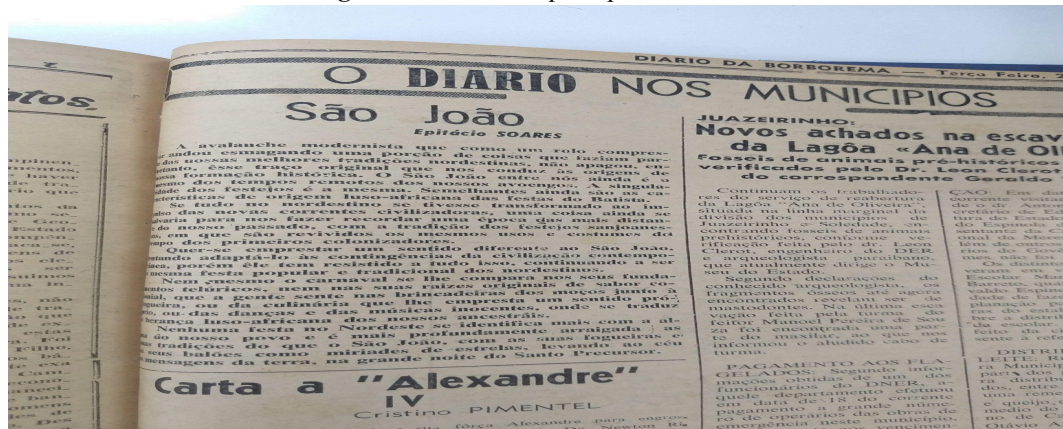
Se tudo no nordestino se tivesse se transformado ao impulso das novas correntes civilizadoras, uma coisa ainda se salvaria para nos fazer recordar uma época das mais distantes do nosso passado, com a tradição dos festejos sajoanescos, em que são revividos os mesmos usos e costumes do tempo dos primeiros colonizadores. Quer-se emprestar um sentido diferente ao São João, tentando adaptá-lo às contingências da civilização contemporânea, porém êle tem resistido a tudo isso, continuando ser a mesma festa popular e tradicional dos nordestinos.

Nem mesmo o carnaval se lhe compara nos seus fundamentos telúricos, nem na suas raízes originais de sabor colonial, que a gente sente nas brincadeiras dos moços juntos à fogueira, ou da culinária que lhe empresta um sentido próprio, ou das danças e das músicas inocentes, onde se traduz a herança luso-africana dos nossos ancestrais.

Nenhuma no Nordeste se identifica mais com a alma do nosso povo e é mais profundamente arraigada às nossas tradições do que o São João, com as suas fogueiras e os seus balões como miríades de estrelas, levando ao céu as mensagens da terra, na grande noite do Santo Precursor.

Edição (24 de junho de 1958)

Figura 25 - São João por Epitácio Soares



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2025

O ano era 1968...

Não há registro de nenhuma edição correspondente aos dias 24 e 25 de junho de 1968, seja no acervo do Jornal Diário da Borborema (JDBO) ou no acervo pessoal do professor Átila Almeida. Essa ausência documental justamente durante o período junino levanta uma lacuna significativa, cuja causa permanece desconhecida. Até o momento, não foi possível compreender o que de fato ocorreu nesses dias.

O ano era 1977...

*Olha pro céu, meu amor vê como ele está lindo
Olha pra aquele balão multicolor como no céu
vai sumindo. Olha pro céu, meu amor
Vê como ele está lindo. Olha pra aquele balão
multicolor. Como no céu vai sumindo
Foi numa noite igual a esta. Que tu me deste o
coração. O céu estava assim, em festa
Porque era noite de São João*
(José Fernandes e Luiz Gonzaga , 1951)

Em 07 de junho de 1977, de acordo com a **figura 26**, o jornal adverte que Campina Grande não dispunha de mais vagas para turistas retardatários, neste ano a cidade já dava indícios que não teria infraestrutura para suportar tantos turistas. Não se trata apenas de escassez de hospedagem, mas aponta como ventilado anteriormente, que havia a necessidade da cidade encarar o processo e desafio de sua reestruturação, dada tamanha efervescência das festas de São João. Aquela cidade já não comportava o incessante fluxo de turistas para a grande festa regional. Assim sendo, a urbe se via, concomitantemente, uma rota com destino cultural, porém sofrendo o desafio de sua própria popularidade.

Figura 26 - Hotéis sem vaga para turista retardatário



Fonte: Arquivo da BORAA, 2025

Uma das matérias, no dia 26, o jornal registra a intensa procura das pessoas em busca de ônibus, ansiosos para poderem alcançar os festejos de São João em outras cidades do interior da Paraíba. A procura foi tão intensa que faltou ônibus, tão grande demanda da população de Campina Grande. Pela matéria percebe-se que a alegria da população transbordava as fronteiras de Campina, como observamos nas **figuras 27 e 28**.

Mesmo com ônibus extra faltou transporte para o Sertão

Desde o início da semana, a Estação Rodoviária está registrando um intenso movimento, principalmente ontem, quando se verificou uma demanda de passageiros, em decorrência da aproximação dos festejos juninos. As empresas colocaram ônibus extras para atender o grande número de passageiros, principalmente com destino ao Sertão paraibano. Nas agências de passagens os vendedores se desdobraram para dar vencimento as filas. A Empresa Nacional de Luxo colocou ônibus extra em cada horário e são muitos os passageiros que deixaram de viajar por falta de passagens, principalmente para Taperoá, Teixeira, Princesa Isabel, São José do Egito e Livramento. Enquanto isso, a empresa Nossa Senhora de Fátima mobilizou toda a sua frota, composta de vinte e cinco ônibus, e mesmo assim não está atendendo a demanda. Já a Empresa Gaivota, através do seu agente, disse que apesar de ter colocado ônibus extras, não têm sido suficiente para atender a procura, principalmente para Sousa, Cajazeiras, Pombal e Patos. Por sua vez, Empresa patoense, que tem ônibus para todo o interior paraibano, teve um aumento de vendas em torno de 200%, tendo inclusive ampliado os horários para Patos, Catolé do Rocha, Brejo do Cruz, Conceição, Itaporanga, Piancó, Santa Luzia, Teixeira e Soledade.

Edição (24 de junho de 1977)

Figura 27 - Mesmo com ônibus extra faltou transporte para o Sertão



Fonte: Arquivo da BORAA, 2025

Figura 28 - Foto da matéria do jornal mostrando a população na rodoviária



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2025

Ainda na mesma edição de 24 de julho de 1977, há uma coluna onde consta apenas o título ímpar e simbólico São João, por ocasião da data junina. Evoca portanto, nesta singularidade do enunciado, a consistência que abrange uma celebração junina. Este cenário festivo que habita o imaginário coletivo, exposto **na figura 29**, inclui o leitor e convida-o a compreender com a sua própria sensibilidade e memória o desdobramento dessas palavras. É perceptível as palavras no texto como “processo aculturativo” já mencionados naquela época.

São João

O Nordeste, sem dúvida, a região do Brasil onde as tradições lusas para e pelos colonizadores, mantiveram-se por mais de quatro séculos em sua pureza integral, conservando os mesmos traços e as mesmas características de suas origens portuguesas. que a não ser o elemento negro, introduzido no país com a escravidão, e a selvicola, encontrado na terra, pelo descobridor, quase não houve outras crenças que influíssem com seus hábitos e costumes no processo de aculturação do Nordeste. O holandês que ocupou grande parte da região, deixou nas obras que ainda hoje, podem ser identificadas em alguns tipos humanos do Nordeste, mas não se encontra nem no folclore, nem mesmo na língua falada pelo povo, sinais que evidenciem a sua participação no processo aculturativo da região.

As tradições folclóricas que conservamos ou são de origem portuguesa, ou através do sincretismo religioso processado com a entrada com contingentes negros, vindos das diversas tribos da África.

Entre os festejos populares comemorados no Nordeste, onde é mais acentuada essa tradição folclórica destacam-se as festas juninas, quando são comemorados três santos do ano religioso cristão, com folguedos em que se identificam influências das três culturas primitivas, de onde se originou a nossa formação racial. A Nau Catarineta, o Fandango, O Congo e outras danças e cantos ainda encontradições em grandes partes do Nordeste.

Verifica-se, porém com as novas técnicas da comunicação de massas, através dos modernos instrumentos criados pela eletrônica, que muitas dessas tradições estão perdendo o seu colorido original, principalmente nos grandes centros populacionais, onde vêm sofrendo influências de outras culturas que se interpenetram no nosso meio através do rádio e da televisão.

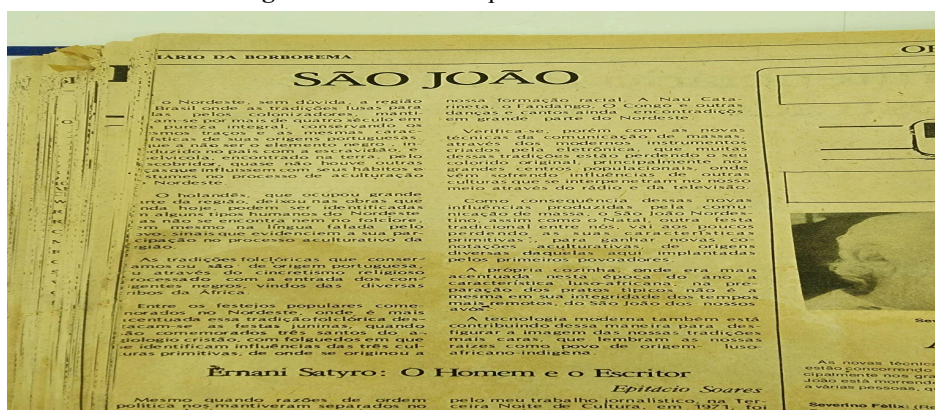
Como consequência dessas novas influências produzidas pela comunicação de massa, o São João Nordestino, assim como o Natal, outra festa tradicional entre nós, vai aos poucos perdendo as suas características primitivas, para ganhar novas conotações aculturativas, de origens diversas daquelas aqui implantadas pelos primeiros povoadores;

A própria cozinha, onde era mais acentuada nessa época do ano a característica luso-africana, na preparação dos pratos típicos que não é a mesma em sua integridade dos tempos mais remotos, do São João dos nossos avós.

A tecnologia moderna também está contribuindo dessa maneira para desfigurar a imagem das nossas tradições mais caras, que lembram as nossas raízes como povo de origem-luso-africana-indígena.

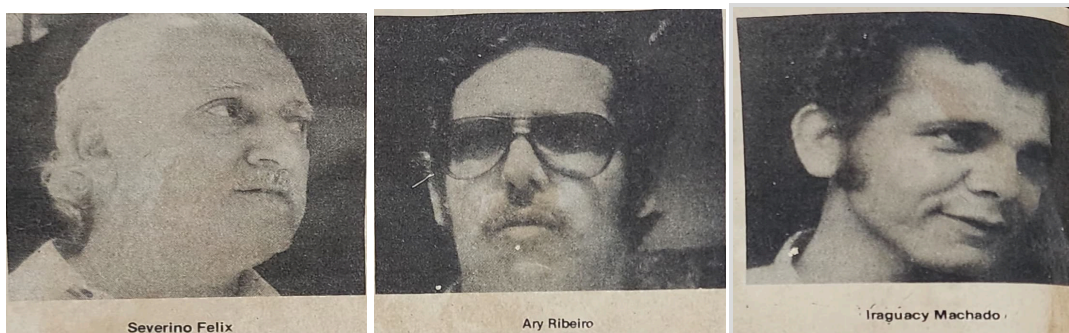
Edição (24 de junho de 1977)

Figura 29 - São João - processo aculturativo



Fonte: Arquivo da BORAA, 2025

Ainda na mesma coluna, abre-se uma parte intitulada OPINIÃO PÚBLICA, com as figuras 30 e 31, ilustrando o potencial crítico que o jornal estava trazendo a cerca de mudanças na tradição junina. Há, também, a opinião de algumas pessoas de Campina, um verdadeiro mosaico de sentimentos. Entre aceitar o neófito e preservar a tradição, um entrelaçamento de percepções onde acontecia a busca pela resistência do esquecimento, diante das fatais mudanças postas pelo tempo.



A tradição do São João está morrendo?

As novas técnicas de comunicação de massa, estão concorrendo para suplantam as tradições principalmente nos grandes centros. A tradição do São João está morrendo? - Esta pergunta foi feita ontem a várias pessoas, que responderam o seguinte:

Severino Félix: (Representante Comercial)

Este ano está mais animado do que o ano passado, as tradições não estão se acabando. A televisão e a imprensa estão dispensando total apoio aos festejos juninos desse ano.

Ary Ribeiro: (Advogado e Vereador)

A tradição não está se acabando, o povo é que deixa a cidade e vai para as fazendas e as granjas, deixando a cidade totalmente vazia, não havendo muito prestígio por parte do povo aos clubes de nossa cidade.

João Florêncio: (Estudante)

São João só é São João, nas fazendas e nas granjas, lá as pessoas se descontraem, brincam muito, nos dá mais impressão de que o São João, é melhor. Já na cidade, a única opção são os clubes, que para mim, são festas comuns como outra qualquer.

Severino Antônio: (Representante)

Para mim, tanto faz ser em fazenda como nos clubes, o importante é dançar forró, para não passar em

branco, pois São João é uma festa que todo mundo tem vez.

Antônio Clemente: (Estudante)

Geralmente brinco São João, na fazenda, mas esse ano acredito ficar por aqui mesmo. As tradições não estão se acabando o povo é que não procura mais prestigiar o que é nosso e que é muito bom.

Joana Mara: (Comerciária)

Acredito que esse ano o São João vai ser muito do que o ano passado, pois as entidades competentes estão dispensando um apoio muito grande aos clubes de bairros, e até mesmo nos clubes. Até mesmo as ruas da cidade se movimentaram com quadrilhas, casamentos matutos, etc. Mas o bom mesmo em se falando de clube, é nos caçadores.

Geraldo José de Andrade: (Estudante)

São João bom, é aquele e que se passa na fazenda ao redor da fogueira, comendo milho e tomando quentão. Na cidade é bom, mas é um negócio um pouco diferente. Sempre brinco nos Caçadores.

Antônio José: (Estudante)

Creio que este ano as coisas do São João, estão bastante modificadas pois, a animação na rua é uma coisa impressionante, a turma está decidida a brincar e quando o povo quer não há quem sustente.

João Severino de Moura: (Comerciante)

As tradições não estão se acabando, o povo deixa de dar valor aquilo que é nosso, para ir brincar em Santa Luzia por exemplo, Deveríamos ter mais amor a nossa terra, e ficar por aqui mesmo, pois Campina Grande, sempre teve um bom São João.

Maria Otávia de Barros: (Estudante)

Geralmente o São João é uma festa de muita alegria para o Nordestino, pois é nessa época em que temos oportunidade de ver tudo aquilo que sempre foi nosso.

Falta mais incentivo por parte do próprio povo, eles deixa a cidade para se deslocar para outras, muitos também vão para as granjas e as fazendas.

José Siqueira: (Agrônomo)

São João para mim sempre foi em casa, não gosto do tipo da festa é uma coisa muito agoniada, não nos dando condições de brincar à vontade sempre ou passá-lo na praia.

Hélio José de Souza: (Estudante)

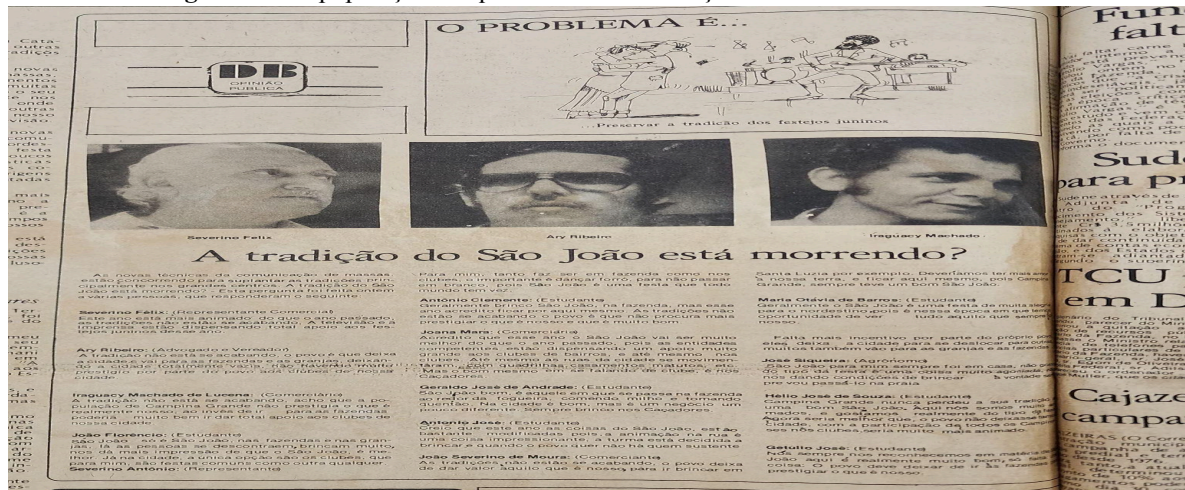
Campina Grande nunca perdeu a sua tradição é uma bom São João. Aqui nós somos muito amados, e gostamos realmente do tipo da festa. Agora seria melhor que, o povo não deixasse tanto a cidade, com a participação de todos os campinenses nos clubes, seria muito mais animado.

Getúlio José: (Estudante)

Nós sempre nos reconhecemos em matéria de São João aqui realmente é muito bom, só falta uma coisa: O povo deve deixar de ir às fazendas para prestigiar o que é nosso.

Edição (24 de junho de 1977)

Figura 30 - A população foi questionada se a tradição do São João está morrendo



Fonte: Arquivo da BORAA, 2025

Figura 31 - O problema é preservar a tradição dos festejos juninos



Fonte: Arquivo da BORAA,, 2025

Especificamente em outra seção, há uma breve matéria jornalística zelando as comemorações juninas na Paraíba. Textos assim, apresentando com mais riquezas de detalhes acerca do São João além dos limites de Campina Grande, informava e revelava ao leitor que a animação, a chama da festividade também ardia seguindo em outras paragens, de acordo com as **figuras 32 e 33**.

Festejos de São João com animação na Paraíba

Milhares e milhares de fogueiras foram acesas ontem ao cair da noite em todos os recantos do Estado da Paraíba, enquanto fogos de artifícios espoucavam no ar, dando início às festas de S. João, o mais popular dos santos do Brasil e um espetáculo que vem desde o início da colonização portuguesa. As centenas de cidades paraibanas, comemoram desde ontem o São João, festejo que não fica restrito aos clubes e residência elegantes, mas nos sítios, vilas, fazendas, engenhos e nas mais humildes das moradas.

ATRAZO

As fogueiras foram acesas na hora tradicional, as bandeiras de S. João asteadas, ao cair da noite, mas os forrós em sua maioria, só começaram depois de terminado o jogo de Brasil x Escócia, o que muitos viram pela televisão ou então o ouviram pelo rádio.

A animação junina foi geral em todo do Estado, consoante informações recebidas dos nossos correspondentes nas principais regiões do interior.

As quadrilhas se desdobraram com o “marcador” alardeano um “francês” matuto, os casamentos do “faz-de-contas”, os batizados de fogueira, as bebidas (a batida foi a mais consumida), o forró gostoso, levantando a poeira no chão, batido de barro ou nos salões dos clubes.

A temperatura caiu sensivelmente o meio rural, chegando a fazer frio em cidades como Teixeira, Areia, Monteiro, Picuí, Cuité, Bananeiras, Taperoá, entre outras, o que já é costume nessa época do ano, contribuindo para o maior consumo de bebidas e ao aconchego ao redor da fogueira.

TRADIÇÃO

A tradição persiste no interior, daí porque as adivinhações campearam. As mais usadas, são por moças e rapazes, para saber o futuro casamento.

Mas há outras: como a de saber se estará vivo no próximo S. João, o que muita gente não faz por temor.

Os sanfoneiros e conjuntos típicos estão tendo bastante serviço este ano, não havendo um que não fosse contratado.

Em alguns lugares por falta de “música ao vivo”, se aproveitou a programação das rádios do interior (com música junina) no toca-fita ou radiola, já bastante usados.

Não faltaram os violeiros, coco de roda, bumba-meu-boi e cavalhadas. Embora proibido, ninguém deixou de soltar balões, a maioria levando recados para S. João que consoante a tradição, no céu, “roncava de dormir” sem se importar com a festança e a zoadas dos devotos.

O que foi bom, pois se acordasse, o mundo deixava de existir.

Edição (24 de junho de 1977)

Numa noite típica nordestina, como tantas no mês de junho, era comum ver pessoas, movidas pela força da tradição, vestindo suas melhores roupas, calçando seus sapatos mais bonitos e perfumando-se com esmero. Quem podia, espalhava-se pelos caminhos da Paraíba para celebrar o sopro frio da festa da colheita do milho. Isso, se a chuva tivesse permitido uma boa safra. Mas mesmo diante da escassez, o sopro da tradição persistia, conduzindo os passos rumo a uma celebração coletiva, onde o encontro, a memória e a alegria se entrelaçavam em dança e devoção.

Figura 32 - Festejos de São João com Animação na Paraíba



Fonte: Arquivo da BORAA, 2025

Figura 33 - Quadrilhas animam o São João da edição do dia 24/06/1977



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2025

Apesar da festa de São João tradicionalmente ser celebrada no dia 24 de junho de cada ano, o JDBO registra e ilustra na **figura 34** que, no dia 23 de junho, véspera do dia de São João (24/06), Campina Grande já estava imersa nos festejos juninos com múltiplas festas em vários lugares da cidade. Essa notoriedade era o primeiro sinal que Campina Grande, com seu espírito festivo, caminhava para se tornar o palco do maior São João do mundo. O que antes parecia um prenúncio, hoje é realidade: a tradição encontrou ali seu lugar de celebração e grandeza.

Festas juninas prosseguem hoje e amanhã

Campina Grande desde ontem, está envolvida por mais um período junino, com todos os clubes da cidade apresentando festas, com quadrilhas, comidas típicas; milho verde, pamonha, canjica, casamento matuto, fogueiras, e o que é melhor, o forró. Mesmo com o grande número de pessoas que saíram em busca de um São João na fazenda, os clubes de Campina Grande estão sendo muito movimentados, com a procura de um grande número de pessoas. As festas de São João, tiveram início ontem, e prosseguirão até sábado dia 26, depois voltando somente dia 28, véspera de São Pedro. Aqui, e no interior, as festas terão prosseguimento hoje, a partir das 22 horas, nos clubes, entidades abaixo relacionadas:

FESTAS - Clube dos Caçadores - festa hoje, com o cantor Jair Alves, acompanhado pelo conjunto “Os Vikings”, especialmente contratado. Campinense - festa junina animada por Genival Lacerda e Jackson do Pandeiro, contando ainda com a presença de Marinete e seu Jagunço. No auditório São Francisco, hoje e amanhã, grandes noites juninas, com os tocadores: Bastinho, Luizinho, Zelito, Zé-Calixto, e ainda, a participação do cantor Nordestino Manoel Serafim. Clube do Trabalhador festa de São João animada por um conjunto da cidade.

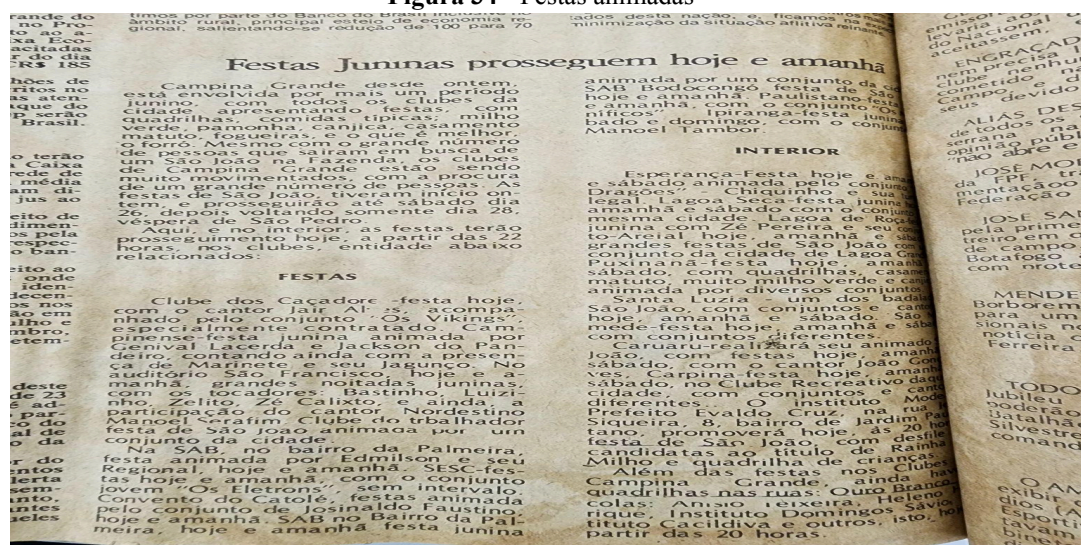
Na SAB, no bairro da Palmeira, festa animada por Edmilson e seu rgionl, hoje e amanhã. SESC - festa hoje e amanhã, com o conjunto jovem “Os Eletrons”, sem intervalo. Convento do Catolé, festas animada pelo conjunto de Josinaldo Faustino, hoje e amanhã. SAB no Bairro da Palmeira, hoje e amanhã, festa junina, animada por um conjunto da cidade. SAB - Bodocongó festa de São João hoje e amanhã. Paulistano - festa hoje e amanhã, com o conjunto “Os Magníficos” Ipiranga - festa junina, sábado e domingo, com o conjunto Manoel Tambor.

...

Além das festas nos Clubes de Campina Grande, ainda haverá quadrilhas nas ruas: Ouro Branco. Escolas: Anísio Teixeira, Heleno Henrique, Instituto Domingos Sávio, Instituto Cacildiva, e outros, isto, hoje a partir das 20 horas.

Edição (24 de junho de 1977)

Figura 34 - Festas animadas



Fonte: Arquivo da BORAA, 2025

No dia 25 de junho, na edição do jornal, por meio da coluna intitulada BINÓCULO, o periódico ofereceu ao leitor uma leitura ambivalente acerca das comemorações juninas na cidade. Traz uma breve crítica positiva, com elogios ao entusiasmo que tomou conta dos bairros, além da cooperação coletiva financeira que a comunidade conseguiu, o qual deu o título de: São João animado. Entretanto, na mesma coluna, há um contraponto aos elogios, cita fragilidades e aspectos reprováveis aos festejos, onde nomeou de: São João fraco. Como é evidenciado na **figura 35**.

São João animado

Indiscutivelmente, os bairros de José Pinheiro e Monte Castelo tiveram o melhor São João de Campina Grande, reunindo homens, mulheres e crianças, num ambiente formidável. Quadrilhas de rua, casamento matuto com a participação quase que maciça dos seus moradores, foguetões e outros complementos para a época.

Não contaram com verbas da municipalidade, tudo foi feito na base da “vaquinha” entre os seus moradores e tudo deu certo. Serve de exemplo para quem quer promover e tem algum receio.

São João fraco

... Enquanto isso, não faltaram as críticas à Empresa de Desenvolvimento Cultural da Borborema - EMDEB que gastou uma importância enorme para ornamentar o Centro Turístico da Estação Velha para um reduzido número de pessoas participarem do tão comentado São João da EMDEB onde as falhas foram observadas por todos que ali estiveram.

Primeiro noticiou-se que ia haver concurso de quadrilhas de rua, entre outras promoções, mas nada disso ocorreu, o que levou muitos a deixarem o Centro Turístico praguejando.

Edição (25 de junho de 1977)

Figura 35 - São João animado



Fonte: Arquivo da BORAA, 2025

No dia 26 de junho de 1977, o jornal noticiou o registro de que a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) patrocina o 4º Congresso Nacional de Repentistas. Entre as pessoas de renome que compunham o júri, figurava o prof. Átila Almeida, com a sua presença o evento reafirmava a relevância cultural e acadêmica deste evento, assim como está mencionada na figura 36.

Esse evento foi um acontecimento por deveras importante para o fortalecimento da cultura popular e dos violeiros, aproximando a cultura para mais próximo da universidade, um reconhecimento naquela época de que a tradição oral de cantoria em um espaço universitário ampliava o diálogo entre os saberes populares e acadêmicos.

Não obstante, esse relevante congresso fortaleceu a memória significativamente para esses indivíduos e os grupos sociais. O Repente, o violeiro faz parte do cotidiano do Nordeste e da nossa história. Eles são parte de artefatos históricos que evocam nossas lembranças e significados que nós associamos a eles.

UNIVERSIDADE FEDERAL PATROCINA 4º CONGRESSO NACIONAL DE REPENTISTAS

Em contatos mantidos com o Presidente da Associação de Repentistas e Poetas Nordestinos, Sr. José Gonsalves, afirmou que na última reunião mantida entre os líderes da entidade mantida entre os líderes da entidade que dirige e, representantes das Universidades Federal e Regional do Nordeste, senhores, José Gonsalves, Ary Viana pela associação, pela Regional do Nordeste, Padre Genival Saraiva e o prof. Milfont, e pela Universidade Federal, professor Átila além de outro a ser indicado oficialmente, foram tratados assuntos atinentes à realização do 4º Congresso de Poetas Repentistas de 19 a 21 de agosto vindouro.

ORÇAMENTO

Na citada reunião, foi discutido o principal assunto do futuro conclave que segundo José Gonsalves atingirá importância de 200 mil cruzeiros, assim distribuídos: premiação, cachês, estadia, cartazes, publicidade, sendo que 60 mil foram prometidos pela Universidade Federal da Paraíba, estando-se aguardando o pronunciamento de outras organizações federais, estaduais e municipais, como: Funart, através do Ministério da Educação, Governo do Estado através de sua Secretaria de Educação e Cultura, Prefeitura Municipal, através da Pasta de Educação e de órgãos competentes do município.

PREVISÃO

Segundo Presidente da Associação dos Poetas e Repentistas Nordestinos, poeta José Gonsalves disse que este ano, espera que a realização do conclave que vem obtendo sucesso desde que foi implantado, atinja os desideratos desejados, uma vez que aglutinará representações de todo o país, agremiações jornalísticas, vates da maior parte do território nacional, inclusive cobertura da imprensa sulista, através de tapes e filmes.

COMISSÃO

Ainda na reunião, foi discutido a formação da Comissão de Premiação, sendo apontado os seguintes nomes: Jorge Amado da Bahia. Filgueiras Sampaio do Estado do Ceará, Eurípedes Formiga, Jornalista e poeta, Procurador da Justiça de São Paulo, Cavalcante Proença, do Rio de Janeiro, escritor, Teo Brandão de Alagoas, Dr. José Rabelo de Pernambuco, Caso esses nomes apontados não possam vir, a diretoria convidará outros para substituí-los. Amanhã haverá nova reunião para a aprovação do regulamento e escolha de membros para a Comissão de Seleção.

15 DUPLAS

Este ano, estão previstas 15 duplas de cantadores para concorrerem ao 4º Congresso. Tais cantadores virão de toda a área do Norte e Nordeste, por ser considerado berço de grandes repentistas.

CONVÊNIO

A Universidade Regional do Nordeste, doravante, chamada Regional, a Universidade Federal da Paraíba, ora chamada - Federal e Associação dos Repentistas e Poetas Nordestinos, doravante chamada Associação, a primeira com sede em Campina Grande e aqui representada pelo Reitor, Professor José Figueiredo, a segunda com sede em João Pessoa, e aqui representada pelo seu Reitor Prof. Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque; e a terceira sediada nesta cidade, representada pelo poeta José Gonsalves Filho, tendo em vista a relevância dos Congressos Nacionais de Violeiros como meio de preservar genuínas manifestações da cultura popular brasileira, em particular nível da região Nordeste, têm justo e contratado, patrocinar a realização do Congresso Nacional de Violeiros, conjugando os esforços e mobilizando os recursos de que possam dispor para a execução desse objetivo.

Desta forma, o Congresso Nacional de Violeiros, vinha sendo realizado em anos anteriores, sob o patrocínio da Regional e da Associação, passa agora a ter patrocínio também da Universidade Federal da Paraíba.

As três entidades patrocinadoras concordam em que para a constituição de Uma Comissão Permanente de Organização do Congresso de Violeiros designarão representantes de cada entidade aos quais incumbirão conjuntamente, proceder a eleição entre si do presidente da Comissão Permanente, a designação de subseções, seleção de candidatos à participação no Congresso e de Julgamento da Contribuição de participação, regulamentação e estabelecimento de datas para a realização do conclave, o valor e outras características da premiação a serem distribuídas aos participantes a atribuição de homenagens a personalidades que tenham destacado, que por sua contribuição presente na cultura Popular, quer por seu reconhecido ou desempenho, na preservação das manifestações da vida o povo brasileiro.

Acordam ainda as entidades signatárias a realização do Congresso Nacional de Violeiros, terá caráter

de sede na cidade de Campina Grande, anterior, momentânea ou posteriormente à realização do conclave sendo realizados nas cidades de João Pessoa e Campina Grande, Seminários sobre Cultura Popular, em que debaterão temas enfatizando os meios e formas para preservação e evolução como expressão de valores autênticos da sociedade brasileira em particular e segmentos paraibanos e nordestinos.

O patrocínio ao Congresso Nacional de Violeiros tem iniciativas a este correlatas não terá como fim, as entidades patrocinadoras, senão única e exclusivamente os meios no termo assinado.

Possíveis excedentes financeiros resultantes da realização do Congresso ou iniciativas a elas contudo poderão ser empregados pela Comissão de que a Cláusula Terceira, ouvidas entidades patrocinadoras como fundos que assegurem rendimentos para o financiamento de atividades decorrentes deste compromisso.

As partes signatárias abrigam-se a consignar respectivos orçamentos, recursos financeiros da realização do conclave, bem como a designarem se for o caso, alunos com Bolsa de Arte ou outro desempenho de tarefas ligadas a atividades desde do Compromisso assumido.

Assinaram tal convênio: pela Universidade do Nordeste, Reitor José Cavalcante de Figueiredo, Reitor Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque pela Universidade da Paraíba e pela Associação de Repentistas e Poetas Nordestinos, Sr. José Gonsalves.

Edição (25 de junho de 1977)

Figura 36 - UFPB patrocina o 4º Congresso Nacional de Repentistas



Fonte: Arquivo da BORAA, 2025

O ano era 1986...

Grande festa nordestina.

Forró a cada Segundo.

O maior São João do Mundo...

Vamos fazer em Campina

(Ronaldo Cunha Lima)

Não foi de um dia para o outro, nem por força de decreto ou ao acaso simplesmente, que essa festa tradicional e popular ganhou seu marco zero em 1986 com a conotação que tem hoje no Brasil. Foi fruto de um movimento coletivo, de uma paixão

compartilhada, de uma vontade política e cultural de transformar o São João em um símbolo de pertencimento, resistência e alegria. Campina Grande, com sua vocação para acolher e celebrar, tornou-se palco de uma das maiores manifestações populares do país, uma festa que une tradição e inovação, fé e folia, raízes e futuro.

A cada edição, o São João de Campina reafirma seu título com orgulho: o maior do mundo. E não apenas pelos números, mas pela emoção que desperta, pela memória que preserva e pela cultura que exalta. É uma festa que se constrói com o tempo, com o povo e com a alma nordestina, exatamente como Ronaldo Cunha Lima profetizou em seus versos.

Ao olhar a força da cultura do povo, que não media esforços em somar memórias que ardiam como fogueiras, de tradições que resistiam ao vento, de músicas que se repetiam de geração em geração e de um povo que, ao celebrar, reafirmava quem era.

Que entre um chiado de uma sanfona, entre o batuque de um zabumba, o agudo de um triângulo, o cheiro da canjica, entre o tilintar das bandeirolas, o estalar quentinho das fogueiras e a cadência das quadrilhas, Campina Grande moldou, pouco a pouco, um São João que ultrapassou fronteiras geográficas e afetivas.

No meio do caminho existia um político, um político existia no meio do caminho, não apenas isso, esse homem era um poeta, se chamou Ronaldo Cunha Lima (1936 - 2012), um homem que sonhou muito para Campina Grande, porém não ficou apenas no sonho, ele idealizou em 1983, um local para o festejo junino no Centro da Cidade, para a época um local grande conhecido como Coqueiros de José Rodrigues, **figura 37**.

Figura 37 - Os Coqueiros de Zé Rodrigues, atualmente, local do Parque do Povo



Fonte: Blog Retalhos Históricos de Campina Grande, 2025

Ergue-se assim, o Parque do Povo como um estandarte para a valorização da cultura nordestina e campinense, o reflexo das tradições que lhe são próprias, convertendo-as em patrimônio vivo e pulsante. Com essa ação e aceitação de uma ideia se dispôs a inscrever na época o nome de uma cidade do interior da Paraíba no mapa turístico do Brasil.

Antes de nos lançarmos às manchetes que narram o presente, é imprescindível voltarmos o olhar para o passado. A partir de 1986, o São João de Campina Grande não apenas cresceu, ele se reinventou, transformando-se em um fenômeno cultural de proporções nacionais. Mas para entender essa metamorfose, é preciso revisitar suas raízes. Segundo a pesquisa histórica e documental que realizamos, até o ano de 1982, o São João em Campina era uma celebração essencialmente comunitária. O forró ecoava em clubes da cidade, mas era nos bairros que a festa ganhava alma: famílias reunidas ao redor das fogueiras, partilhando comidas típicas à base de milho, dançando quadrilhas improvisadas e se embalando ao som da sanfona. Era uma festa viva, pulsante, feita de encontros e tradições.

E não era pequena. De acordo com a pesquisadora Cordeiro, Campina já contava com quase 400 quadrilhas espalhadas pela cidade, um número que revela a força e a capilaridade dessa manifestação popular. Esse cenário, ainda íntimo e descentralizado, seria o solo fértil para o surgimento do que hoje conhecemos como “O Maior São João do Mundo”.

Seguindo a mesma tradição de tantas outras cidades do Nordeste, os festejos obedeciam ao calendário devocional, ou seja, o ritmo tradicional das celebrações juninas. Por isso é recorrente vermos ao longo das décadas do JDBO matérias evidenciando os dias consagrados a Santo Antônio (12 e 13 de junho), São João (23 e 24) e São Pedro (28 e 29).

Como explicado anteriormente o local onde antes de ser construído o Parque do Povo era grande e ermo, porém era estratégico por ser central. Trouxemos as **figuras 38 e 39**, do período de construção da Pirâmide do Parque do Povo, batizada de Forródrômo.

Figura 38 - Registro fotográfico histórico da construção do Parque do Povo



Fonte: Acervo do Diário da Borborema

Figura 39- Parque do Povo e Pirâmide finalizados - imagem de fevereiro de 1986



Fonte: Acervo do Diário da Borborema

O Parque do Povo foi inaugurado em 14 de maio de 1986, e foi projetado pelo arquiteto Carlos Alberto de Almeida. O jornal do Diário da Borborema do dia 3 de junho, palco em 31 de junho. Assim, a cidade não apenas inventou uma festa: inventou um palco onde a memória coletiva dança todos os anos, renovando-se ao sabor de suas raízes.

Na edição de 3 de junho de 1986, o jornal ainda reverberava notícias entusiastas do término da construção do Forródrômo (foi assim o nomeado inicialmente esse lugar), espaço concebido para acolher e potencializar as celebrações juninas de Campina Grande. A matéria ganha título: São João em ritmo alucinante. Pela descrição do turista entrevistado ao visitar a cidade, descreve no bom sentido os festejos como “uma verdadeira loucura”, conforme a **figura 40**.

São João em ritmo alucinante

“Uma verdadeira loucura”, definição de um turista, no bom sentido, é como pode se classificar o ritmo alucinante dos festejos juninos em Campina Grande, alcançado logo nos primeiros dias, apresentando assim a sua posição.

Turistas de vários pontos do País estão diretamente convergindo para o Parque do Povo, onde no Forródrômo, encontra-se a apoteose dos festejos, abertos no último sábado ao som da “Banda do Camarão”, de Recife, com a presença de cerca de 50 mil pessoas.

Todos os hotéis de Campina Grande já estão lotados e os turistas estão recorrendo a aluguel de casas. Algumas são alugadas a 200 cruzados por dia, totalmente mobiliada. Dois motéis, construídos recentemente, estão funcionando como hotéis para abrigar os turistas que chegam e cortam a cidade em busca de acomodação.

Mesmo com algumas falhas, há uma estrutura montada que tem facilitado a vida das pessoas que vêm conhecer o Maior São João do Mundo, um gigante festival do forró que vi até o fim do mês. (PAG. 6)

Edição (3 de junho de 1986)

Figura 40 - São João em ritmo alucinante



Fonte: Arquivo da BORAA, 2025

Ao avançarmos pelas páginas das edições de junho, torna-se evidente que os festejos juninos em Campina Grande mantinham vitalidade nos clubes sociais, mesmo após a implantação do Forró dromo, conforme registrado na **figura 41**. Essa coexistência de espaços de celebração revela não apenas a diversidade dos modos de viver o São João, mas também a força das práticas sociais enraizadas, que resistem às transformações urbanas e institucionais.

A modernização da festa, com sua centralização em grandes estruturas como o Forró dromo, não apagou os traços da tradição, ao contrário, passou a dialogar com ela, criando uma paisagem festiva plural, onde o antigo e o novo se entrelaçam. Essa dinâmica pode ser compreendida à luz de Canclini (1995), que propõe o conceito de hibridismo cultural para explicar como manifestações tradicionais se reconfiguram em contextos modernos sem necessariamente perder sua essência.

Além disso, Zaratim (2020), ao analisar a espetacularização das quadrilhas juninas, aponta que a tradição não desaparece, mas se adapta, negociando espaços e significados diante das exigências contemporâneas. O caso de Campina Grande exemplifica essa negociação, onde a memória coletiva é mobilizada e ressignificada, sem ser silenciada, mesmo que em lugares de celebração distintos.

São João no Clube dos Caçadores

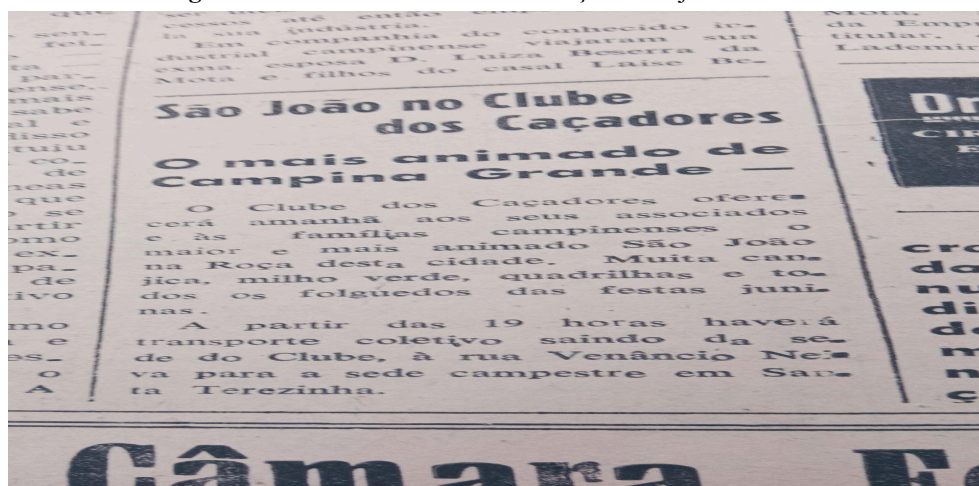
O mais animado de Campina Grande

O Clube dos Caçadores oferecerá amanhã aos seus associados e às famílias campinenses o maior e o mais animado São João da Roça desta cidade. Muita canjica, milho verde, quadrilhas e todos os folguedos das festas juninas.

A partir das 19 horas haverá transporte coletivo saindo da sede do Clube, à rua Venâncio Neiva para a sede Campestre em Santa Terezinha.

Edição (3 de junho de 1986)

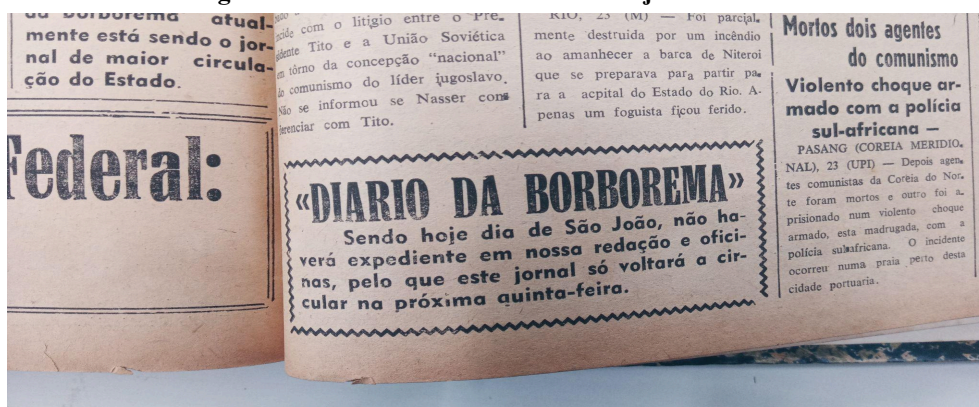
Figura 41 - São João no Clube dos Caçadores - junho de 1986



Fonte: Arquivo da BORAA, 2025

À medida que investigamos as folheamos as páginas do jornal, uma nota sozinha, pequena e inusitada chamou-nos a atenção, naquele específico dia meio às celebrações de São João, não haveria redação e oficinas funcionando, encontrando-se em silêncio, sendo assim, o jornal anunciava seu retorno de atividades e circulação na próxima quinta-feira. Um gesto distinto e incomum que demonstra que o periódico inscreve o próprio ritmo da festa na cadência do impresso. Faz-nos inquirir devido a inquietude da singularidade do ato, se talvez seria a um gesto imbuído de respeito a comemoração do Santo São João, podemos ver na figura 42.

Figura 42 - Diário da Borborema 24 de junho de 1986



Fonte: Arquivo da BORAA, 2025

Mais adiante no suplemento dominical do JDBO conhecido como REVISTA TUDO, a matéria trazida por Ronaldo Dinoã, assenta uma crônica de Hortênsio Ribeiro, escrita em 28 de junho de 1940, mexendo assim com o imaginário dos leitores sobre aquela época, e faz rememorar aos mais velhos, o velho São João de campina Grande. Nesse sentido, acerca dessa lembrança que é uma reconstrução do passado, (Halbalbwachs 2006, p. 71-72)

escreve: “Lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente. [...] Podemos chamar de lembranças muitas representações que repousam, pelo menos em parte, em depoimentos.”

Falar de lembranças é, inexoravelmente, falar da de memórias, e uma dessas bem presentes e marcantes para recordar, é a lembrança da figura do fogueteiro, esquecer de tecer sobre essa imagem, seria esquecer que sem ele o São João não é São João, pois perderia parte de sua essência. Dessa forma o jornal entrevistou o Sr. Zé Fogueteiro, evocando a figura do fogueteiro. O jornal registrou, evidenciado na **figura 43**, em uma entrevista, o Sr. Zé Fogueteiro, um guardião de um ofício que não estava incumbido de barulhos e o anunciar das celebrações, mas também tingiam e abrilhantaram de cor e som o céu escuro, como clarões rápidos de lampejos os seu fogos iluminavam a escuridão do céu noturno. Seus fogos despertavam sorrisos, alegria e alimentavam a expectativa das crianças, que aguardavam ansiosas o instante em que o clarão rasgaria a noite daquele dia de São João.

“ZÉ FOGUETEIRO”

O São João é inegavelmente a festividade mais significativa do Nordeste. No mês de junho, o nosso povo extravasa suas emoções reprimidas com autenticidade e criatividade. Num país ainda despersonalizado culturalmente, os nordestinos têm nos períodos o único e verdadeiro elo que nos religa às suas raízes. Campina Grande tem se constituído, ultimamente, no palco principal desse nosso reencontro com as nossas origens. O Brasil inteiro converge para a Rainha da Borborema para presenciar “O Maior São João do Brasil”.

Em meio a toda essa alegria, não poderíamos deixar de fazer uma reportagem ligada ao tema. Foi assim que procuramos o sr. José Paulo Barbosa. Ele lidou durante várias décadas com um dos principais artefatos juninos: os fogos. Era fabricante. Das suas hábeis mãos originaram-se objetos comemorativos que explodiam no ar e iluminava, com belíssimos efeitos visuais, os sonhos de várias gerações.

Como seriam os São João sem fogos? É difícil imaginar. Quando somos crianças, não pensamos no perigo que eles acarretam, só nos importa a sua magia. Mas à medida em que vamos crescendo, passamos a entender por trás de tanto encanto sobrevive um alto risco para a integridade física das pessoas. A preocupação em relação ao poder destrutivo dos fogos, portanto, deveria ser uma constante em todos nós. A beleza que eles irradiam não podem ofuscar a visão lúcida que precisamos ter no tocante às suas consequências. O ideal seria que os encarássemos como belos inimigos cordiais, quer dizer, devemos conviver com eles precavidamente.

Não apenas nas épocas de São João se vende fogos. Nas campanhas políticas, em inaugurações, em eventos esportivos, enfim, em vários tipos de festividades, os foguetões são acionados.

Seu Zé Paulo do alto da sua simplicidade possui conceitos sobre todas colocações que fazemos acerca dos fogos. Vamos conversar com ele e conhecer alguns.

Hortênsio Ribeiro escreveu no dia 28 de junho de 1940, uma crônica sobre o velho São João de Campina Grande, a qual passamos a transcrever na íntegra.

DIA DE SÃO JOÃO

Várias imagens perduram no meu cérebro, numa distância de quarenta anos, do São João de minha terra.

O estalar dos foguetes, o cheiro do milho assado, a canjica e as pamonhas inda fumegantes nos pratos e, sobretudo, e crepitar das fogueiras de angico e baraúna que ardiam pelas ruas da minha Campina Velha.

Na antiga Praça da Independência erguia-se a casa paterna, mesmo na esquina do beco que tinha o nome de meu pai, a qual servia de habitação à família e de casa de negócios de secos e molhados, e cuja sacada se ostentava uma taboleta com este dístico histórico: 15 de novembro.

Na véspera do São João vinha um carro cantando, pela Uruguaiana a fora, mutambando ao peso dos enormes toros de madeira de lei, e tirados por duas juntas pacientes e bois, cujos passos tardos e compassados do velho Gunde atentava as vozes do “Careta” e “Pintado”, ei lá!

Da calçada da rua eu me punha a expiar, os olhos alargados de espanto, a manobra do carreiro, espicaçando com a vara de ferrão a boiada à sombra das gameleiras.

Meu pai vinha de mangas arregaçadas determinar o lugar onde se devia erguer a fogueira do santo do seu nome, enquanto me passava pelo espírito a superstição que nele plantara a ngra Chica, filha de mãe Celinda, “Que o diabo vinha dançar nos terreiros das casas onde não ardiam as fogueiras na noite de São João”. O Carreiro Gunde desenlaçava enquerideira de couro cru, o rosto muito afogueado da caminhada, e os seus braços peludos, punha a descarregar a lenha, que o nosso doméstico Chico Bundam levava todo dia a arrumar em cima de dois troncos bem fornidos de lenha, denominados por meio de “cabeceiras da fogueira”.

A hora do acender da fogueira me lembrava um rito da civilização fetichista. Minha mãe, muito crédula, lembrava que, “para ficar bom”, eu devia riscar o fósforo ateando fogo na mecha embebida de querosene, que o São João-cacheiro ajeitava sob pedaços de pinho arrumadinhos do lado que soprava o vento. Assungando as calças, o peito arfando de puxado, eu então vinha convencido de que São João, era um santo muito estimado de Deus, me curaria do gogo que lambedores de papaconha e as posições do padrinho Cahtó não tinham conseguido dar cabo dele.

E enquanto a chama começava a lambar os grossos paus de fogueira, irreprimivelmente me invadia uma fé simples de que, dali por diante, eu iria livrar-me dos vomitórios e malva e dos cigarros de folhas de Zabumba (estramonio), que ao raiar da madrugada meu pai ia colher à beira do rego que manava de inverno a verão do quintal de Major Belmiro, até sumir-se no leito do açude velho. Ao cair da tarde íamos apanhar mancheiras de areia da rua Seridó, para tapar os interstícios das portas do estabelecimento comercial, por causa dos busca-pés, que seu Neco Beto vinha jogar nas ruas e praças, suspendendo o tráfego e impossibilitando as famílias e botarem o nariz fora da janela, para ver a rua, que se convertia com fogaréu sob o incessante zigi’zaguear das peças de artifício que ardiam correndo no chão e terminavam com um estouro medonho.

Um ar quente de vento africano soprava lá fora nas ruas. Labaredas subiam para a noite estrelada. E sem descontinuar, bombas estralejavam no céu campinense, literalmente varridos das chamas dos busca-pés, estampido de foguetes e do fumo das rouqueiras, que estoiravam os ouvidos e apagavam os candeeiros da iluminação pública com o deslocamento brusco do ar.

As famílias recolhidas no interior dos velhos lares, rezavam os terços, as meninas do meus tempo tiravam sorte, e a meninada doida por espaço livre acendia estrelinhas e soltavam traques nos lerados, espantando as mucumas e a negralhada da cozinha, que assavam milho verde que gostosamente se comia com o queijo de Santa Rosa. Tudo isso se passou como um sonho. O velho Gunde talvez ande a guiar o seu carro pelas estradas do céu. Os rostos familiares que me era grato vislumbrar, e gozar o São João com eles, dormem hoje no cemitério. Tudo se acabou como a cinza da fogueira que mestre Gunde trazia de Baixa Rica para vender a meu pai um carroção deste tamanho pela ninharia de cinco mil réis.



Foguetão o mais antigo dos fogos com mais de cem anos de existência

IDB - Chegado a época do melhor São João do Brasil, nada melhor do que homenagear o mais velho dos fogueteiros de Campina Grande. Trata-se de José Paulo Barbosa, nascido na cidade de São Mamede, em véspera de festa, do ano de 1909.

RD - Seu José Paulo, como se deu sua vinda para Campina Grande?

JP - Homem passei minha infância no roçado dos meus pais em São Mamede. Depois, a gente se mudou para Lagoa Nova, e posteriormente para Campina Grande. Não pude estudar por ser menino pobre. A enxada sempre foi meu ganha pão. Em Campina Grande, cheguei em 1945, ainda jovem.

RD - Como era Campina Grande na época em que aqui chegou?

JP - Era uma cidade pequena, viu? Não me lembro de muita coisa não. Cheguei aqui com uma riqueza muito grande, porque o finado João Mumbuca, me deu todo o apoio, junto com sua família, me arranjando emprego num roçado e outro. Sabe como é pobre né?

RD - Seu Paulo a nossa conversa hoje vai girar em torno de São João, e como o senhor é o mais antigo dos fogueteiros de Campina Grande, conte pra gente como se iniciou no ramo dos fogos?

JP - Em 1945, quando aqui cheguei, exercia a atividade de agricultor para sobreviver. Precisando de ganhar mais alguns trocados, comecei a aprender a fazer fogos, quer dizer, foguetão. Meu pai e meu tio Chico, faziam fogos, daí eu ter aprendido.

RD - Existem muitas qualidades de “fogos” no nosso mercado, tais como o “mijão”, o “busca- pé”, o “foguetão”, etc., que eram e são fogos bem primitivos. O senhor fabrica esse tipo de fogos ou não?

JP - Bem, como a idade que eu estou hoje, não trabalho mais no ramo de fogos. Mas, conheço bem como se faz fogos, principalmente aqueles que fabriquei por dezenas de anos. O “mijão” e o “busca-pé”, são fogos por demais conhecidos de nossa região.

O “mijão” por exemplo, é feito de salito misturado com carvão de carrapateira e enxofre. Depois, você embora ele bem direitinho, e diz pronto para os barraqueiros vender. O “mijão”, sempre foi um dos fogos preferidos da população campinense em época de São João...

RD - Qual a diferença do “busca-pé” para o “mijão”?

JP - A diferença é a seguinte: o “busca-pé” é feito com lima de aço e pólvora em outro compartimento. Quando você acende, ele fica bem parecido com o “mijão”, que por muitos anos foi um dos fogos preferidos das famílias campinenses. Todo mundo corria, quando se soltava o “mijão” ou o “busca-pé”.

RD - Qual a peça de fogos que dá mais trabalho para seu fabrico?

JP - Homem, eu vou lhe dizer uma coisa, sabe? Todas as peças de fogos, dá trabalho para ser fabricada. Aqui, nós fabricamos apenas esses fogos mais populares, como o “mijão”, “busca-pé”, “peidinho de véia”, etc. Se você chega numa dessas barracas de fogos, você vê logo várias qualidades de fogos, inclusive os que são fabricados no sul do país e nas redondezas como os fogos de Caruaru, Adrianino, entre outros. Vou dar um exemplo de fogos que são fabricados fora de Campina Grande. O “Morteiro”, “vulcão”, “pistola”, “lágrimas”, e uma infinidade de outros tipos de fogos.

RD - Sendo o senhor grande conhecedor de fogos, como se fabricam os chamados

fogos as crianças gostam mais?

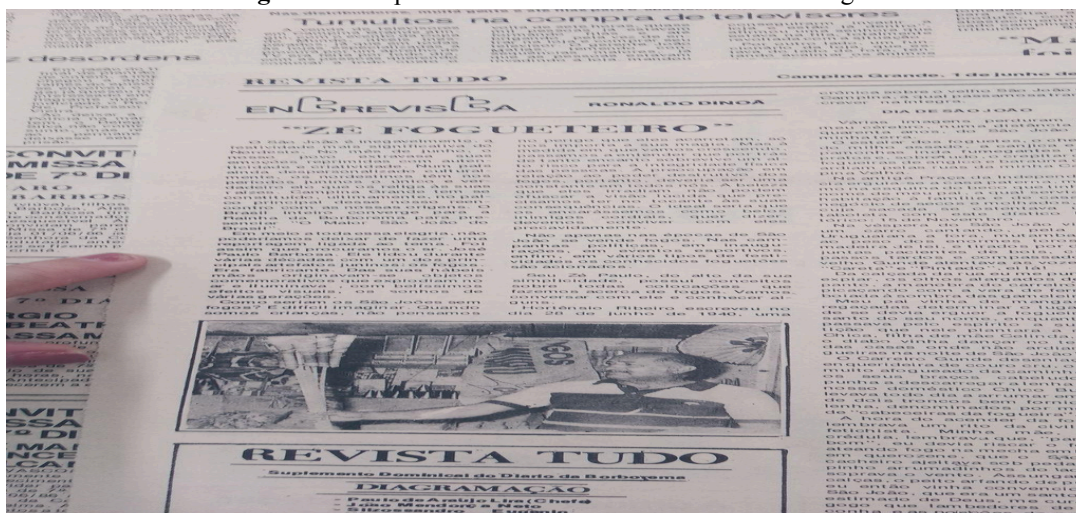
JP - Olha, os fogos que as crianças mais adoram, é o “traque”, “estrelinhas”, etc. O “traque” por exemplo, é feito de terra derretida e água forte. O mais usado pelas crianças, pode oferecer perigo. Existem também as rodinhas, que chamam de “carrapetas”. As crianças adoram soltar essas todas. Temos também as rodas de salas.

RD - Que quer dizer bomba caseira?

JP - Bomba caseira que a gente solta por aí, são bombas que não oferecem perigo. São os “traques” que se soltam em todos os cantos.

Edição (01 de junho de 1986)

Figura 43 - Suplemento dominical Revista Tudo - Zé Fogueteiro



Fonte: Arquivo da BORAA, 2025

Há uma matéria no jornal do dia , que traz várias imagens da época, em que podemos notar como as pessoas festejavam, se vestiam durante o São João de 1986, inclusive o casamento junino. Com a matéria “O Maior São João do Mundo”, o relato da festa de inauguração do Maior São João do Mundo, conforme vemos nas **figuras 44, 45, 46 e 47**.

O maior São João do Mundo

“Campinenses, declaro aberto os festejos juninos do “Maior São João do Mundo”, que fazemos em Campina Grande. Declaro inaugurado o Parque do Povo, obra monumental e multi-funcional, construído com recursos próprios do município”. Com estas palavras, o prefeito Ronaldo Cunha Lima abriu oficialmente, na noite do último sábado, no Largo do Açude Novo, o “Maior São João do Mundo”, promovido pela prefeitura local e que já se tornou um evento conhecido em todo o País, atraindo turistas de todas as partes.

Uma multidão, calculada em mais de 70 mil pessoas compareceu ao Parque do Povo, para a abertura dos festejos juninos campinenses, que a exemplo do ano passado, vai durar um mês, constando de quadrilhas em todos os bairros, shows com cantadores da terra e de outros Estados, comidas e bebidas típicas, além de muita alegria e animação por parte do povo, que é participante ativo dos festejos.

A inauguração do “Forródro””, a maior área livre de diversão do Nordeste, estava marcada para às 20 horas, mas logo a noite já havia gente chegando ao local, tamanha era a expectativa para ver como tudo seria realizado. Em poucos minutos toda a área foi sendo ocupada pelo povo, que vinha de todos os lados e com muita alegria, ia se acomodando junto ao palanque e entre as mesas das 400 barracas instaladas no pátio, além de ocupar também toda a área reservada ao dance, no “Forródro” propriamente dito.



A ANIMAÇÃO

Antes mesmo da chegada do prefeito Ronaldo Cunha Lima ao Parque do Povo, a animação já era total, com muitas pessoas dançando entre os poucos espaços livres que existiam entre as mesas, que estavam sempre toneladas pelos visitantes. A animação promovida pelo som que vinha do “Forródro” e de alguns carros de som que estavam no local, o próprio povo tratava de animar mais o ambiente cantando os tradicionais forrós da região.

Quando tudo parecia pronto para o início da festa e nada mais parecia faltar, a animação da multidão, que já tomava todas as dependências do Parque do Povo, foi dobrada de repente, com a chegada de um enorme trio elétrico, que com um som estéreo e de muitos watts de potência, fez vibrar todo o Parque, levando a música nordestina a todos os recantos, provocando um verdadeiro delírio da multidão.

A CHEGADA DE RONALDO

Por volta das 21:30 horas, e marcado por uma enorme girândola, o prefeito Ronaldo Cunha Lima, chegou ao Parque do Povo acompanhado do senador Humberto Lucena, do deputado estadual José Maranhão e do filho de João Agripino, João Agripino Neto. Com o anúncio da chegada do prefeito, a multidão que já não tinha mais espaço para ocupar, se comprimiu muito mais junto o palanque, para ouvir a palavra de Ronaldo. Sempre rindo e parecendo muito feliz, Ronaldo Cunha Lima pegou o microfone e isso foi o suficiente para a multidão se agitar e começar a gritar seu nome e aclamando com um verdadeiro herói. “Esta obra, disse Ronaldo, representa sonhos e aspirações de um povo. Eu me sinto muito feliz em poder realizar o sonho desse povo tão querido e tão amado por mim”.

“Eu desafio, - continuou o prefeito - quem realizou mais por esta terra do que. Campina pediu para que eu ficasse na Prefeitura e eu atendi ao seu pedido, por ter certeza que seria o melhor para mim e para o meu povo, minha vontade e a vontade do povo: se o povo pede eu faço”, o público bateu palmas em agradecimento ao seu dirigente local, que se empolgava cada vez mais com a reação do povo. Agitando as mãos e falando de improviso, o prefeito campinense tinha a sua voz dita pelo trio elétrico a todo o Parque do Povo a ele estava prestes a inaugurar. Enquanto ao seu discurso, Ronaldo afirmou que em nenhum momento se sentia como um grande pássaro que abriu as asas para um grande voo cada vez mais alto, mas atendendo o pedido do povo, resolveu recolher as asas e ficar no próprio ninho. O povo pedia poesia e Ronaldo atendia ao pedido, disse: “Que este meu gesto marque o nascer de um tempo novo/ O povo pediu o Parque/eu fiz o Parque do Povo”. Isso foi o bastante para

que toda a multidão, completamente tomada pelo delírio, aclamasse o nome de Ronaldo e pedisse que ele fizesse mais poesias. Com um carisma fora do comum e usando de todos os gestos possíveis, Ronaldo disse mais uma vez: “sempre afirma em campanha/e repito nesta noite junina/, que se eleito pelo povo/ eu seria o prefeito mais prefeito de Campina”. O povo batendo palmas e gritando, parecia concordar com ele.

A INAUGURAÇÃO

Depois de tantas outras poesias que Ronaldo fez à multidão, era chegada a hora de descerrar a placa e inaugurar oficialmente o Parque do Povo. A multidão, que viu que Ronaldo a subir ao palanque pelas escadas colocadas na parte de trás do mesmo, não se conformou com isso, pegou o prefeito nos braços, puxando-o por cima do balcão do palanque, pra levar nos ombros até a placa estava coberta por uma bandeira do Brasil. Ronaldo, nos braços do povo e acenando sempre para a multidão, pegou numa das pontas da bandeira e fez o descerramento da placa, recebendo aplausos entusiasmados da multidão. Depois de descerrada a placa do Parque do Povo, Ronaldo foi levado ainda nos braços do povo, para o “Forródro””, onde teve que descerra mais uma placa e depois cair em pleno salão para dançar o primeiro forró dos festejos juninos de Campina Grande. Em poucos minutos todo o salão do “Forródro””, com capacidade para 6 mil pessoas, foi tomado pelo povo que ao som dos Três do Forró, João Gonçalves e os Três do Nordeste, fazia a poeira subir, numa animação que durou a noite toda e foi até as primeiras horas da manhã do domingo. Em todas as barracas era visível a animação, do povo bebendo e comendo de tudo um pouco, comentavam a inauguração da obra e falavam do carisma de Ronaldo, além de observarem os balões, que subiam a cada cinco minutos.

AS PRESENCAS

Além do prefeito Ronaldo Cunha Lima e do vice-prefeito, Antônio de Carvalho, também estavam no palanque oficial o deputado José Luiz Júnior; a secretária do Trabalho e do Bem Estar Social, Maude Brasil; o vereador João Dantas; o ex-secretário de Serviços Urbanos, Mário Araújo; o Presidente da Câmara de Vereadores, Lindacy Medeiros; o secretário da Coordenadoria de Planejamento, Cleryston Lucena; o major Luiz Ferreira, comandante do 2º Batalhão da Polícia Militar de nossa cidade; o presidente da Associação Comercial, Sérgio Catão; o cônsul Noujain Habib; o ex-deputado estadual Agassiz Almeida; o candidato a deputado, Cássio Cunha Lima, entre outras autoridades.

A ORGANIZAÇÃO

A inauguração do Parque do Povo e do “Forródro””, foi marcada por uma organização muito bem elaborada, contando com a presença de quase 300 homens da Polícia Militar, além de policiais civis e até alguns da Polícia Federal, que estavam rodando entre o povo. Nenhum incidente foi registrado durante toda a noite, a que o clima era só alegria e de confraternização, por parte de todos, que estavam pensando única e exclusivamente em se divertir. A estrutura do Parque do Povo, elaborada pelo engenheiro Carlos Alberto, com 27.000 m², já parecia pequena para abrigar toda a multidão que se comprimia entre barracas e mesas, tentando achar lugar para dançar, já que o salão do “Forródro”” não foi suficiente para atender aos forrozeiros. Contando com um posto médico, uma sala de informações e uma de 40 sanitários, o Parque do Povo se transformou numa obra monumental e que com certeza deverá atrair milhares de pessoas, durante todo o mês de junho.

A DIVULGAÇÃO

Patrocinada pelo Banco Itáu, a divulgação do “Maior São João do Mundo”, já atingiu níveis nacionais, e durante todo o mês, pessoas de todos os Estados brasileiros, e até de outros países, vêm para Campina Grande para comprovar a realidade de nossos festejos juninos, transformado pela Prefeitura, no maior e mais evento popular do Nordeste. Cartazes, camisetas, adesivos e muita divulgação na Imprensa, fizeram com que o São João Campinense atingisse níveis nacionais, fazendo com que a rede hoteleira de nossa cidade, com um mês de antecedência, já estivesse com sua capacidade completamente esgotada, o que faz com que particulares alugassem suas próprias, para atender aos turistas.

A REPERCUSSÃO

“O Maior São João do Mundo” já ultrapassou todas as fronteiras do estado a prova disto é que, além da cobertura que é dada pela Imprensa local, que compareceu em massa para divulgar os nossos

festejos juninos, este ano até uma equipe de reportagem da Rede Globo de Televisão veio para Campina Grande, fazer uma matéria, em caráter especial, para aquela emissora de televisão. A divulgação desta matéria da Globo foi feita ontem no jornal Hoje, comprovando, assim, o sucesso do nosso São João e com certeza, fazendo com que os próximos festejos, muito mais turistas venham até nossa cidade.



Edição (7 de junho de 1986)

Figura 44 - Inauguração do Parque do Povo



Fonte: Arquivo da BORAA, 2025

Figura 45 - Ilustra casamento junino



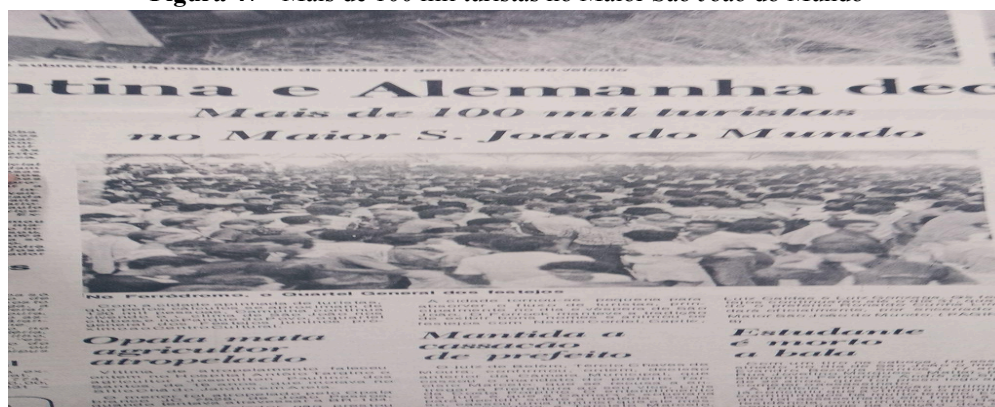
Fonte: Arquivo da BORAA, 2025

Figura 46 - Jornal dia 07/06/1986 - inauguração do Forródroomo



Fonte: Arquivo da BORAA, 2025

Figura 47 - Mais de 100 mil turistas no Maior São João do Mundo



Fonte: Arquivo da BORAA, 2025

Ao revisitar o passado, o texto da edição do jornal que veremos a seguir parece apontar para uma espécie de fratura temporal, ou um possível abandono das tradições? Com a devida cautela, este registro ao ser analisado propõe algumas possibilidades de reflexão sobre essas inquietações, buscando compreender os impactos da modernidade sobre os elementos culturais que nos constituem, como pode ser observado na **figura 48** traz os devidos desdobramentos da matéria inerente a essa descaracterização.

Figura 48- Criatividade descaracterizam a originalidade da quadrilha junina



Fonte: Arquivos do BORAA, 2025

Essa matéria “Criatividades descaracterizam a originalidade da quadrilha junina” nos transporta para a inquietude do escritor que não vê com bons olhos a inovação dos trajes das quadrilhas, para ele a inovação pode descaracterizar a tradição junina, quer dizer, traria consigo a incisão que diluiria o símbolo, o âmago das festas juninas.

Assim sendo, a análise dos achados que se seguem busca compreender, em camadas mais densas, os modos pelos quais os elementos da tradição junina foram preservados, tensionados ou ressignificados ao longo do tempo. As inquietações que emergem diante da possível descaracterização da originalidade das quadrilhas juninas não apenas revelam um conflito entre inovação e permanência, mas também apontam para os riscos de uma desconfiguração cultural que pode se dar de forma sutil, quase imperceptível, sob o manto da modernidade.

Cada fragmento analisado contribui para ampliar o entendimento sobre os mecanismos de mobilização da memória coletiva, evidenciando como ela é constantemente reinterpretada, negociada e, em certos contextos, silenciada. Trata-se de um processo dinâmico, no qual o passado não é apenas evocado, mas também disputado, reconfigurado e, por vezes, diluído. A tradição, nesse cenário, deixa de ser um ponto fixo e passa a ocupar um lugar de travessia, onde o cuidado com a preservação se torna um gesto político e afetivo.

A matéria sobre a descaracterização das quadrilhas juninas revela um conflito entre inovação e permanência, apontando para os riscos de uma desconfiguração cultural sutil, disfarçada pela modernidade. Os fragmentos analisados, sejam textos, imagens ou performances — ampliam a compreensão sobre como a memória coletiva é mobilizada, reinterpretada e, em certos contextos, silenciada.

A tradição, nesse cenário, deixa de ser estática e passa a ocupar um lugar de travessia, onde preservar torna-se um gesto político e afetivo. As imagens e relatos da matéria reforçam a percepção recorrente entre os campinenses: “Já não se vê quadrilhas como antigamente.”

Para muitos, a pureza e a fidelidade às raízes culturais deram lugar a apelações e insinuações que os organizadores chamam de “criatividade”.

Até mesmo os noivados e casamentos matutos perderam a simplicidade que antes expressava a ingenuidade das brejeiras e a bravura dos homens do campo, figuras que sustentavam suas famílias com esforço e dignidade, distantes do ritmo das grandes cidades.



Os trajes típicos deixaram de ser regra nas quadrilhas juninas. Antes, os pares buscavam se vestir como roceiros, com tecidos como a xita, alpercatas de couro e chapéu de palha. Hoje, esses elementos foram substituídos por roupas mais sofisticadas, como seda e rena, além de tênis e chapéus variados. Para dona Maria Clara Lima, moradora de Monte Santo e espectadora da quadrilha “Banho de Cheiro”, o que ainda preserva a autenticidade das festas juninas são as músicas: “Estas sim, o progresso não assassinou a sua autenticidade



Para a assistente social Maria de Lourdes Almeida, uma das coordenadoras do I Festival de Quadrilhas do Centro Social Urbano do bairro do Monte Santo, “enquanto um empreendimento de grande porte como a promoção do “ Maior São João do Mundo”, vem sendo benéfico para a Cidade de Campina Grande em termos econômicos, já que o turismo ganhou um maior impulso nessa época junina, por outro lado, vem dando margens às transformações radicais do estilo de dança, da coreografia e guarda-roupa das nossas tradicionais quadrilhas, onde os quadrilheiros usando de sua criatividade, têm procurado a todo custo, aculturar as nossas tradições regionais, adaptando tanto o vestuário como a coreografia, de acordo com o progresso, com a atualidade. E foi justamente pensando nestes nesses aspectos que realizamos este festival de Quadrilhas, que servirá para se fazer uma análise de como as quadrilhas de hoje vêm se comportando no seu conjunto”.



Esse texto expressa uma crítica contundente à transformação das quadrilhas juninas, especialmente nas apresentações urbanas de bairro em Campina Grande. A percepção dos campinenses, segundo o autor, é de que houve uma perda da autenticidade cultural: o que antes era uma celebração singela das tradições rurais com seus casamentos matutos, personagens ingênuos e valorosos trabalhadores do campo, teria sido substituído por encenações exageradas, com apelos sensuais e humor escrachado, que os organizadores chamam de “criatividade”.



Os trajes típicos, estes deixaram de figurar como elementos básicos nas tradicionais quadrilhas de há poucos anos atrás, onde os pares procuravam se vestir de acordo com o traje das roceiras. A xita desapareceu para ser substituída por tecidos mais sofisticados como a seda, a rena e outros. No lugar das tradicionais alpercatas de couro e chapéu de palha, o tênis e outros tipos de chapéus tomam conta dos salões. Para dona Maria Clara Lima, residente em Monte Santo e que assistia a apresentação da quadrilha “Banho de Cheiro”, a uma coisa que continua traduzindo a fidelidade de nossas tradições juninas, são as nossas músicas: “estas sim, o progresso não assassinou a sua autenticidade”.

Para a assistente social Maria de Lourdes Almeida, uma das coordenadoras do I Festival de Quadrilhas do Centro Social Urbano do bairro do Monte Santo, “enquanto um empreendimento de grande porte como a promoção do “ Maior São João do Mundo”, vem sendo benéfico para a Cidade de Campina Grande em termos econômicos, já que o turismo ganhou um maior impulso nessa época junina, por outro lado, vem dando margens às transformações radicais do estilo de dança, da coreografia e guarda-roupa das nossas tradicionais quadrilhas, onde os quadrilheiros usando de sua criatividade, têm procurado a todo custo, aculturar as nossas tradições regionais, adaptando tanto o vestuário como a coreografia, de acordo com o progresso, com a atualidade. E foi justamente pensando nestes aspectos que realizamos este festival de Quadrilhas, que servirá para se fazer uma análise de como as quadrilhas de hoje vêm se comportando no seu conjunto”.

No espaço das laudas do JDBO, as quadrilhas juninas de rua eram noticiadas com seus nomes bem peculiares, não era apenas a sua anúncio, mas também em que rua, bairro e lugar estariam realizando suas apresentações, locais onde a dança elevava-se como a exibição de um espetáculo popular, constatamos com a **figura 49**. Assim sendo, a cidade sofria a metamorfose e se transfigurava em palco, ruas que seguiam iluminadas pelo clarão das fogueiras, sem esquecer do compasso da sanfona, um torrão aldeado de celebração coletiva.

A tradição das quadrilhas juninas parece continuar até o ano de 1986 em Campina, apesar dos anos e da mudança da cultura dos povos. A fim de entendermos melhor o conceito de tradição na perspectiva de Candau (2016, p. 121), “O que define principalmente a tradição, acrescenta a autora, “é que ela confere ao passado uma autoridade transcendente”.

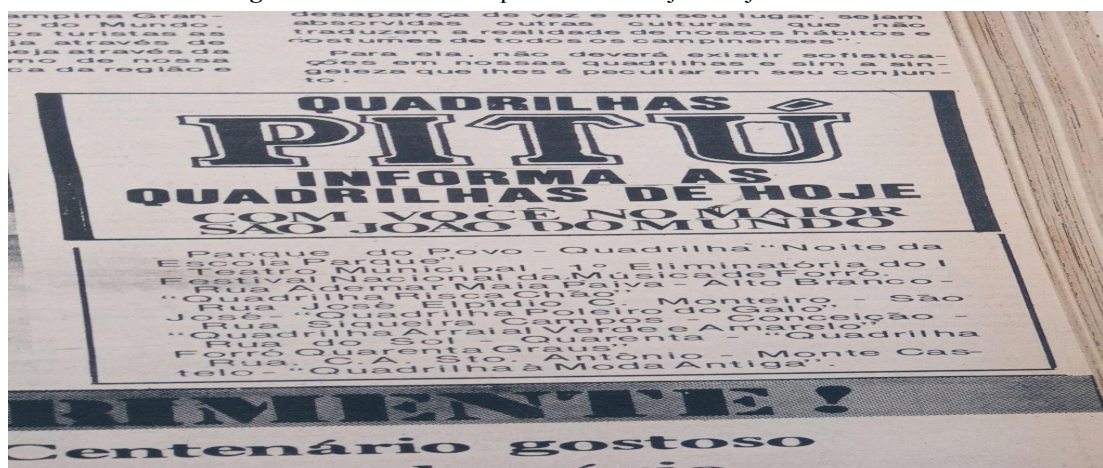
QUADRILHAS
PITÚ: INFORMA AS QUADRILHAS DE HOJE

COM VOCÊ NO MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO

Parque do Povo - Quadrilha “Noite da Escola Parque”
Teatro Municipal - 1º Eliminatória do I Festival Nacional da Música de Forró.
Rua Ademar Maia Paiva - Alto Branco - “Quadrilha Risca Chão”
Rua José Elpidio C. Monteiro.- São José - “Quadrilha Poleiro do Galo”
Rua Siqueira Campos - Conceição - “Quadrilha Arraial Verde e Amarelo”
Rua do Sol - Quarenta - “Quadrilha Forró Quarenta Graus”
Rua C. A. Sto. Antônio - Monte Castelo - “Quadrilha à Moda Antiga”.

Edição (7 de junho de 1986)

Figura 49 - Informe das quadrilhas de hoje 7 de junho de 1986



Fonte: Arquivo da BORAA, 2025

Sem esquecer de outros espaços da cidade, a confraternização junina se expandia para além das ruas e do Parque do Povo. O Forró recebeu a presença marcante no dia 24 de junho de 1986 de Luiz Gonzaga, da qual voz e sanfona incomparável ressoavam como emblemas da cultura do Nordeste, de acordo com a **figura 50**. O Clube Campestre, continuando o espírito festivo de celebração junina, teve presença do público de forma

vibrante e animada, que se entregou à celebração coletiva. Não obstante, verificamos cenários da festa e vários locais de Campina, multiplicando a festa que reafirma sua identidade através da música da dança e da memória junina partilhada.

Figura 50- Show de Luiz Gonzaga no Forrock - shows de Forró no Clube Campestre



Fonte: Arquivo da BORAA, 2025

A cidade guardava uma tradição chamada Corrida da Fogueira, uma prática que trazia a conexão do esporte e o fervor do período junino. Trouxemos a **figura 51**, da edição de 1986, que testemunha essa época, fazendo jus ao movimento do corpo e da vitalidade coletiva, ao lembrar da simbologia da celebração do momento, onde o calor da chama não apenas é uma figura de ornamento, mas o calor do espírito esportivo convidava o povo para dialogar e dar o melhor de si.

Figura 51 - Largada da Corrida da Fogueira



Fonte: Arquivo da BORAA, 2025

Entre muitas matérias que investigamos, destacamos mais uma singular ou melhor inusitado momento da história trazida pelo JDBO, a matéria critica a abertura do comércio no dia 24 de junho, dia consagrado ao Santo padroeiro - São João, que pode ser visualizada na **figura 52**. Utilizamos a palavra inusitada pois tal registro contrasta com o nosso tempo (presente), contudo tem sua lógica do consumo, onde o comércio não realiza tal distinção religiosa e as compras do momento festivo. O jornal ao criticar, não apenas revela a defesa que faz a tradição, mas o tensionamento entre o sagrado e o profano, entre a devoção coletiva e as engrenagens da modernidade.

Lojas desrespeitaram a tradição do São João e abriram na terça-feira

Desrespeitando as tradições juninas de Campina Grande e objetivando apenas explorar os seus empregados, os supermercados Boa esperança, Serve Bem, Lojas Brasileiras e principalmente o Hiper Bompreço abriram as suas portas terça-feira, sob o protesto do Sindicato dos Empregados do Comércio local, com o apoio de outras entidades sindicais, Câmara dos Vereadores e o povo campinense que se prostraram em frente o Hiper Bompreço, onde denunciaram as arbitrariedades daquela empresa contra os seus empregados e a economia popular. Ao falar sobre as Lojas Brasileiras e os supermercados que abriram suas portas no dia de São João, o presidente do Sindicato dos Comerciantes Campinenses, Ivan Freire, disse que tão logo recebera denúncias de que aqueles estabelecimentos comerciais estavam abertos, procurou manter contatos telefônicos com as direções dos mesmos, solicitando a liberação de seus funcionários, sendo atendido de imediato pelas mesmas, com exceção do Hiper Bompreço, que não atendeu a Diretoria do Sindicato dos Empregados do Comércio, alegando que estes entendimentos seriam mantidos através do seu advogado que não aceitando diálogo com os comerciantes, os atendeu de maneiras grosseiras, alegando que aquele supermercado, iria manter as suas portas abertas normalmente.

Segundo Ivan Freire, “para nós foi uma surpresa o comportamento autoritário do representante da rede Bompreço, já que o nosso objetivo era conversar com a direção da empresa da melhor forma possível, para que ficasse mantida a tradição do nosso São João. Por ser aquela a única empresa que não estava permitindo o direito dos seus empregados a ficarem com os seus familiares comemorando as festividades juninas.

A nossa posição não poderia ter sido diferente. Instalamos um serviço de som em frente ao Hiper Bompreço, protestando aquele ato vergonhoso para Campina Grande, demonstrando aquela empresa de que na realidade é um exploradora dos trabalhadores, já que ela também é conhecida como exploradora da comunidade campinense, quando teve as suas portas fechadas por estar roubando o consumidor,, vendendo os seus produtos acima dos preços da tabela. Acrescentou Ivan Freire, que a rede de Supermercados Bompreço, sempre procurou extrapolar a jornada de trabalho.

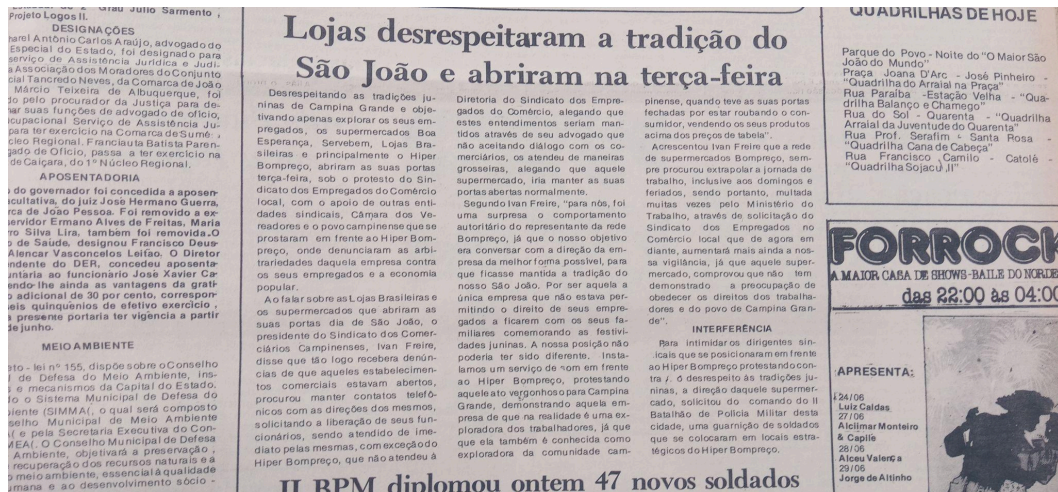
Inclusive aos domingos e feriados, sendo portanto, multada muitas vezes pelo Ministério do Trabalho, , através de solicitação do Sindicato do Empregados no Comércio local que de agora em diante, aumentará mais ainda a nossa vigilância , já que aquele supermercado comprovou que não tem demonstrado a preocupação de obedecer os direitos dos trabalhadores e do povo de Campina Grande.

INTERFERÊNCIA

Para intimidar os dirigentes sindicais que se posicionaram em frente ao Hiper Bompreço protestando contra o desrespeito às tradições juninas, a direção daquele supermercado, solicitou do comando do II Batalhão de Polícia Militar desta cidade, uma guarnição de soldados que se colocarem em locais estratégico do Hiper Bompreço.

Edição (junho de 1986)

Figura 52 - Lojas respeitaram a tradição do São João e abriram na terça-feira



Fonte: Arquivo da BORAA, 2025

A edição do jornal no mês de junho, demonstrada pela **figura 53**, rende um tributo ao grupo Marinês e Sua Gente, devido às comemorações dos 45 anos de carreira da Rainha do Xaxado. Um registro de valor inestimado, que a matéria traz, destacando a curiosidade de que Marinês foi a primeira mulher no Brasil a gravar em estúdio multi canal, privilégio esse que apenas o rei Roberto Carlos era merecedor.

Figura 53 - 45 anos da carreira de Marinês e Sua Gente



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2025

O ano era 1997...

*Ai que saudades que eu sinto
Das noites de São João
Das noites tão brasileiras nas
fogueiras
Sob o luar do sertão
Das noites tão brasileiras nas
fogueiras
Sob o luar do sertão
Meninos brincando de roda*

*Velhos soltando balão
Moços em volta à fogueira
Brincando com o coração
Eita, São João dos meus sonhos
Eita, saudoso sertão, ai, ai
(Zé Dantas / Luiz Gonzaga, 1954)*

O clima da cidade já se desenha diferentes no ano de 1997, de acordo com a **figura 54**, mencionada na matéria a seguir, que descreve como diversas entidades privadas e instituições de caridade imergem no clima do São João.

O texto menciona a decoração nesses espaços com enfeites de bandeirolas, palhas de coqueiro e balões, uma aparência que reforça a atmosfera coletiva que faz parte da festa. Destaca-se entre os registros a antiga e extinta Telpa, que na época decorou os orelhões com motivos juninos, revestindo-os com chapéus de couro e balões. Apesar de ser um gesto singular e representativo, esses simbolismos traduzem a presença do São João. Assim como em cada detalhe urbano na cidade, registrando uma transmissão cultural em elementos, objetos e lugares do cotidiano da população.

Como cultura tem haver com o que cultivamos seja por valores, práticas, símbolos e memórias, percebemos ao ler a matéria, que há uma modificação na cultura da cidade, um movimento de transformação cultural nasce com a preocupação que instituições de caridade demonstram a realizar festejos juninos com seus abrigados.

O Sesc também ganha destaque no texto, ao realizar sua festa de São João com a quadrilha do grupo da 3ª idade. Esse gesto do Sesc confirma a festa como espaço de compartilhamento geracional, de espaço de inclusão e de conservação da herança cultural em novas configurações.

Clima junino já toma conta do município

Enquanto o parque do povo “incendeia” na fogueira do forró, o restante da cidade, aos poucos começa a se integrar ao clima de festa que durante 30 dias transforma a cidade na capital do forró. O Maior São João do Mundo, que já contagiou o comércio e a rede hoteleira, agora também conta dos bancos, associações recreativas e instituições de caridade.

Desde a semana passada, a Associação Atlética Banco do Brasil, está devidamente enfeitada com bandeirolas, palhas de coqueiro e balões e é nesse clima que vai receber seus associados nos próximos dias de junho. em algumas agências bancárias as decorações juninas já podem ser observadas, assim como na Telecomunicações da Paraíba - Telpa.

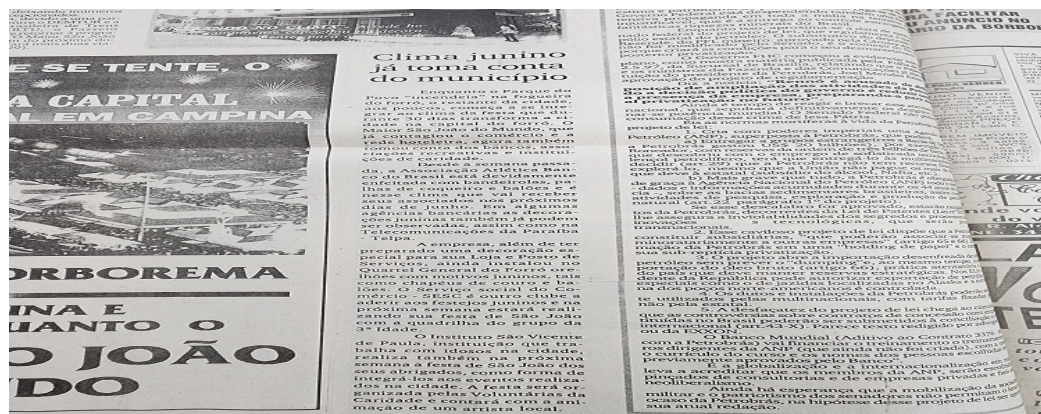
A empresa, além de ter preparado uma decoração para a sua Loja e Posto de Serviços, ainda instalou no Quartel General do Forró orelhões com motivos juninos, tais como chapéus de couro e balões. O Serviço social do Comércio - SESC é outro clube a aderir aos festejos juninos e na próxima semana estará realizando sua festa de São João com a quadrilha do grupo da 3ª idade.

O Instituto São Vicente de Paula, instituição que trabalha com idosos na cidade, realiza também na próxima semana a festa de São João dos seus abrigados, como forma de integrá-los aos eventos

realizados na cidade. A festa será organizada pelas Voluntárias da Caridade e contará com a animação de um artista local.

Edição (11 de junho de 1987)

Figura 54 - Clima junino já toma conta do município



Fonte: Arquivo da BORAA, 2025

No dia 11 de junho o jornal anuncia que terá a maior quadrilha do mundo, o projeto conta com a tentativa entusiasta de reunir 3 mil dançarinos. O lançamento de ousada realização, demonstra o caráter grandioso da festa naquele ano. Inscrever o Maior São João do Mundo no imaginário nacional e internacional era a meta. O palco do Forródroomo com as danças das tradições juninas, um espetáculo da identidade do povo nordestino e demonstração do pertencimento de suas raízes, relata na **figura 55**.

São João de Campina Grande terá maior quadrilha do mundo

No dia 22, a Prefeitura de Campina Grande pretende reunir cerca de 3 mil dançarinos em uma quadrilha de rua. As inscrições são gratuitas e feitas à tarde com Lenira, no Departamento de Cultura. Não será exigido traje padronizado — basta vestir roupas típicas.

O evento será gravado ao vivo para o quadro Alô Faustão, do programa Domingão do Faustão, com apresentação do humorista Castrinho e equipe da Rede Globo. Edição (11 de junho de 1997)

Figura 55 - São João de Campina Grande terá maior quadrilha do mundo



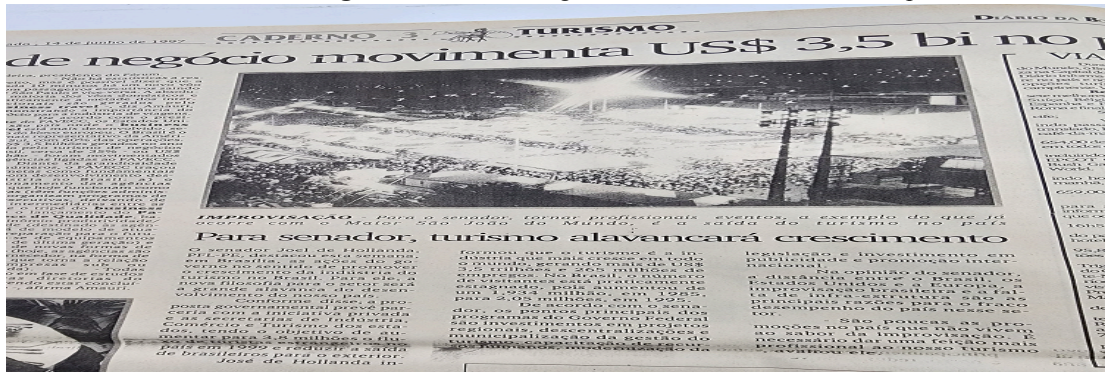
Fonte: Arquivo da BORAA, 2025

Em 14 de junho de 1997, a edição deixa claro que o São João já se metamorfoseia. A forma do São João guardada no coração comunitário, passa a contar com um investimento muito maior, querendo dar uma feição mais profissional ao turismo. Uma vez que os números mostravam uma estagnação no quantitativo de visitantes de 1,934 milhão em 1985, para 2,05 milhão em 1995, quando se refere ao Brasil, de acordo com as palavras do Senador Joell de Holanda que vê no turismo a indústria que mais cresce em todo o mundo, conforme relatou o texto da matéria.

Podemos observar de acordo com a figura 56, que o brilho cresce, os investimentos se multiplicam, os palcos se ampliam. A celebração junina passa então a mover engrenagens que ultrapassam a tradição interiorana e regional. O que antes era apenas chama particular, uma fogueira de quintal, amplia-se grandiosamente, em um negócio pujante, delineado com proporções jamais sonhadas nos seus primórdios.

É nesse movimento diante de tal mobilidade, que a cidade de Campina, aprende a conviver com um dualismo: a memória ancestral que precisa fazer resistir sua identidade e o porvir que se impõe, se ergue feito balão colorido de São João que visa ganhar os céus, porém vai deixando de ter controle sobre si mesmo, feito uma espiral de mutabilidade.

Figura 56 - Grande negócio movimentou US\$ 3,5 bi no país



Fonte: Arquivo da BORAA, 2025

No dia 17 de junho de 1997, a alegria espalhou-se em todos os bairros de Campina por meio das quadrilhas juninas, responsáveis pelo protagonismo do festejo. Por onde passavam transformaram cada rua em um palco passageiro, com o compasso dos sanfoneiros, os dançarinos com seus trajes típicos, saias espalhadas a rodopiar e o ritmo dos passos coletivos, que a cada ano fazem pulsar a tradição do São João no coração de cada bairro da cidade. Nos demonstra a **figura 57**.

Quadrilhas fazem a festa nos bairros campinenses Turistas estão sendo recepcionados pelos grupos com muita animação

O São João de Campina Grande caminha para seus dias de maior pique e por isso, quem chega à cidade não pode deixar de ser contaminado pelo clima de alegria que já contagiou os campinenses. Seja no Aeroporto João Suassuna ou no Terminal Rodoviário Argemiro de Figueiredo, as quadrilhas, peça fundamental na programação junina, estão recepcionando os visitantes com muita beleza e animação. Diariamente são realizadas apresentações de quadrilhas no Terminal Rodoviário, às 15h e no Campina Grande respira São João desde o aeroporto, às 16h, quando o som da sanfona, triângulo e zabumba já embala quem chega. Na Praça da Bandeira, quadrilhas se apresentam diariamente a partir desse horário, animando o comércio local.

À noite, ruas de diversos bairros viram arraiais com palhas, bandeirolas, balões e moradores enfeitados, dançando ou assistindo às apresentações. Durante os 30 dias d'O Maior São João do Mundo, cerca de 500 quadrilhas estão inscritas, com média de sete apresentações por noite, além das que ocorrem nas escolas infantis.

🎉 Neste ano, a cidade prepara a maior quadrilha junina do mundo, com 3 mil dançarinos na Avenida Floriano Peixoto, entre a Catedral e o Parque do Açude Novo, no domingo, dia 22, às 17h. A marcação será feita com 14 carros de som e o evento será transmitido ao vivo no quadro Alô Faustão, do programa Domingão do Faustão.

Edição (17 de junho de 1997)

Figura 57 - Quadrilhas fazem a festa nos bairros campinenses



Fonte: Arquivo da BORAA, 2025

Um dos dispositivos infomemoriais de Campina Grande, que guarda e preserva parte da história da Rainha da Borborema, é o Museu Histórico de Campina Grande (MHCG). Fundado em 1983 por William Ramos Tejo, o museu atravessa sua existência há mais de quatro décadas. Mesmo que agora o Museu habite um edifício de 200 anos, localizado em meio a um espaço urbano, torna-se um lugar de preservação e de permanência.

Na edição de 24 de junho de 1997, o JDBO registrou uma iniciativa do Museu, que promoveu em suas dependências uma amostra composta de quadros pintados em óleo sobre tela, a exposição se chamava “Cenas de Uma Cidade”, conforme o relato na **figura 58**. Uma narrativa visual, projetando cores, onde cada traço e cada cor libera fragmentos da vida urbana campinense

Museu mostra as “Cenas de Uma Cidade”

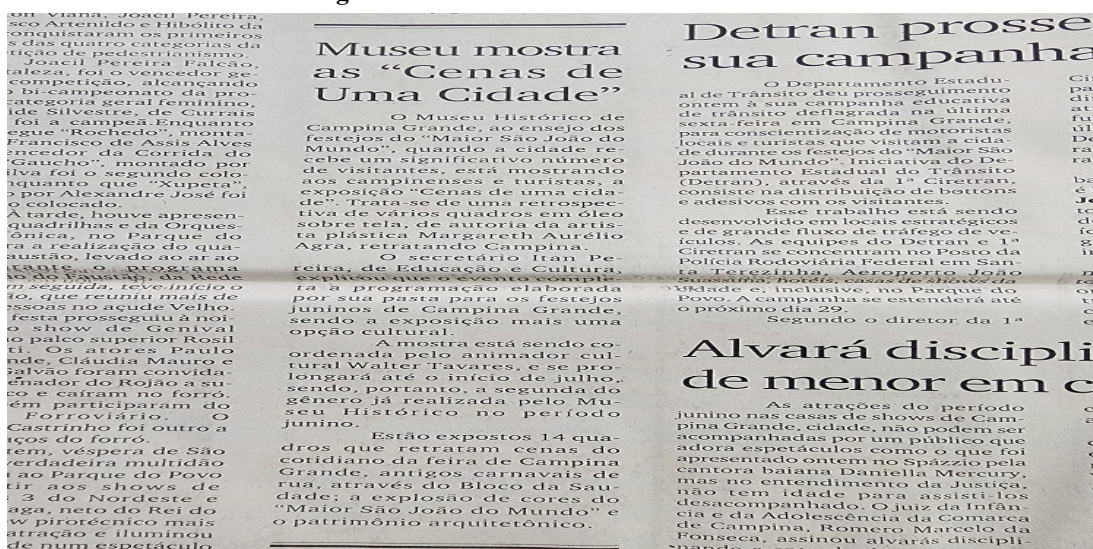
O Museu Histórico de Campina Grande, ao ensejo dos festejos do “Maior São João do Mundo”, quando a cidade recebe um significativo número de visitantes, está mostrando aos campinenses e turistas, a exposição “Cenas de uma cidade”. Trata-se de um retrospectiva de vários quadros em óleo sobre tela, de autoria da artista plástica Margareth Aurélio Agra, retratando Campina.

O secretário Itan Pereira, de Educação e Cultura, explicou que o evento completa a programação elaborada por sua pasta para os festejos juninos de Campina Grande, sendo a exposição mais uma opção cultural.

A amostra está sendo coordenada pelo animador cultural Walter Tavares, e se prolongará até início de julho, sendo, portanto, a segunda do gênero já realizada pelo Museu Histórico no período junino. Estão expostos 14 quadros que retratam cenas do cotidiano da feira de Campina Grande, antigos carnavais de rua, através do Bloco da Saudade; a explosão de cores do “Maior São João do Mundo” e o patrimônio arquitetônico.

Edição (de junho de 1997)

Figura 58 - Museu mostra as “Cenas de Uma Cidade”



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2025

O ano era 2007...

Alô Alô minha Campina Grande. Quem te viu e quem te vê não te conhece mais. Campina grande ta bonita, ta mudada muito bem organizada, cheia de cartaz. Recebe turista o ano inteirinho. Ao seu visitante trata com carinho. Quem vai a Campina, pede pra ficar. Tem muita menina pra se namorar. E se amarra nas garota, não sai mais de lá. Ô não sai mais de lá, Ô não sai mais de lá. E se visita Zé Pinheiro não sai mais de lá. Ô não sai mais de lá, Ô não sai mais de lá. E se tomar cana da boa não sai mais de lá.

(Severino Ramos/Jackson do Pandeiro, 1977)

A música “Alô Campina Grande”, imortalizada por Jackson do Pandeiro, anuncia as transformações vividas pela cidade. O Jornal Diário da Borborema (JDBO), especialmente nas edições de junho de 2007, torna-se testemunha dessas mudanças nos festejos juninos, como mostra a **figura 59**, destacando também o impacto econômico da celebração.

Nas edições de 23 de junho (**figura 60**), o jornal registra a expectativa de receber cerca de 300 mil visitantes e apresenta o São João como um destino cultural em expansão, com espetáculos cada vez mais grandiosos.

No decorrer de todas as mutações da cidade de Campina Grande, a estética do JDBO teve que mudar para acompanhar a evolução da cidade campinense: suas páginas ganham cores e nova tipografia, como evidencia a **figura 61**. O jornal, antes em preto e branco, se deixa contagiar pelo brilho da festa, refletindo nas suas formas a transformação da cidade.

Figura 59 - Várias imagens do São João de Campina Grande junho de 2007



Fonte: Arquivo da BORAA, 2025

Figura 60 - Mais de 300 mil devem passar por CG



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2025

Figura 61 - Mudanças na tipografia do jornal, páginas coloridas



Fonte: Arquivo da BORAA, 2025

O *Diário Junino* foi um suplemento informativo criado para circular durante o período d'O Maior São João do Mundo, registrando os festejos e o vínculo entre mídia e memória. Seu lançamento ocorreu dia **16 de junho de 2007 (sábado)**, durante a gravação do

quadro *Alô Faustão*, do programa *Domingão do Faustão*, que seria exibido ao vivo no dia 22 (domingo). A iniciativa reforçou o papel do jornal como testemunha dos instantes efêmeros da festa, eternizando em papel os traços culturais e visuais do São João de Campina Grande, como pode ser observado nas figuras 62 e 63.

Figura 62 - Lançamento do diário junino do Diário da Borborema



Fonte: Arquivo da BORAA, 2025

Figura 63 - Muita festa e alegria durante o lançamento do Diário Junino



Fonte: Arquivo da BORAA, 2025

Após a projeção nacional com o quadro *Alô Faustão*, exibido em 22 de junho de 2007, o São João de Campina Grande revela sua força não apenas nos grandes palcos, mas também na vivência cotidiana dos bairros. A festa se descentraliza, espalhando-se por ruas, praças, escolas e comunidades, onde o protagonismo é popular e comunitário.

A descentralização dos festejos juninos foi uma iniciativa do prefeito de CG, Veneziano que teve o intuito de espalhar a festa junina em vários pontos da cidade, um resgate da tradição do São João nas ruas de Campina. Essa tentativa de reacender o São João nas comunidades, devolveu à festa o seu caráter popular e compartilhado. A cidade passou a ver as ruas com palcos, música e celebração, para além do Parque do Povo.

Assim, CG se transformou em um mosaico de arraiais. Cada bairro monta sua própria estrutura, com quadrilhas locais, comidas típicas, decoração com bandeirolas e palhas

de coqueiro, criando espaços de celebração que mantêm viva a tradição e fortalecem os laços sociais. O Jornal Diário da Borborema registra essa dinâmica em suas edições, destacando que cerca de 500 quadrilhas inscritas no Departamento de Cultura em 2007. A média era de sete apresentações por noite, além das realizadas durante o dia em escolas infantis, evidenciando o envolvimento de todas as faixas etárias. Depoimentos de moradores e organizadores reforçam que essa estrutura descentralizada permite que o São João seja vivido intensamente por toda a cidade, democratizando o acesso à festa e preservando a memória cultural de Campina Grande, como pode ser visto na **figura 64**.

Figura 64 – O surgir da Festa Junina Descentralizada de CG



Fonte: Arquivo da BORAA, 2025

Festa descentralizada é iniciada

Hoje, o forró deve acontecer no Monte Castelo, depois da primeira noite na Vila Sandra Cavalcante

A programação descentralizada d'O Maior São João do Mundo 2007 foi iniciada ontem, em Campina Grande, com o forró na Rua Luiz Sodré Filho, na Vila Sandra Cavalcante, com as bandas Forró Penerado e Trio Força Livre. Hoje, a programação prossegue na Rua Mamede Moisés Raia, no Monte Castelo, com Amados do Forró e Banda Magnus. O prefeito Veneziano Vital do Rêgo esteve presente na abertura do São João nos Bairros, ontem à noite. Na visão do coordenador do Turismo do município, Gilson Lira, as festividades juninas em Campina Grande crescem e se diversificam, o que contribui para o incremento do movimento turístico no município. “Este processo de descentralização da festa começou por determinação do prefeito Veneziano Vital, cujo governo voltasse para a valorização da cultura popular” destacou. O São João nos Bairros é uma iniciativa do governo Veneziano Vital, que pelo segundo ano consecutivo, visa descentralizar a maior festa popular do país, proporcionando às comunidades uma maior aproximação da festa.

Centro de Arte - Inaugurado pelo prefeito Veneziano Vital do Rêgo, na tarde do último domingo, o Centro de Arte e Cultura Marinês, no Parque do Açude Novo já representa um maiores espaços de valorização da cultura popular e regional em Campina Grande. O novo espaço, que atrai a atenção de quem participa do Maior São João do Mundo, está localizado em uma área de 40 mil metros quadrados, quase a mesma área do Parque do Povo, que tem 42 mil metros. no Parque Evaldo Cruz, no Açude Novo. A estrutura, bastante original rica em detalhes regionais, abrigará um espaço onde será realizada uma exposição permanente durante os 31 dias da festa, com todos os objetos, roupas, chapéus e as obras da cantora Marinês, a famosa “A Rainha do Forró”. O Memorial Marinês será inaugurado amanhã, às 10h.

Edição (5 de junho de 2007)

Um evento bem simbólico em relação ao São João que aconteceu nessa época, registrado pelo JDBO no dia 10 de junho de 2007, foi o Festival da Sanfona, um evento que além de ter o propósito de homenagear o sanfoneiro Sivuca, mestre sanfoneiro que teve sua arte na carreira musical, fazendo a devida ponte entre o erudito e o popular, agora é homenageado. Conseguimos observar na **figura 65**.

A Sanfona, um instrumento-emblema do nordestino, ressoava nesse festival como melodia, mas para, além disso, é a memória que reafirma sua direção no centro do imaginário do São João de Campina Grande.

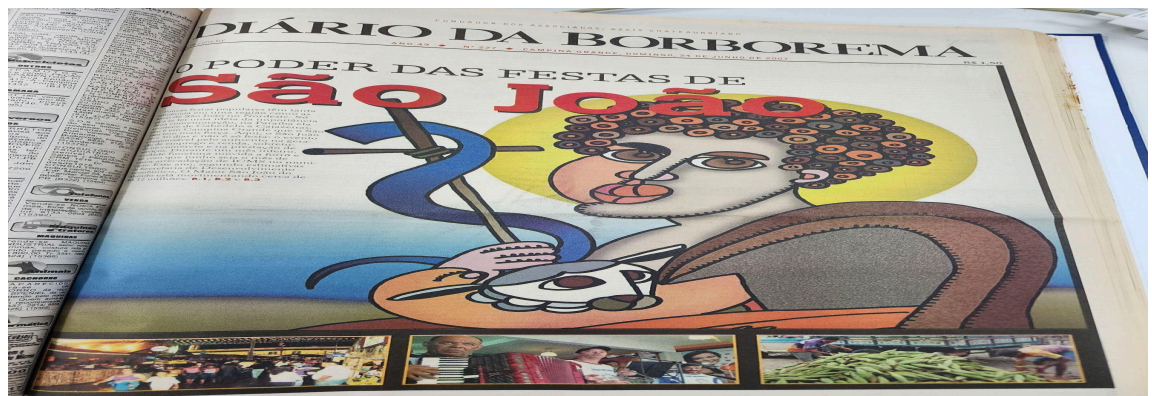
Figura 65 - Festival de Sanfona



Fonte: Arquivo da BORAA, 2025

Outra singularidade do mês de junho foram as matérias que evidenciam o cunho religioso da festa de São João, observada na **figura 66**. Verificamos que as edições trazem referências às rezas, novenas e procissões. O Jornal, preservando nas palavras a devoção à essência da primeira celebração, revela para além da música e da dança, os ritos de fé a São João e Santo Antônio, a festa que une sagrado e popular. Esses registros revelam que, mesmo diante da crescente espetacularização da festa, a devoção popular permanece viva, enraizada nas práticas cotidianas da comunidade, agrado ao popular.

Figura 66 – O poder da festa de São João, edição 24 de junho de 2007



Fonte: Arquivo da BORAA, 2025

Essa união entre fé e festa reforça o caráter híbrido do São João, onde o profano e o religioso coexistem em harmonia. A presença das manifestações religiosas nas páginas do JDBO contribui para uma compreensão mais ampla da celebração, revelando que o São João é, acima de tudo, uma expressão profunda da identidade cultural e espiritual do povo campinense.

A próxima matéria especial a ser enfatizada é a transcrição da matéria de 12 de junho de 2007, dia de Santo Antônio, que reflete a devoção por parte da população ao santo casamenteiro. O texto é relevante, pois envolve parte da população que é devota do santo, recorda aspectos da vida do santo. Outrossim, confirma crenças, ritos e esperanças coletivas na figura do santo. Como também um breve histórico da vida do santo casamenteiro. Descrito na **figura 67**.

Figura 67 - Valei-me meu santim!!! - edição de 12 de junho de 2007



Fonte: Arquivo da BORAA, 2025

O mês de junho reacende, ano após ano, a tradição popular ligada ao santo casamenteiro, especialmente no dia dedicado a Santo Antônio. É um momento em que o imaginário coletivo se mobiliza em torno das simpatias para o casamento, práticas que atravessam gerações e mantêm viva a fé no poder do santo. O texto revela como essa devoção entrelaça o sagrado às memórias afetivas, criando rituais que vão além da religiosidade formal. São gestos simples, carregados de significado, que reafirmam a dimensão espiritual da festa junina e seu papel como espaço de permanência cultural.

Valei-me, meu santim!!!

Em muitos bairros de Campina Grande, os devotos do santo casamenteiro prometem acender fogueiras em sua homenagem hoje à noite.

No Dia dos Namorados, véspera do Dia de Santo Antônio, comemorado hoje em todo o país, os devotos do santo que ganhou fama na América Latina por ser tornar o protetor do amor e do casamento, o homenagearam com orações, fogueiras e simpatias. Em Campina Grande, as comemorações

religiosas a um dos santos de maior devoção popular no Brasil, principalmente no Nordeste, acontecerão de forma especial, na Paróquia de Santo Antônio, no bairro de mesmo nome.

Além disso, em muitos bairros da cidade, os devotos do santo prometem ascender fogueiras como forma de manter uma tradição que atravessa séculos e homenageá-lo mais um ano. “Todos os anos, eu acendo fogueira na véspera de Santo Antônio”, contou a aposentada Josefa Eufrasina, que mora na vila Cabral de Santa Terezinha e que é devota do santo casamenteiro.

Uma extensa programação foi elaborada pela Paróquia de Santo Antônio, criada em 21 de dezembro de 1961, para comemorar a data. Hoje, véspera do dia do santo, acontecerá o ofício divino, rezado ao meio-dia, e celebração eucarística às 19h30.

A festa religiosa da Paróquia de Santo Antônio chegará ao seu cume amanhã, Dia de Santo Antônio, quando acontecerá a solene celebração eucarística presidida pelo padre José Hermes Fernandes de Macedo. A missa será celebrada às 19h30, na igreja matriz. Às 21h, acontecerá a procissão, que sairá da igreja, percorrerá várias ruas do bairro, e retornará para o local de origem, onde acontecerá a benção e distribuição dos pães de Santo Antônio.

De acordo com Amauri Ferreira Barros, um dos organizadores da festa, este ano, mais de 2.500 pães serão distribuídos com a comunidade após a procissão. Além disso, uma equipe ficará responsável para entregar pães abençoados às famílias carentes do bairro. “Será o gesto concreto da festa”, disse.

Preces - Devota de Santo Antônio desde 1957, a dona-de-casa Maria Félix, 60 anos, disse ontem que sempre recorre ao santo e já alcançou inúmeras graças. Ajoelhada aos pés do santo, e com livro de oração nas mãos, ela fez um novo pedido ao santo ontem, confiante de que seria atendida. “Santo Antônio sempre atendeu as minhas preces”, garantiu sem revelar o pedido.

A dona-de-casa disse que se tornou devota por Santo Antônio no dia em que fez a sua primeira comunhão, em 27 de outubro de 1957. Embora tenha ficado conhecido na América Latina por dá uma “mãozinha” nas moças que procuram por casamento, Santo Antônio, conforme lembrou Maria Félix, era um apaixonado pela Palavra de Deus e devoto fervoroso da eucaristia. Por isso, em sua festa são distribuídos pães com os fiéis. “Santo Antônio era apaixonado pela hóstia consagrada”, revelou.

História - Para o Padre José Acirio, a devoção à Santo Antônio ainda é muito forte no Nordeste. Ele lembrou que a tradição de santo casamenteiro surgiu quando uma jovem muito pobre tentava convencer a sua família, a permitir que ela concretizasse o sonho do casamento. Para chegar ao altar, a moça recorreu a Santo Antônio e terminou arrumando o dinheiro e o apoio da família para concretizar o sonho de realizar um casamento feliz.

Logo após alcançar a graça, a jovem começou a divulgar o resultado, contribuindo para efetivar a imagem do santo como o “protetor dos casamentos”. Eu sempre fui devota de Santo Antônio e vi muitas moças fazerem promessas a ele para se casar”, revelou a aposentada Maria Dolores, que mora na Paróquia de Santo Antônio e está ativamente participando de todas as atividades alusivas a festa do santo.

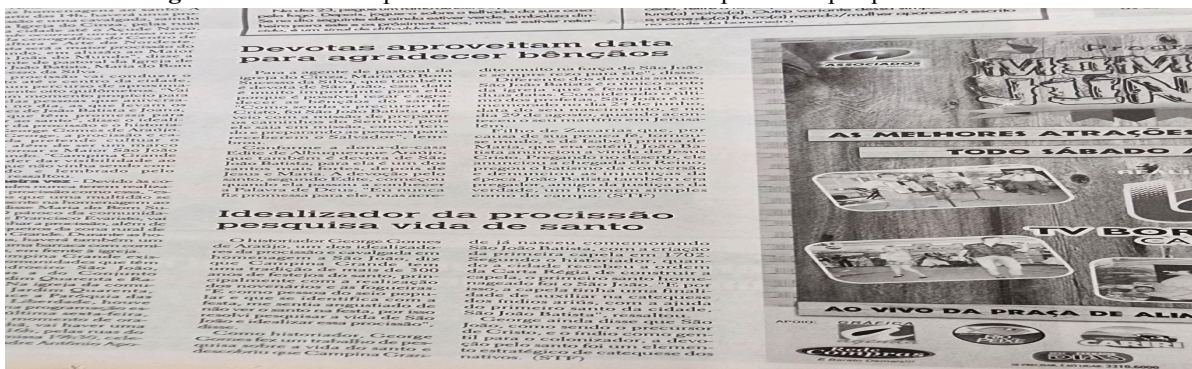
Religioso nasceu em lisboa e tornou-se doutor da igreja

Festejado em toda a América no dia 13 de junho, Santo Antônio é um dos santos de maior devoção popular no Brasil e Portugal, sua terra natal. Seu nome de batismo era Fernando Bulhões. Ele nasceu em Lisboa em 15 de agosto de 1195 e faleceu em Pádua, na Itália, em 13 de junho de 1231. Recebeu o nome de Antônio ao passar em 1220, da Ordem de Santo Agostinho para a Ordem de São Francisco e é conhecido como Santo Antônio de Lisboa ou Santo Antônio de Pádua. Conhecido popularmente como o santo casamenteiro, Santo Antônio de Pádua ganhou respeito e admiração na igreja por seus dotes de último orador. Além de pregar com amor a Palavra de Deus, fazendo-a ser compreendida até mesmo pelos estrangeiros, Santo Antônio era um apaixonado por Jesus na eucaristia. Ele é um dos poucos santos que herdou o título de doutor da igreja. O processo de canonização de Santo Antônio encabeça a luta dos mais rápidos de toda a história. Foi aberto meses depois de sua morte, durante o pontificado de Papa Gregório DCe durou menos de ano. Graças a sua dedicação aos mais humildes, Santo Antônio foi eleito pelo povo o protetor dos pobres. Transformou-se em um dos santos mais populares da Igreja Católica.

(Severino Lopes - severino@db.com.br
Edição (12 de junho de 2007)

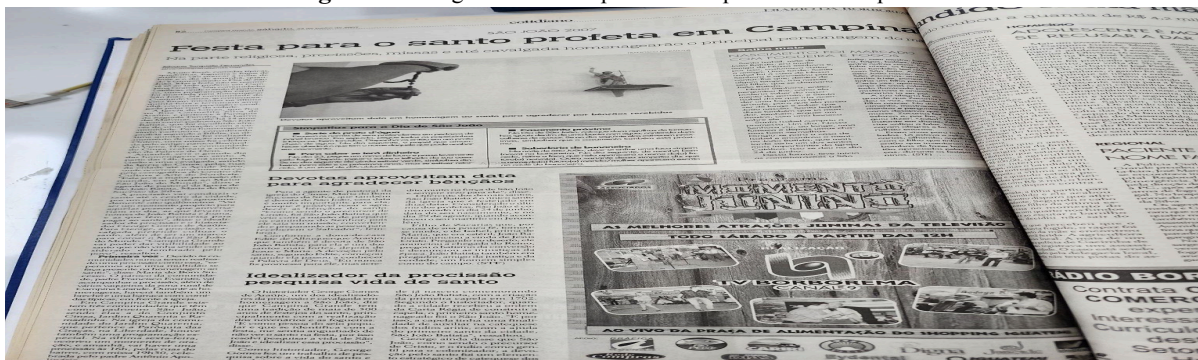
O JDBO também dedicou espaço à religiosidade popular, trazendo, especialmente à devoção feminina a São João Batista, figura central das celebrações juninas. Nas edições analisadas, com destaque para as **figuras 68 e 69**, o periódico apresenta uma matéria que retrata as devotas e suas práticas de fé, revelando como elas mantêm viva uma tradição que é ao mesmo tempo espiritual e cultural. Essas mulheres, muitas delas moradoras de bairros periféricos ou integrantes de comunidades religiosas, expressam sua fé por meio de rezas, promessas, novenas e organização de procissões. A matéria evidencia que a devoção a São João não se limita ao calendário litúrgico, mas se manifesta como parte do cotidiano, entrelaçando fé, memória e identidade.

Figura 68 - Devotas aproveitam data. Idealizador da procissão pesquisa vida do santo



Fonte: Arquivo da BORAA, 2025

Figura 69 – Festa para o santo profeta em Campina



Fonte: Arquivo da BORAA, 2025

Além dos rituais religiosos, o jornal destaca o papel dessas devotas na transmissão oral de saberes populares, como simpatias, cantos e histórias ligadas ao santo. Elas são guardiãs de uma cultura que perpassa gerações, e que resiste mesmo diante da modernização dos festejos juninos.

A presença dessas mulheres nas páginas do JDBO reforça a ideia de que o São João de Campina Grande é mais do que espetáculo: é também um espaço de expressão da fé comunitária, onde o sagrado se manifesta com força e sensibilidade. O jornal, ao registrar essas práticas, contribui para a preservação da memória religiosa da cidade e reconhece o protagonismo feminino na construção simbólica da festa.

Devotas aproveitam data para agradecer bênçãos

A devoção a São João Batista em Campina Grande

Para Maria do Bom Sucesso, agente de pastoral da Igreja do Cinza, o dia de São João é momento de oração e gratidão. Ela destaca o papel do santo como precursor de Cristo, responsável por preparar o povo para receber o Salvador. Já Edite de Albuquerque, dona de casa e também devota, considera São João um dos santos mais fortes, e afirma que sua fé surgiu ao conhecer a Palavra de Deus,, embora nunca tenha feito promessas, sempre reza com confiança na força do santo. São João Batista é o único santo da Igreja celebrado em duas datas: **24 de junho**, seu nascimento, e **29 de agosto**, dia de seu martírio. Filho de Zacarias e Isabel, pregou no deserto, anunciou a chegada do Reino, batizou e denunciou injustiças. Era um homem simples, amigo da verdade e da justiça. O historiador George Gomes de Araújo, idealizador da procissão e cavalgada em homenagem ao santo, pesquisou sua trajetória e descobriu que Campina Grande já nasceu sob sua devoção. A primeira capela da cidade, construída em **1702**, foi dedicada a São João, com o objetivo de catequizar os índios Ariús. Segundo George, a figura do santo foi usada estrategicamente como ponte entre fé cristã e cultura indígena, reforçando sua importância histórica e espiritual para a cidade.

Idealizador da procissão pesquisa vida do santo

O historiador George Gomes de Araújo, um dos idealizadores da procissão e cavalgada em homenagem a São João, diz que Campina Grande tem uma tradição de mais de 300 anos de festejos do santo, principalmente com a realização dos novenários e as fogueiras. “E como pessoa do seio popular e que se identifica com a festa, me sentia angustiado de não ver o santo na festa, por isso resolvi pesquisar a vida de São João e idealizar essa procissão”, disse.

Como historiador George Gomes, fez um trabalho de pesquisa sobre a vida do santo e descobriu que campina Grande já nasceu comemorando São João batista, com a criação da primeira capela em 1702. segundo o historiador, quando a cidade recebeu a ordem da Carta Régia de construir a capela, O primeiro santo homenageado foi o São João. “E por isso a capela tinha uma finalidade de auxiliar na catequese dos índios ariús, com a ajuda do primeiro santo da cidade, São João Batista”, ressaltou.

George ainda disse que São João, como sendo o precursor de Cristo, e o índio como gentil para o colonizador, a devoção pelo santo foi um elemento estratégico de catequese dos nativos. (STF)

Edição (23 de junho de 2007)

Analisando esse contexto, percebemos que o São João, movimenta fortemente muito o comércio e serviços da cidade. Irriga investimento e dinheiro em vários setores da economia de Campina Grande. Como hotéis que se enchem de turistas, barravas a vender as comidas típicas, estilistas que criam as roupas de São João para a população e para as quadrilhas. O comércio de venda de tecido obtém fôlego e sobretudo os sanfoneiros que ganharam renda ao tocar nas festas de São João. Tradição e mercado dançam juntos, nessa engrenagem econômica, transcendem a dimensão do que é popular.

O São João movimenta intensamente o comércio e os serviços da cidade, podemos constatar em várias matérias como na **figura 70**, irrigando com investimento e renda diversos setores da economia campinense. Hotéis se enchem de visitantes, barracas se multiplicam com comidas típicas, estilistas criam trajes para quadrilhas, o comércio de tecidos

Quadro 3 - Quadro de coleta de dados do Pólo Tecnológico

QUADRO DA COLETA DE DADOS - POLO TECNOLÓGICO							
Nº *	Figura	Data de publicação	Título da matéria	Seção do jornal	Personagens ou instituições citadas	Palavras- chave	Tipo de abordagem (informativa, opinativa, promocional)
72	Vertiginoso surto de construções em Campina Grande	02/10/1958	Vertiginoso surto de construções em Campina Grande		Firma G. GIOIA & CIA	Construções urbanas em Campina Grande, Suntuosos edifícios, Desenvolvimento da Cidade	Opinativa
73 & 74	Prefeito louva a ação de Assis Chateaubriand; Uma realização do Senador Assis Chateaubriand	02/10/1958	Prefeito Louva a ação de A. Chateaubriand		Posto de Puericultura Epitácio Pessoa, O prefeito Elpídio de Almeida, O vereador Mário Araújo, O vereador Noaldo Dantas, Diários Associado, Senador Assis Chateaubriand, Francly Mendes, Governo Municipal de Campina Grande	Posto de Puericultura Epitácio Pessoa, Puericultura de Campina Grande, Assis Chateaubriand	Informativa
75	Medicina para todos	03/09/1957	Medicina para todos		Campanha Nacional contra a Tuberculose, Teste do BCG, O professor Pereira Filho, Mitsuda, Bacilos de Hansen, Bacilos de Koch, Congresso Internacional de Leprologia, Joaquim Travassos, Arlindo de Assis, Aluizio de Paula, José Silveira, Paula Souza, Oliveira Lima, Alvimar de Carvalho, Laerte de Andrade, Pereira Filho, Renato Loures, Dilermando Correia, Ernesto Ayer, Fernando Carneiro, Aguiar Pupo, Fontes Magarão Joyer Gonçalves	Teste do BCG, Campanha Nacional contra a Tuberculose	Informativa
76	A cidade sem água durante cinco dias	2 de outubro de	A cidade sem água durante cinco dias		Cachoeira de Paulo Afonso	Procissão de latas na cabeça, Rompimento de uma adutora, Cinco	Opinativa

		1957				dias sem água em Campina	
77	Curso de Problemas do Nordeste na Escola Politécnica da Paraíba	11 de janeiro de 1958	Problemas do Nordeste na Escola Politécnica		Curso de Problemas do Nordeste na Escola Politécnica da Paraíba, Escola Politécnica	Curso de Problemas do Nordeste na Escola Politécnica da Paraíba, Escola Politécnica	Informativa
78	A diplomação da primeira turma de engenheiros civis pela Escola Politécnica	16 de dezembro de 1958	A diplomação da primeira turma de engenheiros civis pela Escola Politécnica		Escola Politécnica de Campina Grande, Escola de Engenharia	Primeira turma de Engenheiros Civis, Diplomação de Engenheiros, Escola Politécnica de Campina Grande	Informativa
79	O “Orós” e a engenharia nacional	10 de julho de 1959	Campina Grande O “Orós” e a engenharia nacional		Engenheiro Anastácio Honório Maia, O engenheiro Figueiredo Timoteo, O engenheiro Cartaxo, Escola Politécnica de Campina Grande, Orós	Represa de Orós, Engenheiros Civis Campinenses, Escola Politécnica de Campina Grande	Opinativa
80	Campina na era da automação	18 de agosto de 1968	Campina na era da automação		Escola Politécnica da Universidade Federal da Paraíba, Associação Técnico-Científica Ernesto Luiz Oliveira Júnior, O engenheiro Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque, computador IBM-1130, ITA,	Primeiro Computador do Nordeste, Escola Politécnica da Universidade Federal da Paraíba, Computador IBM-1130	Informativa
OBS.	Nº = É a numeração em que a imagem e a matéria aparecem no texto da pesquisa.						

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025)

POLO TECNOLÓGICO

A viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam. E mesmo estes podem prolongar-se em memória, em lembrança, em narrativa. Quando o visitante sentou na areia da praia e disse: “Não há mais o que ver”, saiba que não era assim. O fim de uma viagem é apenas o começo de outra. É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na primavera o que se vira no verão, ver de dia o que se viu de noite, com o sol onde primeiramente a chuva caía, ver a seara verde, o fruto maduro, a pedra que mudou de lugar, a sombra que aqui não estava. É preciso voltar aos passos que foram dados, para repetir e para traçar caminhos novos ao lado deles. É preciso recomeçar a viagem. Sempre.

(José Saramago)

Para compreendermos a coleta de dados sobre o Polo Tecnológico, tem que entender antes a coleta de dados acerca da formação do Desenvolvimento de Campina Grande ao longo dos anos em setores de infraestrutura.

Assim sendo, avançamos no tempo e chegamos à década de 50, mais precisamente ao seu final, quando, na edição de 1958, o jornal registrava os sinais de um novo momento para Campina Grande. Examinam-se, apesar das dificuldades que uma cidade do interior enfrenta, um fato acerca do desenvolvimento de edificações urbanas locais.

Outrossim, podemos destacar uma notícia na página 3, conforme a **figura 72**, que engrandece o vertiginoso crescimento urbano de Campina Grande, essa notícia passa então a evidenciar e enaltecer a quantidade das construções naquele período. Perfaz esse momento de expansão como um indicativo claro do avanço na cidade, reproduzindo o latejo de uma região em transformação. Campina estava portanto sendo motivada por novas demandas econômicas, sociais e culturais.

A matéria carrega a ideia do que a cidade experimentava, a realidade de uma cidade em expansão, é portada pela seguinte chamada:

“Vertiginoso surto de construções em Campina Grande. PAPEL PREPONDERANTE TEM DESEMPENHADO A FIRMA “G. GIOIA & CIA.” PARA O DESENVOLVIMENTO DA CIDADE. Além de prédios, a importante organização técnica tem construído suntuosos edifícios - Estatísticas do ritmo de construções urbanas em Campina Grande.”

Edição (02 de outubro de 1958)

Figura 72 - Vertiginoso surto de construções em Campina Grande



Fonte: Arquivo da BORAA, 2025

A cidade de Campina Grande crescia e, à medida que crescia, surgia também a necessidade de maior atenção à saúde das crianças. Foi nesse contexto que, durante a pesquisa, observamos o papel do senador Assis Chateaubriand, cuja atuação em favor da Paraíba aparece reiteradas vezes nas páginas do JDBO. Entre essas matérias, encontramos relatos que evidenciam sua contribuição em diferentes momentos da história local, uma em especial que selecionamos foi a que o prefeito Elpídio de Almeida, louva a ação de Assis Chateaubriand publicamente.

Assis encabeçou uma campanha que rendeu ao Estado da Paraíba a criação de 50 (cinquenta) Postos de Puericultura, sendo o quarto instalado em Campina Grande. O Bispo por conseguinte louva a ação da doação de Chateaubriand do cheque no valor de 200 contos, como um constituinte fundamental, colaborando assim para viabilizar a existência do Posto. A matéria salienta que essa doação, iria amparar muitas crianças pobres da localidade. Tal atitude ganhou destaque na matéria da **figura 73 e 74** como uma responsabilidade humanitária e social.

PREFEITO LOUVA A AÇÃO DE A. CHATEAUBRIAND

Comemorando o quarto aniversário do Posto de Puericultura Epitácio Pessoa

Em solenidade a que estiveram presentes o prefeito Elpídio de Almeida, vereadores Mário Araújo e Noaldo Dantas, representando o poder legislativo do município, além de outras pessoas gradas e povo em geral comemorou-se no sábado à tarde, o quarto aniversário de instalação do Posto de Puericultura <<Epitácio Pessoa>>, no alto da Bela Vista, obra realizada sob os auspícios dos <<Diários Associados>> através de uma campanha encetada pelo Senador Assis Chateaubriand, da qual resultou sómente para o Estado da Paraíba, cerca de cinquenta postos de puericultura.

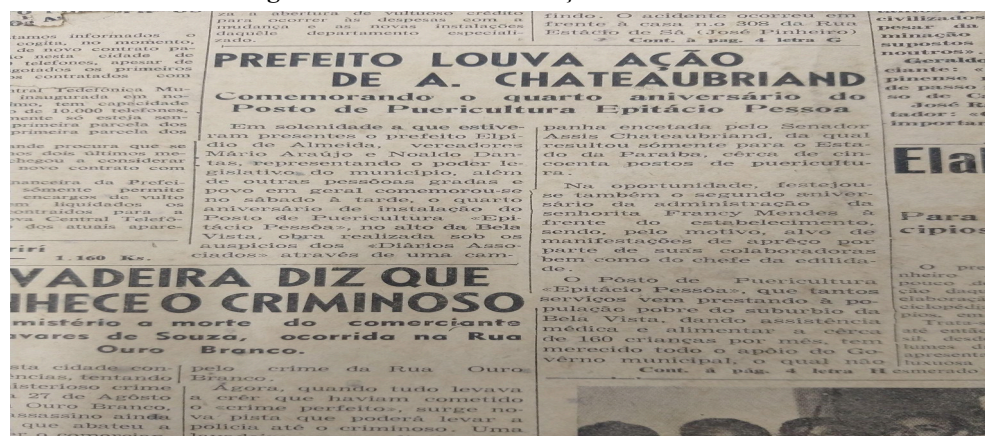
Na oportunidade, festejou-se também o segundo aniversário da administração da senhorita Francy Mendes à frente do estabelecimento, sendo, pelo motivo, alvo de manifestações de apreço por parte de suas colaboradoras bem como do chefe da edilidade.

O Posto de Puericultura <<Epitácio Pessoa>>, que tantos serviços vem prestando à população

pobre do subúrbio da Bela Vista, dando assistência médica e alimentar a cerca de 160 crianças por mês, tem merecido todo o apoio do Governo Municipal, o qual não...
Cont. á pag. 4 letra H

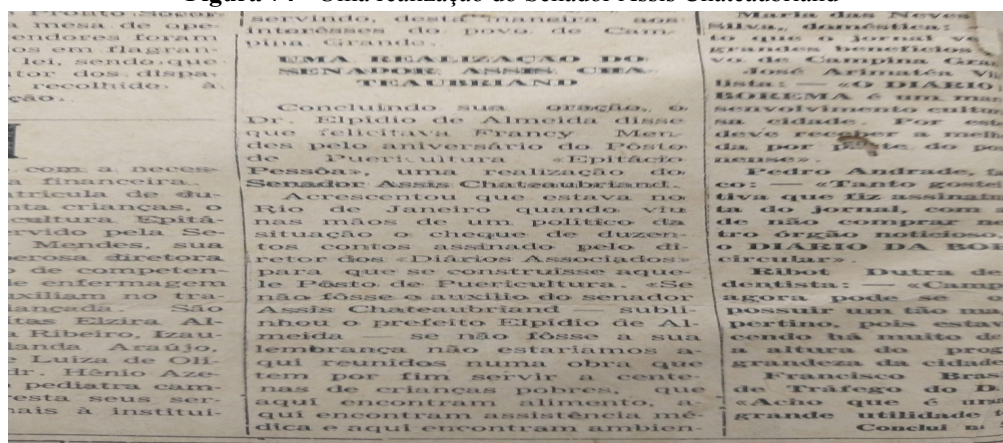
Edição (02 de outubro de 1958)

Figura 73 - Prefeito louva a ação de Assis Chateaubriand



Fonte: Arquivo da autora, 2025

Figura 74 - Uma realização do Senador Assis Chateaubriand



Fonte: Arquivo da autora, 2025

Ainda apresentava o jornal uma coluna intitulada "Medicina para Todos" por Álvaro Vieira, essa coluna foi desenvolvida por muitos anos do jornal. Cada abordagem é dedicada à difusão sendo de uma linguagem simples, acerca de conhecimentos médicos e pesquisas médicas que estão acontecendo. Através de uma linguagem acessível, essas informações são colocadas à população. Nessa segunda edição traz entre os temas abordados a vacina BCG, que ganha destaque na matéria ilustrada pela **figura 75**.

Acentuamos que a coluna foi importante para a população, sobretudo porque assume o compromisso com a educação sanitária e o bem-estar coletivo. Lembrar a importância do combate à tuberculose, promove a conscientização sobre a saúde pública. Sem essa conscientização, a cidade não teria como garantir o progresso de seus habitantes, pois o

desenvolvimento urbano só se sustenta quando acompanhado do cuidado com a vida e o bem-estar coletivo.

MEDICINA PARA TODOS

Álvaro Vieira

O GRANDE TESTE DO BCG

Na próxima sexta-feira estarão reunidos em um simpósio especial os leprólogos e tisiólogos mais destacados do país, para uma tomada de posição científica, com relação ao BCG.

Para os leitores leigos devemos dar as seguintes informações: há alguns anos passados, quando diretor da Campanha Nacional contra a Tuberculose o professor Pereira Filho, uma vasta experiência sanitária foi iniciada na zona litorânea de São Paulo e em muitas zonas brasileiras onde a lepra era de incidência acentuada. Essa experiência não era outra coisa senão <<beceigear>> todas as populações aí compreendidas baseada nos seguintes fatos: a vacinação pelo BCG conferia um Mitsuda positivo nos pacientes. Mitsuda é uma reação feita com lepromina (extrato de bacilos de Hansen) e significaria uma reação benéfica, uma condição de não se contaminar com a lepra. Desta maneira, se realmente os especialistas chegaram aquela afirmação, a vacina BCG que é aplicada na premunicação à tuberculose, passará a ser dada às populações com dupla finalidade: amortecer a agressão dos bacilos de Koch e evitar a eclosão da lepra.

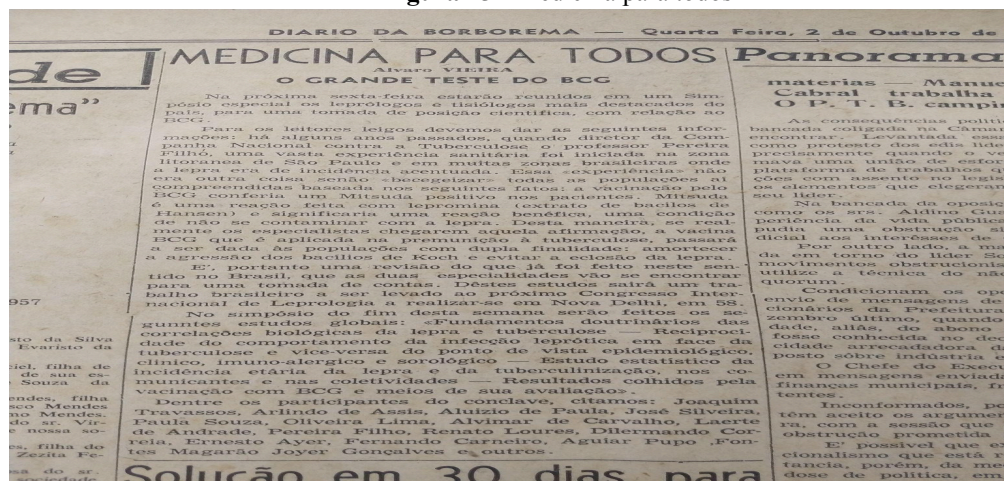
É, portanto uma revisão do que já foi feito neste sentido no Brasil, que as duas especialidades vão se encontrar para uma tomada de contas. Dêstes estudos sairá um trabalho brasileiro a ser levado ao próximo Congresso Internacional de Leprologia a realizar-se em Nova Delphi, em 58.

No simpósio no fim desta semana serão feitos os seguintes estudos globais: <<Fundamentos doutrinários das correlações biológicas da lepra e tuberculose - Reciprocidade do comportamento da infecção leprótica em fase da tuberculose e vice-versa do ponto de vista epidemiológico, clínico, imuno-alérgico e sorológico - Estudo estatístico da incidência etária da lepra e da tuberculinização nos comunicantes e nas coletividades - Resultados colhidos pela vacinação com BCG e meios de sua avaliação>>.

Dentre os participantes do conclave, citamos: Joaquim Travassos, Arlindo de Assis, Aluizio de Paula, José Silveira, Paula Souza, Oliveira Lima, Alvimar de Carvalho, Laerte de Andrade, Pereira Filho, Renato Loures, Dilermando Correia, Ernesto Ayer, Fernando Carneiro, Aguiar Pupo, Fontes Magarão Joyer Gonçalves e outros.

Edição (3 de setembro de 1957)

Figura 75 - Medicina para todos



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2025

Houve várias épocas ao longo da história do Nordeste, e em especial no interior da Paraíba, em que a escassez de água era uma constante nessas regiões, circunstâncias persistentes de precariedade, aliada a falta de recursos financeiros e tecnologia, fatores que potencializavam essa situação quase estrutural. Conforme a descrição que veremos a seguir, a aridez que seguia o interior campinense não era apenas climática, mas seguia um cunho social e técnico, intensificada pela falta de investimentos, pela fragilidade das infraestruturas e pela limitação dos recursos públicos, um cenário bem diferente do que se percebe da cidade atualmente.

Diante do exposto, há um breve relato vinculado no jornal com a matéria intitulada “A cidade sem água durante cinco dias”, um episódio marcante naquela época para Campina Grande. A edição destaca o rompimento do cano de uma adutora, que consequentemente mergulhou a cidade em uma crise hídrica, trazendo um transtorno a cidade durante 5 (cinco) dias. Segundo a matéria, tal transtorno afetou mais de 100 (cem) mil pessoas, a notícia utilizou palavras como, o “líquido precioso” e “latas d' água na cabeça”, isto decorrente da falta de água na cidade.

Neste contexto, destaca-se, o texto jornalístico vinculado de forma sensível e intenso, a água como “líquido precioso”, sem a qual uma cidade não se desenvolve, e expressa com força visual, as cenas de moradores carregando as “latas d'água na cabeça”, um retrato frágil e ameaçador da resistência cotidiana diante da privação de um bem essencial à vida humana. O registro, conforme documentada na **figura 76**, evidencia não apenas a agrura logística, como também o doloroso desamparo social de uma cidade, que apesar de lograr êxito em meio a modernizações, ainda lutava contra os fantasmas do descaso estrutural e em muitos momentos contra a seca.

A CIDADE SEM ÁGUA DURANTE CINCO DIAS

Procissão de latas na cabeça á procura do precioso líquido - Rompeu-se um cano na adutora - Dias aflitivos atravessam a população.

Campina Grande é uma constante, dentro de um região das mais concentradas em tendências , e um dos mais variados aspectos ecológicos. Cresce. É um povo em ebulição. Transborda. Ramifica-se. Eclode.

São cem mil almas, nos mais variados misteres, dentro de uma vida agitada, característica das grandes cidades. Tem atravessado as suas crises. Soube vencer com galhardias. É um povo que não esmorece aos embates cotidianos. Sem ter sua independência estribada nos seus próprios recursos econômicos, é uma cidade que industrializa proveitosamente, como num sorvedouro os recursos das terras vizinhas.

Teve no passado os seus árduos problemas, e os resolveu sobejamente. Como durante a falta de energia elétrica. E foi, antes da Capital do Estado, a cidade que recebeu a benção luminosa da Cocheira de Paulo Afonso. ofusca, transluz.

Mas parece que um dos legados aos grandes centros, enfrentar constantemente, grandes problemas. É como se fosse a prova de seleção, um teste de resistência.

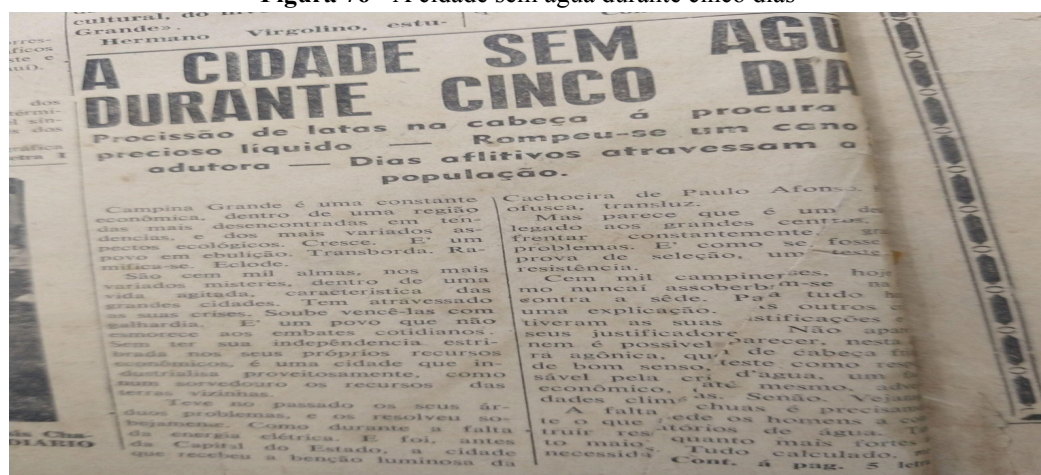
Cem mil campinenses hoje, como nunca! assoberbam-se na luta contra a seca. Para tudo há uma explicação. Para os outros contiveram as suas explicações entre os seus justificadores. Não aparece, nem é possível parecer, nesta hora agônica, quem de cabeça fria e de bom senso, teste como responsável pela crise d'água, um fator econômico, e até mesmo adversidades climáticas. Senão. Vejamos.

A falta de chuvas é precisamente o que impede os homens, a construir reservatórios de água. Tanto maiores, quanto mais fortes as necessidades. Tudo calculado, me...

Cont. á pag. 5 letra A

Edição (2 de outubro de 1957)

Figura 76 - A cidade sem água durante cinco dias



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2025

Após o boom do algodão, intelectuais e professores de Campina Grande, apercebem-se que Campina necessita se desenvolver sobre pilares mais fortes do que a agricultura que a tinha desenvolvido até ali.

Antes de continuarmos com os registros encontrados no jornal sobre a evolução da ciência e tecnologia da cidade, construímos uma tabela com uma cronologia, uma linha do tempo, a fim de assimilação da construção educacional e tecnológica de Campina Grande.

Quadro 4 - Linha do tempo da Ciência e Tecnologia a partir de 1950 em CG

1950	Criação do Serviço de Aprendizagem do SENAI	Teve inaugurada sua primeira unidade em Campina Grande, na Paraíba, em julho de 1950.
1952	Criação da Escola Politécnica da Paraíba, a primeira do Estado.	Criada durante o governo de José Américo de Almeida, com o primeiro curso de Engenharia Civil.
1957	Stênio Lopes, torna-se diretor do Serviço Nacional de Aprendizagem	A figura de Stênio Lopes chega a Campina Grande em 1957.

	Industrial (SENAI)	
1960	Na Escola Politécnica da Paraíba, durante a década de 60, novos cursos foram criados.	Novos cursos de Engenharia Elétrica, Mecânica e o Mestrado em Engenharia Civil.
1967	Em 1967, a UFPB passa a contar com um interventor, o professor Guilardo Martins.	A UFPB passa a contar com um interventor, um militar que também era professor da escola de medicina.
1968	Instalação do IBM 1130 em 1968 na Escola Politécnica da Paraíba.	Campina Grande torna-se referência na tecnologia com a chegada do primeiro computador do Norte e Nordeste do Brasil. Sendo o terceiro <i>mainframe</i> a ser instalado no Brasil.
1975	Criação da Escola Técnica Redentorista ETER	A ETER foi fundada pelo padre baiano Edelzino de Araújo Pitiá
1979	A Escola Politécnica da Paraíba, transformou-se em Campus II da UFPB.	Devido a modificação, o Campus II passa a ser dividido em dois centros: Centro de Humanidades (CH) e Centro de Ciência e Tecnologia (CCT).
1980	A cidade produz tecnologia de software e de programação.	Na década de 1980, a cidade se firma como produtora de tecnologia em software e programação.
1988	II Simpósio Brasileiro de Redes de Computadores (SBRC).	Nos dias 12 e 14 de setembro de 1988, na sede da Federação das Indústrias da Paraíba (FIEP), com apoio da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) aconteceu o simpósio.
1990	Criação do curso de Ciência da Computação na UFPB em Campina Grande.	O curso de Ciência da Computação em Campina Grande, especificamente na Universidade Federal da Paraíba (UFPB).
2002	Criação da Universidade Federal de Campina Grande.	O Campus II da UFPB, torna-se a UFCG.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025)

A população de Campina Grande, tem seus testemunhos preservados nesta Hemeroteca, a preservação da trajetória da cidade, está registrado nesses dispositivos infomemoriais, que contêm elementos que assentam sua formação, seu desenvolvimento, e em muitas das vezes seu declínio.

Na edição de 11 de janeiro de 1958, o JDBO traz fala nesse texto abaixo na **figura 77**, que frisa os propósitos da Direção da Escola Politécnica da Paraíba, com a criação do “Curso Problema do Nordeste”. Tal reflexão trazida pelo jornal, torna evidente que naquele estabelecimento de ensino superior existia um estado febricitante do progresso e desenvolvimento, e realça as lutas que a instituição trava pela melhoria dos seus padrões técnicos e pelo aprimoramento dos seus estudos que vinham tomando conta de todas as forças vivas de Campina Grande.

Curso de Problemas do Nordeste na Escola Politécnica da Paraíba

Interesse da imprensa de outros Estados pelo assunto – antecipou a nossa Escola a outros estabelecimentos congêneres.

A repercussão alcançada em toda a região nordestina em torno dos propósitos da Direção da Escola Politécnica da Paraíba, da criação do “Curso Problema do Nordeste”, naquele estabelecimento de ensino superior indica esse estado febricitante do progresso e desenvolvimento que vem tomando conta de todas as forças vivas de Campina Grande [grifo nosso]. A imprensa de outros Estados já vem se preocupando com a iniciativa de nossa Escola Politécnica, registrando-se, inclusive em longos artigos que Campina Grande tem sido a pioneira da solução de vários problemas nordestinos [grifo nosso], entre os quais se destaca, agora a idéia da criação de um curso considerado que está sendo por técnicos de alta valia e grande importância, especialmente para os engenheiros que terão de futuramente empregar seus conhecimentos no Nordeste. Por outro lado, a nossa Escola Politécnica antecipou-se a diversos outros estabelecimentos do Gênero, sediado em capitais de outros Estados, dando assim um exemplo de capacidade dos homens estudiosos de Campina Grande, nas lutas que travam pela melhoria dos nossos padrões técnicos, pelo aprimoramento dos nossos estudos e pela pronta equação de problemas que versão apenas beneficiar a nossa terra, pois terá influência em todas as camadas nordestinas relacionadas com o estudo da engenharia.

Edição (11 de janeiro de 1958)

Figura 77 - Curso de Problemas do Nordeste na Escola Politécnica da Paraíba



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2025

O texto da edição a seguir conforme a **figura 78**, ressalta a diplomação da primeira turma de engenheiros civis, pela Escola Politécnica, ao mesmo tempo que enaltece

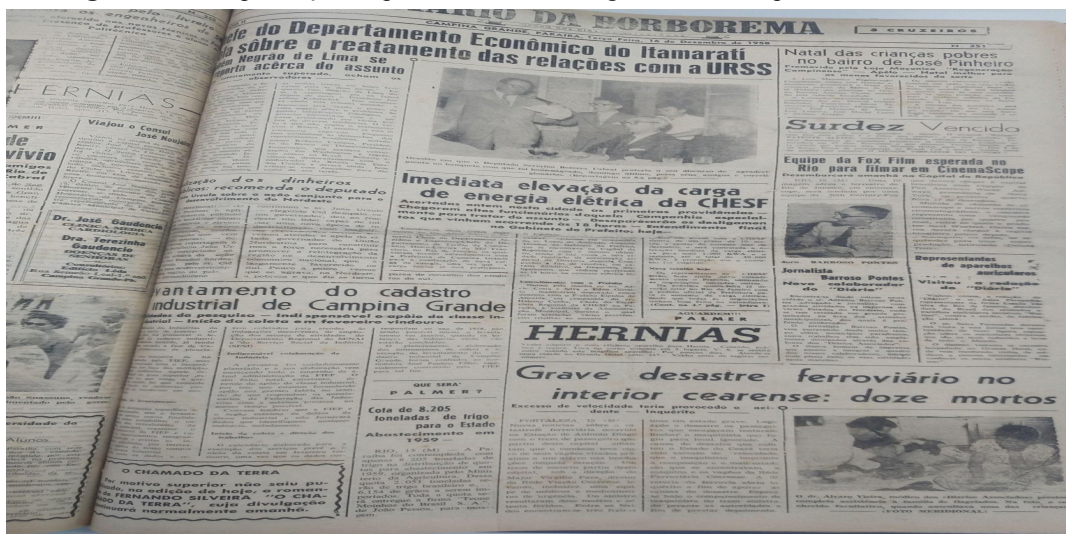
Campina Grande por contar com uma Escola Superior dentre outras da região Norte e Nordeste. Outrossim, nota-se o fato da edição mostrar o espírito de iniciativa dos campinenses, que mesmo em um cidade interiorana não mede esforços e recursos para conseguir o resultado de capacitar jovens para todo o Nordeste.

A diplomação da primeira turma de engenheiros civis pela Escola Politécnica

A diplomação da primeira turma de engenheiros civis pela Escola Politécnica da nossa cidade é um acontecimento de relevo que deve ser ressaltado convenientemente. Campina Grande pode hoje orgulhar-se de contar com uma Escola Superior que nenhuma outra cidade, no interior do país em toda a região Norte e Nordeste, conseguiu instituir e manter. Tal fato mostra o espírito de iniciativa dos campinenses e revela um sentido de iniciação de nossos técnicos e líderes sociais para problemas objetivos. Quando uma cidade interiorana criar uma Escola Superior, prefere via de regra, Direito, Farmácia, até mesmo Filosofia que são estabelecimentos pouco exigentes em matéria de equipamento, podendo ainda dispor de pessoal mais facilmente encontrável para a manutenção dos seus cursos. A existência de uma Escola Politécnica numa cidade de interior é sinal de que essa cidade já conta com certo respeitável número de técnicos, o que por si só indica progresso. Ora, Campina Grande vem mantendo sua Escola de Engenharia em condições bastante favoráveis. Uma equipe de engenheiros competentes e idealistas vem sustentando os difíceis encargos que implica a preparação de engenheiros civis. E não é só isso. Há um espírito de renovação do ensino de engenharia na Escola Politécnica de Campina Grande. Ela pretende formar profissionais para o tipo de trabalho existente na região, onde departamentos de construções do Governo vêm importando técnico de outras áreas, encontrando por sinal dificuldades no preenchimento dos seus quadro de engenheiros. Poucas capitais dos Estados do Norte e Nordeste possuem Escola de Engenharia. A Politécnica de Campina Grande constitui-se assim a mais viva demonstração da capacidade de realização dos campinenses. Ela deve ser considerada a menina dos olhos de nosso aparelho de ensino superior, resultado do esforço do idealismo de um grupo de profissionais dos mais ativos e capacitados de todo o Nordeste.

Edição (16 de dezembro de 1958)

Figura 78 - A diplomação da primeira turma de engenheiros civis pela Escola Politécnica



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2025

Um desses registros no que tange a Escola Politécnica está na edição de 10 de julho de 1959, quando o texto que relata de acordo com a **figura 79**, engenheiros diplomados pela Escola, passa a compor a equipe de engenheiros da construção da barragem de Orós, tal registro trazia para a Escola Politécnica e a cidade, um sentimento de reconhecimento de que os jovens estavam no caminho de sucesso e protagonismo fora dos limites da cidade.

Outrossim, a instituição estava cumprindo seu dever com a educação e o trabalho especializado para o desenvolvimento do Nordeste.

CAMPINA GRANDE
O “Orós” e a engenharia nacional

A presença de Campina Grande na construção da grande represa é um desafio e orgulho da engenharia nacional, está assinalada pela chefia e das obras entregue ao engenheiro Anastácio Honório Maia, auxiliado pelos engenheiros Figueiredo Timoteo e Cartaxo, diplomados pela nossa Escola Politécnica. Os jovens campinenses estão dando tudo de sua mocidade e capacidade de trabalho especializado em benefício do desenvolvimento do Nordeste, cumprindo-se uma profecia daqueles que sonharam em transformar Campina Grande em celeiro da ciência e da técnica a serviço do progresso regional. (...).

Edição (10 de julho de 1959)

Figura 79 - O “Orós” e a engenharia nacional



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2025

Mais tarde no ano de 1968, em júbilo a edição do periódico salienta a inauguração do primeiro computador para o processamento de dados em Campina Grande, que ocorreu na Escola Politécnica da Universidade Federal da Paraíba, por iniciativa da Associação Técnica Científica Ernesto Luiz Oliveira Júnior (ATCEL), instituição privada que foi criada para poder

comprar o aparelho, que teve na época como presidente o engenheiro Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque, diretor daquela Escola, como podemos ver na **figura 80**.

Tal ocasião é sobrelevada pelo JDBO que com orgulho frisa que em todo o país a Escola Politécnica de Campina Grande enfileirou-se naquele momento, entre as quatro ou cinco escolas de engenharia de maior renome no Brasil. E julga ter conseguido isso, graças à seriedade do trabalho que a escola realizou e aos elevados objetivos que presidiu a orientação de seus currículos.

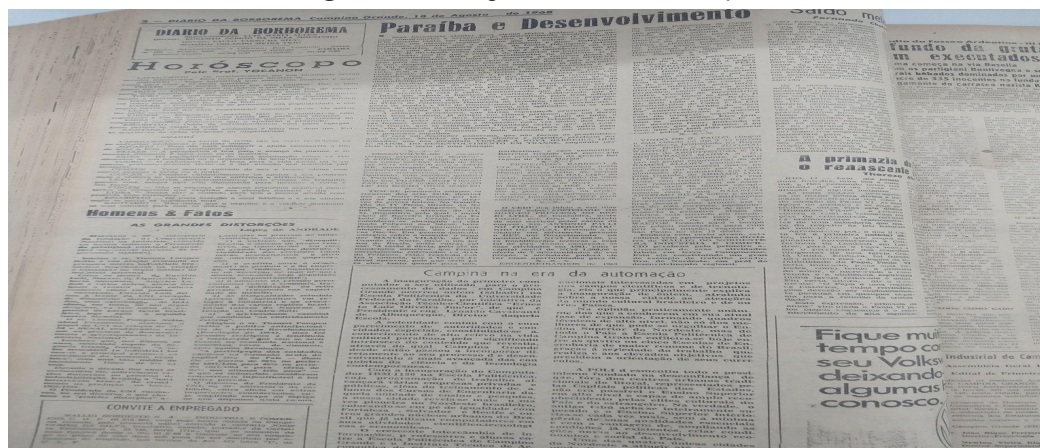
Deduzimos que naquela época a composição dos currículos era fator de sucesso para uma instituição de ensino superior.

Campina na era da automação

A inauguração do primeiro computador a ser utilizado para o processamento de dados em Campina Grande ocorreu ontem (sábado) na Escola Politécnica da Universidade Federal da Paraíba, por iniciativa da Associação Técnico-Científica Ernesto Luiz Oliveira Júnior, de que é presidente o engenheiro Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque, diretor daquela Escola. A solenidade contou com o comparecimento de autoridades e convidados especiais, constituindo-se um acontecimento de alto relevo na vida cultural paraibana pelo significado intrínseco do conteúdo que revestia, através do qual Campina Grande desde então passou a incorporar diretamente ao seu processo de desenvolvimento a mais avançada das conquistas da ciência e da tecnologia contemporâneas. Com a inauguração do computador IBM-1130 na Escola Politécnica cuja programação de trabalho alcançará várias empresas privadas e públicas, além do treinamento de alunos dos cursos de engenharia daquela unidade de ensino e pesquisa, a nossa cidade revela-se mais uma vez pioneira no Nordeste brasileiro colocando-se em pé de igualdade com Fortaleza, Salvador e Recife e outros grandes núcleos urbanos do Brasil que já utilizam computadores, em suas atividades científico-tecnológicas e econômicas. O crescente intercâmbio de Campina Grande com o ITA, um dos mais adiantados centro de pesquisas e estudos do Brasil e do mundo assim como entre a Escola campinense e universidades da Europa e entidades internacionais interessadas em projetos nos campos científicos e de tecnologia, eis o que explica a inauguração de ontem, atraindo sobre a nossa cidade as atenções do mundo cultural brasileiro e de outros países. Na opinião praticamente unânime dos que a conhecem em sua atual fase de expansão, formando quadro técnico de alto nível, não ser dos melhores de que se pode orgulhar o ensino superior do Nordeste, mas de todo o país a Escola Politécnica de Campina Grande enfileira-se, hoje entre as quatro ou cinco escolas de engenharia de maior renome no Brasil, graças à seriedade do trabalho que realiza e aos elevados objetivos que presidem a orientação de seus currículos.

Edição (18 de agosto de 1968)

Figura 80 - Campina na era da automação



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2025

Segundo o caderno da União de 30 de março de 2023, Campina Grande hoje ocupa a terceira posição de cidade mais inovadora do país e a primeira do Nordeste, segundo o Índice de Cidades Empreendedoras (ICE), da Escola Nacional de Administração Pública (Enap).

De acordo com o informativo da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ-PB), de 2 de maio de 2024, a UFCG lidera o ranking de patentes e coloca a Paraíba como 2º estado com mais depósitos por universidades. Conforme o Ranking Nacional de Depositantes Residentes de Patentes de Invenção, divulgado pelo Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI).

Se por um lado, o Polo Tecnológico destaca a parte moderna e inovadora de Campina Grande, que projeta a cidade no cenário nacional e internacional como referência em ciência e tecnologia, por outro, **a Feira Central** remete às raízes históricas e culturais que sustentam a identidade local. É nesse embalo entre o futuro e a tradição que se inscrevem as memórias narradas pelo Diário da Borborema, revelando-se uma cidade que se reconfigura sem perder a capilaridade com suas práticas cotidianas e seu legado cultural.

Essa convivência entre tradição e inovação, entre o saber popular das festas e o saber técnico das instituições, é o que torna Campina Grande singular. O Polo Tecnológico, com sua rede de universidades, centros de pesquisa e startups, projeta a cidade para o futuro, enquanto suas raízes culturais mantêm viva a memória de um povo que resiste e se reinventa.

Portanto, é nesse entrelaçamento de tempos e territórios que voltamos o olhar para outro espaço emblemático da cidade: **a feira central** de CG, apresentando o **quadro de dados coletados** nas edições do Jornal Diário da Borborema, que revela a pulsação cotidiana de Campina, onde o comércio, a cultura e a vida popular se expressam com força e autenticidade.

Quadro 5 - Quadro da coleta de dados da Feira Central de Campina Grande

QUADRO DA COLETA DE DADOS - FEIRA CENTRAL							
Nº *	Figura	Data de publicação	Título da matéria	Seção do jornal	Personagens ou instituições citadas	Palavras-chave	Tipo de abordagem (informativa, opinativa, promocional)
81	Um sinal aberto para o perigo	8 de outubro de 1984	Um sinal aberto para o perigo		Feirantes	Feirantes pendurados em carrocerias, Perigo de feirantes no trânsito	Opinativa
82	Feira Central busca reconhecimento	20 de junho de 2007	Patrimônio Nacional		Prefeitura Municipal de Campina Grande, Secretaria de Educação, Esporte e Cultura, Feira Central, Patrimônio Imaterial do Brasil, Shopping Iguatemi, Shopping Luiza Motta, Centro de Cultura e Arte do Nordeste, Memorial Marinês, Casa do Matuto, Forró do Beliscão, Giovana Aquino, Secretaria de Planejamento, Conselho Municipal de Patrimônio Cultural	Feira Central de Campina Grande, Patrimônio Imaterial do Brasil, IPHAN	Informativa
OBS Nº = É a numeração em que a imagem e a matéria aparecem no texto da pesquisa.							

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025)

FEIRA CENTRAL DE CG

*Quero lhe mostrar nessa cantiga, Foi na feira de Campina
Onde o mundo se criou. Ouça com atenção! Na minha vida,
Não vi coisa mais divina. Quero lhe mostrar nessa cantiga:
Foi na feira de Campina, Onde o mundo se criou.
Ouça com atenção! Na minha vida, Não vi coisa mais divina
Quando um cego anunciou: Quem se aventurar nesse mercado,
Deixe aqui o seu trocado. Pelo nome de Jesus.
Eu não tive a vossa alegria, De ganhar a luz do dia.
A cegueira é minha luz. Quase num milagre a vista alcança
Os detalhes de uma trança de cebola ou alfenim.
Acocorando escolhe coisinhas de barro
Só pensando na virtude desta mão que fez assim.
No labirinto do roteiro encomendado
Inverte a ordem do traçado quem começa pelo fim.
Corro na barraca de Zumira, Vou buscar a lamparina,
Severina encomendou. Olho para os lados, vejo briga,
Não é nada, é a pechincha: Nada besta o comprador.
(Numa Ciro e Hermeto Pascoal, 2021)*

Essa canção circula há décadas como parte do repertório afetivo da cidade, sendo frequentemente interpretada por artistas locais como André Canuto, que ajudaram a manter sua presença nas celebrações juninas.

A canção não apenas homenageia a feira central, um dos espaços mais simbólicos de Campina Grande, como também reforça o papel da música como instrumento de memória coletiva. Ao narrar o cotidiano da feira, seus personagens e sons, a música transforma o espaço urbano em território afetivo, onde o passado e o presente se entrelaçam.

A feira de Campina” funciona como um elo entre o popular e o tradicional, sendo cantada em arraiais, escolas e eventos culturais. Sua permanência no imaginário local revela como a música é capaz de preservar identidades, contar histórias e fortalecer vínculos comunitários. Ela é muito mais do que um espaço de comércio. Ela é um verdadeiro símbolo da identidade cultural e histórica da cidade. Portanto, é necessários explorar seus principais aspectos:

- a) **História e Patrimônio** - surgiu no final do século XIX, quando Campina Grande ainda era uma vila. Começou como um mercado de rua, onde agricultores e artesãos vendiam seus produtos. Em 2017, foi reconhecida como Patrimônio Cultural do Brasil pelo IPHAN, por sua importância histórica, social e simbólica para a cidade e para o Nordeste.
- b) **Espaço e Estrutura** - Localizada no coração da cidade, ocupa cerca de 75

mil m², distribuídos por nove ruas. É considerada um dos maiores mercados populares do Brasil, com uma diversidade impressionante de produtos: alimentos frescos, roupas, artesanato, ervas medicinais, utensílios domésticos e muito mais.

- c) **A Feira e São João** durante o mês de junho, a feira se transforma em um verdadeiro arraial: bandeirolas, trios de forró, comidas típicas e decoração temática criam uma ambiência junina única. É um dos polos alternativos d'O Maior São João do Mundo, atraindo milhares de visitantes e movimentando fortemente a economia local. Estima-se que, nos dias de maior fluxo, a feira receba até 83 mil pessoas, com a arrecadação dos comerciantes chegando a dobrar nesse período.
- d) **Cultura Popular e Resistência** - A feira é também um espaço de troca de saberes populares, onde se preservam tradições orais, culinária regional, crenças e práticas cotidianas. É ponto de encontro entre gerações, onde o passado e o presente se misturam em meio ao cheiro de buchada, o som do forró e o colorido das barracas.

Vale ressaltar que o Jornal Diário da Borborema frequentemente destaca a vivência dos feirantes durante o mês de junho, revelando como o São João transforma o cotidiano da Feira Central. Nas edições analisadas, é possível encontrar matérias que registram o aumento nas vendas, a decoração das barracas com bandeirolas e balões, e o entusiasmo dos comerciantes com a movimentação intensa.

“Aqui a gente não vende só mercadoria, vende tradição. Junho é o mês que a feira vira festa”, disse um feirante em matéria publicada em 2007, evidenciando o papel da feira como espaço de celebração e resistência cultural.

A Feira Central de Campina Grande é mais do que um centro comercial. Ela é um território simbólico onde se entrelaçam história, cultura e identidade. Reconhecida como Patrimônio Cultural do Brasil pelo IPHAN em 2017, a feira representa um dos principais espaços de resistência e preservação dos modos de vida populares da cidade.

Ao longo das décadas, a feira tem sido palco de práticas que perpassam gerações: o uso de ervas medicinais, a venda de produtos artesanais, os saberes culinários, os causos contados entre barracas e os rituais religiosos que se manifestam em rezas, promessas e simpatias. Esses elementos compõem uma memória coletiva viva, transmitida oralmente e reforçada pela convivência cotidiana.

Durante o mês de junho, a feira se transforma em um arraial espontâneo, onde o São João se manifesta de forma autêntica. Bandeirolas, trios de forró, fogueiras e comidas típicas criam uma ambiência festiva que reafirma a centralidade da feira na cultura campinense. É nesse espaço que o popular se expressa com força, longe dos grandes palcos, mas profundamente enraizado na vivência comunitária.

O Jornal Diário da Borborema, ao registrar esse cotidiano, atua como mediador da memória, documentando as transformações e permanências que fazem da Feira Central um espaço de memória urbana. As matérias evidenciam que, mesmo diante da modernização da cidade, a feira resiste como lugar de encontro, de trocas simbólicas e de reafirmação da identidade local.

A Feira Central, portanto, não é apenas um lugar físico. É um território afetivo, onde o passado e o presente se misturam, e onde a cultura popular encontra abrigo, expressão e continuidade.

Os costumes se transformam, assim como as formas do homem habitar o espaço, conviver e tecer suas relações. A sociedade é, por natureza, movimento. Um flagrante eloquente desse processo encontra-se na edição de 8 de outubro de 1984 do jornal, que dedica sua redação de opinião a denunciar os riscos vividos pelos feirantes que andam amontoados e pendurados em caminhões sem qualquer medida de segurança, eles compunham uma cena cotidiana marcada pela precariedade do cotidiano de algumas pessoas, um flagrante social que, fixado na **figura 81**, revela tanto a urgência da discussão na época quanto a face desigual de uma cidade em transformação.

Um sinal aberto para o perigo

O desafio à morte como mostra este flagrante, está presente nas artérias campinenses diariamente, acentuando-se nos finais de semana e dias de feira. São centenas de veículos conduzindo feirantes, misturados a mercadorias, apinhados uns sobre os outros, pendurados e correndo o risco de acidentes. A superlotação não é reprimida e chega a estimular o perigo. Vê-se comumente sobre o teto de carrocerias ou até pendurados, feirantes que pela necessidade de viajar, ignoram a morte e cegam para o perigo a que estão expostos. Sempre superlotados, esses veículos que exploram linhas como Boqueirão, Queimadas, Alagoa Nova e outras cidades periféricas, ficam difícil de ser manobrados e vez por outra estão sendo objeto de acidente, como graves consequências para a carga humana que conduz.

Edição (8 de outubro de 1984)

Figura 81 - Um sinal aberto para o perigo



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2025

A edição de 20 de junho de 2007, selecionada como destaque em nossa pesquisa, conforme o texto da **figura 82** relata, traz à tona um debate revelador: a cidade estava cogitando, naquele momento, o tombamento da feira pelo IPHAN. A proposta ultrapassa a simples preservação de um espaço físico; tratava-se de reconhecer a feira como um organismo vivo, pulsante, em que se encontram histórias, gestos e vozes que atravessam e atravessam gerações. Ali, cada banca é memória, cada mercadoria carrega um traço cultural, e cada feirante torna-se guardião de um patrimônio. O tombamento, portanto, surgia não apenas como um ato burocrático, mas como a tentativa de inscrever, na memória oficial da cidade, aquilo que o povo já sabia: a feira é mais que comércio, é rito, é identidade, é coração da cidade.

PATRIMÔNIO NACIONAL

Feira Central busca reconhecimento

Coleta de assinaturas foi iniciada em maio e pretender alcançar o apoio de 20% da população

A Prefeitura Municipal de Campina Grande, através da Secretária de Educação, Esporte e Cultura (Seduc), está ampliando o trabalho de coleta de assinaturas para o projeto que busca reconhecer a Feira Central como Patrimônio Imaterial do Brasil. Novos postos de coleta de assinaturas foram instalados nos shoppings Iguatemi e Luiza Motta, além do Centro de Cultura e Arte do Nordeste, no Parque do Açude Novo. O projeto foi iniciado no último mês de maio e pretende alcançar o apoio de 20% da população.

Os novos postos de coleta estão funcionando no Shopping Iguatemi, das 10h às 22h, no Shopping Luiza Motta, e no Centro de Cultura e Arte do Nordeste, no Açude Novo, das 8h à meia-noite. No Centro de Cultura e Arte, as assinaturas são recolhidas no Memorial Marinês, na Casa do Matuto e no Forró do Beliscão. A gerente de projetos da Seduc, Giovana Aquino, explicou que a idéia visa aproximar a proposta cada vez mais dos campinenses, para que eles próprios possam reconhecer na Feira Central um patrimônio cultural. Segundo ela, “esse é um projeto da população de Campina Grande, a Prefeitura é apenas a intermediária do reconhecimento popular na valorização da Feira Central”.

Giovana Aquino lembrou ainda que a Prefeitura está desenvolvendo todas as ações, juntamente com a Associação dos Feirantes de Campina Grande. O requisito mais importante para que o projeto seja aprovado é o reconhecimento dos feirantes e da população da feira como patrimônio da cidade. O projeto de reconhecimento da Feira Central como Patrimônio Imaterial do Brasil tem como objetivo incentivar políticas públicas de captação de recursos para a revitalização de seu espaço físico. A expectativa da Prefeitura é recolher assinaturas de 20% da população campinense, ou seja, cerca de 80 mil pessoas. Além da Secretária de Educação e Cultura, são parceiros de nesta iniciativa a Secretaria de Planejamento e o Conselho Municipal de Patrimônio Cultural. Em todo o Brasil, dez bens culturais já foram aprovados pelo Iphan, entre eles o frevo e o samba de roda da Bahia.

Edição (20 de junho de 2007)

Figura 82 - Feira Central busca reconhecimento



Fonte - Arquivo da pesquisadora, 2025

Fonte: Arquivo da BORAA, 2025

A Feira Central de Campina Grande é mais do que um centro comercial. Ela é um território simbólico onde se entrelaçam história, cultura e identidade. Reconhecida como Patrimônio Cultural do Brasil pelo IPHAN em 2017, a feira representa um dos principais espaços de resistência e preservação dos modos de vida populares da cidade.

Ao longo das décadas, a feira tem sido palco de práticas que perpassam gerações: o uso de ervas medicinais, a venda de produtos artesanais, os saberes culinários, os causos contados entre barracas e os rituais religiosos que se manifestam em rezas, promessas e simpatias. Esses elementos compõem uma memória coletiva viva, transmitida oralmente e reforçada pela convivência cotidiana.

Durante o mês de junho, a feira se transforma em um arraial espontâneo, onde o São João se manifesta de forma autêntica. Bandeirolas, trios de forró, fogueiras e comidas típicas criam uma ambiência festiva que reafirma a centralidade da feira na cultura campinense. É nesse espaço que o popular se expressa com força, longe dos grandes palcos, mas profundamente enraizado na vivência comunitária.

O Jornal Diário da Borborema, ao registrar esse cotidiano, atua como mediador da memória, documentando as transformações e permanências que fazem da Feira Central um

espaço de memória urbana. As matérias evidenciam que, mesmo diante da modernização da cidade, a feira resiste como lugar de encontro, de trocas simbólicas e de reafirmação da identidade local.

A Feira Central de Campina Grande, portanto, transcende sua materialidade. Não é apenas um aglomerado de bancas, aromas e vozes, ela é um território afetivo onde o tempo se dobra e o passado caminha ao lado do presente. Ali, entre os corredores estreitos e os sons da vida cotidiana, pulsa a alma popular da cidade. É onde a cultura se manifesta em sua forma mais genuína: nas mãos calejadas dos feirantes, nas receitas que atravessam gerações, nas histórias contadas ao pé da banca, no vaivém dos que ali encontram sustento, afeto e pertencimento.

Se a Feira Central guarda com zelo a memória dos modos de vida enraizados na tradição campinense, o Festival de Inverno amplia esse repertório, projetando-o em múltiplas direções. Ao reunir diversas linguagens artísticas, da música à dança, do teatro à literatura, o festival constrói um cenário de pluralidades, onde a cultura se reinventa sem perder suas raízes. É a cidade que se abre ao mundo sem deixar de ser ela mesma.

Essa travessia entre o chão da feira e o palco do festival revela a capacidade singular de Campina Grande de articular tradição e inovação cultural. É nesse entrelaçamento que o Diário da Borborema encontra matéria viva para suas páginas, registrando não apenas eventos, mas expressões da memória coletiva, testemunhos de uma cidade que celebra sua identidade com orgulho e sensibilidade.

A Feira Central, portanto, não é apenas um lugar físico. É um espaço onde o passado e o presente se misturam, e onde a cultura popular encontra abrigo, expressão e continuidade. Se a Feira Central conserva a memória do cotidiano e os modos de vida enraizados na cultura popular campinense, **o Festival de Inverno** estende esse repertório ao reunir diversas linguagens artísticas em um cenário de pluralidades. Essa passagem entre os dois espaços destaca a capacidade da cidade de articular tradição e inovação cultural, compondo matérias que o Diário da Borborema registra como expressão da memória coletiva.

Nesse contexto de efervescência cultural e inovação, apresentamos o panorama construído a partir dos dados coletados nas edições do Jornal Diário da Borborema sobre o **Festival de Inverno de Campina Grande (FICG)**. A análise documental realizada no JDBO revelou informações relevantes que não apenas evidenciam a evolução do evento, mas também dialogam com o crescimento do Polo Tecnológico da cidade. Nessa direção, Assim sendo, apresentamos **o quadro 6 com os dados coletados nas edições do JDBO sobre o FICG**.

Quadro 6 - Quadro de coleta de dados do Festival de Inverno

QUADRO DA COLETA DE DADOS - FESTIVAL DE INVERNO DE CAMPINA GRANDE							
Nº	Figura	Data de publicação	Título da matéria	Seção do jornal	Personagens ou instituições citadas	Palavras-chave	Tipo de abordagem (informativa, opnativa, promocional)
	-	13 de julho de 1974		p.01	História do Zoo, Eduard Albee, Festival Nacional de Teatro FENAT,	Censura militar, Festival de Nacional de Arte de Campina Grande FENAT, Certificado de censura	Informativa
	-	13 de julho de 1975		p.03	Teatro Municipal de Campina Grande, FENAT	Teatro, FENAT	Informativa
	-	11 de outubro de 1975		p.03	Vital Santos de Caruaru, Paschoal Carlos Magno, O prefeito Evaldo Cruz, Eneida Maracajá, Isaac Gondim, O Secretário de Educação e Cultura Pe. Genival Saraiva	Teatro, FENAT, Vital Santos de Caruaru 1º lugar do FENAT	Informativa
	-	12 de outubro de 1976		p.07	Vital Santos de Caruaru, Paschoal Carlos Magno, O prefeito Evaldo Cruz, Eneida Maracajá, Isaac Gondim, O Secretário de Educação e Cultura Pe. Genival Saraiva	Teatro, Festival de Inverno de Campina Grande FICG, Campina Grande	Informativa
83	Festival de Inverno homenageia Paschoal Carlos Magno	28 de junho de 1986	Reunião define detalhes do XI Festival de Inverno		O Embaixador Paschoal Carlos Magno, A diretora do Festival Eneida Agra Maracajá,	Teatro, Festival de Inverno de Campina Grande, Embaixador	Informativa
OBS.	Nº = É a numeração em que a imagem e a matéria aparecem no texto da pesquisa.						

Fonte - Elaborado pelas autoras (2025)

O FESTIVAL DE INVERNO

*Nas escolas, nas ruas, campos, construções
Somos todos soldados, armados ou não
Caminhando e cantando e seguindo a canção
Somos todos iguais, braços dados ou não
Os amores na mente, as flores no chão
A certeza na frente, a história na mão
Caminhando e cantando e seguindo a canção
Aprendendo e ensinando uma nova lição
Vem, vamos embora, que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer
Vem, vamos embora, que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer
(Geraldo Pedrosa De Araujo Dia, 1968)*

Os versos de Vandr  poderiam muito bem descrever os espaços ocupados pelo Festival de Inverno desde sua criação em **1974**. Nascido em plena ditadura militar, o festival foi uma resposta cultural   repressão, um gesto de resistência est tica e política. Professores, estudantes, artistas e militantes se uniram para criar um evento que **celebrasse a liberdade de expressão**, a diversidade artística e o pensamento crítico.

Ao longo das décadas, o festival se espalhou por Campina Grande como uma rede de criação: **teatro, dança, música, literatura, cinema, artes visuais e oficinas** ocuparam escolas, universidades, centros culturais e ruas. Era, e continua sendo, um espaço onde “os amores na mente, as flores no chão” se tornam realidade, onde a arte   semeada como esperança e colhida como transformação.

O *JDBO* acompanhou essa trajetória desde o início, registrando cada edição como parte da história viva da cidade. As matérias revelam não são os espetáculos e os artistas, mas também os **desafios enfrentados**: atrasos, cortes de verba, mudanças de gestão, descontinuidade. Mesmo assim, o festival resistiu, “a certeza na frente, a história na mão”.

A cada edição, o festival reafirma Campina Grande como **território de criação e pertencimento**, onde a cultura não é apenas entretenimento, mas **instrumento de formação cidadã**. Ele dialoga com o passado, projeta o futuro e transforma o presente.

Posto isso, percebemos que assim como na canção de Vandr , o Festival de Inverno é feito de gente armada de ideias, de arte, de coragem. O festival é coletivo,   plural,   resistência. E mesmo diante de tantos desafios e obstáculos, ele segue, caminhando e cantando. Assim, Campina Grande, com sua efervescência intelectual e universitária, tornou-se um dos poucos territórios do Nordeste onde a arte pode se manifestar com ousadia. Professores, estudantes, artistas e militantes se uniram para criar um festival que **celebrasse a**

liberdade de expressão, mesmo sob vigilância. O evento foi pensado como espaço de formação, fruição e crítica.

Ressaltamos que a coleta foi feita apenas de citações das matérias do JDBO, marcando emblematicamente os momentos de silêncio forçado advindo da censura na época da ditadura militar. O primeiro dia do evento contou com um desfile, além do desfile, o primeiro dia do evento contou com a aposição do busto do ex-prefeito Severino Cabral no jardim do Teatro Municipal, e uma solenidade de abertura, de acordo com a edição do Diário da Borborema de 13 de julho de 1974.

De acordo com notícia publicada no Diário da Borborema, de 1974, haveria um espetáculo protagonizado por Jorge Fernando, que estava com apresentação pública marcada para o dia 15 de julho. No entanto, em razão de problemas com a documentação, sua exibição foi restringida por ordens dos militares. Época ainda da ditadura militar, em que a censura delimitava o que o podia ser exibido ou não.

[...] na noite da segunda-feira, um dos grandes textos programados para a mostra, a “História do Zoo” de Eduard Albee, cartaz mundial, não foi mostrada ao público pela falta de certificado de censura, providência inicial de qualquer montagem de teatro em nosso país. Alegando esquecimento do escript e do documento liberatório, os atores da peça tiveram sua apresentação liberada apenas para a comissão julgadora, o que prova que o nosso FENAT veio cair no lugar comum de toda promoção desse tipo, onde o caráter competitivo supera sempre o aspecto cultural ou de divulgação da arte junto ao povo.

Edição (1974, p. 01)

Na edição do Diário da Borborema, ecoava a constatação de que o I FENATA³ não conseguira despertar o mesmo fervor popular que marcou o festival do ano anterior. O brilho esperado parecia atenuado, como se o entusiasmo da plateia tivesse se dispersado no tempo, revelando a delicada distância entre o sonho dos palcos e a resposta do público.

³ A primeira edição (I FENATA) aconteceu em Campina Grande como parte da efervescência cultural da cidade nos anos 1970. O festival reuniu grupos teatrais amadores de várias partes do Brasil, promovendo apresentações, oficinas e debates sobre arte e sociedade. Foi uma iniciativa ligada à Universidade Federal da Paraíba (UFPB), especialmente ao Departamento de Artes, e dialogava com o contexto de resistência cultural durante a ditadura militar. O encerramento da I FENATA marcou não só o fim da programação, mas também o início de uma trajetória histórica que consolidaria Campina Grande como polo teatral e cultural no Nordeste.

“Espera-se que na noite de hoje o público, que ainda não lotou o Teatro Municipal, vá em massa prestigiar o único espetáculo campinense da Mostra [...] **VAMOS TODOS AO TEATRO**”

Edição (1975, p.03)

O encerramento do I FENATA estava previsto para às vinte e duas horas, momento em que ocorreriam o julgamento e a classificação dos espetáculos. Entretanto, a premiação foi marcada por tensões: o representante do espetáculo vencedor, Vital Santos, enfrentou forte rejeição do público ao subir ao palco para receber o prêmio. Conforme noticiou o JDBO, alguns participantes chegaram a pedir a impugnação da eleição, alegando que o diretor teria persuadido integrantes de outros grupos a votarem em sua peça, oferecendo, em troca, o próprio voto.

Vital Santos de Caruaru, que obteve o 1º lugar, foi a pessoa mais vaiada da noite de domingo último, tendo levado até o nome de “palhaço”. Irritado, Vital tentou falar, mas os gritos eram mais fortes que sua voz. Foi preciso a interferência de Paschoal Carlos Magno, que pediu respeito para as pessoas presentes à mesa, que eram, o prefeito Evaldo Cruz, Eneida Maracajá, Isaac Gondim e o secretário de educação e cultura Pe. Genival Saraiva. Quando o autor caruaruense conseguiu falar, disse: - Num país onde é tão difícil fazer arte, ser vaiado por vocês é uma glória (ou coisa que o valha).

Edição (11 de outubro de 1975, p.3)

O Festival teve como homenageado o embaixador Paschoal Carlos Magno que, àquela altura, já nutria uma longa e afetiva relação com Campina Grande, participando ativamente do planejamento do evento. Reconhecido como o grande idealizador da proposta de festivais voltados à arte e à cultura no Brasil, Magno compartilhou sua experiência e visão com a diretora do I FICG, Eneida Agra Maracajá, responsável por elegê-lo como figura central daquela edição. Em entrevista concedida ao jornal, Paschoal revelou não apenas sua paixão pela cidade, mas também sua percepção sobre o impacto transformador do Festival para Campina Grande.

[...] se já era um império comercial, ela [Campina Grande] é hoje, por todos os seus aspectos, um centro de cultura, não de toda uma região, mas particularmente, do nosso Brasil. [...] Os festivais de teatro e de todas as artes realizados em Campina Grande dão à cidade uma projeção nacional. [...] um crescente interesse pelo teatro, particularmente entre os jovens que nunca tiveram outras oportunidades de ver, de assistir teatro. Nesta cidade o número de grupos amadores dá o testemunho do significativo interesse que há pelo teatro em todas as classes

Edição (1976, p.07)

Há registros de que também foi apresentado o espetáculo “Hoje a Banda não Sai” conseguiu lotar o espaço do teatro, indicando assim que havia interesse da população em assistir o FICG, que em sua programação teve a abertura da mostra de teatro. De acordo com nota publicada no jornal Diário da Borborema: Teve continuidade a mostra de teatro do Festival de Inverno de Campina Grande, com a 2ª peça a se apresentar ao grande público que lotou o Teatro Municipal Severino Cabral, intitulada:

“Hoje a Banda Não Sai” do paraibano Marcos Tavares [...]

Edição (1976, p.04)

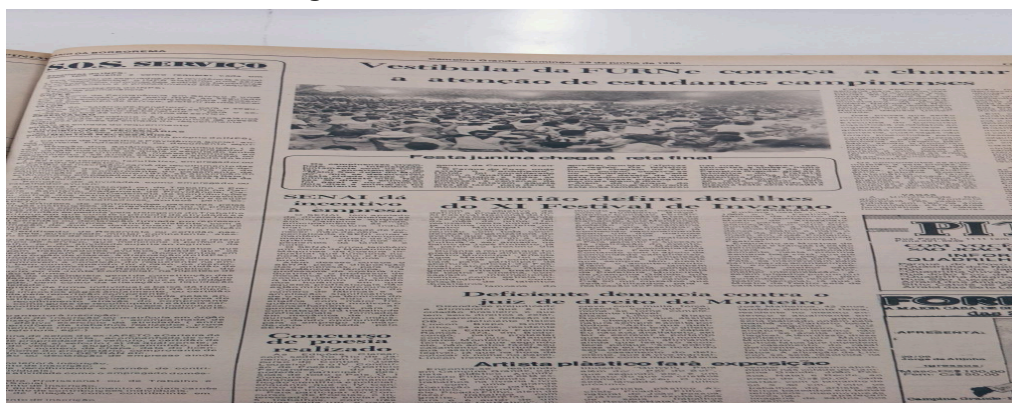
A programação da Mostra de Cinema reuniu filmes brasileiros consagrados, muitos deles pertencentes ao movimento do Cinema Novo, e trouxe ainda para a cidade a pré-estreia de títulos recém-lançados à época. O texto remete-nos a ideia do interesse do festival em fazer o público ter mais acesso aos filmes, e tragam uma visão do que foi a trajetória do cinema brasileiro. Em texto publicado na revista *Tudo*, encartada no jornal, Bráulio Tavares anunciou a semana de programação cinematográfica do I FICG, destacando que o objetivo do evento era:

[...] trazer para o público de Campina Grande, filmes que dêem uma visão do que foi a trajetória do cinema brasileiro nos últimos quinze anos, e também uma mostra de filmes recentes e inéditos em nossa cidade.

Edição (1976, p.04)

A edição de 29 de junho de 1986, menciona reunião para definir detalhes do XI Festival de Inverno de Campina Grande, como consta na **figura 83**.

Figura 83 - Reunião define detalhes do XI de FICG



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2025

Recentemente, o Festival foi reconhecido como patrimônio imaterial do Estado, fruto da articulação da Pró-reitora de Cultura (PROCULT) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Esse reconhecimento reafirma sua condição de símbolo cultural de Campina Grande. Trata-se portanto do único festival do Nordeste a manter-se vivo e pulsante por meio século, celebrando 50 anos de existência ininterrupta.

Verificamos que o Festival de Verão de CG expressa o espírito de resistência que marcou a produção artística brasileira durante a ditadura. E é nesse cenário que nasce, em **1974, o Festival de Inverno de Campina Grande**: como uma resposta cultural à censura, à repressão e ao silenciamento imposto pelo regime.

2.2 Entre o olhar e vestígios: os caminhos da coleta de dados

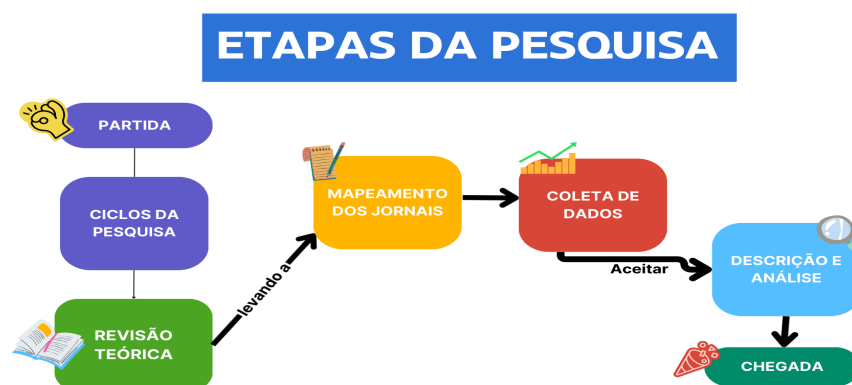
Durante o trabalho de campo, verificamos que os exemplares do Jornal da Borborema não se encontravam digitalizados, tampouco indexados em bases de dados públicas ou institucionais. Essa ausência de sistematização impôs à pesquisa a necessidade de um levantamento direto e minucioso nos arquivos físicos, com especial atenção aos meses que compõem o primeiro ano de circulação do periódico: outubro, novembro e dezembro de 1958.

A análise inicial revelou não apenas a complexidade e fragmentação do acervo, mas também a urgência de organizar o percurso investigativo em etapas metodológicas bem definidas. Essa divisão foi fundamental para garantir a consistência analítica e o aprofundamento progressivo da pesquisa, diante de um material que exige leitura crítica, contextualização histórica e sensibilidade documental.

O quadro 7 apresenta a estrutura dessas etapas, que serão discutidas em detalhe ao longo do capítulo, evidenciando o esforço de transformar um acervo não sistematizado em campo fértil para a produção de memória e conhecimento.

Essa etapa inicial revelou a complexidade do acervo e a necessidade de estruturar a pesquisa em fases distintas, a fim de garantir maior rigor metodológico e organização analítica. A figura a seguir ilustra essa divisão em etapas, que serão detalhadas ao longo do capítulo.

Quadro 7 - Quadro etapas da pesquisa



Fonte: Elaborado pelas autoras (2025)

Etapas da pesquisa a considerar:

- 1) Revisão Teórica (levantamento bibliográfico, fontes primárias e secundárias);
- 2) Mapeamento de todos os jornais;
- 3) Coleta de dados;
- 4) Descrição e Análise.

Observando as etapas supracitadas para operacionalizar a Análise de Conteúdo, foram utilizados instrumentos de auxílio na sistematização dos dados e na construção das categorias interpretativas. Esses instrumentos permitiram em uma leitura mais precisa e reflexiva do corpus jornalístico, favorecer a identificação dos sentidos que atravessam as representações dos eventos culturais e históricos de Campina Grande.

- a) Fichas de leitura - Cada edição do Diário da Borborema será analisada por meio de fichas estruturadas, contendo campos como: Data da publicação, Seção ou editoria, Tipo de texto (reportagem, editorial, coluna, nota, imagem), Evento abordado. Essas fichas permitiram o registro sistemático das unidades de análise e facilitaram a categorização posterior;
- b) Palavras-chave, Elementos simbólicos ou expressivos, Índícios de dispositivos infomemoriais, Observações interpretativas;
- c) Quadro de categorias - Com base nas leituras iniciais, será construído um quadro de categorias temáticas e subtemáticas, conforme apresentado na seção anterior. Esse quadro será flexível e poderá ser ajustado conforme novas recorrências ou sentidos emergirem durante a análise;
- d) Diário de campo reflexivo - foi mantido um diário de campo com anotações livres sobre impressões, hipóteses, dúvidas e conexões teóricas que surgirem ao longo da análise. Esse instrumento teve um caráter subjetivo e interpretativo, permitindo que a pesquisadora registrasse o percurso reflexivo e os deslocamentos de sentido que ocorrem durante o processo investigativo;

- d) Mapas conceituais- para facilitar a visualização das relações entre categorias, eventos e dispositivos de memória, serão elaborados mapas conceituais que conectem os achados da análise com os referenciais teóricos adotados. Esses mapas funcionarão como sínteses visuais do percurso analisado.

Ao iniciarmos a pesquisa, **a primeira etapa** consistiu na revisão teórica, com levantamento em bases de dados e bibliografias que abordassem estudos relevantes sobre jornais, incluindo o Jornal Diário da Borborema. Durante esse processo, fomos surpreendidos pela escassez de publicações dedicadas ao JDBO no campo da Ciência da Informação, evidenciando uma lacuna significativa na produção acadêmica sobre esse importante veículo regional. **Na segunda fase** da pesquisa, realizamos o mapeamento do acervo do Jornal Diário da Borborema (ver **Anexos**), uma vez que o catálogo disponibilizado ao público pela BORRA não contemplava todas as edições incluídas no comodato. Durante essa etapa, também localizamos o arquivo fotográfico do jornal, cuja organização ainda está em andamento, pois o processo de indexação conduzido pelo arquivista permanece inconcluso.

A terceira etapa da pesquisa corresponde à fase de coleta de dados, considerada um momento decisivo para o aprofundamento empírico da investigação. É nessa fase que se estabelece o contato direto com as fontes primárias, permitindo a construção de uma base sólida de evidências que sustentam as análises posteriores. Para garantir rigor metodológico e coerência com os objetivos da pesquisa, foram definidos recortes específicos em quatro dispositivos infomemoriais — estruturas que concentram, organizam e expressam informações relevantes à memória institucional e cultural do objeto estudado.

Esses dispositivos foram cuidadosamente selecionados com base em sua capacidade de representar diferentes dimensões da produção, circulação e preservação da informação. Funcionam, portanto, como unidades de análise que orientam a coleta sistemática dos dados documentais, possibilitando o mapeamento das práticas informacionais que atravessam o corpus da pesquisa. Ao considerar aspectos como o contexto de produção, os agentes envolvidos, os suportes utilizados e os sentidos atribuídos aos registros, essa abordagem permite uma leitura ampliada e crítica dos fluxos informacionais.

A estruturação desses recortes não apenas assegura consistência metodológica, como também contribui para a compreensão das dinâmicas que configuram os processos de construção da memória social. Por meio deles, torna-se possível identificar os modos como a informação é registrada, preservada e ressignificada ao longo do tempo, revelando camadas de sentido que enriquecem a análise documental e fortalecem o vínculo entre o objeto de estudo e sua inserção no campo da Ciência da Informação, ver **quadro 8**.

Quadro 8- Recortes da coleta de dados

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025)

A coleta documental concentrou-se em edições do Jornal Diário da Borborema publicadas no mês de junho, abrangendo cinco décadas distintas: 1958, 1977, 1986, 1997 e 2007. A escolha do mês de junho se justifica por sua relevância cultural para a cidade de Campina Grande, especialmente por concentrar as celebrações juninas, manifestações populares de grande expressão regional e, posteriormente, por ser o período em que ocorre o Festival de Inverno, evento que mobiliza intensamente o cenário artístico local.

O ano de 1958 foi adotado como ponto de partida da série histórica, uma vez que não há edições disponíveis referentes ao mês de junho de 1957, período anterior à fundação oficial do jornal, que ocorreu em 2 de outubro daquele ano. A seleção dos anos obedeceu a critérios cronológicos e simbólicos, buscando representar diferentes momentos da trajetória editorial do periódico, bem como os contextos socioculturais em que esteve inserido.

Essa abordagem permitiu observar continuidades, rupturas e transformações nas práticas informacionais ao longo do tempo, revelando como o jornal se posicionou diante dos acontecimentos locais e como contribuiu para a construção da memória coletiva da cidade. Ao analisar essas edições, torna-se possível compreender não apenas os conteúdos veiculados, mas também os modos de produção, circulação e preservação da informação em diferentes períodos históricos.

- a) No ano de 1958, foram identificadas quatro matérias com abordagem predominantemente informativa, compostas por reportagens e anúncios que destacam a programação local;
- b) O ano de 1977 foi escolhido, pois fazia 10 anos de edição desde o primeiro jornal. Em 1977, o número de matérias identificadas foi de oito matérias, com presença de editoriais e uma abordagem opinativa, envolvendo os governos estaduais e comerciantes;

- c) No ano de 1986, foi escolhido por ser o ano de inauguração do Parque do Povo, foram registradas sete matérias, com destaque para colunas sociais e reportagens sobre o São João.
- d) O ano de 1997 foi escolhido por ter nove anos após a década anterior. Neste ano a cobertura foi de seis matérias, incluindo entrevistas e conteúdos culturais que valorizavam artistas nacionais e patrocinadores;
- e) Por fim, a escolha de 2007, se deu por ser mais um cenário representativo de uma década após a escolha anterior, neste ano foram identificadas 4 (quatro) matérias, com diversidade de formatos: reportagens, notas e imagens e uma abordagem institucional voltada à promoção do evento como patrimônio cultural da cidade.

Para operacionalizar a Análise de Conteúdo, foram utilizados instrumentos que auxiliam na sistematização dos dados e na construção das categorias interpretativas. Esses instrumentos permitiram uma leitura mais precisa e reflexiva do corpus jornalístico, favorecendo a identificação dos sentidos que atravessaram as representações dos eventos culturais e históricos de Campina Grande.

a) Fichas de leitura - Cada edição do Diário da Borborema foi analisada por meio de fichas estruturadas, contendo campos como:

- Data da publicação
- Seção
- Título da matéria e tipo de texto
- Evento abordado
- Palavras-chave
- Personagens ou instituições simbólicos e expressivos
- Matérias informativas, ou opinativas ou promocionais.

Essas fichas permitiram o registro sistemático das unidades de análise e facilitaram a categorização posterior.

b) Quadro de categorias - Com base nas leituras iniciais, foi construído um quadro de categorias temáticas e subtemáticas, conforme apresentado na seção anterior. Esse quadro flexível pode ser ajustado conforme novas recorrências ou sentidos emergiram durante a análise.

c) Diário de campo reflexivo – Foi utilizado um diário de campo com anotações livres sobre impressões, hipóteses, dúvidas e conexões teóricas que surgiram ao longo da análise. Esse instrumento de caráter subjetivo e interpretativo, permitiu que a pesquisadora registrasse o percurso reflexivo e os deslocamentos de sentido que ocorreram durante o processo investigativo.

d) Mapas conceituais - Para facilitar a visualização das relações entre categorias, eventos e dispositivos de memória, foram elaborados mapas conceituais que conectem os achados da análise aos referenciais teóricos adotados. Esses mapas funcionarão como sínteses visuais do percurso analítico da pesquisa, permitindo compreender de forma integrada os vínculos entre os dados empíricos e os fundamentos conceituais que sustentam a investigação.

No que se refere ao recorte dedicado ao **São João de Campina Grande**, construímos o quadro a seguir, que busca evidenciar e organizar os principais elementos constitutivos de nosso primeiro eixo de recorte documental. Trata-se de uma escolha que não apenas sistematiza as informações, mas também nos permite perceber como a festa, em sua multiplicidade de expressões, se desdobra em dimensões culturais, sociais e econômicas, revelando o modo singular como a cidade constrói sua memória junina.

Quadro 9 - Elementos do recorte documental do São João

Elemento metodológico	Descrição
Tipo de Pesquisa	Qualitativa, exploratória e descritiva
Fonte de Dados	Jornal Diário da Borborema (ed. físicas)
Recorte Temporal	Mês de junho dos anos: 1958, 1977, 1986, 1997 e 2007
Critério de Seleção	Presença de conteúdos relacionados ao São João
Local da Coleta	Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida (BORAA/UEPB)
Instrumentos Utilizados	Planilhas sistemáticas e temáticas, registros fotográficos
Técnica de Análise	Análise de conteúdo (Bardin, 2011)
Etapas da Análise	Pré-análise, codificação/categorização, interpretação

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025)

A seleção das edições teve como critério a presença de conteúdos relacionados às celebrações juninas, como reportagens, editoriais, anúncios, imagens e notas. A coleta de dados foi realizada por meio de fichas de leitura, planilhas temáticas e registros fotográficos

das páginas analisadas, permitindo a organização sistemática das informações segundo categorias como data de publicação, título da matéria, seção do jornal, personagens ou instituições citadas, palavras-chave e tipo de abordagem.

Várias destas edições e imagens investigadas no período junino no jornal, que foi o veículo infomemorial, foram analisadas criticamente pelas formas como a memória social e cultural de Campina Grande é construída, preservada e, por vezes, ressignificada. Nesse percurso, destacamos a matéria sobre **aculturação**, no contexto de como fenômeno que atravessa eventos emblemáticos como a **Festa de São João**, evento que vai revelando tensões entre tradição e modernidade, pertencimento e espetáculo. A partir da observação dos dispositivos narrativos e imagéticos presentes nas publicações do jornal, busca-se compreender como essas práticas contribuem para a formação de uma memória coletiva, ao mesmo tempo em que evidenciam silenciamentos, ausências e disputas simbólicas que marcam o imaginário campinense.

O procedimento adotado para a abordagem do recorte sobre o **Polo Tecnológico** de Campina Grande ancora-se nos princípios de um olhar analítico voltado para matérias publicadas no jornal Diário da Borborema, que registram momentos emblemáticos da **trajetória tecnológica da cidade**, seja a gênese do seu percurso no desenvolvimento na cidade, seja pelo avanço das construções, da criação de postos de saúde, a criação da Escola Politécnica e a chegada do primeiro computador à Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), até os convênios nacionais e internacionais que alicerçaram a pesquisa em engenharia e informática.

A seleção das edições foi guiada por critérios temáticos, priorizando conteúdos que dialogam diretamente com o desenvolvimento científico e educacional da região. O processo de coleta ocorreu por meio de fichas de leitura e planilhas analíticas, nas quais os registros foram categorizados por data, natureza do conteúdo, além das transcrições de várias matérias jornalísticas, instituições envolvidas e discursos que emergiram. Assim, foi possível compreender como, nas páginas do jornal, se teceu uma parte da história de Campina Grande como um polo de inovação, que por muitas vezes só permeia o imaginário das pessoas, mas que por meio das folhas do jornal, podemos ver onde ciência e memória se entrelaçam para compor a identidade de uma cidade que aprendeu a reinventar-se pelo conhecimento.

Além da análise das edições de junho voltadas às **festividades juninas**, da inovação tecnológica, a pesquisa incorporou um segundo recorte temático centrado na **Feira Central** de Campina Grande, reconhecida como Patrimônio Cultural do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 2017.

A escolha desse recorte justifica-se pela relevância social, histórica e cultural da feira, que se configura como um espaço de trocas não apenas comerciais, mas também simbólicas, afetivas e comunitárias.

A Feira Central foi abordada como objeto de análise documental a partir de edições do Diário da Borborema que retratam seu cotidiano, suas transformações e os discursos que a envolvem. Foram selecionadas edições que destacam a feira como espaço de resistência cultural, palco de manifestações populares e lugar de construção de identidades locais. A coleta seguiu os mesmos procedimentos metodológicos adotados no primeiro recorte: fichas de leitura, planilhas temáticas e registros fotográficos, com categorização por data, tipo de conteúdo, abordagem discursiva e atores sociais envolvidos.

A **análise de conteúdo** permitiu identificar como a feira é representada ao longo do tempo, revelando narrativas que reforçam seu papel como território de memória, diversidade e pertencimento. A presença da feira no jornal evidencia sua centralidade na vida urbana de Campina Grande, funcionando como elo entre passado e presente, tradição e modernidade.

Quadro 10 - Elementos do recorte documental da Feira Central

Elemento	Descrição
Tema	Feira Central de Campina Grande
Justificativa	Valor histórico, social e cultural; reconhecida como Patrimônio Cultural
Fonte de Dados	Jornal Diário da Borborema
Critério de Seleção	Edições que abordam a feira como espaço cultural e social
Procedimentos de coleta	Fichas de leitura, planilhas temáticas, registros fotográficos
Local da Coleta	Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida (BORAA/UEPB)
Técnica de Análise	Análise de conteúdo (Bardin, 2011)
Foco Interpretativo	Representações da feira como território de memória e identidade local

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025)

A abordagem metodológica adotada para o recorte sobre o Polo Tecnológico de Campina Grande seguiu os princípios da pesquisa qualitativa, de natureza documental e descritiva. A análise concentrou-se em matérias publicadas no jornal Diário da Borborema que retratam momentos-chave da formação tecnológica da cidade, como a criação da Escola

Politécnica, a instalação do primeiro computador na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e os primeiros convênios internacionais voltados à pesquisa em engenharia e informática.

A seleção das edições foi orientada por critérios temáticos, priorizando conteúdos que abordassem diretamente o desenvolvimento científico e educacional da região. Os dados foram coletados por meio de fichas de leitura e planilhas analíticas, com categorização por data, tipo de conteúdo, atores institucionais envolvidos e discursos predominantes.

A técnica de análise de conteúdo, conforme Bardin (2011), foi utilizada para identificar padrões narrativos e representações simbólicas que contribuíram para a construção do imaginário de Campina Grande como polo de inovação tecnológica.

Quadro 11 - Elementos do recorte documental do Parque Tecnológico

Elemento	Descrição
Tema	Desenvolvimento do Polo Tecnológico de Campina Grande
Justificativa	Relevância simbólica e histórica do desenvolvimento de Campina grande e de sua Escola Politécnica
Fonte de Dados	Jornal Diário da Borborema (materias documentais)
Critério de Seleção	Edições das décadas de 1950 a 1970 (com foco em marcos como 1952 e 1968)
Procedimentos de coleta	Fichas de leitura, planilhas temáticas, registros fotográficos
Local da Coleta	Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida (BORAA/UEPB)
Técnica de Análise	Análise de conteúdo (Bardin, 2011)
Foco Interpretativo	Representações da modernidade, pioneirismo e identidade tecnológica

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2025

Por último e não menos importante, temos o recorte do **Festival de Inverno** de Campina Grande. Este recorte temático insere-se na abordagem qualitativa da pesquisa, com natureza documental e descritiva, voltada à análise das representações culturais e políticas do Festival de Inverno de Campina Grande, conforme registrado pelo jornal Diário da Borborema. A escolha do festival como objeto de estudo justifica-se por sua relevância como manifestação artística, inspirou, como também foi cenário de várias apresentações de arte e cultura ao público por 50 anos desde a sua criação e por seu papel simbólico na resistência cultural durante o período da ditadura militar.

A coleta de dados concentrou-se em citações contidas em matérias jornalísticas

que abordam episódios do festival, em meados da década de 1970, até os episódios de censura e repressão vividos em suas primeiras edições. Foram selecionadas publicações que mencionam atrações culturais, da atuação de artistas e intelectuais, das reações da plateia e do poder público como das interferências do regime militar, como interrupções de atividades e convocação de voluntários para depor.

Organizamos os dados em planilhas temáticas, contendo informações como data da publicação, título da matéria, tipo de abordagem, personagens envolvidos (artistas e autoridades públicas), a planilha pode ser analisada na página XX dos anexos desta dissertação. A análise adotada por esta pesquisa foi conduzida com base na técnica de análise de conteúdo, conforme Bardin (2011), que permite identificar categorias como resistência cultural, censura institucional e memória artística.

Esse recorte contribui para compreender como o jornal local atuou como mediador entre os agentes culturais e o contexto político repressivo, revelando os embates que um festival longo como este enfrentou. Embate entre arte e poder, porém consolidou o festival como espaço de expressão e enfrentamento representativo da arte e dos artistas envolvidos.

Quadro 12 - Elementos do recorte documental da Festival de Inverno de Campina Grande

Elemento	Descrição
Tema	Festival de Inverno de Campina Grande
Justificativa	Relevância cultural e política; episódios de censura durante o regime militar
Fonte de Dados	Jornal Diário da Borborema (materias documentais)
Critério de Seleção	Década de 1970 em diante (com foco nas primeiras edições do festival), matérias que abordam o festival, sua programação, censura e repercussão pública
Procedimentos de coleta	Fichas de leitura, planilhas temáticas, registros fotográficos
Local da Coleta	Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida (BORAA/UEPB)
Técnica de Análise	Análise de conteúdo (Bardin, 2011)
Foco Interpretativo	Representações de resistência cultural, censura institucional e memória artística

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2025

3 DESENHO TEÓRICO: ENCONTRO DO TEMA COM OS AUTORES

Uma ou mais pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas, e conseguem até reconstituir toda a sequência de nossos atos e nossas palavras em circunstâncias definidas, sem que nos lembremos de nada de tudo isso.

(Halbwachs, 2006)

Essa seção representa um alicerce necessário para o desenvolvimento da pesquisa, delineando a base conceitual e teórica sobre a qual se sustenta todo o estudo. A partir de um conjunto estruturado de ideias, teorias, conceitos e definições, busca-se contextualizar de forma rigorosa o problema de pesquisa, orientando as análises e interpretações dos achados ao longo do processo investigativo.

Nesse sentido, este espaço de reflexão não apenas fundamenta a pesquisa, mas também promove um diálogo ativo e crítico com a literatura pertinente, permitindo que o estudo se insira em um cenário de debates amplos, enriquecedores e devidamente reconhecidos pela comunidade científica. Dessa forma, a pesquisa se fortalece enquanto produção intelectual, conectando-se com saberes estabelecidos e contribuindo para a ampliação do conhecimento no campo estudado.

O objetivo inicial deste percurso teórico buscou embasamento teórico, a partir das contribuições dos seguintes autores: Candau, Halbwachs, Le Goff, Pierre Nora, Astor Diehl, (Conceitos de memória, Memória individual, Memória coletiva/social), Jô Gondar, Vera Dodebei, Azevedo Netto (na relação ciência da informação e memória, na relação informação e memória, informação na construção do indivíduo/identidade, Memória social); Otlet e Briet (Conceitos documentais); Otlet (Documentação - jornais).

A Ciência da Informação procura utilizar o conceito de memória como uma ferramenta essencial para entender melhor os processos informacionais e suas implicações na produção científica dos profissionais da área. Esse enfoque é especialmente relevante para a memória social e institucional, considerando que a memória é a capacidade psíquica que permite reter e (re) lembrar o passado, bem como recordar e expor fatos, dados ou motivos relacionados a um determinado assunto, isso afirma Candau (2012, p. 9): “a memória é, acima de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado”. Ainda, Candau (2012, p. 15) define memória como “[...] o que passou não está definitivamente inacessível, pois é possível fazê-lo reviver graças a lembrança.”

Para melhor compreendermos o conceito de memória, vale ressaltar que a

memória (do latim *memoria*) é a faculdade psíquica por meio da qual se consegue reter e (re) lembrar o passado. A palavra pode permitir referir-se à lembrança e/ou recordação que se tem de algo que já tenha ocorrido, e à exposição de fatos, dados ou motivos que dizem respeito a um determinado assunto. Podemos dizer que é um constituinte essencial no princípio de tradições, no ato de documentar práticas essenciais, no estudo da identidade cultural, individual e coletiva, e que, por conseguinte devem ser valorizadas e preservadas.

A destruição da memória cultural e das tradições, separa o ser humano de sua procedência, chega a aliená-lo da realidade, bloqueando o conhecimento, a compreensão de por que, de como as transformações aconteceram e acontecem, pois não há ligações dos acontecimentos que dão sentido a essas transformações. Em um cenário assim o homem torna-se espólio⁴ fácil para ser dominado e influenciado.

De acordo com Halbwachs (2006, p. 7), “[...] é impossível conceber um problema da recordação e da localização das lembranças, quando não se toma como ponto de referência os contextos sociais reais que servem de baliza à reconstrução que chamamos memória”.

As ciências sociais trabalham com a questão da interdisciplinaridade, que pode causar a transformação do que temos e compreendemos sobre a memória coletiva. A partir de observações de Halbwachs, ainda em meados de 1950, o estudo da memória coletiva passou a relacionar-se e, por conseguinte, comunicar-se com a psicologia social, antropologia e etno-história. Nesse mesmo contexto temos Le Goff afirmando:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode utilizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (LE GOFF, 2003, p. 419).

No intuito de explorar as afirmações de Le Goff (2003), no que tange a elasticidade da memória, afirmamos que esse pesquisador nos leva a reflexão acerca do estudo da memória social, declara que “é uma das abordagens essenciais para entender os problemas do tempo e da história, onde a memória pode estar ora retraída, ora em expansão.” Le Goff (2003) traz pertinente conceito sobre memória a ser analisado. Enquanto, Azevedo Netto (2007, p. 14), gera reflexões sobre a relação memória e informação, explica que:

[...] a relação da memória com a informação começa a ser estabelecida, sob o ponto de vista geracional. Mas quanto à forma de produção de conhecimento, as abordagens sistemáticas da informação estão relacionadas com a memória, e vice-versa. Ou seja, que objetos, percursos e discursos podem ser produzidos a partir da relação em pesquisa da informação e memória, que vá além da relação primeira estabelecida por Le Goff (2003, p. 368). (AZEVEDO NETO, 2007, p.14)

⁴ Termo que designa o arquivo pessoal do titular pós-vida

A memória deve ser compreendida principalmente como um fenômeno coletivo ou social. Mesmo a memória individual incorpora elementos da memória do grupo social ao qual o indivíduo pertence e está em constante interação com a sociedade. Nessa direção nos conduz Halbwachs (2006, p.11), “[...] podemos perfeitamente dizer que o indivíduo recorda quando assume o ponto de vista do grupo e que a memória do grupo se manifesta e se realiza nas memórias individuais”.

Nesse sentido, a fim de tecer mais elementos sobre a memória social consideramos as quatro proposições de Gondar e Dodebei (2005), a saber - como fenômeno: a) transdisciplinar - ; b) ético-político; c) processual e; d) não reduzido à representação. Nessa direção, com o olhar voltado para essas proposições é possível compreender o Diário da Borborema não apenas como veículo informativo, mas como agente ativo, um ator simbólico na tessitura da memória coletiva e na construção da identidade cultural de Campina Grande, haja vista que sua atuação ultrapassa os limites da simples veiculação de notícias, ao incorporar múltiplas linguagens, narrativas e práticas discursivas que dialogam com diferentes campos do saber e com os diversos públicos da cidade. Nesse sentido, o jornal se insere em uma lógica transdisciplinar, articulando elementos da cultura, da política, da economia e da vida cotidiana.

Para adentrar os caminhos da Ciência da Informação, foi necessário mais do que uma incursão disciplinar: a pesquisa precisou atravessar seus fundamentos, suas fronteiras e suas complexidades. Nessa direção, encontramos Morin (1998, p. 93), cuja obra nos alerta para a natureza difusa e incerta do conceito de informação. Segundo o autor, a informação não se apresenta como uma entidade estável ou unívoca, mas como um campo aberto à investigação sobre a organização da realidade social e suas múltiplas formas de manifestação.

Para que se revele em sua plenitude, a informação precisa ser posta em relação - com outros conceitos, com fenômenos diversos, com práticas culturais e sociais. É nesse entrelaçamento que ela ganha sentido. Por isso, Morin a denomina como um “conceito de travessia”: um ponto de passagem entre saberes, um elo entre disciplinas, um vetor que conecta estruturas e experiências. Assim, ao incorporar essa perspectiva, a pesquisa reconhece que a informação não é apenas *dado ou conteúdo*, mas também prática social, mediação simbólica e expressão de mundos possíveis.

Para debruçar, ainda mais, sobre os pilares teóricos da CI, esta pesquisa se apoia nos paradigmas contemporâneos delineados por Capurro (2003), que oferecem três perspectivas complementares sobre a relação entre informação e sociedade: o *paradigma*

físico, o paradigma cognitivo e o paradigma social.

O paradigma físico concebe a informação como um objeto tangível, transmitido de um emissor a um receptor por meio de um canal específico. Nessa abordagem, a informação é vista como instrumento técnico voltado à organização e recuperação do conhecimento, sendo os documentos os principais veículos dessa transmissão. Trata-se de uma visão funcionalista, centrada na eficiência comunicacional e na materialidade dos registros. **O paradigma cognitivo** desloca o foco para os processos mentais envolvidos na recepção e interpretação da informação. Aqui, a informação é compreendida como um recurso estratégico, capaz de transformar realidades e influenciar relações de poder, dinâmicas sociais, econômicas e culturais. Esse paradigma valoriza as capacidades cognitivas - como memória, atenção e julgamento - que mediam a forma como os indivíduos interagem com os conteúdos informacionais e constroem sentidos sobre o mundo.

Por fim, *o paradigma social* amplia ainda mais essa compreensão ao reconhecer o usuário como sujeito ativo e conhecedor, que mobiliza modelos mentais próprios para interpretar e ressignificar a informação. Nesse contexto, a comunicação assume papel central, pois é por meio dela que se constroem significados compartilhados. A informação, portanto, é vista como prática social, como mediação simbólica entre sujeitos, e não apenas como conteúdo a ser transmitido.

Ao incorporar esses três paradigmas, a pesquisa reconhece que a informação não é um conceito estático, mas sim um “conceito de travessia”, como propõe Morin (1998), atravessado por múltiplas dimensões - técnica, cognitiva e social- e profundamente vinculado às práticas culturais, às relações humanas e à construção da realidade.

Em face dessas considerações, percebe-se que “o conceito de informação há muito vem despertando uma série de discussões a respeito da sua delimitação, bem como das suas formas de uso, tanto no nível social, cotidiano, quanto no nível analítico, dentro da Ciência da Informação”. (Azevedo Netto, 2007, p.4). Para a construção do trabalho pretende-se utilizar o sentido de informação considerado por Azevedo Netto (2007, p. 6) como:

[...] aquela que diz respeito a uma produção de significados socialmente aceitos. É aquele fenômeno em que há não só a produção de um bem simbólico, mas também sua disseminação e consumo, que implica na sua própria reprodução, já que a dimensão espacial é extremamente dinâmica, dentro da sua (re) contextualização. Vendo aí uma questão de identidade, já que a informação implica em significação, ela poderia estar restrita a setores ou segmentos culturais, que podem ser mais ou menos permeáveis, produzindo, assim, novos significados sobre a informação disseminada. (AZEVEDO NETTO, 2007, p.6)

As bases para as reflexões documentais da pesquisa estão ancoradas na noção de documento, cito as que foram estabelecidas por Otlet (2018, p.380). “Para ele, o conhecimento achava-se engastado em documentos que o objetificam e lhe davam uma espécie de status público. Os documentos, entretanto, consistiam não apenas em palavras escritas ou impressas. Objetos, figuras e ilustrações, partituras musicais — qualquer coisa que tivesse valor probatório, que ‘documentasse’ algo, era um documento”.

Com o intuito de fortalecer o arcabouço teórico sobre o conceito de documento, esta pesquisa recorre à documentalista francesa Briet (2016), cuja contribuição, ao lado de Otlet, é fundamental para a consolidação da chamada Neodocumentação conhecida como um movimento teórico que emerge a partir da década de 1990, com autores como Frohmann, Day e Saldanha, que revisitam e reinterpretam os fundamentos da Documentação clássica — especialmente os de Otlet e Briet - à luz de questões epistemológicas, simbólicas e socioculturais.

Em sua obra Briet propõe uma redefinição do que se entende por documento, ampliando sua concepção para além dos suportes tradicionais. Para ela, o documento é “todo índice concreto ou simbólico, conservado ou registrado com os fins de representar, reconstituir ou provar um fenômeno físico ou intelectual” (Briet, 2016, p. 7). Suas ideias sobre documento está nitidamente refletida na citação, a seguir:

Uma estrela é um documento? Um seixo⁵ levado pela torrente é um documento? Um animal vivo é um documento? Não. Mas são documentos as fotografias e os catálogos de estrelas, as pedras em um museu de mineralogia, os animais catalogados e expostos em um Zôo (BRIET, 2016, p. 7).

Essa definição é ilustrada por um raciocínio provocativo: uma estrela, um seixo levado pela correnteza ou um animal vivo não são documentos em si. No entanto, tornam-se documentos quando são registrados, catalogados ou expostos - como nas fotografias astronômicas, nas pedras em museus de mineralogia ou nos animais em zoológicos. Ou seja, o documento não é apenas o objeto, mas o ato de documentar, o contexto de registro e a intenção de representar algo para fins de conhecimento.

Partindo dessa perspectiva, a pesquisa estabelece um diálogo entre o conceito ampliado de documento e os temas que atravessam a memória social, especialmente no

⁵ É um tipo de pedra natural, geralmente arredondada e lisa, formada pelo desgaste de rochas maiores devido à ação da água, vento ou outros agentes erosivos.

contexto dos jornais impressos. O Diário da Borborema, por exemplo, não é apenas um suporte físico de informação, mas um registro simbólico que representa fenômenos sociais, culturais e históricos de Campina Grande.

Ao considerar os jornais como documentos no sentido brietiano, reconhece-se sua função como instrumentos de preservação e transmissão do conhecimento, capazes de articular narrativas, construir identidades e permitir que gerações futuras compreendam e aprendam com o passado. Essa articulação entre documento e memória social reforça a importância de conservar esses registros, não apenas como fontes históricas, mas como expressões vivas da cultura e da experiência coletiva, capazes de mediar o passado e o presente, e de alimentar os processos de construção identitária ao longo do tempo.

Ao reconhecer o Diário da Borborema como documento simbólico nos moldes propostos por Briet (2016) e inspirados pelas bases da Documentação moderna de Otlet, esta pesquisa evidencia que o jornal não é apenas um suporte informativo, mas um artefato cultural que representa, preserva e transforma a memória social de Campina Grande. Portanto, preservar esse acervo é garantir que os discursos, afetos e narrativas que atravessam suas páginas continuem acessíveis às gerações futuras, permitindo que a cidade dialogue com sua própria história e que novas interpretações possam emergir a partir desses vestígios documentais.

Assim, o documento deixa de ser apenas registro e passa a ser travessia entre o vivido e o narrado, entre o esquecido e o lembrado, entre o tempo e o sentido.

3.1 Jornais como fonte de informação, memória e identidade coletiva: entre narrativas e registros.

Os jornais, enquanto instância produtora e difusora de narrativas sociais exerce um papel fundamental na construção e preservação da memória coletiva. Mais do que simples repositório de informações, eles atuam como mediadores entre os acontecimentos e sua inscrição simbólica na história, moldando percepções, valores e identidades. Sob a perspectiva da Ciência da Informação, esse processo pode ser compreendido como uma dinâmica infomemorial, na qual os registros jornalísticos - sejam eles textuais, visuais ou sonoros — funcionam como artefatos informacionais que sustentam a memória social. Entre narrativas e registros, emerge um campo fértil para investigar como a imprensa organiza, legitima e perpetua determinados discursos, contribuindo para a construção de sentidos compartilhados ao longo do tempo.

Cabe lembrar que a memória social não se constitui e não se constrói apenas por meio de lembranças pessoais, mas é sustentada por **suportes documentais** que registram, organizam e disseminam informações ao longo do tempo. Entre esses suportes, o jornal ocupa lugar de destaque, funcionando como um dispositivo que articula o presente e o passado por meio da narrativa jornalística. Portanto, não se forma espontânea ou desarticulada. Ela é fruto de processos informacionais que envolvem seleção, registro, circulação e ressignificação de experiências coletivas. Diferente da memória individual, que se baseia na vivência subjetiva, a memória social depende de suportes que garantam sua permanência e acessibilidade ao longo do tempo. Esses suportes, sejam eles documentos, monumentos, arquivos ou meios de comunicação - funcionam como mediadores entre o passado e o presente, permitindo que determinados eventos, práticas culturais e narrativas sejam preservados e reconhecidos como parte da identidade de um grupo.

Nesse sentido, compreender os mecanismos que sustentam a memória social é essencial para analisar como as comunidades constroem e mantêm seus vínculos simbólicos com a história, a cultura e o território. Halbwachs (2006) foi um dos primeiros a destacar que a memória coletiva não é apenas a soma das lembranças individuais, mas uma construção social mediada por grupos, instituições e suportes materiais.

Como destaca Vieira (2015), o jornal impresso pode ser compreendido como um **lugar de memória**, conceito desenvolvido por Pierre Nora (1993), que se refere a espaços — físicos ou simbólicos - onde a memória se cristaliza e se preserva. Ao documentar eventos, práticas culturais e discursos sociais, os jornais tornam-se fontes privilegiadas para a compreensão da memória coletiva, especialmente em contextos regionais onde a oralidade e a tradição desempenham papel fundamental.

Assim, o jornal não apenas informa, mas também **atua como mediador simbólico**, organizando sentidos, legitimando narrativas e contribuindo para a construção de identidades sociais ao longo do tempo. Jornal enquanto dispositivo de registro e circulação de informações desempenha um papel central na construção da memória social. Mais do que informar, os jornais atuam como documentos culturais, capazes de preservar narrativas, representar identidades e mediar o diálogo entre passado e presente. Essa perspectiva é amplamente discutida por autores que reconhecem o papel da mídia impressa como suporte infomemorial.

Segundo Le Goff (2003) os jornais representam uma forma de exteriorização da memória individual, transformando lembranças em registros públicos que podem ser compartilhados e reinterpretados coletivamente. Para o autor, a memória não é apenas um

fenômeno psicológico, mas uma construção histórica e social, sustentada por suportes materiais e simbólicos.

Na mesma direção, Barbosa (2007) analisa a imprensa brasileira como um espaço de produção de sentidos, onde se articulam cultura, identidade e memória. Seus estudos revelam como os jornais funcionam como lugares de memória, nos termos de Pierre Nora, ao documentar práticas sociais, eventos históricos e manifestações culturais que compõem o imaginário coletivo.

Outros pesquisadores, como Santos (2013), exploram a imprensa regional como mediadora da tradição e do sentimento de pertencimento. Em sua análise da imprensa juazeirense, o autor destaca o papel dos periódicos locais na preservação de narrativas que não encontram espaço na mídia hegemônica, reforçando, assim, a importância das fontes regionais na construção da memória social. Dessa forma, compreender a atuação da imprensa regional não é apenas reconhecer sua relevância informativa, mas também valorizar sua potência como instrumento de resistência e preservação de narrativas que desafiam o esquecimento imposto pela mídia dominante. Os estudos de Santos (2020) evidenciam que, longe de serem meros registros locais, esses periódicos são guardiões de histórias que sustentam a pluralidade da memória social brasileira.

Na Ciência da Informação, esses estudos apontam para a necessidade de ampliar os horizontes da pesquisa, incorporando a imprensa como objeto legítimo de investigação informacional. Assim sendo, os jornais como fontes de informação, memória e identidade coletiva devem preencher espaços nos discursos da CI, haja vista que eles ocupam um papel essencial na construção da memória social e na preservação da identidade coletiva de uma sociedade. Mais do que veículos de comunicação, eles registram acontecimentos históricos, refletem os valores culturais de diferentes épocas e contribuem para a formação do conhecimento.

Nesse contexto, os jornais são fontes documentais relevantes, pois carregam registros detalhados de eventos políticos, sociais e econômicos, tornando-se peças fundamentais para a organização, o acesso e o uso da informação. Na perspectiva da Ciência da Informação são considerados fontes primárias de informação, pois registram os acontecimentos no momento em que ocorrem, oferecendo dados originais e contextuais.

Segundo Capurro e Hjørland (2003), a informação é sempre situada, ou seja, depende do contexto social, histórico e cultural em que é produzida. Por conseguinte, os jornais, são documentos que carregam intencionalidades, seleções e interpretações que refletem o ambiente informacional de uma época. Além disso, eles desempenham um papel

essencial na mediação da informação entre os acontecimentos e o público. Eles filtram, organizam e apresentam os fatos de forma acessível, contribuindo para a formação da opinião pública e para o exercício da cidadania. No campo da organização da informação, os jornais também são objeto de estudo em relação à indexação, preservação digital e recuperação da informação.

Entende-se que ao serem consideradas fontes de informação, memória e identidade coletiva, os jornais revelam sua complexidade como objetos informacionais. No campo da Ciência da Informação, seu estudo permite compreender não apenas os processos de produção e organização da informação, mas também os mecanismos de preservação da memória e de construção de sentidos sociais.

Nesse viés a valorização dos acervos jornalísticos, a análise crítica de seus conteúdos e a promoção do acesso público a esses documentos são ações fundamentais para fortalecer a pesquisa, a cidadania e a preservação da história. Assim, os jornais se afirmam como fontes indispensáveis para pensar a informação em sua dimensão mais ampla: como expressão da vida social.

Cabe lembrar que a relação entre jornais e a Ciência da Informação se evidencia na forma como esses documentos são coletados, organizados, preservados e disponibilizados para consulta. Enquanto produtos informacionais, os periódicos impressos passaram a integrar os acervos de bibliotecas e hemerotecas, onde são sistematicamente catalogados e digitalizados para garantir sua acessibilidade ao longo do tempo. Nesse sentido, os jornais não apenas informam, mas também constituem repositórios de memória, permitindo que pesquisadores e estudiosos resgatem fragmentos da história e compreendam os processos sociais que moldaram determinada época.

Além de informar, os jornais desempenham um papel simbólico ao fortalecer vínculos identitários nas comunidades. Como aponta Vieira (2015), o jornal impresso funciona como um lugar de memória, dando voz às angústias, lutas e aspirações coletivas, e contribuindo para a preservação da memória social. Segundo Halbwachs (2006) e Candau (2012), essa memória é formada por lembranças compartilhadas e constantemente reconstruídas por meio de interações sociais, como diálogos, tradições e práticas culturais. Nesse contexto, a identidade coletiva se refere ao sentimento de pertencimento a um grupo, sustentado por valores, experiências e características comuns (Nora, 1993; Barros, 2021).

Nessa direção percebe-se que a periodicidade das publicações e a proximidade com os leitores fazem com que os jornais sejam percebidos como testemunhos vivos da realidade social, desempenhando um papel crucial na preservação de narrativas e no reforço

de valores compartilhados. Nesse contexto, a análise dos jornais como fontes informacionais no âmbito da Ciência da Informação implica reconhecer sua centralidade na constituição da memória coletiva e na difusão do conhecimento. Os fundamentos que sustentam essa relação evidenciam a relevância dos jornais enquanto suporte documental, os desafios inerentes à sua preservação e as transformações provocadas pela digitalização no acesso à memória social.

Embora o avanço das tecnologias digitais tenha transformado a forma como consumimos e gerimos a informação, os jornais impressos permanecem uma peça essencial no estudo da preservação da memória coletiva e na disseminação do conhecimento. Eles oferecem uma visão tangível e detalhada dos acontecimentos cotidianos, tornando-se não apenas um veículo de comunicação, mas também um importante acervo documental que auxilia pesquisadores e profissionais da área a entenderem as dinâmicas informacionais ao longo do tempo.

Em uma perspectiva temporal os jornais impressos sofreram grandes mudanças com o advento e inovações tecnológicas nos meios de comunicação, porém antes dessas mudanças no curso da história o jornal foi definido por Otlet (2018, p.224) como:

Todos os escritos, independentemente da forma e da época de sua publicação sucessiva, que, pelo seu título, seu plano e seu espírito formam um conjunto e um todo. O jornal é uma publicação que aparece todos os dias e que, por causa de sua grande tiragem e dos recursos indiretos que pode obter, é vendido por preços especialmente baixos. O jornal é o espelho universal da vida contemporânea; pode fazer sua crítica. O nome gazeta (de gazetta, pequena moeda no valor de dois tostões que era quanto custava essa folha) era reservado até há bem pouco tempo para designar os jornais políticos. A denominação de jornal, que veio a prevalecer mais tarde, era de início reservada para as publicações literárias e científicas. (Otlet, 2018, p.224)

Ao vermos o valor dos jornais na antiguidade custando dois tostões, podemos dizer que para além da monetização, um dos principais valores dos jornais impressos é a sua contribuição para a preservação da memória institucional e social. Por meio deles, é possível acessar uma vasta gama de informações sobre eventos históricos, opiniões públicas, e mudanças sociais, econômicas e políticas. Além disso, os jornais servem como reflexos das práticas culturais de uma época, fornecendo evidências tangíveis que podem ser analisadas, indexadas e preservadas para futuras gerações.

Na CI, o arquivamento de jornais impressos são processos fundamentais para garantir que essas fontes permaneçam acessíveis e legíveis, mesmo com o passar dos anos e a degradação do papel. No que tange as evidências tangíveis a pesquisadores, Otlet (2018,

p.225) descreve os jornais como memória de uma época, mesmo que seja qualquer o aspecto que se pretenda estudar:

O jornal apresenta uma característica que se torna cada vez mais importante. É ele que conta a vida no dia a dia, a vida pública, e que torna pública a vida privada. É, portanto, um grande teatro do mundo -- 'Theatrum Mundi'. Uma peça imensa, com múltiplos personagens, cenas complicadas e episódios infinitos. O jornal conta essa grande peça. Nas horas em que o drama se intensifica, em que se torna tragédia, comédia ou epopeia, a leitura do jornal diário torna-se apaixonante. Não existe, então, folhetim tão palpitante quanto a simples sucessão de despachos recebidos de todas as capitais. Os jornais representam, no conjunto, as peças mais preciosas e mais autênticas do espírito de cada nação. Fazem parte dos instrumentos da história de uma época, qualquer que seja o aspecto que se queira estudar. Em nenhum outro lugar se conseguiria encontrar informações em maior número. E se aplicarmos o método apropriado, em seu conjunto mais seguro, ao interrogar essas testemunhas dos acontecimentos aos quais quase sempre estiveram intimamente ligados, comparando-os, controlando-os uns aos outros, é que se poderá chegar à verdade. (Otlet, 2018, p.225).

Os jornais impressos são uma usina de informações, onde são emitidas as opiniões, os fatos, enfim a comunicação do cotidiano da história humana. O jornal tornou-se um lugar de leitura da maioria das pessoas durante anos, devido a sua regularidade, pois era o mais acessível possível. Cada edição física encapsula o momento em que foi publicada, oferecendo um retrato detalhado das dinâmicas políticas, econômicas e culturais da época.

As edições físicas apresentam um modelo de estruturação informacional que permite uma classificação clara de notícias por temas, seções e áreas de interesse.

Nesse sentido os jornais impressos armazenam fatos, acontecimentos, artigos, reportagens, editoriais, artigos, anúncios e outras tantas modalidades de matérias de cunho jornalístico, que se torna um potencial nas mãos de pesquisadores. Ressignificar e compreender os fatos ali alocados nos jornais impressos pode-se dizer que é preservar a memória social e isso pode inspirar várias abordagens e estudos.

No contexto dos ambientes informacionais e da preservação de acervos físicos e digitais, a Ciência da Informação (CI) desempenha um papel essencial. Como aponta Souza (2006, p. 4), “parece ser o verdadeiro propósito da Ciência da Informação”. A responsabilidade social da CI se torna ainda mais evidente quando consideramos a importância dos centros de informação, os usuários, e a disponibilidade de informações em diversos formatos e suportes. Esses centros de informação têm como objetivo final facilitar a transferência de conhecimento para pesquisadores, promovendo o acesso e a disseminação de dados confiáveis e atualizados.

Assim, a CI não apenas organiza e preserva a informação, mas também assegura

seu impacto social, garantindo que o conhecimento gerado seja acessível, relevante e aplicável em diferentes contextos de pesquisa e desenvolvimento científico.

Por fim, a materialidade dos jornais impressos também tem seu valor. O contato físico com o papel impresso permite uma experiência de leitura diferenciada, que afeta a maneira como absorvemos e interpretamos o conteúdo. Em um mundo cada vez mais digital, os jornais impressos continuam a ser um símbolo de confiança e autenticidade.

Para a Ciência da Informação, estudar a evolução dos jornais impressos até chegar ao formato digital permite entender não apenas a transformação tecnológica, mas também as implicações no comportamento informacional dos indivíduos, bem como os desafios e oportunidades de preservá-los tanto no meio físico quanto seu conteúdo no ambiente digital.

Nesse sentido os jornais impressos armazenam fatos, acontecimentos, artigos, reportagens, editoriais, artigos, anúncios e outras tantas modalidades de matérias de cunho jornalístico, que se torna um potencial nas mãos de pesquisadores. Ressignificar e compreender os fatos ali locados nos jornais impressos pode-se dizer que é preservar a memória social e isso pode inspirar várias abordagens e estudos.

No contexto dos ambientes informacionais e da preservação de acervos físicos e digitais, a Ciência da Informação (CI) desempenha um papel essencial. Como aponta Souza (2006, p. 4), “parece ser o verdadeiro propósito da Ciência da Informação”. A responsabilidade social da CI se torna ainda mais evidente quando consideramos a importância dos centros de informação, os usuários, e a disponibilidade de informações em diversos formatos e suportes. Esses centros de informação têm como objetivo final facilitar a transferência de conhecimento para pesquisadores, promovendo o acesso e a disseminação de dados confiáveis e atualizados.

Para a Ciência da Informação, estudar a evolução dos jornais impressos até chegar ao formato digital permite compreender não apenas a transformação tecnológica, mas também as implicações no comportamento informacional dos indivíduos. Como destaca Buckland (1997), o documento deve ser entendido em sua função social e comunicacional, o que inclui os desafios de preservá-lo tanto no meio físico quanto digital.

Nesse sentido, autores como Saldanha (2012) e Jardim (2004) ressaltam que a CI não apenas organiza e preserva a informação, mas também assegura seu impacto social, garantindo que o conhecimento gerado seja acessível, relevante e aplicável em diferentes contextos de pesquisa e desenvolvimento científico.

Por fim, a materialidade dos jornais impressos também tem seu valor. O contato físico com o papel impresso permite uma experiência de leitura diferenciada, que afeta a

maneira como absorvemos e interpretamos o conteúdo. Em um mundo cada vez mais digital, os jornais impressos continuam a ser um símbolo de confiança e autenticidade.

3.2 **Jornal Diário da Borborema como veículo infomemorial e agente de mudança cultural urbana em Campina Grande**

Esse capítulo volta o seu olhar para o JDBO como mediador do processo de mudança de cultura da Cidade de Campina Grande (PB), diante do seu desenvolvimento cultural, dentre outros. Marcada por intensas transformações socioculturais, essa cidade ao longo do século XX, constitui um território simbólico onde práticas, discursos e eventos moldam continuamente sua identidade coletiva. Nesse contexto, o Diário da Borborema (JDBO) emerge como um agente documental que não apenas registrou os acontecimentos cotidianos, mas também participou ativamente da construção da memória urbana e dos processos de **mudança de cultura** que atravessaram a cidade. Todavia, para compreender o processo dessa mudança cultural é preciso primeiro entender o conceito em sua complexidade.

À primeira vista, os termos: **mudança cultural, aculturação e assimilação**, parecem ser semelhantes, porém existem diferenças conceituais. Vamos entender essas raízes na antropologia, sendo inicialmente utilizado para descrever os efeitos culturais nos povos, especialmente em contextos coloniais. Com o tempo, passou a ser incorporado por outras áreas, como a sociologia, a comunicação e a ciência da informação, ganhando nuances que o aproximam dos processos de mediação simbólica e transformação identitária.

Assim, **mudança cultural** é um conceito mais amplo e genérico, que abrange qualquer transformação nos padrões culturais, seja por contato entre grupos, por transformações internas, por invenções, globalização, etc. Barros (p.50) discorre sobre isso:

“Podemos agora afirmar que existem dois tipos de mudança cultural: uma que é interna, resultante da dinâmica do próprio sistema cultural, e uma segunda que é o resultado do contato de um sistema cultural com outro. No primeiro caso, a mudança pode ser lenta, quase imperceptível para o observador que não tenha o suporte de bons dados diacrônicos. O ritmo, porém, pode ser alterado por eventos históricos tais como uma catástrofe, uma grande inovação tecnológica ou uma dramática situação de contato.”

Aculturação é um processo de troca cultural que ocorre quando dois grupos de culturas diferentes entram em contato contínuo e direto, resultando em mudanças nos padrões culturais de um ou de ambos, por isso Barros (p. 50) afirma que:

“É praticamente impossível imaginar a existência de um sistema cultural que seja afetado apenas pela mudança interna. Isto somente seria possível no caso, quase absurdo, de um povo totalmente isolado dos demais. Por isto, a mudança proveniente de causas externas mereceu sempre uma grande atenção por parte dos antropólogos. Para atendê-la foi necessário o desenvolvimento de um esquema conceitual específico. Surge, então, o conceito de aculturação”.

Nesse sentido, Barros havia mencionado o conceito de aculturação da obra de Galvão (1979, p. 69), que mencionou que a “Aculturação foi definida como o estudo dos fenômenos que resultam quando grupos de indivíduos possuindo culturas diferentes entram em contato direto e permanente e das consequentes mudanças nos padrões culturais desses grupos”.

Por outro lado, a **assimilação** é o estágio mais extremo da aculturação, no qual um grupo abandona parcial ou totalmente seus traços culturais originais e adota os da cultura dominante. Enquanto Galvão (1979, p.69) traz-nos um pouco do entendimento de assimilação, sempre relacionado aos termos anteriores citados, “Citamos êsse fator, porque nos estudos de aculturação e de mudança cultural está sempre implícita a condição de assimilação à cultura dominante e às perspectivas dessa assimilação.”

Chegamos a um ponto sobre o sistema cultural, segundo (Barros, p. 52),

“Concluindo, cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema. Este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo novo do porvir. (Barros, p. 52)

Em se tratando de **mudança de cultura urbana**, um traço específico observado nesta pesquisa, pode-se afirmar que é o processo de incorporação, resignificação e convivência entre diferentes manifestações culturais no espaço urbano. Esse processo é visível nas formas como Campina Grande se apropriou de eventos, festividades e discursos que circulam na mídia local.

No campo da comunicação, Martín-Barbero (2003) destaca que os meios de comunicação são centrais nesse processo, pois funcionam como canais culturais. Eles não apenas transmitem conteúdos, mas também reconfiguram sentidos, adaptam discursos e inserem práticas sociais em novos contextos. A mídia, nesse sentido, é um espaço onde se opera a aculturação de forma sutil, cotidiana e muitas vezes imperceptível.

Aplicando essa perspectiva ao Diário da Borborema, é possível perceber como o

jornal impulsionou mudanças culturais em Campina Grande. Ao longo de sua existência, ele não apenas noticiou os acontecimentos da cidade, mas também promoveu valores, comportamentos e visões de mundo, alinhados com uma ideia de modernidade urbana. A cobertura de eventos culturais, a valorização de figuras públicas, a promoção de iniciativas educacionais e a difusão de padrões estéticos são exemplos de como o jornal contribuiu para a formação de uma cultura urbana específica.

Como destaca Lefebvre (1974), o espaço urbano é produto de práticas sociais, relações de poder e processos simbólicos. E, o jornal, como mediador discursivo, contribui para essa produção ao selecionar o que é noticiado, como é narrado e quais imagens são veiculadas. Quando nos referimos ao jornal como mediador discursivo, precisamos estabelecer um entendimento de jornal, adotaremos a dimensão conceitual, o **jornal como mediador simbólico e discursivo**, ou seja, o jornal não apenas informa, mas **atua como instância criadora de sentidos**. Ele organiza o que é “visível” e “dizível” sobre a cidade, filtrando experiências e acontecimentos por meio de narrativas. Esmiuçando, compreende-se o jornal como um mediador discursivo que participa da construção simbólica do espaço urbano, produzindo representações e significados sobre a cidade por meio de suas narrativas e escolhas editoriais.

Nessa direção, pode-se afirmar que a mudança cultural, enquanto fenômeno sociocultural refere-se ao processo pelo qual grupos ou indivíduos assimilam elementos culturais, imposições estruturais e adaptação internamente. Trata-se de uma dinâmica que envolve trocas, adaptações e, muitas vezes, conflitos entre sistemas de valores, práticas sociais e formas de expressão.

No campo das ciências sociais, a aculturação é frequentemente associada às transformações identitárias que ocorrem quando culturas distintas se encontram. No contexto urbano em que nossa pesquisa se debruça está mais para uma mudança cultural, esse processo ganha contornos específicos, pois está diretamente ligado à modernização, à urbanização e à circulação de discursos que moldam o imaginário coletivo. A cidade, como espaço de convergência e tensão, torna-se palco privilegiado dessas interações, onde o tradicional e o moderno se entrelaçam, se confrontam e se ressignificam. Assim sendo, Barros (p.51) nos chama atenção que “o tempo constitui um elemento importante na análise de uma cultura [...]”, continuando ele afirma que a cultura sempre está se transformando, dando um ar de normatização ao acontecimento, “São essas aparentemente pequenas mudanças que cavam o fosso entre as gerações, que faz com que os pais não se reconheçam nos filhos e estes se

surpreendam com a "carece" de seus progenitores, incapazes de reconhecer que a cultura está sempre mudando".

É nesse cenário que os meios de comunicação, especialmente os jornais, desempenham um papel central. Eles não apenas informam, mas também educam, normatizam e orientam comportamentos. Ao selecionar o que será publicado, ao definir os enquadramentos narrativos e ao legitimar determinadas práticas sociais, os jornais atuam como agentes de mudança cultural, promovendo a internalização de valores urbanos, estéticos e políticos. Como destaca Saldanha (2012), os documentos informacionais são mediadores entre saberes e sujeitos, e sua materialidade carrega intencionalidades que ultrapassam o simples registro factual.

Compreender as mudanças culturais urbanas, portanto, exige uma leitura crítica dos discursos jornalísticos, reconhecendo neles, os jornais, não apenas o reflexo da realidade, mas também sua construção simbólica.

Nesse contexto, a cidade de Campina Grande, marcada por intensas transformações socioculturais ao longo do século XX, constitui um território simbólico onde práticas, discursos e eventos moldam continuamente sua identidade coletiva. Nesse contexto, o Diário da Borborema (JDBO) emerge como um agente documental que não apenas registra os acontecimentos cotidianos, mas também participa ativamente da construção da memória social e dos processos de mudança cultural que atravessam a cidade.

O JDBO, ao longo de sua trajetória, documentou não apenas os grandes eventos da cidade, como o São João, os congressos acadêmicos, as inaugurações urbanas e os movimentos sociais, mas também os pequenos gestos cotidianos que revelam os modos de vida, os valores e as tensões que atravessam a população campinense. Como propõe Pesavento (2002), a memória urbana é um organismo vivo, em constante transformação, que se constrói a partir das experiências compartilhadas e dos espaços afetivos que ganham visibilidade pública.

Nesse sentido, o jornal atua como repositório de memória social, um dispositivo infomemorial, conceito que articula a função informacional com a dimensão simbólica da memória. Ao registrar e disseminar narrativas sobre a cidade, o JDBO contribui para a consolidação de uma memória coletiva que é, simultaneamente, documental e afetiva. Como destaca Saldanha (2012), os documentos informacionais — como os jornais — são artefatos que sustentam a memória social, organizando sentidos e legitimando discursos que atravessam o tempo.

A cobertura jornalística de eventos culturais, por exemplo, revela como Campina

Grande se posiciona diante das tradições nordestinas, das influências externas e das dinâmicas de modernização. O São João, frequentemente representado como símbolo da identidade local, é também palco de disputas simbólicas entre o tradicional e o comercial, entre o regional e o global. O jornal, ao narrar essas tensões, contribui para o processo de aculturação, ao mesmo tempo em que reforça os vínculos identitários da cidade.

Além disso, como aponta Nora (1993), certos espaços e práticas tornam-se lugares de memória, depositários de significados coletivos. O JDBO, ao reiterar representações do Açude Velho, da Feira Central, dos bairros históricos, do maior São João do mundo, do Festival de Inverno, do Polo Tecnológico, das figuras públicas locais, transforma esses elementos em marcos simbólico da memória urbana campinense.

Portanto, analisar o Diário da Borborema como dispositivo infomemorial permite compreender como a imprensa local participa, ou participou da construção da identidade urbana, da preservação da memória social e dos processos de mudança cultural que moldam Campina Grande. O jornal não é apenas espelho da cidade, mas campo de disputa simbólica, onde diferentes versões do passado são confrontadas, ressignificadas e incorporadas ao imaginário coletivo.

A história de Campina Grande foi marcada por intensos processos de mudança cultural desde o período colonial. Alguns momentos e influências importantes, dizem respeito a acontecimentos relevantes que contribuíram para o processo de aculturação campinense, o quais merecem destaque:

- a)** Contato com os povos indígenas - antes da colonização portuguesa, a região era habitada por povos indígenas, como os Cariris. Com a chegada dos colonizadores e a criação das sesmarias, houve choque cultural, resistência e também assimilação de práticas indígenas, sobretudo na alimentação, na toponímia e em certos costumes;
- b)** Colonização portuguesa e presença africana - Durante os séculos XVII e XVIII, com a expansão da pecuária e posteriormente do algodão, Campina Grande recebeu forte influência da cultura portuguesa, tanto no urbanismo quanto na religiosidade católica. A presença de africanos escravizados trouxe elementos de religiosidade, música e culinária, que se misturaram às práticas locais, gerando uma identidade híbrida;
- c)** Ciclo do algodão (século XIX e início do XX) - Com o crescimento econômico impulsionado pela produção e exportação de algodão, Campina Grande passou a ser chamada de “Liverpool brasileira”. Nesse período, intensificou-se a influência estrangeira (ingleses, sírios, libaneses, italianos), que trouxeram novos modos de comércio, hábitos alimentares e práticas sociais. Essa

miscigenação cultural enriqueceu o tecido urbano;

- d) Processo de modernização (século XX - A partir da década de 1930, com a industrialização e a urbanização acelerada, Campina Grande passou a atrair pessoas de várias partes do país). Essa migração interna criou um mosaico cultural: tradições sertanejas se encontraram com práticas modernas, consolidando a cidade como um polo de inovação sem perder a força de suas raízes;
- e) O São João de Campina Grande - considerado o maior símbolo da aculturação na cidade seja o Maior São João do Mundo, que mistura tradições nordestinas (forró, quadrilhas, comidas típicas) com elementos globais (shows de artistas de diversos gêneros, tecnologia e turismo internacional). Esse evento é um exemplo vivo de como a cultura popular se transforma e dialoga com o contemporâneo;

Dessa forma, percebe-se que o processo de mudança cultural em Campina Grande foi gradual e múltiplo, também de assimilação, resultado do encontro de indígenas, portugueses, africanos e imigrantes de várias origens. Ele se consolidou com a expansão econômica do algodão, com a migração regional e, mais recentemente, com o turismo e a globalização. Hoje, Campina Grande é uma cidade marcada por essa identidade híbrida: um espaço onde tradição e modernidade se encontram, fazendo dela um dos centros culturais mais vibrantes do Nordeste.

O jornal não apenas acompanhou as transformações da cidade - ele as impulsionou, legitimou e, em muitos casos, as antecipou. Sua atuação como dispositivo infomemorial e agente de aculturação revela o poder simbólico da mídia na constituição das identidades urbanas.

3.3 Diário da Borborema entre histórias e rupturas: o fim de uma voz que ecoa no tempo

Entre manchetes e memórias, o Diário da Borborema não apenas registrou o tempo — ele o moldou, até que o silêncio se tornasse sua última notícia.

(Medeiros, 2025)

O Diário da Borborema foi mais do que um jornal - foi um símbolo de identidade, memória e resistência para Campina Grande e toda a região. Durante décadas, suas páginas registraram os acontecimentos políticos, sociais e culturais que moldaram a história local, tornando-se uma referência para gerações de leitores. No entanto, como tantos outros periódicos impressos, o JDBO enfrentou desafios que culminaram em seu encerramento,

marcando uma ruptura significativa na forma como a informação era produzida e consumida.

O fim do Diário da Borborema não representa apenas o encerramento de uma publicação, mas sim o silenciamento de uma voz que, por anos, ecoou na construção da memória coletiva. Seu desaparecimento reflete as transformações no cenário midiático, impulsionadas pela digitalização da informação e pelas mudanças nos hábitos de leitura. A transição do impresso para o digital trouxe novas possibilidades, mas também impõe desafios à preservação documental e ao acesso à história registrada em suas edições.

Nesta seção, estão registradas as trajetórias que marcaram o Diário da Borborema, desde sua fundação até os fatores que levaram ao seu declínio. Além disso, analisa o impacto de sua ausência na memória informacional da região, considerando o papel dos jornais como guardiões da identidade coletiva e da história local.

Vale ressaltar que o JDBO representava e focava o cotidiano de fatos, notícias e informações que retratam mais de meio século da cidade de Campina Grande, com fragmentos da Paraíba e do Brasil. Coincidentemente, a última edição desse jornal, teve como manchete o tema da Autonomia da UEPB. Dessa forma, devido às características únicas de informações que ele contém, a salvaguarda desse objeto informacional tornou-se então um compromisso essencial para a preservação da memória coletiva, garantindo que seu legado informacional não se perca com o tempo. Como um registro histórico que documentou mais de meio século de acontecimentos em Campina Grande, na Paraíba e no Brasil, o Diário da Borborema carrega fragmentos de identidade, cultura e transformações sociais que merecem ser resgatados e acessíveis às futuras gerações.

Após o encerramento de suas atividades, em 2012, o acervo do JDBO ficou sob a guarda dos Diários Associados.⁶ Porém em 2015, através de uma parceria com a UEPB, fecha um comodato por 30 anos, onde a UEPB passa a salvaguardar e disponibilizar as edições do Diário da Borborema ao público, bem como o acervo fotográfico do referido jornal. Dessa forma, a BORAA passa a ter um papel crucial de salvaguarda desse acervo jornalístico.

É fundamental destacar que, atualmente, o acervo do (JDBO) encontra-se cuidadosamente preservado na Biblioteca de Obras Raras Átila de Almeida (BORAA), localizada no Campus I da UEPB, em Campina Grande. A BORAA, embora integre o Sistema de Bibliotecas (SIB) da UEPB, abriga um acervo que transcende a simples guarda de

⁶ Diários Associados foi um conglomerado de mídia brasileiro, tendo sido a maior na história da imprensa do Brasil, construído em 1924 por Assis Chateaubriand, constituiu uma ampla rede de jornais e revistas de circulação em todo o Brasil.

documentos - trata-se de um patrimônio documental de valor inestimável, cuja relevância histórica e cultural exige estratégias rigorosas de conservação e acesso.

A preservação e disponibilização do acervo do JDBO na Biblioteca de Obras Raras Átila de Almeida (BORAA) representa um compromisso crucial com a memória documental, garantindo que pesquisadores tenham acesso a uma fonte valiosa e insubstituível para investigações aprofundadas. Mais do que um arquivo histórico, esse acervo constitui um testemunho vivo da construção da identidade social, política e cultural de Campina Grande e da Paraíba ao longo de décadas.

Devido à natureza singular de suas coleções, que incluem Obras Raras e materiais de grande importância para a memória acadêmica, científica e social, esse acervo demanda condições específicas de armazenamento e consulta, assegurando que sua integridade seja mantida e que sua riqueza informacional seja plenamente explorada por estudiosos e pesquisadores. A preservação do JDBO na BORAA não apenas protege uma peça fundamental da história jornalística e cultural da Paraíba, mas também garante que futuras gerações tenham acesso a fontes raras e imprescindíveis para investigações aprofundadas.

Esse compromisso com a preservação, organização e disseminação do acervo reforça a BORAA como um espaço de referência, onde o passado continua vivo por meio das páginas que registraram décadas de acontecimentos marcantes. Manter esse acervo acessível é salvaguardar a identidade documental de uma região, assegurando que seu legado continue a ecoar no tempo e a contribuir significativamente para o avanço da pesquisa e da construção do conhecimento.

O caráter raro e único desse material exige estratégias especializadas de conservação e consulta, assegurando que seu conteúdo seja protegido contra a deterioração do tempo e disponibilizado para futuras gerações. Sua inclusão na BORAA fortalece sua legitimidade como objeto de estudo e reflete a importância da preservação da informação como pilar essencial da Ciência da Informação e da História.

Garantir o acesso a esse acervo não se trata apenas de salvaguardar documentos antigos, mas de manter viva a narrativa de uma sociedade, permitindo que pesquisadores, historiadores e estudiosos explorem os registros para compreender os processos históricos que moldaram a região e o país. Esse esforço reforça o papel das bibliotecas e hemerotecas como guardadoras da memória coletiva, possibilitando que vozes do passado continuem a ecoar e a indicar novos caminhos para o futuro.

Posto isso, pode-se afirmar que o Diário da Borborema não foi apenas um jornal; foi um testemunho da história, um guardião da memória coletiva e um elo entre gerações.

Suas páginas carregaram sonhos, desafios e conquistas, tornando-se uma peça essencial na identidade de Campina Grande e da Paraíba.

Seu desaparecimento não representa apenas o fim de uma publicação impressa, mas sim a ruptura de um ciclo que ajudou a moldar a percepção de uma comunidade sobre si mesma. Cada manchete, cada reportagem, cada imagem registrada tornou-se parte de um mosaico informacional que hoje se encontra na delicada fronteira entre o esquecimento e a preservação.

Entretanto, sua voz não precisa ser silenciada. A responsabilidade de resgatar e manter viva essa memória cabe àqueles que reconhecem a importância de um legado informacional. Seja por meio da digitalização, da pesquisa ou do simples ato de recordar suas páginas.

Diante desse cenário, torna-se imprescindível discutir estratégias para a digitalização, organização e disponibilização desse material, garantindo que seu conteúdo continue a ecoar no tempo e a servir como referência para pesquisadores, historiadores e cidadãos interessados na construção da memória social compromisso essencial para a preservação da memória coletiva, garantindo que seu legado informacional não se perca com o tempo.

Como um registro histórico que documentou mais de meio século de acontecimentos em Campina Grande, na Paraíba e no Brasil, o Diário da Borborema carrega fragmentos de identidade, cultura e transformações sociais que merecem ser resgatados e acessíveis às futuras gerações.

Temos certeza que o Diário da Borborema pode continuar ecoando no tempo, porque a história nunca se apaga, visto que ela renasce naqueles que se dispõem a protegê-la. E, enquanto houver quem se dedique a esse resgate, o impacto do JDBO jamais desaparecerá. Ele foi um pilar da informação regional, um reflexo da identidade sociocultural de Campina Grande e um instrumento crucial para a construção da memória coletiva.

Ao realizarmos o levantamento sobre o jornal impresso com base no pensamento de Teixeira (2005, p. 68) observamos que: os jornais sofreram um processo lento de desenvolvimento. Entretanto, começaram a se proliferar, assumindo os contornos que conhecemos hoje, quase 150 anos após a invenção alemã que disseminou a palavra escrita pelo mundo. Entretanto, eles começaram a se proliferar, assumindo os contornos que conhecemos hoje, quase 150 anos após a invenção alemã que disseminou a palavra escrita pelo mundo.

Essa lentidão no desenvolvimento das informações impressas dos jornais, para

chegar às mãos de muitos leitores, deveu-se a vários fatores em diferentes regiões, como os altos custos de produção ou o baixo nível de letramento da população.

O ano era 1808, precisamente 10 de setembro de 1808, quando pela primeira vez no Brasil foi fundado e editado o primeiro jornal impresso. Este objeto informacional impresso foi um veículo de comunicação de extrema importância para a sociedade brasileira.

O que podemos obter como informação oficial, segundo Armitage (2011, p.51) é de que nossa imprensa brasileira teve seu início em 13 de maio de 1808 no Rio de Janeiro. E só foi possível devido a criação da Imprensa Régia por Dom João, quando o mesmo trouxe consigo máquinas tipográficas inglesas após sua fuga de Lisboa. A história nos revela que a Imprensa, atualmente conhecida como Imprensa Nacional, não obteve êxito de forma imediata em sua missão de informar e formar opinião pública. Desde seus primórdios, enfrentou obstáculos significativos que limitaram seu alcance e eficácia.

Inicialmente, havia restrições impostas tanto aos estabelecimentos governamentais quanto aos jornais que tentavam se estabelecer como veículos de comunicação. O Estado, detentor do controle sobre os meios de produção e circulação da informação escrita, exercia uma rígida censura prévia sobre os conteúdos publicados.

Essa prática de controle estatal impedia que os jornais operassem com liberdade editorial, dificultando a disseminação de ideias, notícias e debates públicos. A imprensa, que poderia ter sido um canal poderoso de expressão e construção democrática, viu-se cerceada em sua função social.

A censura prévia não apenas limitava o acesso da população à informação, mas também compromete o papel da imprensa como instrumento de crítica, fiscalização e transparência. Assim, o processo de consolidação da imprensa como pilar da sociedade foi lento e marcado por tensões entre o poder estatal e o direito à livre expressão.

Os jornais impressos desempenharam por anos a importância de comunicar e mostrar as diversas modificações que a sociedade da época passava. Entre os jornais mais antigos imperiais, temos o Correio Braziliense (1808 - 1822) que apesar de ser o primeiro jornal brasileiro, teve seu lançamento de Londres, logo chegando ao Brasil, sofrendo apreensão e proibição por parte do Governo. Gazeta do Rio de Janeiro (1808 - 1821) este sendo o primeiro jornal publicado em solo nacional, tinha permissão por parte da Imprensa Régia.

A história lembra, que após 1821, outros tantos jornais impressos foram surgindo. Antes de entrar mais detalhadamente na importância dos jornais impressos, vamos entender o que foi esse processo de censura. Ao que tudo indica pela história relatada, a abolição da

censura só aconteceu com um decreto de 02 de março de 1821, segundo Armitage (2011, p.83), pois houve um processo resolutivo que envolvia as Cortes Constitucionais de Lisboa que passavam a defender as liberdades públicas.

Até a abolição da censura acontecer, tudo o que fosse ser publicado sofreu uma censura prévia por uma comissão que era constituída por três pessoas que tinham a missão de "fiscalizar que nada se imprimisse contra a religião, o governo e os bons costumes", essa proibição incluía até mesmo a destruição de máquinas de tipografia. Contudo com a abolição em 1821 da censura prévia na imprensa no Brasil, a partir da Constituição de 1824 passa-se então a garantir a liberdade de expressão.

Segundo as reflexões em Teixeira (2005), bem como Calvino (1990), percebemos que os jornais simbolizam um importante suporte de comunicação e informação, dos eventos noticiados diariamente, além de refletir o caráter informativo, oferece a quem o lê o panorama das notícias em níveis mundiais, nacionais, estaduais e regionais. Não se trata apenas de um jornal, mas de um testemunho vivo de uma época. Ele serve como uma lembrança dos eventos vividos por aqueles que estiveram presentes nesse período. Por meio desses registros, é possível reviver e destacar momentos históricos significativos que marcaram diferentes fases de um município, de um estado e do Brasil.

Essa fonte documental ajudou a preservar a memória coletiva e a conectar o presente com o passado de maneira tangível, concordando com essa afirmação, Teixeira (2005, p. 67) expõe que: Em 02 de outubro de 1957, o magnata das comunicações,

Assis Chateaubriand, através dos Diários Associados, fundou o jornal local de Campina Grande, o Diário da Borborema. O Jornal foi lançado em um momento crucial para a cidade, que já não vivia mais o auge da produção do algodão e buscava desenvolver outros setores econômicos. Daí, o povo de Campina Grande contou com um jornal diário que informava sobre os acontecimentos locais e nacionais, tornando-se também um importante registro histórico e cultural da cidade. Nesse espaço-tempo, os personagens desta pesquisa se conectam à construção da memória coletiva.

Na ocasião da publicação da primeira edição do Jornal Diário da Borborema (JDBO), em dois de outubro de 1957, Campina Grande vivia um momento de efervescência política, econômica e cultural. A cerimônia de lançamento contou com a presença de figuras ilustres da cidade, entre elas o então prefeito Elpídio de Almeida, responsável por importantes obras de modernização urbana, e o bispo Dom Otávio Aguiar, liderança religiosa de grande influência na região. A presença conjunta dessas autoridades simbolizava o reconhecimento do jornal como um novo instrumento de articulação entre os poderes civil, religioso e

comunicacional.

O evento foi realizado na antiga sede do jornal, localizada na Rua Venâncio Neiva, no centro da cidade. Esse endereço, que abrigaria por décadas as redações, oficinas e salas de reunião do JDBO, viria a se tornar um marco simbólico da imprensa campinense. A fotografia registrada naquele dia, conforme mostra a **Figura 71**, que apresenta a capa da primeira edição, eterniza o momento inaugural e revela o ambiente de expectativa e solenidade que cercava o nascimento do periódico.

A capa da edição inaugural trazia sete cadernos e 56 páginas, com matérias que abordavam desde política local até notícias internacionais, refletindo a proposta editorial de oferecer uma cobertura ampla e plural. Vendida por três cruzeiros, a publicação já demonstrava, desde o início, seu compromisso com a informação de qualidade e o engajamento comunitário.

A escolha da Rua Venâncio Neiva como sede não foi aleatória. Situada em uma área estratégica, próxima a centros comerciais, instituições públicas e espaços culturais, a localização facilitava o acesso da população e consolidava o jornal como ponto de convergência entre os acontecimentos da cidade e sua representação pública. Esse momento inaugural marcou o início de uma nova era na comunicação de Campina Grande. Mais do que um mero registro factual, o JDBO atuava como agente interpretativo e contextualizador dos acontecimentos, influenciando sua repercussão, conforme ilustrado na Figura 71.

Figura 71 - Capa da primeira edição do JBDO (1957)



Fonte: Acervo da coleção da BORAA, 2025

A simbologia da capa inaugural do JDBO não apenas anunciava o nascimento de um novo veículo de comunicação, mas também transmitia, por meio de sua estética e conteúdo, uma mensagem clara de compromisso com o progresso e a identidade regional. O layout, ainda que simples pelos padrões gráficos da época, apresentava elementos que remetiam à seriedade editorial e à ambição de se tornar referência na imprensa paraibana.

Entre os destaques da capa estavam:

- a) retratos das autoridades presentes: A inclusão das imagens do prefeito Elpídio de Almeida e do bispo Dom Otávio Aguiar reforçava a legitimidade institucional do jornal e sua inserção nos círculos de poder;
- b) editorial de abertura: O texto inaugural expressava o propósito do jornal de atuar como “voz da cidade”, comprometido com a verdade, a ética jornalística e o desenvolvimento regional;
- c) referência à localização da sede: A menção à Rua Venâncio Neiva, além de situar fisicamente o jornal, evocava um espaço urbano de - efervescência intelectual e comercial, consolidando o JDBO como parte integrante da vida cotidiana campinense;
- d) contexto histórico e cultural de Campina Grande em 1957: a década de 1950 foi marcada por profundas transformações em Campina Grande. A cidade, que já despontava como polo industrial e educacional, vivia um período de expansão urbana e fortalecimento das instituições. A fundação do JDBO se insere nesse cenário como resposta à crescente demanda por informação estruturada, crítica e acessível;
- e) educação e cultura: A instalação de escolas técnicas e o fortalecimento de centros culturais criaram um público leitor cada vez mais exigente;
- f) industrialização: O crescimento do setor têxtil e a chegada de novas fábricas impulsionaram debates sobre economia e trabalho, temas que o jornal passou a cobrir com regularidade;
- g) política local: A atuação de Elpídio de Almeida como prefeito foi marcada por obras de infraestrutura e incentivo à modernização, o que tornava a imprensa um canal estratégico para divulgação e fiscalização das ações públicas.

A **Figura 71** inerente à primeira edição do JDBO representa um avanço significativo na infraestrutura de mídia da região, proporcionando aos cidadãos de Campina Grande e arredores acessos a um meio de comunicação eficiente. Este evento histórico é lembrado não apenas pela sua importância jornalística, mas também pelo impacto cultural e

social que teve na cidade, ajudando a moldar a identidade e a memória coletiva de Campina Grande.

Em 2012, o Jornal Diário da Borborema (JDBO), teve seus serviços encerrados, após 54 de existência. Este fechamento marcou o fim de uma era para os habitantes de Campina Grande, que perderam uma importante fonte de registro dos fatos e informações locais. O JDBO era mais do que um simples jornal; ele era um cronista da vida cotidiana dos campinenses, documentando eventos, histórias e transformações da cidade.

Com o fim das atividades do jornal, os moradores de Campina Grande passaram a depender exclusivamente dos jornais estaduais e nacionais para obter informações, o que resultou em uma lacuna significativa na cobertura de notícias locais. A ausência de um jornal campinense significa que muitos eventos e histórias da comunidade não puderam receber a atenção devida, afetando a preservação da memória social e da identidade coletiva da mesma. Assim sendo, com o fim do ciclo de vida do JDBO, o acervo impresso e de fotografias salvas passaram a ser particulares e salvaguardados pelo Diário Associados, conforme a **Figura 72**.

Figura 72 – Edições encadernadas do JDBO



Fonte: Acervo da coleção da BORAA, 2025

O jornal teve circulação impressa e uma periodicidade diária (de segunda-feira a domingo) e passou por diferentes momentos até seu fechamento. O acervo conta com mais de 500 livros e contabiliza mais de 17 mil edições. Os jornais Diário da Borborema estão disponíveis para a consulta, seja da primeira tiragem em 1957 até o último exemplar em 2012. Em 2001 ganhou o Prêmio ExxonMobil de Jornalismo ou simplesmente *Prêmio Esso*, é a mais importante distinção conferida aos profissionais da imprensa no Brasil.

O Prêmio *ExxonMobil* de Jornalismo, patrocinado pela multinacional de petróleo e gás ExxonMobil, tem uma longa história de promoção do mérito jornalístico no Brasil.

Desde sua criação em 1955, o prêmio tem sido uma plataforma para reconhecer e celebrar o trabalho de jornalistas que contribuem significativamente para a sociedade através de suas reportagens. Este prêmio reconhece a excelência no jornalismo e é concedido anualmente a jornalistas e veículos de comunicação que se destacam com reportagens e outros trabalhos de mídia. Ele celebra o compromisso com a verdade, a integridade e a habilidade de informar o público de maneira precisa e impactante.

O prêmio foi concedido ao Jornalista Cícero Félix, devido a reportagem “Terroristas Atacam os Estados Unidos”. Esta reportagem abordou os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, que tiveram um impacto profundo e duradouro em todo o mundo.

A cobertura de Cícero Félix foi reconhecida por sua qualidade, precisão e relevância, destacando-se entre as muitas reportagens submetidas ao prêmio, visualizada na **Figura 74**, que destaca a prestigiada premiação ExxonMobil de Jornalismo.

Figura 73 - Capa ganhadora do Prêmio *ExxonMobil*



Fonte: Acervo da coleção da BORAA, 2025

Esta premiação é uma das mais importantes no cenário jornalístico brasileiro, reconhecendo a excelência e a qualidade do trabalho dos profissionais da imprensa. A ExxonMobil de Jornalismo celebra reportagens que se destacam pela profundidade da investigação, clareza na comunicação e impacto social.

Isso nos amplia o debate sobre o valor histórico dos jornais como fonte de pesquisa social e histórica, além de seu aporte como evocadores da memória, é advertido por Lapuente (2015, p.1): “Como qualquer fonte histórica, os jornais devem ser utilizados criticamente para não correr o risco de se deixar levar pelo discurso da fonte e, conseqüentemente, realizar uma análise precipitada, acrítica e superficial”.

Com o intuito de registrar a importância da fonte documental “jornal” no contexto da Ciência da Informação (CI), é relevante considerar a perspectiva de Paul Ricoeur sobre a memória. Ricoeur (2007, p. 24) afirma que “Lembrar-se é ter uma lembrança ou ir à busca de uma lembrança.” Essa citação destaca dois aspectos fundamentais do ato de recordar: a posse de uma lembrança e a busca ativa por ela. No primeiro caso, lembrar-se implica que a memória já está presente e pode ser acessada a qualquer momento.

No segundo, envolve um esforço consciente para recuperar uma lembrança que não está imediatamente disponível. Nessa direção é importante frisar que na busca da expansão do conceito de memória Ricoeur lembra que ela não é apenas um depósito passivo de informações, mas um processo ativo que envolve tanto a retenção quanto a recuperação de lembranças.

A valorização dos jornais como fontes documentais é essencial para preservar a memória coletiva e garantir que eventos significativos não se percam com o tempo. O Prêmio Esso Especial de Primeira Página, concedido ao Diário da Borborema, reafirma seu compromisso com a excelência jornalística e seu papel como guardião da história local.

Esse reconhecimento não apenas reflete o pensamento de Paul Ricoeur, mas também evidencia a relevância do JDBO na construção e preservação da identidade de Campina Grande, garantindo que suas narrativas continuem acessíveis para as gerações futuras.

O reconhecimento atribuído ao Jornal Diário da Borborema (JDBO) transcende a mera valorização técnica de suas reportagens, evidenciando o papel fundamental que o veículo desempenha na preservação e difusão da memória histórica de Campina Grande.

Ao manter um compromisso ético com a verdade e com a qualidade informativa, o JDBO consolida-se como um agente formador de consciência social, contribuindo para o fortalecimento de uma cidadania crítica e bem informada.

Em um cenário marcado por fluxos acelerados de informação e pela crescente disseminação de conteúdos duvidosos, a atuação responsável do jornal reafirma a importância de um jornalismo sério, pautado em princípios éticos e metodológicos.

Assim, o JDBO não apenas documenta os fatos, mas participa ativamente da construção simbólica e identitária da cidade, tornando-se um patrimônio cultural e comunicacional de valor inestimável.

Figura 74 - Prêmio Esso Especial de Primeira Página

PREMIADOS				
CATEGORIA	AUTOR	TÍTULO DA OBRA	VEÍCULO	PREMIAÇÃO
PRÊMIO ESSO ESPECIAL DE TELEJORNALISMO	Tim Lopes, Cristina Guimarães, Tyndaro Menezes, Flávio Fachel e Renata Lyra	FEIRA DE DROGAS	JORNAL NACIONAL - REDE GLOBO DE TELEVISÃO	R\$ 10 mil + Diploma
PRÊMIO ESSO DE REPORTAGEM	Chico Otávio e Rubens Valente	LBV - O IMPÉRIO DA BOA VONTADE	O GLOBO	R\$ 8 mil + Diploma
PRÊMIO ESSO DE FOTOGRAFIA	Alberto César Araújo	HORAS DE TENSÃO	A CRÍTICA (Manaus)	R\$ 8 mil + Diploma
PRÊMIO ESSO DE INFORMAÇÃO ECONÔMICA	Chico Otávio, Bernardo de La Peña e Ricardo Boechat	SINAL VERDE PARA O CONTRABANDO	O GLOBO	R\$ 4 mil + Diploma
PRÊMIO ESSO DE INFORMAÇÃO CIENTÍFICA, TECNOLÓGICA E ECOLÓGICA	Ricardo Arnt	O NEGÓCIO DO VERDE	EXAME	R\$ 4 mil + Diploma
PRÊMIO ESSO ESPECIAL DE PRIMEIRA PÁGINA	Cícero Félix	TERRORISTAS ATACAM OS EUA	DIÁRIO DA BORBOREMA (Paraíba)	R\$ 4 mil + Diploma
PRÊMIO ESSO DE CRIAÇÃO GRÁFICA - CATEGORIA JORNAL	Cláudio Duarte e Marília Martins	DEU BRANCO	O GLOBO	R\$ 4 mil + Diploma
PRÊMIO ESSO DE CRIAÇÃO GRÁFICA - CATEGORIA REVISTA	Wander Luiz Silva e Equipe	O HORROR!	ÉPOCA	R\$ 4 mil + Diploma
PRÊMIO ESSO ESPECIAL INTERIOR	Mario Rossit e Marcelo Villa	CONTAMINAÇÃO EM PAULÍNIA	CORREIO POPULAR (SP)	R\$ 4 mil + Diploma
PRÊMIO ESSO REGIONAL NORTE	Rodrigo Araújo e Orlando Farias	MEDO - SOLDADOS TEMEM GUERRA NA FRONTEIRA	A CRÍTICA (Manaus)	R\$ 3 mil + Diploma
PRÊMIO ESSO REGIONAL NORDESTE	Ângela Fernanda Belfort e Jamildo Melo	O DESMONTE DA MALHA NORDESTE	JORNAL DO COMMERCIO (Recife)	R\$ 3 mil + Diploma

Fonte: Arquivo da autora, 2025

Com o intuito de registrar a importância da fonte documental “jornal” quando reconhecemos o ato de recordar na CI, assim nos dirá Ricoeur (2007, p. 24), que “Lembrar-se é ter uma lembrança ou ir à busca de uma lembrança”.

Se para lembrar é necessário esquecer, o esquecimento passa a fazer parte também da memória, que, juntamente com a história, são caminhos que podem acessar de certa forma o passado. Sendo assim, os jornais como fonte de memória utilizam a marcação das datas para relembrar e narrar o passado, a partir de parâmetros próprios de uma atividade propriamente jornalística. De acordo com Santos (2016, p.1),

O jornal nessa perspectiva apresenta-se como guardador de uma memória que não tem a pretensão de restituir as lembranças, nem de se colocar como verdade, mas, de ser elemento capaz, pelas mãos do pesquisador, de inventariar um passado representado no impresso. (SANTOS, 2016, p.1)

Nesse sentido, a forma que a memória e história se relacionam, colaboram para guardar através do jornal, elementos aptos para que por meio do pesquisador a problematização de suas fontes possam esmiuçar um passado retratado no impresso.

Quanto à temática “Jornais” a relação memória e a informação, segue com afincos para o descortinar do objeto informacional. A informação tem se destacado como uma das ferramentas mais eficazes para a preservação e análise da memória histórica, especialmente no contexto dos jornais. Estes veículos não apenas relatam eventos e tendências, mas também atuam como registros fundamentais das memórias coletivas de uma sociedade, oferecendo uma visão crítica sobre como a memória social é formada e reinterpretada ao longo do tempo. No que se refere ao objeto com valor informativo e social, é campo de interesse da Ciência da Informação segundo Capurro (2003, p.6) quando diz:

[...] convém indicar — tratando de evitar, como eu afirmava no início, a impressão de um processo linear histórico —, que Michael Buckland, reconhecido cientista em nosso campo e, não originário por certo nem da física nem da engenharia, há pouco mais de dez anos receberam a informação em nosso campo como fenômeno objetivo ("information-as-thing"), isto é, algo tangível como documentos e livros, ou, mais genericamente, qualquer tipo de objeto que possa ter valor informativo, o qual pode ser, em princípio, literalmente qualquer coisa (Buckland, 1991). claro que, visto dessa forma, o paradigma físico tem suas raízes bem como seu sentido em atividades clássicas dos bibliotecários e documentalistas. (CAPURRO, 2003, p.6)

Sabemos que, a história e a memória devem ser preservadas, haja vista, que dentro dos jornais históricos e também nos arquivos públicos está a verdadeira identidade de um povo. Povo esse que faz parte da memória e da história, por isso, com esse conhecimento deve-se lembrar de que naquele arquivo, está guardada a nossa memória e só assim foram possíveis os diversos avanços feitos pela humanidade, que guardam em suas páginas centenárias, fatos e acontecimentos que até hoje marcam a sociedade.

Diante do exposto, entra em cena o **jornal** como fonte documental e suporte emblemático do patrimônio informacional e social “preservando se tem significação para a comunidade em que está inserido e se essa preservação contribui para a construção de sua identidade cultural e o exercício da cidadania” (Oriá, 2001, p.138).

Nesse contexto, o jornal se destaca como uma fonte documental de grande importância. Ele não apenas registra os acontecimentos diários, mas também serve como um suporte emblemático do patrimônio informacional e cultural. A preservação dos jornais é significativa para a comunidade, pois eles são um reflexo de sua identidade social e um instrumento essencial para o exercício da cidadania. Como bem destacou Oriá (2001, p.138).

Portanto, ao valorizar e preservar os jornais realiza-se um trabalho essencial para a manutenção da nossa história e cultura. Esses registros não são apenas memórias estáticas; eles são a base sobre a qual construímos nossa compreensão do passado e, conseqüentemente,

nossa identidade coletiva. Cada edição de jornal preservada é uma peça do quebra-cabeça que compõe a narrativa de uma sociedade, refletindo seus valores, desafios e conquistas ao longo do tempo.

Em suma, a preservação dos jornais é, portanto, um ato de respeito à nossa história e um investimento no desenvolvimento contínuo da nossa sociedade.

3.4 Da imprensa à universidade: A UEPB como guardiã do legado do Diário da Borborema..

Campina Grande cidade, / Rainha da Borborema, /Cidade cheia de encantos/ Em nada ela é pequena:/Maior São João do Mundo, / É mãe de um saber profundo, / Tendo a UEPB em sua Cena. / Nasceu uma Universidade/ De um povo interiorano, / A Universidade Estadual/ Hoje completa novo ano/ De sua forte existência/ De ensino com Excelência/ Vem formando o paraibano.

(Jotalimacordelista, 2023)

A trajetória do Diário da Borborema não se encerra com o fim de sua circulação impressa. Ao contrário, ela encontra continuidade e ressignificação no espaço acadêmico, especialmente na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), que assume o papel de guardiã desse patrimônio documental e simbólico. A incorporação do acervo do jornal pela instituição representa mais do que uma ação de preservação: é um gesto político e cultural de valorização da memória regional.

Ao abrigar os arquivos do Diário, a UEPB transforma-se em um polo de pesquisa e reflexão sobre a história social, política e cultural de Campina Grande e do interior paraibano. O jornal, que durante décadas registrou os acontecimentos cotidianos, os debates públicos e as transformações urbanas, passa a ser fonte primária para investigações acadêmicas, projetos de extensão e ações educativas voltadas à comunidade.

Essa transição da imprensa para a universidade revela uma articulação entre comunicação e educação, onde o saber produzido pela mídia local é recontextualizado no ambiente científico. A UEPB, nesse sentido, não apenas preserva o legado do Diário da Borborema, mas o inscreve como objeto de estudo, memória viva e instrumento de identidade coletiva.

A incorporação do acervo do Diário da Borborema pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) representa um marco na valorização da memória jornalística e cultural de Campina Grande. Mais do que um gesto de preservação documental, trata-se de uma ação estratégica que reafirma o compromisso da universidade com a história social da região e com a democratização do acesso ao conhecimento.

Esse legado não permanece estático nos arquivos: ele é constantemente ativado por meio de projetos de pesquisa, extensão e ensino que ressignificam o conteúdo do jornal à luz das demandas contemporâneas. A digitalização dos exemplares, conduzida por equipes do Departamento de Comunicação Social e do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDIHR), é um exemplo claro dessa dinâmica. Ao tornar o acervo acessível ao público, a UEPB transforma o Diário da Borborema em fonte viva para investigações acadêmicas, práticas pedagógicas e ações de cidadania.

Diversos trabalhos desenvolvidos na universidade têm se debruçado sobre esse material, explorando temas como a construção da identidade local, os discursos políticos em períodos de repressão, as transformações urbanas e os modos de representação da cultura popular. O jornal, que por décadas registrou o cotidiano da cidade, agora serve como espelho crítico para compreender os processos históricos que moldaram a Paraíba.

Nesse sentido, a UEPB não apenas guarda o legado do Diário da Borborema, ela o atualiza, o interroga e o projeta para o futuro. Ao integrar esse patrimônio à sua missão institucional, a universidade reafirma seu papel como espaço de memória, reflexão e produção de saberes comprometidos com a realidade regional.

Passeando entre as cadências históricas, assim como numa contação de histórias, voltamos nossos olhares para a Cidade de Campina Grande, que passa a contar com um desenvolvimento significativo na educação, com a criação da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Fundada em 15 de março de 1966, inicialmente como Universidade Regional do Nordeste (URNE). Durante a gestão do Prefeito Williams de Souza Arruda, em 15 de março de 1966, foi criada a Fundação Universidade Regional do Nordeste (FURNE) pela Lei Municipal nº 23. A FURNE foi a mantenedora da Universidade Regional do Nordeste (URNe), marcando um importante capítulo na história educacional da região.

Criada com o objetivo de promover e apoiar o desenvolvimento educacional, científico, artístico e cultural, a FURNE desempenhou um papel crucial na formação de profissionais e na disseminação do conhecimento.

A trajetória da FURNE é um testemunho do compromisso contínuo com o desenvolvimento educacional e cultural, refletindo a importância de instituições dedicadas ao progresso e à inovação. A história de Campina Grande, enriquecida por essas iniciativas, continua a inspirar futuras gerações a valorizar e investir na educação como um pilar fundamental para o crescimento e a transformação social.

Ao longo dos anos, a FURNE se destacou por suas contribuições significativas em

diversas áreas do conhecimento, promovendo pesquisas inovadoras e formando profissionais altamente qualificados. Essas ações não apenas elevaram o nível educacional da região, mas também fomentaram um ambiente de constante evolução e adaptação às novas demandas do mercado e da sociedade.

Essa instituição desempenhou um papel crucial na inclusão social, oferecendo oportunidades educacionais para pessoas de diferentes origens e condições socioeconômicas. Esse compromisso com a equidade e a justiça social fortaleceu a comunidade e criou um legado duradouro de transformação positiva.

A influência da FURNE foi além dos muros da instituição, impactando diretamente o desenvolvimento econômico e cultural de Campina Grande. A cidade, conhecida por sua rica história e tradição, encontrou na FURNE um parceiro essencial para o seu progresso contínuo, garantindo que a educação permaneça no centro das estratégias de desenvolvimento local.

Em resumo, a FURNE, enquanto instituição cumpriu sua missão educacional tradicional ao adotar uma abordagem holística que valorizava a inclusão, a equidade e a justiça social. Esse compromisso não apenas transformou a vida dos estudantes, mas também contribuiu para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, onde todos tiveram a oportunidade de alcançar seu pleno potencial.

O primeiro prédio da FURNE representa muito mais do que o início de uma trajetória de sucesso e compromisso com a educação. Este edifício histórico foi o berço das suas primeiras atividades acadêmicas, e ao longo dos anos, transformou-se em um ícone na paisagem urbana de Campina Grande, refletindo a importância da educação como pilar fundamental para o crescimento e a transformação social.

Assim, foi constituído o primeiro reitor da Fundação, o nome escolhido foi do prefeito William Arruda, e como se seguiu o nome do então economista Edvaldo de Souza do Ó. A história nos relata que William Arruda (prefeito) não continua como reitor da FURNE e então o vice-reitor, este sim passa a exercer o cargo de reitor em julho de 1966, porém esse cargo se finda em 10 de abril de 1969. Os anos que se seguiram tornaram-se complicados devido à intervenção federal, resultado do golpe militar que aconteceu em 1964.

Além de sua missão educacional, a FURNE também se destacou na promoção de atividades culturais, como a administração do Museu de Arte Assis Chateaubriand, desde sua criação em 20 de outubro de 1967. Este museu, um dos mais importantes da região, abriga um acervo significativo de obras de arte e é um ponto de referência cultural em Campina Grande.

A trajetória da FURNE é um testemunho do compromisso contínuo com o

desenvolvimento educacional e cultural, refletindo a importância de instituições dedicadas ao progresso e à inovação. A história de Campina Grande, enriquecida por essas iniciativas, continua a inspirar futuras gerações a valorizar e investir na educação como um pilar fundamental para o crescimento e a transformação social.

Ao longo dos anos, a FURNE se destacou por suas contribuições significativas em diversas áreas do conhecimento, promovendo pesquisas inovadoras e formando profissionais altamente qualificados. Essas ações não apenas elevaram o nível educacional da região, mas também fomentaram um ambiente de constante evolução e adaptação às novas demandas do mercado e da sociedade.

Além disso, a FURNE desempenhou um papel crucial na inclusão social, oferecendo oportunidades educacionais para pessoas de diferentes origens e condições socioeconômicas. Esse compromisso com a equidade e a justiça social fortaleceu a comunidade e criou um legado duradouro de transformação positiva.

A influência da FURNE foi além dos muros da instituição, impactando diretamente o desenvolvimento econômico e cultural de Campina Grande. A cidade, conhecida por sua rica história e tradição, encontrou na FURNE um parceiro essencial para o seu progresso contínuo, garantindo que a educação permaneça no centro das estratégias de desenvolvimento local.

Em resumo, a FURNE, enquanto instituição cumpriu sua missão educacional tradicional ao adotar uma abordagem holística que valorizava a inclusão, a equidade e a justiça social. Esse compromisso não apenas transformou a vida dos estudantes, mas também contribuiu para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, onde todos tiveram a oportunidade de alcançar seu pleno potencial.

Os anos passaram e, em 1982, o então reitor Vital do Rêgo buscou a estadualização da Universidade Regional do Nordeste (URNE) junto ao governador Clóvis Bezerra, mas sua tentativa não obteve sucesso.

Os relatos históricos indicam que, diante desse impasse, uma ampla mobilização começou a ganhar força. Líderes políticos, entidades classistas e comunitárias, além de docentes, discentes e funcionários da URNE, uniram-se em um esforço coletivo para buscar a federalização da instituição. Entretanto, em meio a essas negociações, um acontecimento inesperado mudou os rumos dessa luta. O inusitado não fazia parte da pauta oficial, mas estava presente nas intenções dos movimentistas - um fator que redefiniu completamente o destino da URNE, cuja trajetória foi marcada por esforços contínuos para garantir sua consolidação como instituição de ensino superior. Fundada com o objetivo de atender às

demandas educacionais da região, a URNE enfrentou limitações estruturais e financeiras que dificultaram seu pleno funcionamento.

Durante o reitorado de Tarcísio Burity, a então Universidade Regional do Nordeste (URNe), que enfrentava diversos desafios estruturais e acadêmicos, foi transformada na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Esse processo de estadualização, consolidado sob a liderança de Sebastião Guimarães Vieira, representou um marco na trajetória da instituição, garantindo maior estabilidade, fortalecendo seu papel no ensino superior da Paraíba, ampliando e trazendo impactos profundos nos rumos da universidade, ampliando suas oportunidades de crescimento e desenvolvimento acadêmico.

Assim, depois de todos os percalços e conquistas efetivadas com a criação e autorização de funcionamento da URNe, o ato da estadualização aconteceu, trazendo muitos efeitos e resultados na história da criação da Universidade Estadual da Paraíba. No entanto, graças à mobilização de educadores, gestores e lideranças políticas, a universidade começou a ganhar força e reconhecimento.

Todavia, somente em 11 de outubro de 1987, de forma decisiva, o Governo do Estado da Paraíba oficializou a estadualização da universidade, por meio da Lei nº 4.977, sancionada fundamental na educação superior da Paraíba, expandindo seus campi e fortalecendo sua atuação acadêmica e científica. Assim, nasceu oficialmente a UEPB. Foi um marco histórico. Com essa transformação, a (URNe) passou a ser a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), consolidando sua identidade e ampliando seu papel na educação superior da região.

Esse ato não apenas assegurou melhores condições para a instituição, mas também reafirmou seu compromisso com a educação pública e a pesquisa científica, consolidando a UEPB como referência no cenário educacional paraibano. A UEPB, desde então, consolidou-se como uma das principais universidades públicas do Nordeste, com *campis* em diversas cidades e um papel estratégico na formação de profissionais, na produção de conhecimento e no desenvolvimento regional.

Em 01 de novembro de 1996, o Conselho Nacional de Educação do MEC, através do ministro da Educação, Paulo Renato Souza, reconhece a UEPB como uma instituição de ensino superior, ainda no final do segundo reitorado do professor Itan Pereira da Silva, mas foi em 06 de agosto de 2004 que foi sancionada a Lei nº 7.643, de 6 de agosto de 2004, pelo então Governador Cássio Cunha Lima, que a lei garantiu a UEPB sua Autonomia Financeira de Instituição.

Esse marco legislativo foi crucial para a consolidação da UEPB como uma

entidade autônoma, permitindo-lhe gerir seus próprios recursos e expandir suas atividades acadêmicas e de pesquisa. A autonomia financeira possibilitou à universidade investir em infraestrutura, contratar novos docentes e ampliar seus programas de ensino e extensão, fortalecendo seu papel como um centro de excelência no ensino superior no estado da Paraíba.

A partir desse momento, com sua autonomia financeira, a UEPB pôde desenvolver uma série de iniciativas voltadas para a inovação e a inclusão social, reafirmando seu compromisso com a formação de profissionais qualificados e com a promoção do desenvolvimento regional.

Em 2004 a UEPB comprou por 80.000,00 (oitenta mil reais) a Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida (BORAA) pelo Governo do Estado da Paraíba. O fato para o surgimento da BORAA ocorreu devido a um processo de compra ao Governo do Estado da Paraíba, do acervo do professor Átila de Almeida, oriundo de sua esposa, a antropóloga Ruth Almeida (BIBLIOTECA ÁTILA ALMEIDA, s.d.). A BORAA beneficiou-se diretamente dessa autonomia, recebendo investimentos que permitiram a preservação e a ampliação de seu acervo, tornando-se um importante polo de pesquisa e cultura.

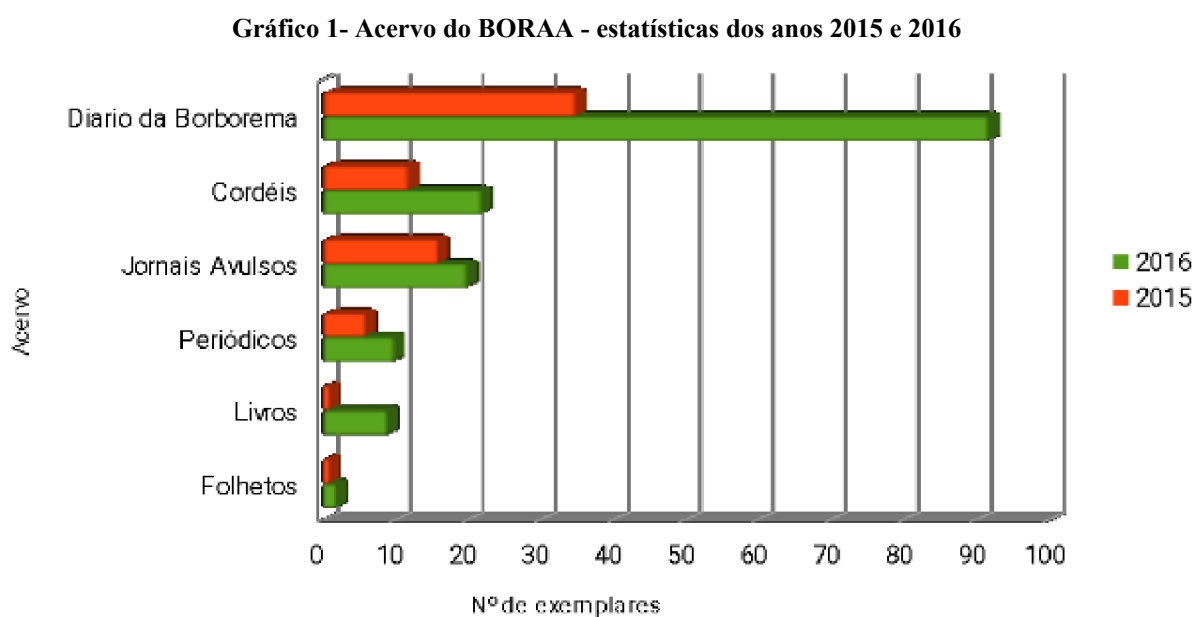
Diante da relevância das obras que compunham o adquirido acervo, a UEPB assumiu a responsabilidade de organizar, catalogar, conservar, acondicionar e divulgar as coleções. A biblioteca está localizada em Campina Grande-PB no Campus I, instalada de forma temporária desde 2023, no momento no subsolo do prédio da Biblioteca Central da UEPB.

Originalmente a BORAA era constituída apenas do acervo do professor Átila de Almeida, que em sua grande maioria era composta de livros, periódicos e jornais, inclusive algumas edições do Jornal Diário da Borborema, porém ao passar dos tempos mais acervos foram incorporados à coleção da biblioteca como: Severino Bezerra de Carvalho um pernambucano que foi médico e escritor; Raymundo Asfora um cearense que jurista político e poeta; Manoel Monteiro um pernambucano que foi poeta e cordelista; Ronaldo Cunha Lima um campinense que foi advogado, político e poeta; e Gilmar de Carvalho um cearense e pesquisador.

A BORAA conta com mais de 20 mil cordéis, sendo considerada a maior Biblioteca de cordéis da América Latina, provavelmente a maior do mundo. Atualmente a BORAA também está composta com todo o acervo do Jornal Diário da Borborema do Diário Associados. Os cordéis e o Jornal Diário da Borborema são os gêneros mais procurados pelos usuários, porém de acordo com os dados da BORAA no tocante ao número de acessos dos usuários, o Jornal Diário da Borborema é o mais acessado. Os dados dos agendamentos

eletrônicos por pesquisas no tocante aos anos de 2015 e 2016.

Em 2015, a incorporação da coleção do Jornal Diário da Borborema ao acervo da BORAA representou um marco importante para a biblioteca, fortalecendo seu papel como fonte de pesquisa e preservação da memória regional. O evento resultou em um aumento expressivo nos acessos e agendamentos eletrônicos, evidenciando o crescente interesse de pesquisadores e do público pelo acervo, como ilustrado no Gráfico 1.



Fonte: Elaborada pela BORAA, 2017

De acordo com a Tabela 1, observamos os agendamentos para pesquisa realizados entre os anos de 2018 a 2020. Durante esse período, também foi registrado o DBO (Diário da Borborema, que reflete a quantidade total de solicitações de uso dos recursos disponíveis para pesquisa).

Tabela 1- Materiais bibliográficos agendados para pesquisa entre os anos de 2018 a 2020

2018						
Total	DBO	Jornais Avulsos	Acervos Bibliográficos	Periódicos	Cordéis	Arquivos
3096	578	383	211	354	1558	12
2019						
Total	DBO	Jornais Avulsos	Acervos Bibliográficos	Periódicos	Cordéis	Arquivos
2802	860	216	100	208	1414	4
2020						
Total	DBO	Jornais Avulsos	Acervos Bibliográficos	Periódicos	Cordéis	Arquivos
5	5	0	0	0	0	0
2021						
Total	DBO	Jornais Avulsos	Acervos Bibliográficos	Periódicos	Cordéis	Arquivos
5217	4941	113	20	29	78	36
2022						
Total	DBO	Jornais Avulsos	Acervos Bibliográficos	Periódicos	Cordéis	Arquivos
19.438	18.840	53	36	157	352	

Fonte: Elaborada pela autora (2024)

O acervo do JDBO da Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida é preservado em ambiente climatizado, equipado com desumidificadores e monitorado por medidores de temperatura. O catálogo do acervo está disponível on-line, mas o acesso ao material é restrito ao público. No entanto, pesquisadores podem agendar previamente a consulta ao material pelo site. A pesquisa é realizada presencialmente em uma sala específica da biblioteca, destinada exclusivamente para esse fim.

Em relação ao impresso Jornal Diário da Borborema a pesquisa é mediada por auxiliares de biblioteca e bibliotecários, como alguns exemplares estão em estado avançado de deterioração há o acesso restrito. Para a reprodução de imagens dos cadernos, faz-se necessário portar um termo de autorização concedido pelos Diários Associados.

Há muitas bibliotecas, arquivos e museus que detêm um acervo documental relevante, com informações sobre acontecimentos e histórias locais de um povo, sejam por meio de fotos, documentos, livros, etc. Muitos desses objetos informacionais acabam chegando através da doação de acervos pessoais. E há tantos outros objetos informacionais carregados de memória em bibliotecas paraibanas e pessoas importantes historicamente e culturalmente, assim como na BORAA, que cabem ser descortinados. Nesse sentido, foi ressaltado por Oliveira (2024, p. 48) que:

A Memória de uma instituição não está apenas nos arquivos, e às vezes até falta ao arquivo essa documentação sobre a história e memória da instituição. Essa Memória está também nas pessoas, equipamentos e nas coleções da biblioteca. Assim como o arquivo, essas coleções especiais nas bibliotecas

podem ser o último lastro de memória e de identidade da ciência, dos programas, dos cursos, planos de aula, de personagens e da própria instituição. Precisamos trazer a esse cenário uma figura importante, pois o mesmo perpassa por Campina Grande, porém ele nasce muito antes dessa linha do tempo narrada até agora, entretanto trazê-lo é fundamental para compreensão do objeto que será abordado nessa pesquisa. (Oliveira, 2024, p.48)

A Biblioteca Central da UEPB abriga um acervo bibliográfico de valor literário, histórico e cultural, cuja preservação é essencial para pesquisas futuras e para a memória da Paraíba, como destaca Rodrigues (2015, p.243).

[...] as bibliotecas passaram ao longo do tempo a ser identificadas como organismos culturais, instituições onde se promove a salvaguarda do patrimônio bibliográfico, estabelecimentos onde é possível ter acesso ao conhecimento produzido e acumulado pelos seres humanos, lugares onde a memória coletiva encontra sua materialização através do registro escrito e de onde é possível obter referências por meio das quais nossa memória individual e coletiva e nosso patrimônio cultural se fazem perceber. (Rodrigues, 2015, p.243)

Partindo desse ponto, podemos considerar que as bibliotecas são instituições culturais essenciais, que preservam o patrimônio bibliográfico e promovem a democratização do conhecimento. Mais que repositórios de livros, atuam como centros educativos e culturais, guardando a memória coletiva e individual por meio de registros que refletem a história, tradições e saberes da humanidade.

Além de oferecerem acesso ao conhecimento produzido e acumulado ao longo dos tempos, as bibliotecas promovem a democratização do conhecimento, a materialização da Memória Coletiva, visto que por meio dos registros escritos, elas preservam a história, as tradições e as experiências de uma comunidade ou sociedade. E, ainda, fornecem referências que ajudam a formar e sustentar tanto a memória individual quanto a coletiva.

A Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) constitui uma instituição de ensino superior cuja trajetória é marcada por expressivo crescimento, superação de desafios estruturais e consolidação de seu compromisso com a educação pública de qualidade. Desde o reconhecimento oficial como universidade, a UEPB tem desempenhado um papel estratégico na formação de profissionais qualificados, na produção de conhecimento científico e na promoção da cidadania crítica.

A conquista da autonomia financeira representou um ponto de inflexão em sua história, conferindo maior capacidade administrativa e ampliando sua atuação acadêmica e social. Com presença em diversas regiões do estado, a UEPB se destaca como agente de

transformação, contribuindo para o desenvolvimento sustentável da Paraíba e do Brasil por meio de ações integradas de ensino, pesquisa e extensão.

Sua missão institucional está pautada na valorização da diversidade, na inclusão social e no fortalecimento da cultura regional, reafirmando o papel da universidade como espaço plural de saberes, inovação e compromisso ético com a sociedade.

3.5 A memória da cidade de Campina Grande como reflexo de si mesma

Entre o vento da Borborema e o murmúrio das ruas de Campina Grande, há memórias que não se calam, elas vivem, mesmo quando ninguém as escuta.

(Medeiros, 2025)

A memória de uma cidade é tecida ao longo do tempo por meio de seus acontecimentos marcantes, das figuras que protagonizam sua história e dos espaços que se tornam símbolos afetivos para seus habitantes. Mais do que um simples acervo de fatos registrados, essa memória representa um organismo vivo, um reflexo pulsante da identidade coletiva, moldado pelas experiências, lutas, conquistas e transformações que atravessam gerações (Pesavento, 2002).

Quando essa memória se inscreve no espaço urbano, ela se transforma em memória urbana: uma dimensão específica da memória coletiva que se manifesta nos traços físicos, simbólicos e afetivos da cidade. A memória urbana não se limita aos registros históricos formais; ela emerge dos acontecimentos cotidianos, dos personagens que marcaram épocas e, sobretudo, dos lugares que, ao longo do tempo, se tornam referências simbólicas para a população. É uma memória que se materializa nas ruas, praças, edifícios e monumentos - espaços que guardam narrativas evocam sentimentos e conectam o passado ao presente.

Trata-se, portanto, de uma memória viva e em constante transformação, que acompanha o desenvolvimento urbano e social, ressignificando lugares e narrativas à medida que novas gerações se apropriam de seu território. A memória urbana é, assim, um elo entre o tempo e o espaço, entre o vivido e o construído, entre o individual e o coletivo - um componente essencial na constituição da identidade de uma cidade (Pesavento, 2002).

A memória urbana constitui um dos pilares fundamentais na construção da identidade coletiva de uma cidade. Ela emerge não apenas dos registros históricos formais, mas também dos acontecimentos cotidianos, dos personagens que marcaram épocas e dos espaços que, ao longo do tempo, se tornaram referências simbólicas para a população. Trata-se de uma memória viva, em constante transformação, que acompanha o

desenvolvimento urbano e social, ressignificando lugares e narrativas à medida que novas gerações se apropriam de seu território.

Conforme Halbwachs (2006), a memória urbana é uma forma de memória coletiva que se inscreve no espaço físico da cidade, sendo constantemente atualizada pelas práticas sociais e pelas transformações do ambiente. Ela não se limita à preservação de fatos históricos, mas envolve a vivência cotidiana, os afetos e os significados atribuídos aos lugares pelos sujeitos que os habitam.

Nesse sentido, o espaço urbano torna-se um suporte da memória, um “texto” que pode ser lido, interpretado e ressignificado ao longo do tempo.

Corroborando nessa direção Nora (1984-1992), ao desenvolver o conceito de lugares de memória (*lieux de mémoire*), reforça essa perspectiva ao afirmar que certos espaços adquirem densidade simbólica por concentrar lembranças, narrativas e identidades. Esses lugares não são apenas geográficos, mas também culturais e afetivos, funcionando como âncoras da memória coletiva em meio às mudanças sociais.

No contexto de Campina Grande, o Açude Velho configura-se como um desses lugares de memória. Mais do que um ponto geográfico, ele é um território simbólico onde se entrelaçam história, cultura e afetividade. Sua presença na paisagem urbana transcende a função original de reservatório hídrico, tornando-se um espelho da alma urbana, um espaço de encontro entre o passado e o presente.

Ao redor do Açude Velho, monumentos como a Estátua dos Pioneiros da Borborema e o Museu dos Três Pandeiros reforçam essa densidade simbólica. A estátua homenageia os fundadores da cidade, evocando narrativas de origem e pertencimento. Ela funciona como um marco identitário, conectando os habitantes à memória fundacional de Campina Grande. Por sua vez, o Museu dos Três Pandeiros, com sua arquitetura singular e vocação cultural, representa a valorização da arte e da memória popular, sendo um espaço de preservação e reinvenção da identidade local.

É nesse cenário que o jornal Diário da Borborema se insere como objeto central desta dissertação. Atuando como mediador entre os acontecimentos urbanos e a memória coletiva, o jornal desempenha um papel fundamental na construção simbólica dos espaços da cidade. Por meio de suas reportagens, editoriais, imagens e narrativas, o Diário da Borborema registra, interpreta e, muitas vezes, ressignifica o Açude Velho e seus arredores, contribuindo para a consolidação desses espaços como lugares de memória.

A análise das representações do Açude Velho no jornal permite compreender como a memória urbana é construída discursivamente, revelando os sentidos atribuídos ao

espaço ao longo do tempo. Como aponta Pesavento (2005), os espaços urbanos não são apenas extensões físicas, mas territórios simbólicos apropriados socialmente, onde se inscrevem narrativas, afetos e identidades. O jornal, nesse contexto, atua como mediador entre o vivido e o representado, contribuindo para a construção do imaginário urbano.

Ao documentar os eventos que ocorrem no entorno do Açude, o jornal não apenas registra fatos, mas também participa da produção simbólica da cidade, reforçando sua identidade e promovendo a valorização de seu patrimônio afetivo. Essa dinâmica está alinhada com o conceito de lugares de memória proposto por Pierre Nora (1993), que compreende certos espaços como depositários de significados coletivos, constantemente ressignificados pelas práticas sociais e discursivas.

Além disso, como discutem Silva et al. (2019), a memória urbana é constituída por meio da confluência entre materialidade, espacialidade e afetividade, sendo os jornais instrumentos que articulam essas dimensões ao narrar o cotidiano e destacar os marcos simbólicos da cidade.

Assim, o Açude Velho, ao ser reiteradamente representado na imprensa local, torna-se mais do que um ponto geográfico: transforma-se em um símbolo identitário, um espaço de ancoragem da memória coletiva, onde se cruzam o tempo, o território e as experiências compartilhadas da comunidade campinense. Lefebvre (1974), ao discutir a produção do espaço, destaca que o espaço urbano é resultado de práticas sociais, relações de poder e processos simbólicos. O Diário da Borborema, nesse sentido, atua como um agente produtor de espaço simbólico, ao selecionar o que é noticiado, como é narrado e quais imagens são veiculadas. Sua atuação contribui para a construção de uma memória urbana que é, ao mesmo tempo, documental e afetiva.

A articulação entre teoria, espaço e mídia evidencia que o Açude Velho (Fig. 75) e seus monumentos não são apenas componentes da paisagem urbana, mas verdadeiros dispositivos de memória.

Mediados pelo discurso jornalístico, esses espaços contribuem para a preservação e reinvenção da identidade local de Campina Grande. Reconhecida por sua efervescência cultural e histórica, a cidade abriga lugares que transcendem a função geográfica e assumem papel simbólico na construção da memória coletiva.

O Açude Velho, cuja imagem em tela representa mais do que um cartão-postal, configura-se como um núcleo simbólico onde história, arte e afetividade se entrelaçam. Ao seu redor, monumentos como a Estátua dos Pioneiros da Borborema (**Fig. 76**) e o Museu dos

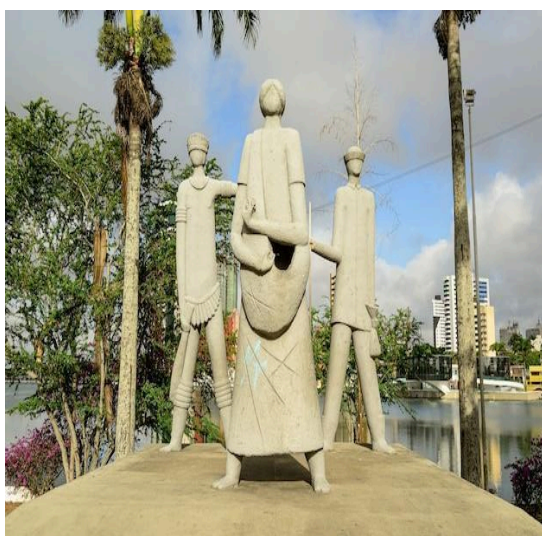
Três Pandeiros (**Fig. 77**) reforçam a densidade cultural e arquitetônica do município, projetando sentidos que fortalecem a identidade campinense.

Figura 75 - Açude Velho (Campina Grande)



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2025

Figura 76 - Estátua dos Pioneiros da Borborema



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2025

Figura 77- Museu dos Três Pandeiros



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2025

Desde sua fundação, a cidade se destacou como um dos polos econômicos, culturais e educacionais da Paraíba, tendo sua história registrada em documentos, fotografias, jornais e relatos que atravessam décadas. O reconhecimento e a valorização desse patrimônio são essenciais para compreender não apenas a trajetória de Campina Grande, mas também os processos sociais que moldaram sua identidade coletiva (ALMEIDA, 1978).

Campina Grande possui uma história rica e multifacetada, marcada por sua evolução econômica, cultural e social. Ao longo dos séculos, a cidade se transformou em um

pequeno povoado em um dos principais centros urbanos do Nordeste, desempenhando um papel crucial no desenvolvimento da Paraíba. Desde sua origem no século XVII, como um ponto de passagem para comerciantes e exploradores, Campina Grande cresceu impulsionada pela atividade agropecuária, tornando-se referência na produção de algodão durante o século XIX e XX. Essa prosperidade econômica fomentou a industrialização e atraiu investimentos, consolidando a cidade como um pólo econômico e tecnológico.

Além do patrimônio cultural, Campina Grande se destaca pelo Maior São João do Mundo, um dos eventos mais importantes do Brasil, que atraem turistas e movimenta a economia local. No campo da tecnologia, o polo tecnológico e o Núcleo de Tecnologias Estratégicas em Saúde (NUTES) são considerados uns dos mais importantes do Brasil, atuando na produção de equipamentos tecnológicos de ponta. Esses destaques contribuem diretamente para o desenvolvimento social, econômico e tecnológico do País, que ajudam a moldar o caráter vibrante da cidade, tornando-a referência regional em inovação, pesquisa e manifestações culturais (Câmara, 1999).

Com essa combinação de cultura, tecnologia e inovação, Campina Grande se consolida como um dos principais centros de desenvolvimento social e econômico do país, impulsionando a educação, a ciência e a preservação da memória local, haja vista ser considerada o **“Oásis Tecnológico”** devido à sua capacidade de exportar talentos e inovação para o mundo.

Além da economia, a cultura e a educação foram fundamentais para a identidade campinense. Instituições como a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), um dos principais centros de ensino superior da Paraíba, que impulsiona a formação acadêmica e profissional de milhares de estudantes permitindo que a instituição se tornasse um referencial na pesquisa e inovação, a fim de desempenhar papéis fundamentais no desenvolvimento educacional, científico e econômico da região.

Nesse viés, merece destaque afirmar que a memória de Campina Grande é um reflexo de sua história, de suas transformações e de sua cultura. Preservá-la significa garantir que as futuras gerações compreendam o legado da cidade, fortalecendo sua identidade e reconhecendo o papel que ela desempenhou no desenvolvimento regional. Memória Cultural e Social

Os eventos culturais desempenham um papel central na construção da identidade de Campina Grande. O Maior São João do Mundo, por exemplo, não apenas movimenta a economia local, mas também reforça a tradição nordestina e a valorização da cultura popular.

Embora o São João seja emblemático, a cidade tem um forte vínculo com a

música, literatura e artes visuais, que ajudam a consolidar sua memória cultural. O jornalismo local, especialmente através de veículos como o Diário da Borborema, registrou acontecimentos que marcaram Campina Grande, criando um acervo valioso para a história da cidade.

A memória urbana não se restringe às ruas e monumentos; ela também está presente nos arquivos documentais e fotográficos que registram o cotidiano e o marcos históricos da cidade. Bibliotecas, museus e acervos preservam documentos essenciais, garantindo que a história da cidade seja acessível para pesquisadores e cidadãos.

A digitalização de registros históricos se tornou uma ferramenta importante para ampliar o acesso à memória de Campina Grande. Iniciativas como a preservação do acervo do Diário da Borborema na Biblioteca de Obras Raras Átila de Almeida (BORAA) são fundamentais para manter vivas as narrativas que ajudaram a construir a cidade.

Outro aspecto importante é o desabrochar de Campina Grande, é sua relação com a preservação ambiental e a memória urbana, por isso, também merece destaque. O impacto do lixo de Campina Grande, por exemplo, influencia diretamente a forma como a cidade e seus habitantes percebem a questão ambiental.

Além disso, a revitalização de espaços naturais, como o próprio Açude Velho, não apenas melhora a qualidade de vida dos moradores, mas também resgata a identidade da cidade, garantindo que esses lugares continuem sendo símbolos históricos e culturais para a população.

A memória de Campina Grande é um reflexo de si, de sua história, de suas transformações e de sua cultura. Preservá-la significa garantir que as futuras gerações compreendam o legado da cidade, fortalecendo sua identidade e reconhecendo o papel que ela desempenhou no desenvolvimento regional.

Cada rua, cada monumento, cada registro documental contribui para a construção desse grande espelho urbano, onde passado e presente se encontram para formar o futuro de Campina Grande (Câmara, 1999). Assim, Campina Grande é uma cidade que se reinventa sem perder suas raízes. A combinação entre cultura, tecnologia e inovação transformou-a em um dos principais pólos de desenvolvimento social e econômico do Brasil. A cidade exporta talentos e soluções criativas para o mundo, sem deixar de valorizar sua história e identidade.

Percebe-se que a cultura é o fio condutor da memória coletiva de Campina Grande. Eventos como “*O Maior São João do Mundo*” não apenas movimentam a economia, mas reafirmam tradições nordestinas e celebram a cultura popular. A música, a literatura e as

artes visuais também desempenham papel essencial na construção simbólica da cidade, revelando sua alma criativa e plural.

O jornalismo local, especialmente por meio do Diário da Borborema, desempenhou um papel crucial na construção da memória social de Campina Grande. Ao longo de décadas, o jornal registrou não apenas os grandes acontecimentos políticos e culturais, mas também os gestos cotidianos, os conflitos urbanos, as celebrações populares e os silêncios institucionais que moldaram a cidade. Esses registros compõem hoje um acervo valioso, que ultrapassa a função informativa e se inscreve como patrimônio documental e simbólico da cidade.

Cada edição do Diário da Borborema funciona como uma cápsula do tempo, revelando os modos como Campina Grande se viu e se fez ver. As manchetes, as fotografias, os editoriais e as colunas sociais são testemunhos de uma cidade em constante transformação, ora exaltando conquistas, ora denunciando tensões, ora silenciando vozes. O jornal, nesse sentido, não apenas narra os fatos, mas também participa da construção dos sentidos que esses fatos adquirem na memória coletiva.

Compreender os registros jornalísticos é compreender as camadas que compõem a identidade campinense, uma identidade plural, em constante reconstrução, marcada por tensões entre tradição e modernidade, entre o regional e o global. O jornal, como artefato informacional e cultural, não apenas documenta os fatos: ele os interpreta, os hierarquiza e os insere em uma narrativa que contribui para a construção simbólica da cidade.

Campina Grande, nesse contexto, torna-se um espelho de si mesma. A cidade se vê refletida nas páginas do Diário da Borborema, onde sua história é contada, sua cultura é celebrada (ou silenciada), e suas transformações são registradas com intencionalidade editorial. O jornal não é neutro, ele escolhe o que mostrar e como mostrar, revelando os valores, os interesses e as disputas que atravessam o tecido urbano.

Ao revisitar as edições do Diário da Borborema, é possível perceber como certos eventos foram narrados com destaque, enquanto outros foram relegados ao esquecimento. Quais personagens foram exaltados como símbolos da cidade? Quais práticas foram legitimadas como expressão da “campinensidade”? E, sobretudo, quais vozes foram silenciadas ou marginalizadas? Essas escolhas editoriais revelam muito mais do que simples critérios jornalísticos: elas expõem os mecanismos de poder que operam na produção da memória coletiva.

A memória jornalística, portanto, é seletiva, política e profundamente reveladora. Como aponta Saldanha (2012), os documentos informacionais - como os jornais - são

dispositivos de mediação entre saberes, sujeitos e temporalidades. Eles não apenas registram o passado, mas o organizam, o interpretam e o disponibilizam para o presente e para o futuro. Nesse sentido, o Diário da Borborema não é apenas um repositório de informações: é um agente ativo na construção da memória urbana de Campina Grande.

Ao reconhecer essa dimensão, este capítulo propõe uma leitura crítica dos registros jornalísticos como fontes de aculturação e de disputa simbólica. Através deles, é possível compreender como a cidade se narra, como se reconhece e como se projeta - revelando, nas entrelinhas, os silêncios, os esquecimentos e as estratégias que moldam sua identidade reveladora. Como aponta Saldanha (2012), os documentos informacionais - como os jornais - são dispositivos de mediação entre saberes, sujeitos e temporalidades. Eles não apenas registram o passado, mas o organizam, o interpretam e o disponibilizam para o presente e para o futuro. Nesse sentido, o Diário da Borborema não é apenas um repositório de informações: é um agente ativo na construção da memória urbana de Campina Grande.

Preservar essa memória é fortalecer a identidade da cidade. É reconhecer que Campina Grande não é apenas um centro urbano em expansão, mas um território simbólico onde se cruzam tradições, saberes, resistências e afetos. A memória registrada pelo jornalismo local permite que novas gerações compreendam o legado que lhes foi transmitido, e que possam, a partir dele, construir narrativas mais plurais, inclusivas e conscientes.

Garantir esse legado é também um gesto de responsabilidade histórica. Em tempos de aceleração digital e desinformação, os arquivos jornalísticos tornam-se ainda mais preciosos. Eles oferecem a possibilidade de reconstruir trajetórias, de revisitar debates, de entender os contextos que moldaram decisões e de valorizar os sujeitos que contribuíram para a formação da cidade. O Diário da Borborema, nesse contexto, é mais do que um veículo de comunicação: é um guardião da memória campinense.

3.5.1 A imprensa regional como mediadora da memória social

A imprensa regional desempenha um papel fundamental na mediação da memória social, atuando como agente informacional que registra, organiza e dissemina os acontecimentos que marcam a vida coletiva. Em Campina Grande, o Jornal Diário da Borborema (JDBO) se destaca como um dos principais suportes infomemoriais da cidade, ao documentar eventos, práticas culturais, transformações urbanas e discursos que compõem o imaginário social local.

Ao longo das décadas, o JDBO tem funcionado como um espaço de legitimação

simbólica, onde os fatos cotidianos são convertidos em narrativas que atravessam o tempo e contribuem para a construção da identidade campinense. A imprensa, nesse contexto, não apenas informa, mas também seleciona, hierarquiza e interpreta os acontecimentos, influenciando a forma como a cidade se percebe e se projeta.

A memória social é construída socialmente a partir de quadros de referência compartilhados, definidos como estruturas simbólicas que permitem aos indivíduos situar suas lembranças dentro de um contexto comum compartilhado por um grupo. Segundo Halbwachs (2006, p.20), “é impossível recordar fatos passados e localizar essas lembranças sem ponto de referência nos contextos sociais.” A imprensa regional, nesse sentido, atua como um desses quadros, oferecendo narrativas que organizam e legitimam o que deve ser lembrado por uma comunidade.

Vale ressaltar que as matérias publicadas ao longo de seus 54 anos de existência do JDBO, elas não apenas registraram os acontecimentos da cidade, mas também atuaram como marcadores simbólicos que ajudaram a consolidar a memória coletiva de Campina Grande. Ao documentar eventos culturais como o Maior São João do Mundo, transformações urbanas, debates políticos e práticas sociais cotidianas, o jornal construiu uma narrativa que ultrapassa o caráter informativo e assume uma função memorialística.

Essas narrativas jornalísticas funcionam como quadros de referência compartilhados, nos termos de Halbwachs (2006), permitindo que os cidadãos reconheçam e situem suas experiências dentro de um contexto coletivo. Assim, o jornal reconstrói o passado ao selecionar, interpretar e divulgar fatos que passam a compor o imaginário social da cidade. Cada edição se torna um fragmento de memória, que contribui para a formação da identidade cultural local. Ao documentar o cotidiano da cidade, o jornal apresenta conteúdos que se tornam referências para o presente e para o futuro.

A perspectiva de Halbwachs sobre a memória coletiva sustenta que as lembranças individuais são sempre moldadas pelos quadros sociais em que o sujeito está inserido. Para ele, “a memória individual se apoia e se reconstrói constantemente a partir da memória coletiva” (Halbwachs, 2006, p. 51). Nesse sentido, o Diário da Borborema, como veículo de imprensa regional, atua como um desses quadros sociais, oferecendo narrativas que organizam e legitimam experiências vividas em comum.

Nora (1993) aprofunda essa discussão ao propor o conceito de lugares de memória, definidos como “qualquer entidade significativa, seja material ou não, que pela vontade dos homens ou pela obra do tempo se tornou um elemento simbólico do patrimônio memorial de uma comunidade” (Nora, 1993, p. 25). A incorporação do Diário da Borborema

à BORAA transforma o jornal em um desses lugares, onde a memória da cidade é preservada e ritualizada. Nora (1993) argumenta que, em tempos de aceleração histórica e fragmentação das experiências, os lugares de memória tornam-se essenciais para manter viva a conexão com o passado. O jornal, como arquivo e narrativa, cumpre essa função ao permitir que a cidade se reconheça em suas múltiplas temporalidades. Ele não apenas registra os fatos, mas os inscreve em uma memória compartilhada, que pode ser mobilizada para fortalecer identidades, reivindicar direitos ou celebrar pertencimentos.

Preservar documentos, relatos e testemunhos é também resguardar os vínculos emocionais que constituem a vida social. O Diário da Borborema, ao registrar os gestos cotidianos, os eventos comunitários e os dramas locais, contribui para a construção de uma memória sensível, que articula razão e afeto, história e subjetividade.

Por sua vez, Pollak (1989) chama atenção para as memórias subterrâneas, aquelas que foram silenciadas e marginalizadas pelos discursos oficiais. Ele afirma que “a memória coletiva é também o lugar de conflitos, de disputas entre versões do passado” (Pollak, 1989, p. 204). O acervo jornalístico, ao ser acessado criticamente, pode revelar essas vozes ocultas, permitindo que novas narrativas emergem e que a memória social se torne mais plural e inclusiva.

O jornal, nesse caso, não é apenas um espelho da cidade, mas também um campo de disputa simbólica, onde diferentes versões do passado podem ser confrontadas e reavaliadas.

Essa dimensão simbólica é reforçada por Pesavento (2002), ao afirmar que os meios de comunicação, especialmente os jornais, atuam como agentes de produção de memória urbana, atribuindo sentidos aos espaços e aos eventos por meio da linguagem e da narrativa.

Como destaca Barros (2021), os periódicos não apenas registram acontecimentos, mas também oferecem discursos, indícios e representações que permitem compreender os modos como uma sociedade constrói e reconstrói sua história.

Trazendo as reflexões de Ventura (2015), entendemos que nesse espaço jornalístico, o jornal não apenas informa, mas também negocia significados, legitima discursos e silencia outros, tornando-se um instrumento ativo na disputa pela memória e pela identidade coletiva.

Assim, ao representar o cotidiano urbano, o jornal contribui para a construção de um imaginário social que não é neutro, mas atravessado por escolhas editoriais, enquadramentos narrativos e relações de poder. A imprensa, portanto, deve ser compreendida

como uma fonte histórica complexa, onde o passado é constantemente reinterpretado à luz das demandas do presente.

3.5.2 O Maior São João do Mundo como Dispositivo e Expressão de Memória Cultural

A festa junina de Campina Grande, intitulada O Maior São João do Mundo, constitui-se como um dos maiores eventos populares da América Latina. Mais do que uma celebração festiva, o São João campinense configura-se como um espaço de produção simbólica, onde a memória cultural é performada⁷registrada e ressignificada. Este capítulo propõe uma análise infomemorial do evento, compreendendo-o como dispositivo de preservação da identidade nordestina e como instrumento de mediação entre tradição e espetáculo.

A Festa de São João de Campina Grande configura-se como um dispositivo infomemorial, pois transcende sua dimensão festiva e assume o papel de guardião da memória coletiva, catalisadora de narrativas culturais e promotora de sentidos identitários. Desde sua institucionalização em 1983 como evento oficial da cidade, a festa passou a reunir elementos que não apenas celebram a tradição nordestina, mas também a documentam, reinterpretam e projetam para o futuro.

Como dispositivo infomemorial, o Maior São João do Mundo opera na intersecção entre o vivido e o representado. A cidade cenográfica, os trios de forró, as quadrilhas estilizadas, os figurinos e os roteiros de shows são cuidadosamente construídos para evocar uma tradição que, embora enraizada, está em constante reinvenção. A festa, portanto, não é apenas uma celebração: é uma encenação da identidade campinense, uma performance coletiva que reafirma pertencimentos e negocia significados.

O caráter infomemorial da festa se revela na forma como ela organiza e transmite saberes: os cartazes, os registros fotográficos, os programas de rádio e TV, os jornais locais e, mais recentemente, os conteúdos digitais, funcionam como arquivos vivos da cultura junina. Esses registros não apenas informam sobre o evento, mas também preservam e atualizam a memória social, tornando-se fontes para pesquisadores, educadores e cidadãos interessados na história da cidade.

O Memorial do Maior São João do Mundo, localizado na Vila Junina, é um

⁷ Quando dizemos que a memória cultural é **performada**, estamos dizendo que ela ganha vida por meio de ações concretas, como uma festa tradicional, uma encenação histórica, ou até mesmo uma prática cotidiana que remete ao passado.

exemplo concreto dessa função infomemorial. Idealizado pela professora Clea Cordeiro, o espaço reúne documentos, fotos, cartazes e relatos que registram a evolução da festa desde sua origem popular até sua consolidação como megaevento turístico e cultural. Ali, a memória é organizada e disponibilizada, reforçando o papel da festa como arquivo sensível da cidade.

Assim, pensar o São João como dispositivo infomemorial é reconhecer sua capacidade de mediar temporalidades, conectar gerações e produzir sentidos que vão além do entretenimento. A festa é, ao mesmo tempo, celebração e documento, espetáculo e arquivo, tradição e linguagem, um espaço onde Campina Grande se narra, se reconhece e se projeta.

O evento O Maior São João do Mundo, realizado anualmente em Campina Grande, configura-se como um dos mais expressivos instrumentos infomemoriais da cidade. Mais do que uma celebração festiva, o São João é um espaço de produção, circulação e preservação de memórias que articulam tradição, identidade regional e transformação social. Em sua edição de 2025, o evento reuniu mais de 3,2 milhões de pessoas durante 38 dias de festa, com mais de 500 apresentações artísticas e uma movimentação econômica superior a R\$742 milhões, segundo dados da prefeitura. Esses números revelam não apenas a grandiosidade do evento, mas sua centralidade na vida cultural, afetiva e econômica da cidade.

O Jornal da Borborema, ao longo das décadas, tem registrado o São João como um marco da cultura nordestina. As matérias jornalísticas funcionam como arquivos vivos, preservando:

- a) a memória das quadrilhas juninas, do forró pé-de-serra e dos artistas locais;
- b) a evolução da cenografia urbana, como a fogueira cenográfica e os polos descentralizados (Galante, Catolé de Boa Vista);
- c) a narrativa da cidade como “quartel-general do forró”, reforçando o pertencimento regional.

As Imagens e Narrativas constituídas por fotografias publicadas no jornal, a exemplo de multidões no Parque do Povo, apresentações de Elba Ramalho, trios de forró e coreografias juninas, funcionam como retratos vivos da memória coletiva. Elas não apenas documentam, mas também reafirmam valores sociais, como hospitalidade, resistência cultural e orgulho nordestino.

A memória, identidade e silêncio se tornam um espaço no qual o São João é representado como símbolo da identidade campinense, mas também revela silêncios importantes, saber; pouca visibilidade para grupos marginalizados ou manifestações culturais

periféricas; ausência de debates sobre os impactos ambientais e a comercialização excessiva da tradição; raras abordagens sobre os bastidores da festa, como o trabalho dos ambulantes e artistas locais menos conhecidos.

Segundo Nora (1993), os lugares de memória não se limitam a monumentos físicos, mas incluem práticas, celebrações e imagens que condensam significados históricos e afetivos. Esta fotografia, portanto, pode ser interpretada como um lugar de memória visual, onde o passado é convocado e reencenado no presente por meio da participação coletiva. A imagem não apenas documenta, mas também ativa a memória, funcionando como um elo entre o vivido e o representado, como pode ser observado e analisado na **figura 78**.

Figura 78 - O Maior São João do Mundo



Fonte: Arquivo da autora 2025

A figura em destaque, reflete o evento “ O Maior São João do Mundo”, realizado anualmente em Campina Grande, configura-se como um dos mais expressivos instrumentos infomemoriais da cidade. Ela retrata uma celebração noturna de grande escala, marcada pela presença de milhares de pessoas organizadas em fileiras cromáticas: vermelho, amarelo, verde e azul, que ocupam o espaço urbano com coreografias sincronizadas.

A composição visual, vibrante e dinâmica, revela não apenas um espetáculo estético, mas um ritual de pertencimento e memória coletiva. Elementos como o grande sol estilizado, os arcos iluminados e os edifícios ao fundo reforçam a ideia de um espaço urbano transformado em palco simbólico de identidade cultural.

Sendo dispositivo memorial, essa imagem funciona como um registro visual da performatividade social, onde o corpo coletivo em movimento encena narrativas de pertencimento, tradição e celebração nacional. A organização cromática dos participantes remete à ideia de unidade na diversidade, evocando valores compartilhados e experiências comuns que são reatualizadas em eventos públicos. A luz artificial que banha a cena

intensifica o caráter espetacular e ritualístico do momento, convertendo o cotidiano urbano em um espaço de memória viva.

Ao longo das décadas, o Jornal da Borborema desempenhou um papel fundamental na documentação e valorização das manifestações culturais do Nordeste, especialmente o São João, celebrado como um dos marcos mais expressivos da identidade regional. Suas páginas funcionaram como espelhos da memória coletiva, registrando não apenas os festejos juninos, mas também os modos de ser, sentir e celebrar do povo nordestino.

Com o encerramento definitivo de suas atividades, o JDBO deixa de existir como veículo ativo de comunicação, mas suas matérias permanecem como arquivos vivos, capazes de preservar narrativas, afetos e práticas culturais que resistem ao tempo. Esses registros jornalísticos assumem, portanto, a função de lugares de memória (Nora, 1993), nos quais o passado é continuamente reatualizado por meio da leitura, da pesquisa e da evocação afetiva.

A ausência do jornal no presente não implica o apagamento de sua relevância histórica. Pelo contrário, sua extinção reforça a importância de seus acervos como dispositivos memorialísticos, que permitem compreender como o São João foi representado, celebrado e ressignificado ao longo das décadas. Como afirma Candau (2012), a memória não se limita ao que é lembrado, mas também ao que é registrado e transmitido - e nesse sentido, o JDBO permanece como testemunho documental de uma cultura que se afirma na festa, na música, na dança e na resistência.

Diante do exposto, fortalece a certeza de que as imagens e narrativas publicadas no JDBO, a exemplo de multidões no Parque do Povo, apresentações de trios de forró e coreografias juninas, funcionam como retratos vivos da memória coletiva. Elas não apenas documentam, mas também reafirmam valores sociais, como hospitalidade, resistência cultural e orgulho nordestino. A memória, identidade e silêncio se tornam um espaço no qual o São João é representado como símbolo da identidade campinense, mas também revela silêncios importantes, saber; pouca visibilidade para grupos marginalizados ou manifestações culturais periféricas; ausência de debates sobre os impactos ambientais e a comercialização excessiva da tradição; raras abordagens sobre os bastidores da festa, como o trabalho dos ambulantes e artistas locais menos conhecidos.

Vale ressaltar que esse evento também cumpre papel na promoção da herança política e cultural da cidade. A presença de autoridades, o investimento público e a articulação com o setor privado mostram como o São João é utilizado como estratégia de valorização territorial, reforçando Campina Grande como capital cultural do Nordeste.

A cidade, iluminada e transformada em palco, torna-se também protagonista desse

processo, evidenciando como o espaço urbano pode ser ressignificado por práticas culturais que evocam pertencimento, identidade e história. A imagem, nesse sentido, ultrapassa sua função documental e assume um papel ativo na construção de narrativas sociais.

Le Goff (2003) afirma que a fotografia revolucionou a memória. Isso porque o autor considera a fotografia algo preciso e possuidora de verdade, que nunca se pode alcançar com nenhum outro tipo de representação imagética, além do que permite a conservação da memória do tempo e evolução cronológica. A fotografia torna-se um objeto de preservação da identidade.

Frente ao silêncio definitivo do Jornal da Borborema, só nos resta uma certeza: o eco das páginas que resistem ao tempo. O que antes era notícia, hoje é vestígio. O que era cotidiano, hoje é memória. A extinção do jornal não representa apenas o fim de uma instituição midiática, mas o apagamento simbólico de uma voz que narrava o São João como expressão viva da cultura nordestina.

Contudo, é nesse apagamento que emerge a urgência da preservação. As matérias que sobreviveram tornam-se relíquias, fragmentos de um tempo em que a festa era escrita com tinta e papel, e não apenas com algoritmos e cliques. Elas nos convocam a olhar para trás, não com nostalgia, mas com responsabilidade histórica.

3.5.3 O Polo Tecnológico: Um dos Fulcros da Memória de Campina Grande

Antes de tentarmos comentar acerca do polo tecnológico de Campina Grande, o qual é notória sua evolução, faz-se necessário retroceder casas atrás no tabuleiro da história, pois o que Campina se tornou é fruto de um processo que transformou a cidade em um dos maiores polos tecnológicos do país, não nasceu de um salto repentino. Assim, antes de acompanharmos as páginas do JDBO, iremos realizar um parêntese: revisitar, mesmo que brevemente, a descrição histórica da cidade, para depois partirmos rumo às diversas passagens do JDBO que contam parte desse processo econômico que impulsionou o desenvolvimento da tecnologia.

Um processo tecido ao longo do tempo, marcado por inúmeros esforços coletivos e transformações sociais. Caminhos que moldaram essa cidade em sua vocação para o comércio e a inovação.

No horizonte de 1500, surgiram velas brancas, deslizavam por sobre o mar, como prenúncio de mudanças irrevogáveis para um novo que se chamaria Brasil. Vieram homens que se espalharam e invadiram o território recém-descoberto com a mesma rapidez do vento.

Logo em seguida, veio a conquista das terras, e com ela, o lento esmaecer das tradições indígenas, forjadas ao longo de séculos. Que foram sendo apagadas da memória, do canto, da tradição. Veio a conquista das terras e com ela o lento desaparecimento das tradições indígenas, como se cada história oral contada, cada ritual celebrado, se transformasse em um fantasma, uma sombra que se apagou sob o peso da invasão, que agora teria uma história escrita por outros.

Antes de Campina Grande receber um nome, antes de qualquer colonizador cruzar seu caminho com um nativo desta terra. O território já pulsava em existência. Os nativos que habitavam essa região, antes dos “colonizadores” eram muitos. Região habitada e lar dos índios Ariús, que, em meio a escassez de rios, se adequavam a vida e a cultura do Sertão do Agreste, um local de poucos rios. Estes fizeram parte dos primeiros fragmentos da história do território, foram eles os protagonistas dos fragmentos desse passado.

Entretanto, foi uma história com uma escrita marcada pelo sangue derramado, fruto dos embates e violências que acompanharam o período colonial, contudo em outros momentos foram também marcados por laços de trégua e amizade.

Os portugueses que aqui chegaram também traziam consigo um passado, uma história sua, uma cultura diferente. Muitos eram descendentes antigos de europeus de várias regiões. Caçadores, agricultores, nômades, fugidos da inquisição, herdeiros do mundo antigo, que se cruzavam em sua própria história.

Provavelmente, poucos ou muitos não trouxeram esposas, portanto alguns uniram-se a mulheres indígenas, transmitindo linhagens diversas, como a fé católica e a língua portuguesa. Assim, fios de descendências entrelaçaram-se ao sangue, à língua e à fé, carregando a memória de uma longa jornada feita além-mar, composta de novos começos, como também de ausências, vivências e tradições deixadas para trás. Terras despojadas dos nativos, culturas e costumes expropriados em nome da conquista.

Esta não é meramente a crônica de um lugar. É uma travessia de mais de séculos, contada a muitas vozes, construída por muitas mãos e registrada em múltiplos suportes informacionais. As jovens indígenas tornaram-se mães das primeiras crianças com ascendência diferentes. Em Campina Grande, ia-se tecendo, com suas vidas e memórias, os fios iniciais de uma história marcada pelo encontro, pela resistência e pela transformação cultural. Cada chegada de um europeu a estas terras deixou uma marca.

No entanto, a história do Brasil a partir do século XVI, não consta apenas de mãos européias, no outro lado do Atlântico, comerciantes em seus navios trouxeram milhões de mulheres, crianças e homens da África Ocidental e Central, que foram escravizados para

trabalhar nas plantações de café, açúcar e minas de ouro do Brasil. Na Paraíba, sobretudo vieram para as plantações de açúcar e para fazendas da região. Entre as grandes terras da colônia, Campina, com o seu clima tropical de savana com estação seca, temperatura quente, características de um clima semiárido quente. Os africanos que aqui ficaram imprimiram nestas terras suas culturas, saberes e referências de suas memórias.

Podemos afirmar que esses três fios tecidos de povos diferentes formaram Campina Grande: índios ariús, portugueses e africanos, uma composição genética com tradições culturais diversas, uma base tão duradoura quanto a própria terra. Eles deixaram resquícios de tradições agrícolas, pastoris e de vaqueiros. E nos costumes religiosos espalhados na cidade. Cada região da cidade e em cada família uma composição diferente, um mosaico escrito com sangue e memória.

Devido ao clima e vegetação diferente da região, o povo de Campina Grande assim como os moradores do alto sertão sofreu com o frio, com a seca, com a fome e os flagelos que aconteceram em suas vidas ao longo dos anos. Cada chegada de um povo diferente a estas terras deixou uma marca; cada chegada acompanhada de escravizados também deixou marcas profundas. Cada batalha travada aqui, cada conflito, imprimia no solo e na memória das pessoas sinais indelévels de dor, resistência e transformação.

No final do século XIX e início do século XX, em Campina Grande formou uma economia voltada para o algodão que se expandiu logo para exportação ao longo dos anos. O movimento humano que veio além mar, criou algo totalmente novo, carregado de memórias ancestrais que fez da economia e do comércio de Campina Grande, fonte de sua própria sobrevivência.

Segundo a Câmara Municipal de Campina Grande, a cidade, situada entre o alto sertão e a zona litorânea, firmava-se em terras férteis para o cultivo de milho, mandioca e outros cereais. Em 1769, foi elevada à condição de Freguesia e, em 1790, alcançou o título de Vila, passando a ser chamada de Vila Nova da Rainha. Sua população, sempre aguerrida e participante da história, envolveu-se ativamente nos movimentos revolucionários de 1817, 1824 e 1848. Contudo, em 1874, um episódio marcante incendiou de vez os ânimos populares: a insurreição do *Quebra-Quilos*.

O estopim foi a imposição de novos impostos e a adoção de um sistema inédito de pesos e medidas. A revolta foi tamanha que não permaneceu restrita ao município, espalhando-se como uma fogueira ardendo por outras cidades e províncias do Nordeste, tornando-se um movimento emblemático da resistência popular contra medidas consideradas injustas.

No ano de 1888, Campina Grande reunia cerca de quatro mil habitantes e já se sobressaía como a cidade mais povoada e bem-sucedida do interior da Paraíba. Uma cidade que continha a principal estrada que interligava os sertões paraibanos e do Rio Grande do Norte, assim como a capital paraibana e o Recife. Do ponto de vista geográfico e econômico era um ponto estratégico de circulação, comércio e encontro de culturas.

Impulsionada e evidenciada por sua forte economia, Campina Grande recebeu, em 1907, um ramal da *Great Western of Brazil Railway Company*, hoje Rede Ferroviária do Nordeste. Em 1919, a iluminação elétrica passou a transformar suas noites, e, em 1939, o serviço de abastecimento de água consolidou um marco de modernização urbana. Esses fatores foram decisivos para o surto de progresso local, que projetou a cidade como um dos pólos mais dinâmicos do interior nordestino.

No ano de 1940, Campina começa a contar com sua primeira barragem denominada de “O Açude Velho”, que teve por objetivo suprir a falta de água nos períodos de seca na região, é o que nos conta Pereira (2014, p.6):

O Açude Velho foi a primeira barragem de Campina Grande, sua construção teve início em 1828 e sua conclusão em 1940. Sua principal finalidade era de suprir a falta de água diante da seca em que a região Nordeste tinha enfrentado, com o objetivo de abastecimento de água para a cidade campinense e região. Na suas margens desenvolveram outras atividades, como: prática de esporte, comércio, ponto de encontro, etc. (Pereira, 2014, p.6)

O Anuário de Campina Grande do ano de 1982, relembra os benefícios que a construção do Açude trouxe à cidade de Campina Grande e consequentemente aos municípios circunvizinhos, possibilitando largos surtos de progresso:

O Açude Velho torna-se mais e mais digno da solicitude dos poderes públicos. Nossas prensas hidráulicas, nossa iluminação elétrica, nossos trens, nossa indústrias, tudo depende de sua existência. É sua água, realmente, que satisfaz tamanhas necessidades, possibilitando esses largos surtos de progresso, de que justamente nos orgulhamos. (ANUÁRIO DE CAMPINA GRANDE, 1982)

Uma figura muito simbólica na época e que teve um papel importante para a população e o funcionamento da cidade eram os “agueiros”, literalmente pessoas que carregavam água para as casas, comércio e para o consumo dos tropeiros e animais. O panorama da época era de um local que não contava com sistema de abastecimento de água canalizada, então se beneficiava a população apenas com pequenos reservatórios e naquele determinado momento com o açude. Segundo Lima et al. (2013):

[...]o abastecimento de água da maioria da população ainda permanecia deficitária, exemplo disso era a importante função do “agueiro”, responsável por transportar água no lombo de jumentos, passeando por toda extensão urbana, com a água colhida, principalmente, do Riacho das Piabas. (LIMA et al., 2013, p. 21).

Essa cadência histórica e esse olhar retrospectivo tornam-se necessários serem trazidos neste capítulo, para compreendermos por que Campina Grande carrega o título de Pólo Tecnológico do Nordeste.

O mosaico histórico que deslocamos para este trabalho, retrata bem o quadro que é construir as histórias e memórias acerca de Campina, sobretudo o seu processo de desenvolvimento social, econômico e tecnológico. Acerca disso, SILVA (2014, p.158), nos dá um olhar deste panorama de quebra-cabeças, onde os arquivos jornalísticos auxiliam a montar essa marchetaria de documentos memoriais:

A cidade de Campina Grande possui uma memória fragmentada, o que dificulta a montagem do mosaico que sempre possui novas peças para serem inseridas. O mais difícil é quando as peças encontram-se em situações precárias e/ou quase que somente na memória daquelas pessoas que ajudaram na construção desse grande quebra-cabeça, sempre inconclusos. Além da História Oral, podemos citar também os arquivos jornalísticos que, desde o momento em que esses jornais são fundados, registram fatos do dia-a-dia que constituem a memória e história da cidade. (SILVA, 2014, p.158)

Em 1957 a figura de Stênio Lopes, chega a Campina Grande, para assumir então o cargo de diretor do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), importante desenvolver da indústria em Campina Grande, o citaremos um trecho do seu livro figuras importantes que foram imprescindíveis para a cidade de Campina, Há dois livros sobre a história da Escola Politécnica, e são narrados por ele, nesse livro constam informações, bem como lembranças que são narrados por ele. Podemos ver o registro trazido por Lopes (2004, p.8):

[...] Esse tema – progresso de Campina Grande – para onde ia Campina Grande, o que se podia fazer para o futuro de Campina Grande, isso era uma coisa muito importante e as figuras principais eram: Lynaldo Cavalcante, Luiz Almeida, irmão de Átila [Almeida], José Lopes de Andrade, que se chamava sociólogo, Edvaldo do Ó, de todos era o mais barulhento; José Paulino da Costa Filho, que veio para cá como chefe da Agência de Estatística do IBGE e tornou-se professor e depois foi diretor da FACE; e alguns industriais muito dinâmicos, entre os quais um chamado Clovis Mato Sá, de Cajazeiras; eu não podia esquecer de Josemir Camilo; Zezé Marques (...). (LOPES, 2004, p. 8).

Campina Grande é reconhecida nacional e internacionalmente como um polo de inovação tecnológica, abrigando instituições, empresas e centros de pesquisa que transformaram a cidade em referência no campo da ciência e da tecnologia. No entanto, para além dos avanços técnicos e das conquistas acadêmicas, o Polo Tecnológico na **figura 79**, também se configura como um espaço simbólico, onde circulam narrativas, registros e práticas que compõem a memória informacional da cidade.

A expressão “memória informacional” refere-se à capacidade de uma sociedade de preservar, organizar e transmitir seus saberes, experiências e identidades por meio de sistemas de informação. Nesse sentido, o Polo Tecnológico de Campina Grande, PaqTcPB, conhecido, também, como *ecossistema de inovação*, não é apenas um conjunto de infraestruturas voltadas à inovação, mas também um arquivo vivo, onde se entrelaçam histórias de pesquisadores, estudantes, empreendedores e cidadãos que contribuíram para a construção de uma identidade local marcada pela inteligência, criatividade e resistência.

Figura 79 - Parque Tecnológico de Campina Grande



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2025

Ao longo das últimas décadas, instituições como a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), o Parque Tecnológico da Paraíba (PaqTcPB) e o Instituto Nacional do Semiárido (INSA) desempenharam papel fundamental na produção e preservação de dados, documentos, softwares, pesquisas e projetos que registram a trajetória da cidade no campo da ciência. Esses acervos, físicos e digitais, constituem verdadeiros repositórios de memória, onde o passado é constantemente reativado, reinterpretado e disponibilizado para as gerações futuras.

A articulação entre tecnologia e memória também se manifesta nas práticas

cotidianas de comunicação e registro. Portais institucionais, bancos de dados e redes sociais. Percebe-se que a cultura digital tem desempenhado um papel fundamental na forma como Campina Grande constrói e ressignifica sua memória social.

O Museu Digital de Campina Grande, por exemplo, utiliza recursos interativos e audiovisuais para oferecer uma experiência imersiva na história da cidade, conectando passado e presente por meio da tecnologia. Essa abordagem permite que narrativas locais - como a da Festa de São João - sejam revisitadas, reinterpretadas e compartilhadas em novos formatos, ampliando o alcance e o impacto cultural do evento.

Assim sendo, o Polo Tecnológico, ao reunir pessoas, ideias e histórias, torna-se um eixo de memória viva, onde o passado se conecta ao presente e aponta para futuros possíveis. Entre bytes e histórias, Campina Grande pulsa como cidade que lembra que registra e que se reinventa. Plataformas colaborativas acadêmicas funcionam como espaços de narratividade, onde Campina Grande se conta e se reconstrói. Cada artigo publicado, cada sistema desenvolvido, cada inovação patenteada carrega consigo fragmentos de uma história coletiva que se inscreve nos circuitos informacionais da cidade.

Além disso, o Polo Tecnológico contribui para a visibilidade simbólica de Campina Grande no cenário nacional, projetando a cidade como território de saber e como referência em inteligência aplicada. Essa projeção não apenas reforça o orgulho local, mas também alimenta uma memória pública que associa Campina à vanguarda tecnológica, à educação de qualidade e à capacidade de transformação social por meio do conhecimento. Por fim, é preciso reconhecer que a memória informacional não se constrói apenas com dados e documentos, mas também com afetos, pertencimentos e narrativas compartilhadas.

Analisado como território simbólico e informacional, onde se articulam instituições, práticas e sistemas que contribuem para a construção da memória local. O foco recai sobre os registros produzidos por universidades, centros de pesquisa, empresas de tecnologia e iniciativas colaborativas que atuam na organização e difusão do conhecimento.

3.5.4 O Festival de Inverno de Campina Grande na memória jornalística do Diário da Borborema: Resistência e fé no poder da arte

O Festival de Inverno de Campina Grande (FICG) nasceu em 1974, idealizado pela ativista cultural Eneida Agra Maracajá, e desde então se firmou como um dos mais longevos eventos culturais do Brasil. Mais do que um festival, tornou-se espaço de encontro e partilha, reconhecido por seu papel educacional, pela democratização do conhecimento e pela celebração das artes em suas múltiplas linguagens. Ao longo de sua trajetória, o FICG

transformou a cidade em lugar de criação, memória e resistência cultural de Campina.

Podemos ver o relato de Araújo Filho (2018, p.11) que exalta o FICG, sendo o evento mais marcante dentro da seara cultural da história da cidade:

Os eventos mais marcantes no tocante à seara cultural da história da cidade, em especial aqueles que dizem respeito ao presente estudo, aconteceram após a construção do Teatro Municipal, que foi inaugurado em 1963. Os primeiros festivais de arte e cultura mais notórios do município foram realizados na década de 1970 e, mais precisamente em 1976, aconteceu o I Festival de Inverno de Campina Grande (FICG). O evento, que nasceu após a realização de dois outros festivais nos anos anteriores – em 1974 e 1975 –, se mostrou pretensioso, com duração de trinta dias e trazendo para a cidade apresentações de corais, espetáculos de dança e de teatro de vários estados brasileiros, além da realização de debates, oficinas e mostra de cinema. (Araújo Filho, 2018, p.11)

A memória do Festival de Inverno de Campina Grande (FICG) vem se revelando, ao longo do tempo, como uma arte viva, tecida por múltiplas narrativas, registros e práticas culturais que se entrelaçam e se reinventam. O Jornal Diário da Borborema se afirma como um verdadeiro guardião da memória cultural de Campina Grande, desempenhando um papel essencial na documentação, valorização e difusão do Festival de Inverno desde seus primeiros passos.

Ao longo das décadas, o jornal não apenas registrou os acontecimentos, mas também fomentou o debate público, deu visibilidade às expressões artísticas emergentes e preservou narrativas que ajudaram a consolidar o festival como um marco na vida artística e social da cidade. Sua atuação como veículo de comunicação ultrapassa a função informativa, pois é também uma ação de cuidado com o patrimônio imaterial, fortalecendo os vínculos entre o evento, a comunidade e a identidade cultural campinense.

O FICG nasceu com o propósito de ocupar os espaços urbanos com arte, diversidade e afeto. Portanto, merece destaque por sua relevância histórica e simbólica. Mais do que um festival, trata-se de um gesto de resistência poética, uma celebração das vozes plurais que compõem o vibrante cenário cultural campinense.

Nesse cenário, vale ressaltar que a memória cultural de uma cidade é construída por meio de múltiplas narrativas, registros, práticas e histórias que se entrelaçam ao longo do tempo. E, que o JDBO teve um papel fundamental na documentação e difusão desse **festival**, iniciativa que, desde sua criação, buscou promover a diversidade cultural e ocupar espaços urbanos com arte de Campina Grande.

Nesse contexto, o Jornal Diário da Borborema, durante a sua existência tem se firmado como um guardião das histórias do Festival de Inverno de Campina Grande,

acompanhando e registrando sua trajetória desde os primeiros passos. No decorrer de sua trajetória, o festival tem marcado profundamente a vida artística e social da cidade - um aspecto que merece destaque, não apenas por sua longevidade, mas por sua potência simbólica. Mais do que um evento, o **FICG** é um gesto de resistência poética, uma celebração das vozes plurais que compõem o cenário cultural de Campina Grande, ocupando os espaços urbanos com arte **(Figuras 80 e 81)**

Figura 80- O FICG mostra o que sabe fazer



Fonte - Arquivo da pesquisadora, 2025

Figura 81 - O FICG de CG uma história de luta



Fonte - Arquivo da pesquisadora, 2025

Cabe ressaltar que o festival de inverno já passou por diversas fases de altos e baixos. Desde a década de 70, um período difícil para a cultura brasileira, devido à criação do AI-5 (em 13 de dezembro de 68, a censura praticamente varreu a cultura do cenário nacional). “Era muito difícil. Artistas estavam sendo presos ou exilados e teatros estavam sendo fechados, mas um movimento contrário acontecia em Campina Grande com o surgimento do FICG”, relata Eneida Agra Maracajá, idealizadora desse evento.

Nessa direção esse capítulo objetiva conhecer como o *Diário da Borborema* contribuiu para a construção da memória cultural de Campina Grande ao registrar, divulgar e valorizar o Festival de Verão em suas páginas. Ao examinar as matérias publicadas entre 2000 e 2012 busca-se compreender de que forma o jornal atuou como mediador simbólico entre o evento e a sociedade, legitimando o festival como expressão artística e como patrimônio cultural da cidade.

A importância do JBBO nesse processo reside em sua função histórica como principal veículo de comunicação da região, capaz de documentar acontecimentos, promover debates e preservar narrativas que fortalecem a identidade local.

Percebe-se, assim, que o JBBO nesse processo, está enraizado em sua trajetória como o principal veículo de comunicação da região - uma voz que documenta acontecimentos

fomenta debates e preserva narrativas que alimentam e fortalecem a identidade cultural campinense. Esse intervalo também corresponde ao período de circulação do Diário da Borborema, jornal que desempenhou papel central na cobertura e divulgação do evento, oferecendo registros valiosos para a análise da construção simbólica e da memória do festival. A delimitação até o ano de 2012 se justifica, portanto, não apenas pela trajetória do festival, mas também pelo encerramento das atividades do JDBO, cuja documentação constitui a principal fonte primária desta pesquisa.

Ao investigar as representações do *Festival de Inverno* nas páginas do Diário da Borborema, pretende-se compreender os modos como a imprensa local contribuiu para a legitimação do evento, bem como os sentidos atribuídos à cultura e à arte no contexto campinense. A pesquisa se insere, assim, no campo dos estudos da memória, da comunicação e da cultura, propondo uma reflexão sobre o papel dos meios de comunicação na preservação e construção das narrativas culturais de uma cidade.

Vale ressaltar que o Festival de Inverno de Campina Grande é um dos eventos culturais mais significativos da cidade, consolidando-se como espaço de expressão artística, formação estética e afirmação identitária. Realizado tradicionalmente nos meses de janeiro e fevereiro, o festival reúne espetáculos de teatro, dança, música, literatura e artes visuais, promovendo o encontro entre artistas locais, regionais e nacionais. Sua importância transcende o entretenimento: trata-se de um acontecimento histórico e social que mobiliza a cidade em torno da arte e da cultura.

O Festival de Inverno leva arte, emoção e diversidade cultural para diferentes espaços da cidade de CG, com uma programação intensa que envolve música, dança, teatro, cinema, literatura e diversas outras expressões artísticas. Cada edição do evento consolida cada vez mais, o evento como um dos mais importantes festivais multiculturais do Brasil.

Idealizado pela baluarte da cultura campinense, a professora Eneida Agra Maracajá, o festival segue vivo e pulsante, sustentado por uma história construída com esforço, paixão, resistência e compromisso com a cultura durante cinco décadas. A edição do cinquentenário realizada em 2025 foi co-organizada com a Prefeitura de Campina Grande, sob a gestão do prefeito Bruno Cunha Lima, por meio da Secretaria de Cultura (Secult), gerida pelo secretário André Gomes. Outros órgãos municipais também contribuíram para o sucesso do evento, como a Secretaria Municipal de Serviços Urbano e Meio Ambiente.

Nesse viés, o Festival de Inverno de Campina Grande reafirma a sua importância como patrimônio imaterial da Paraíba, um símbolo da força criativa e da alma cultural do povo campinense.

Posto isso, observa-se, que o Diário da Borborema, enquanto veículo de imprensa regional desempenhou papel fundamental no fortalecimento do festival ao longo dos anos. Ao fazer isso, o jornal contribuiu para a construção da memória coletiva do evento, consolidando-o como parte do calendário cultural da cidade e como símbolo de resistência artística.

Segundo Medeiros, o Diário da Borborema foi uma “memória viva de Campina Grande”, registrando eventos históricos como o Festival de Inverno, que aparece como marco cultural preservado pelo jornal. As edições destacavam artistas renomados, oficinas, espetáculos públicos e debates, revelando o festival como espaço de acesso democrático à arte, valorização local e afirmação da identidade cultural da cidade.

Além disso, o jornal também documentava os desafios enfrentados pelo festival, como cortes de verbas, mudanças na gestão cultural e tensões entre tradição e inovação. Esses aspectos mostram que o Diário da Borborema não apenas celebrava o evento, mas também o contextualizava dentro das dinâmicas sociais e políticas da cidade.

Assim, o Festival de Inverno de Campina Grande, tal como registrado pelo Diário da Borborema, configura-se como um acontecimento histórico e social de grande relevância. Sua memória, preservada nos arquivos do jornal e hoje incorporada à Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida (BORAA), oferece subsídios valiosos para compreender as transformações culturais da cidade e para projetar novas formas de viver e pensar a arte no espaço urbano.

3.5.5 Do chão da feira central ao papel impresso: a celebração da cultura campinense no JDBO

Fumo de rolo arreio de cangalha eu tenho pra vender, quem quer comprar. Bolo de milho broa e cocada eu tenho pra vender, quem quer compra. Pé de moleque, alecrim, canela, moleque sai daqui me deixa trabalhar. E Zé saiu correndo pra feira de pássaros. E foi pássaro voando pra todo lugar. Tinha uma vendinha no canto da rua, onde, o mangaieiro ia se animar. Tomar uma bicada com lambu assado. E olhar pra Maria do Joá. Tinha uma vendinha no canto da rua. Onde o mangaieiro ia se animar. Tomar uma bicada com lambu assado. E olhar pra Maria do Joá.

(Maria Da Gloria Pordeus Gadelha / Severino Dias De Oliveira,,1979)

A voz que entoia esse verso não apenas anuncia produtos típicos de uma feira nordestina, mas ao mesmo tempo convoca memórias, afetos e identidades que se entrelaçam no cotidiano de Campina Grande. A feira central, espaço de trocas materiais e simbólicas,

torna-se aqui metáfora viva da cultura popular que pulsa nas ruas e reverbera nas páginas do Diário da Borborema.

Diante do exposto, iniciamos esse capítulo, falando do chão da feira - lugar de vozes, cheiros e encontros - para compreender como o jornal se tornou um instrumento de celebração da cultura campinense. Ao registrar festas, tradições, personagens e eventos emblemáticos, o JDBO não apenas documentou a história da cidade, mas também a valorizou, dando visibilidade às expressões culturais que moldam sua identidade.

Assim como na feira, onde cada banca conta uma história, cada edição do jornal revela fragmentos de uma Campina Grande viva, múltipla e em constante transformação.

A Feira Central de Campina Grande é muito mais do que um espaço de comércio. É um local pulsante da cidade, onde tradição, cultura e identidade se entrelaçam há séculos. Nasceu junto com a própria cidade, ainda no século XVIII, como ponto de encontro entre comerciantes, agricultores e moradores da região, se tornando um ponto de encontro essencial para trocas comerciais e culturais, quando Campina Grande ainda tentava se consolidar como um ponto estratégico de comércio no interior da Paraíba. Tropas, viajantes e sertanejos se reuniam para trocar não apenas produtos, mas também histórias, saberes e afetos. Desde então, a feira se expandiu e se transformou, embora nunca perdeu de fato a alma que a define: a de ser estrado da vida popular, uma salada humana, onde em cada rosto, em cada voz e em cada gesto acrescenta uma peça ao grande tecido da tradição.

A Feira Central de Campina Grande pulsa como um coração antigo no meio da cidade. Quem atravessa seus corredores sente, antes de tudo, a vibração de um lugar onde o tempo não se perde: ele se acumula, se mistura, se reinventa. Ali, entre bancas de madeira, lonas coloridas, aromas fortes e vozes fortes que ecoam: “- 3 é 10”... há muito mais do que a troca de mercadorias, perdura o lugar e o encontro de memórias, o diálogo de gerações e a continuidade de um modo de vida que resiste às pressões da modernidade.

A Feira tem mais do que um valor simbólico, é um território do cotidiano do ganha pão, do passar de saberes aos que ousam aprender, que ultrapassa a dimensão material. Obteve seu reconhecimento nacional em 2017, quando foi oficialmente reconhecida como Patrimônio Cultural e Imaterial do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), após uma década de articulações entre feirantes, fregueses e a Prefeitura. Não se tratou apenas de preservar um espaço físico, mas de garantir a continuidade de modos de fazer, de cozinhar, de negociar, de viver. O tombamento foi, em essência, o reconhecimento de que a feira é um relicário vivo da memória nordestina, uma guardiã da identidade cultural de Campina Grande e de toda uma região.

Quem percorre a feira experimenta uma verdadeira sinfonia sensorial. O cheiro do café fresco se mistura ao tempero das ervas medicinais, as ervas de cozinha doméstica, enquanto o som das vozes, ora às vezes parecendo um pregão, ora em conversa afetuosa, assim forma uma melodia popular que embala a rotina. Os olhos se perdem entre os vermelhos dos tomates, o dourado das espigas de milho, o verde das hortaliças, o colorido dos cordéis e artesanatos. A cada esquina, uma nova cena se apresenta: um vendedor que conta causos, uma cantoria ao acaso, uma barbearia antiga, uma cozinheira que prepara a buchada com cuidado ancestral, um poeta que declama versos improvisados.

A feira apresenta-se como um lugar da memória gustativa, onde o ato de comer se converte em ritual próprio da cultura nordestina. Provar a carne de sol, o sarapatel ou a tapioca feita na hora é reencontrar sabores que atravessam gerações. Cada prato carrega lembranças de mesas familiares, de festas juninas, de encontros comunitários. Comer na feira é reviver, em cada garfada, a história de um povo.

Mas a feira não se define apenas pela comida ou pelas mercadorias. Ela é, sobretudo, um espaço de encontros humanos. Ali, a dona de casa se cruza com o estudante, o agricultor divide espaço com o artista, e o turista encontra o morador antigo. É um território democrático, onde as diferenças se dissolvem em meio à cumplicidade do comércio e da convivência. A feira ensina, todos os dias, que viver em comunidade é partilhar não apenas produtos, mas também histórias, olhares e afetos.

O tombamento pelo IPHAN trouxe um compromisso: cuidar não apenas das paredes, das ruas e dos telhados, mas, sobretudo, das pessoas e dos saberes que dão vida à feira. O patrimônio não é um objeto estático; é o movimento das mãos que negociam, é a palavra que se transmite de pais para filhos, é o riso que ecoa entre as bancas, é a resistência em manter vivas tradições diante das pressões de um mundo cada vez mais acelerado.

Assim, a Feira Central de Campina Grande é muito mais do que um espaço de compras. Ela é uma colcha de retalhos das lembranças afetivas de inúmeros campinenses, um cotidiano permeado de poesia, mas também de labuta diária de quem vende na feira, enfim, um espelho da identidade nordestina. É o território tácito onde o passado se encontra com o presente e se abre para o futuro, sem jamais perder suas raízes.

Ao caminhar pela feira, o visitante não apenas atravessa corredores estreitos: ele atravessa o tempo. Cada cheiro, cada cor, cada voz guarda uma história. A feira é, enfim, um livro aberto que não foi escrito em páginas de papel, mas em bancas, em gestos e em tradições. Um livro que nunca se fecha, porque se renova a cada dia, reafirmando Campina

Grande como guardião de um patrimônio que não pertence apenas à cidade, mas ao Brasil inteiro.

Ela surgiu como um dos maiores centros de comércio popular da Paraíba, reunindo barracas e lojas em 75 mil m². Além de vender diversos produtos, funciona como espaço de convivência e troca de saberes - como centro de cultura viva – visto que, durante o São João, por exemplo, a feira se transforma, incorporando elementos da festa junina e se tornando extensão das celebrações da cidade.

Figura 72: Feira Central de CG: comércio, tradição histórica e cultural



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2025

Assim sendo, a Feira Central de CG representa a: **a)** a identidade nordestina, visto ser considerada um símbolo da resistência e da criatividade do povo nordestino. Ela expressa os modos de vida, os sabores, os sons e os gestos que compõem a alma de Campina Grande; **b)** o berço cultural, por ser considerada um berço histórico e cultural da cidade, onde práticas tradicionais se mantêm vivas e se renovam constantemente; **c)** lugar de memória, devido a feira guardar a memória coletiva da cidade, sendo palco de gerações que ali trabalharam, compraram, viveram e construíram vínculos.

3.6 VOZES do JDBO: os escritores que marcaram épocas

Eram vozes que, entre linhas e silêncios, desenharam o espírito de uma cidade que ainda se lê. Eles escreviam como quem semeia memória no papel: cada crônica, uma raiz; cada verso, um tempo que não se deixa apagar. Mais que jornalistas, eram cronistas da alma campinense - testemunhas do cotidiano que transformaram o ordinário em legado. Medeiros (2025)

O que esses escritores faziam não era apenas jornalismo. Inspirada no pensamento de Suassuna pode afirmar que: enquanto muitos buscavam o brilho de fora, eles escreviam

com a luz de dentro - a luz da terra, da memória e da gente que faz Campina Grande ser o que é, era arte nordestina em estado de vigília, uma escrita que não se ajoelha diante do esquecimento (grifo nosso).

As páginas do Diário da Borborema (JDBO) foram, ao longo de décadas, palco de pensamentos, denúncias, crônicas e poesias que ecoaram além das margens do papel. Mais do que um veículo de notícias, o JDBO foi espaço de expressão intelectual, onde escritores, jornalistas e pensadores de Campina Grande e da Paraíba deram forma a ideias que atravessaram gerações.

Reconhecer essas vozes: nomes que, com suas palavras afiadas, sensíveis ou provocadoras, ajudaram a construir o pensamento crítico e a memória cultural da cidade. Suas colunas, editoriais e textos diversos não apenas informavam, mas também interpretavam a realidade e a influenciavam, deixando marcas na história local.

Ao longo de sua trajetória, o Diário da Borborema (JDBO) foi palco para grandes escritores, jornalistas e cronistas que, com suas palavras, ajudaram a construir a identidade informacional e cultural de Campina Grande e da Paraíba. Mais do que apenas noticiar fatos, essas vozes imprimiram suas visões e reflexões sobre os acontecimentos, tornando o jornal um espaço de debate, memória e registro histórico.

Cada texto publicado carregava a essência de uma época, traduzindo sentimentos coletivos e oferecendo leituras críticas sobre os contextos sociais, políticos e culturais que moldaram a região. Muitos dos escritores que passaram pelo JDBO se tornaram referências no jornalismo paraibano, deixando um legado que ultrapassa as páginas impressas.

Nesta seção, serão destacados alguns dos principais nomes que contribuíram para o fortalecimento do JDBO como veículo de expressão e pensamento, analisando como suas narrativas ajudaram a consolidar a importância do jornal na preservação da memória e na formação da opinião pública. O Jornal Diário da Borborema (JDBO) contou com diversos escritores ao longo dos anos, O jornal contou com a colaboração de muitos outros jornalistas ao longo dos anos, cada um trazendo sua perspectiva e estilo para a cobertura de eventos e histórias da região, muitos dos quais foram jornalistas renomados na região. Alguns dos escritores notáveis incluem:

- a) **Clóvis Fernandes** - foi um comerciante atuante em Campina Grande que desempenhou papel relevante na comunidade esportiva local, especialmente por meio de sua relação com o Campinense Clube. Além de fornecer produtos para o clube, Clóvis colaborava com o Jornal Diário da Borborema, contribuindo com informações, relatos e histórias sobre o

futebol regional — muitas vezes de forma informal, mas profundamente enraizada na vivência cotidiana. Sua atuação representa um exemplo de como agentes não diretamente vinculados à imprensa formal podem participar da construção da memória esportiva urbana, oferecendo narrativas que escapam dos registros oficiais, mas que são fundamentais para compreender o imaginário coletivo em torno do futebol. A presença de figuras como Clóvis Fernandes reforça a ideia de que a memória do esporte não se limita aos atletas e dirigentes, mas envolve também os comerciantes, torcedores e colaboradores que, com suas vozes e gestos, ajudam a manter viva a identidade dos clubes e da cidade. Nesse sentido, Clóvis Fernandes pode ser compreendido como um mediador simbólico entre o cotidiano e a imprensa, contribuindo para a sedimentação de uma memória oral que complementa e enriquece os registros jornalísticos sobre o Campinense Clube e o futebol campinense.

- b) **Epaminondas Câmara:** (1900-1958), Era natural de Esperança, todavia se radicou em Campina Grande. Escreveu durante pouco tempo para o jornal Diário da Borborema. Foi eleito para a Academia Paraibana de Letras (1945), assumindo a Cadeira nº 18 do historiador Irineu Jóffily, sucedendo ao poeta Mauro Luna. Presidiu o Instituto Histórico de Campina Grande. Constituiu-se no primeiro pesquisador a dedicar-se ao estudo e à escrita da história de Campina Grande.
- c) **Epitácio Soares:** (1915-1988), Foi jornalista e radialista. Foi editor e cronista do jornal Diário da Borborema. Publicou entre os anos de 1978 e 1979, fascículos sobre a história dos jornais campinenses, no Diário de Borborema.
- d) **Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello** - mais conhecido como Assis Chateaubriand ou simplesmente Chatô, é considerado o primeiro grande empresário do jornalismo brasileiro. Advogado de formação iniciou sua carreira na imprensa ainda jovem, escrevendo para o Diário de Pernambuco e o Correio da Manhã. Em 1924, assumiu a direção de O Jornal, marco inicial da criação dos Diários Associados, que se tornaram o maior conglomerado de mídia da América Latina. Seu império chegou a reunir mais de 100 veículos de comunicação, incluindo jornais, revistas, emissoras de rádio e televisão. Foi responsável pela inauguração da TV Tupi, a primeira emissora de televisão do Brasil, em 1950. Além disso, fundou o Museu de Arte de São Paulo (MASP), em parceria com Pietro Maria Bardi, e ocupou cargos políticos como senador e

embaixador. A influência de Chateaubriand foi tamanha que ele moldou o perfil dos futuros magnatas da mídia brasileira, como Roberto Marinho, Adolpho Bloch e Victor Civita, estabelecendo um modelo de atuação empresarial que combinava jornalismo, política e cultura.

- e) **José Aurino** - foi presidente do Campinense Clube, uma das instituições esportivas mais tradicionais de Campina Grande, cuja história está profundamente entrelaçada com os processos de sociabilidade urbana e identidade cultural da cidade. Sua gestão à frente do clube se destacou não apenas pela administração esportiva, mas também pelo engajamento com a comunidade local e pela valorização da imprensa como instrumento de divulgação e fortalecimento do futebol regional. Aurino colaborou com o Jornal Diário da Borborema, especialmente em reportagens relacionadas ao futebol, contribuindo para a construção de uma narrativa pública sobre o Campinense Clube e seus feitos. Essa relação entre dirigente esportivo e imprensa local revela o papel estratégico da mídia na consolidação da imagem dos clubes e na mobilização simbólica dos torcedores. A atuação de José Aurino deve ser compreendida dentro de um contexto mais amplo em que o Campinense Clube, fundado em 1915 como agremiação elitista, passou por um processo de popularização.
- f) **José Nêumanne Pinto** - iniciou sua carreira jornalística como crítico de cinema e repórter de polícia no Diário da Borborema, em Campina Grande. Essa experiência inicial foi decisiva para a formação de um dos jornalistas mais celebrados do país, cuja atuação se estendeu por veículos como Folha de S.Paulo, Jornal do Brasil, O Estado de S. Paulo e SBT, além de colunas internacionais no Miami Herald. Ele se tornou referência no jornalismo opinativo brasileiro. Sua trajetória inclui também a publicação de 12 livros, entre poesia, romance e ensaios políticos, além de sua atuação como membro da Academia Paraibana de Letras. Ao registrar os conflitos urbanos, os dramas sociais e os movimentos culturais da cidade, Nêumanne contribuiu para a construção de uma memória jornalística que transcende fronteiras, conectando o sertão paraibano ao debate público nacional.
- g) **Land Seixas de Carvalho** - representa uma síntese entre prática profissional, militância sindical e compromisso com a valorização da categoria. Formado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo desde 2014, Land construiu uma carreira sólida em

veículos como o Diário da Borborema, Correio da Paraíba, O Norte, Jornal A União e Televisão João Pessoa, contribuindo para a cobertura jornalística regional com foco em temas sociais, políticos e culturais. Sua relevância, no entanto, transcende o campo da redação. Land foi eleito por seis mandatos consecutivos como presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado da Paraíba (Sindjor-PB), onde desempenhou papel central na defesa dos direitos trabalhistas, na articulação de pautas coletivas e na promoção da formação crítica dos profissionais da área. Sua militância sindical foi marcada por uma postura combativa, mas também agregadora, buscando fortalecer o vínculo entre jornalistas e suas comunidades de atuação.

- h) **Valberto José** - jornalista formado pela antiga Universidade Regional do Nordeste (URNE), atual Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), representa um exemplo significativo da intersecção entre jornalismo esportivo e memória urbana em Campina Grande. Atuando como colunista na Gazeta do Sertão, Diário da Borborema e A Palavra, Valberto consolidou uma prática jornalística pautada pela objetividade e pelo compromisso ético com a informação. Sua atuação profissional foi marcada por uma postura de imparcialidade rigorosa, mesmo diante de vínculos pessoais com o universo futebolístico local. Nesse sentido, sua produção jornalística pode ser compreendida como uma forma de mediação simbólica entre o cotidiano esportivo e os processos de significação social que atravessam a história de Campina Grande.
- i) **Tancredo Torres**: Historiador, foi membro da Academia de Letras de Areia e da Academia de Letras de Campina Grande. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP), assim como foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de Campina Grande. Era natural de Esperança, porém passou grande parte de sua vida na cidade de Areia. Escreveu vários artigos para jornais locais de relevância, como o jornal Diário da Borborema de 1986 a 1998, onde também exerceu a função de secretário do jornal de 1979 a 1984.

Percebe-se que o Jornal Diário da Borborema (JDBO) contou com diversos escritores ao longo dos anos, cada um trazendo sua perspectiva e estilo para a cobertura de eventos e histórias da região, muitos dos quais foram jornalistas renomados na região.

Cada texto publicado carregava a essência de uma época, traduzindo sentimentos coletivos e oferecendo leituras críticas sobre os contextos sociais, políticos e culturais que moldaram a região. Muitos dos escritores que passaram pelo JDBO se tornaram referências no

jornalismo paraibano, deixando um legado que ultrapassa as páginas impressas.

Nesta seção, serão destacados alguns dos principais nomes que contribuíram para o fortalecimento do JDBO como veículo de expressão e pensamento, analisando como suas narrativas ajudaram a consolidar a importância do jornal na preservação da memória e na formação da opinião pública.

Reconhecer essas vozes: nomes que, com suas palavras afiadas, sensíveis ou provocadoras, ajudaram a construir o pensamento crítico e a memória cultural da cidade. Suas colunas, editoriais e textos diversos não apenas informavam, mas também interpretavam a realidade e a influenciavam, deixando marcas na história local.

Podemos considerar que as bibliotecas podem ser vistas como instituições culturais que desempenham um papel crucial na preservação e promoção da cultura. Elas não são apenas locais de armazenamento de livros, mas também centros de atividades culturais e educativas com a responsabilidade de proteger e conservar o patrimônio bibliográfico, que inclui livros, manuscritos, documentos e outros materiais que representam o conhecimento acumulado pela humanidade.

Além de oferecerem acesso ao conhecimento produzido e acumulado ao longo dos tempos, promovem a democratização do conhecimento, a materialização da Memória Coletiva, visto que por meio dos registros escritos, elas preservam a história, as tradições e as experiências de uma comunidade ou sociedade. E, ainda, fornecem referências que ajudam a formar e sustentar tanto a memória individual quanto a coletiva. Elas são fontes de informação que permitem às pessoas compreenderem e valorizarem seu patrimônio cultural (JDBO).

3.6.1 Da terra à tinta viva: Assis Chateaubriand: Chatô - o menino da Borborema que fez da imprensa sua voz e do JDBO seu legado

A história não se escreve apenas com datas, mas com vozes que insistem em ser ouvidas — mesmo entre os silêncios da serra.

(Medeiros, 2025)

Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello, conhecido nacionalmente como Chatô, nasceu em Umbuzeiro, interior da Paraíba, em 1892, cidade paraibana porém bem mais próxima de Pernambuco. Lá nasceram personalidades importantes como, Epitácio Pessoa Lindolfo da Silva, vulgo (Epitácio Pessoa) e João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, vulgo (João Pessoa).

Nessa conjuntura de personalidades relevantes no cenário paraibano e brasileiro, um menino nasce nessa mesma cidade em 04 de outubro de 1892, tendo por pais Francisco José Bandeira de Melo e Maria Carmem Guedes Gondim, os pais lhes dão o nome de Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello, codinome “Chatô”.

Sua trajetória é emblemática não apenas pela ascensão pessoal, mas pelo impacto profundo que teve na história da imprensa, da cultura e da modernização brasileira. A infância de Assis Chateaubriand foi marcada por diversas dificuldades.

Segundo o jornalista Moraes (1994, p.30), responsável pela escrita de sua biografia, Chatô enfrentou inúmeros desafios desde cedo. Moraes descreve: “A gagueira não tinha sido a única mazela a infernizar a infância de Chateaubriand. Além de ser gago, era feio, raquítico, amarelo e opilado”.

Essas palavras revelam um quadro de adversidades que Chatô teve que superar. A gagueira, uma condição que pode afetar profundamente a comunicação e a autoestima, foi apenas uma das dificuldades enfrentadas por ele. Além disso, sua aparência física, descrita de maneira tão crua e direta, sugere que ele também lidou com problemas de saúde e nutrição, sendo raquíticos e opilados, termos que indicam fragilidade e doenças relacionadas à má alimentação.

Pela leitura da obra percebe-se que apesar disso ele brincava com outras crianças nas ruas como era o costume da época. O processo de alfabetização se deu por volta dos 12 anos e nesse interstício foi admitido no ginásio da escola Naval. Foi ainda em Campina Grande que Chateaubriand realizou seus primeiros estudos, além de passar um tempo em João Pessoa, mas foi em Recife que ele cursou o secundário no Colégio Pernambucano. Ele começa no jornalismo aos 15 anos, na Gazeta do Norte, escreve para o Jornal Pequeno e para o antigo jornal Diário de Pernambuco.

Jornalista, advogado, empresário, professor, político e mecenas, Chateaubriand construiu o maior conglomerado de mídia da América Latina: os Diários Associados, que chegaram a reunir mais de cem veículos, entre jornais, revistas, emissoras de rádio e televisão. Ele trouxe a televisão ao Brasil com a inauguração da TV Tupi em 1950, fundou o MASP com Pietro Maria Bardi e se destacou como promotor da arte moderna, contribuindo para acervos e valorização cultural em um país ainda carente de políticas públicas na área.

Na perspectiva da memória social, Assis Chateaubriand representa um elo entre tradição e modernidade, entre o Nordeste profundo e os centros urbanos em expansão. Sua origem paraibana não foi apagada por sua projeção nacional; ao contrário, tornou-se parte de sua narrativa pública, reforçando o papel da região como produtora de talentos e ideias

transformadoras. A imprensa que ele construiu não apenas informava, mas também moldava o imaginário coletivo, atuando como mediadora entre os acontecimentos e sua inscrição simbólica na história.

Conforme a **Figura 83** trata-se de Assis Chateaubriand, renomado jornalista e amplamente reconhecido como o magnata das telecomunicações no Brasil.

Figura 83 - Assis Chateaubriand: o magnata paraibano das comunicações



Fonte: Chatô, o rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand (1994)

Ao incluir a **figura 83** de Chatô neste texto, reconhece-se que a memória social transcende manifestações festivas e eventos culturais pontuais. Ela também se revela nas trajetórias de indivíduos que, por meio da informação, da arte e da inovação, deixaram marcas profundas na construção de sentidos coletivos. Chatô é, nesse contexto, um personagem emblemático, cuja atuação demonstra como os meios de comunicação podem ser ferramentas poderosas de transformação social, de formação de imaginários e de articulação entre o local e o nacional.

Sua origem paraibana não é mero detalhe biográfico, mas parte essencial de uma narrativa que inscreve o Nordeste, e especialmente a Paraíba, na história da imprensa, da cultura e do desenvolvimento brasileiro. Ao projetar-se nacionalmente sem romper com suas raízes, Chateaubriand reafirma o papel da região como fonte de talentos, ideias e protagonismo histórico, contribuindo para uma memória coletiva que valoriza a diversidade e reconhece o impacto de vozes nordestinas na construção do Brasil moderno.

Em 1908 ingressou na Faculdade de Direito do Recife, formando-se em 19 de março de 1913. Consegue doutorar-se e torna-se professor substituto da primeira sessão (Filosofia do Direito), em 05 de janeiro de 1916, mas aos 25 anos, em 1917, mudou-se para o

Rio de Janeiro escrevendo para o *Correio da Manhã*.

Por alguns relatos percebemos que Chatô colecionou desafetos e polêmicas durante sua vida, por exemplo, Samuel *Wainer* que era jornalista e trabalhou para Chatô (Wainer, 2001, p. 101), explana: “Eu não tinha a menor simpatia por aquele paraibano baixinho, elétrico, que representava uma espécie de versão cabocla do “cidadão *Kane*” retratado no famoso filme de *Orson Welles*. O futuro mostraria que Chateaubriand era pior que eu imaginava” (Castro (1992, p.183).

Chatô foi um jornalista, advogado da Companhia *Light and Power*, professor de direito, empresário, embaixador em Londres, mecenas e político como Senador no Maranhão em 1957.

Além de ter sido membro da Academia Brasileira de Letras, foi o quarto a ocupar a cadeira de número 37 em 30 de dezembro de 1954. Tornou-se dono de um império jornalístico, conhecido como um magnata das comunicações no Brasil, dono dos Diários Associados com a compra do O Jornal em 1924, tendo sido considerado o maior conglomerado no tange ao suporte mídia da América Latina, isto é, ele possuiu mais de 100 jornais, 18 estações de TV, 36 estações de rádio, o maior periódico em circulação na América Latina “O Cruzeiro”, além de uma agência telegráfica.

Assis Chateaubriand foi o vanguardista, sendo responsável pela chegada da televisão ao Brasil, a primeira emissora de TV do país, a TV Tupi em 1950. Em 1957, Chatô funda o Jornal Diário da Borborema na cidade de Campina Grande, através do Diários Associados. No que tange às artes, Chatô foi idealizador e co-criador juntamente com Pietro Maria Bardi, do Museu de Arte de São Paulo em 1947, conhecido como o MASP. Outrossim, Chateaubriand fez uma campanha intitulada Campanha Nacional dos Museus Regionais, essa campanha rendeu frutos como o Museu de arte Assis Chateaubriand (MAAC) em Campina Grande tendo sua inauguração em 20 de outubro de 1967.

O acervo Museológico ou acervo inicial que formou o MAAC foi conquistado através de contribuições públicas, Assis Chateaubriand pediu que fossem entregues ao presidente da FURNE, 120 obras de arte, em 1967. Além deste museu de arte no Nordeste, mais dois foram criados: o Museu Regional de Arte de Feira de Santana na Bahia em 1967 e o Museu da Arte Contemporânea de Pernambuco em Olinda, no ano de 1966.

Como Chateaubriand era um entusiasta da arte, o mesmo enviou uma coleção para a cidade de São Luís onde ficou no acervo de artes visuais do Museu Histórico e Artístico do Maranhão. Vale ressaltar que fora do Nordeste a Campanha Nacional dos Museus Regionais,

originou museus no estado de Minas Gerais, em Araxá; o Museu Dona Beja em 1965 e a Galeria Brasileira em 1966, em Belo Horizonte.

Chateaubriand foi idealizador da **Campanha Nacional dos Museus Regionais**, com destaque para os acervos em São Luís (MA), Araxá (MG) e Belo Horizonte (MG). Ele pensou a arte como instrumento de memória e descentralização cultural, uma iniciativa pioneira que visava **descentralizar o acesso à arte**, levando acervos significativos para cidades fora do eixo Rio-São Paulo.

Foi uma ação visionária que não apenas antecipou, mas também influenciou debates contemporâneos sobre descentralização cultural, democratização do acesso à arte e valorização das identidades locais.

Ao incentivar a criação de museus em cidades fora dos grandes centros urbanos, Assis Chateaubriand rompeu com a lógica centralizadora que historicamente concentrava os equipamentos culturais nas capitais, promovendo uma redistribuição simbólica do patrimônio artístico nacional. Essa iniciativa possibilitou que populações de diferentes regiões tivessem contato direto com obras de arte, fomentando o interesse pela produção cultural e fortalecendo o sentimento de pertencimento. Mais do que ampliar o acesso, Chateaubriand contribuiu para a construção de uma memória social plural, que reconhece a diversidade dos territórios brasileiros e legitima suas expressões culturais como parte fundamental da identidade nacional. Seu legado evidencia a capacidade da cultura de transformar realidades, promover inclusão e estimular o desenvolvimento humano em múltiplas dimensões.

4 DECIFRANDO A PARTIR DO MATERIAL EMPÍRICO

Considerando a aplicação da técnica escolhida, a coleta de dados documentais foi realizada no acervo dos Jornais Diário da Borborema que encontra-se sob a guarda da Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida, esta coleta de dados documentos efetuada foi necessária para atender o objetivo geral da pesquisa. Essa técnica também viabilizou a categorização dos dados, tendo em vista que escolhemos quatro recortes diante da impossibilidade de se pesquisar em um acervo de hemeroteca, que embora disponibilizado fisicamente ao público não se encontra indexado e digitalizado.

Inicialmente, a pesquisa documental no JBDO revelou-se desafiadora desde o início, sobretudo pela quebra de paradigma que enfrentamos ao nos depararmos com o material de pesquisa. Uma das principais dificuldades residiu na mudança da forma como estamos habituados a ler os jornais contemporâneos. Para quem cresceu folheando edições com tipografia nítida, diagramação padronizada e cadência organizada das notícias, as primeiras edições do Jornal Diário da Borborema causaram estranhamento. Eram inquietantes, não apenas pelo estilo gráfico rudimentar, mas pela própria lógica de construção da informação, que exigia do pesquisador um olhar mais atento, paciente e interpretativo.

Depois de folhearmos bastante as três primeiras encadernações do ano de 1957, entendemos que esse corte repentino da edição, era parte de estratégia de marketing do jornal, tanto para ter mais propagandas e em certa parte um processo de leitura que levava o leitor a folhear e ler mais páginas do jornal.

Em um **segundo momento** a dificuldade que tivemos no início da pesquisa documental, foi nos depararmos com algumas páginas difíceis de inferir a numeração correta, pois a maioria não está bem definida, quanto a seção e número de páginas, pois existiam os jornais internamente eram editados por cadernos, mas a sua grande maioria as páginas não eram numeradas.

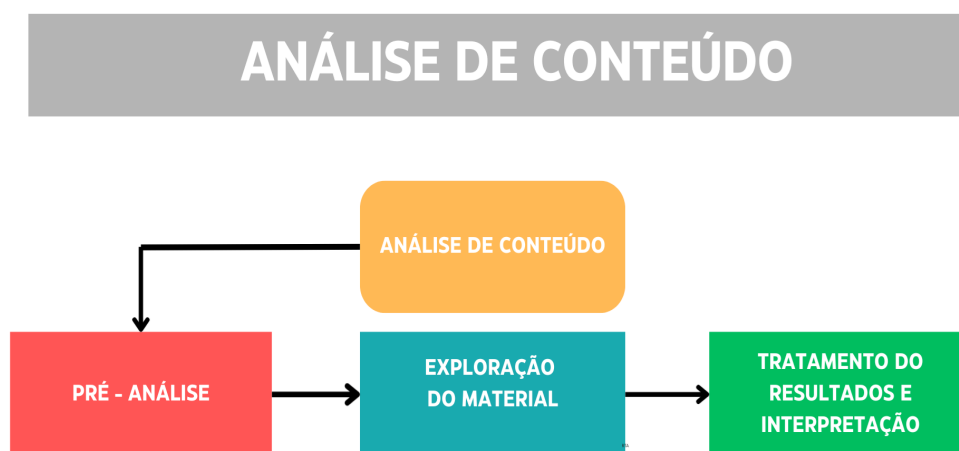
Optamos pela análise de conteúdo de Bardin (2011), pois esta abordagem permite uma leitura sistemática e profunda dos dados, buscando significados implícitos e padrões de sentido. É especialmente útil quando estamos trabalhando com textos, discursos ou qualquer tipo de comunicação.

A análise documental realizada nesta pesquisa teve como fundamento metodológico as contribuições de Bardin, cuja sugestão é a **análise de conteúdo**, tal análise possibilita o tratamento sistemático e interpretativo de fontes escritas, com isso podemos garantir rigor científico ao processo qualitativo da pesquisa.

Seguindo as etapas indicadas pela autora, foram organizadas as fases de **pré-análise**, onde realizamos a **exploração do material**, além do **tratamento dos resultados**, o que permitiu uma leitura ordenada e significativa do corpus. No caso específico deste trabalho, o corpus foi constituído por matérias publicadas no Diário da Borborema que registraram diferentes dimensões da vida social e cultural de Campina Grande. Damos ênfase em quatro recortes temáticos: o São João, a Feira Central, o Festival de Inverno e o Polo Tecnológico. Esses recortes escolhidos revelam, de maneira ampla, a construção de memórias sobre a cidade em suas variadas manifestações, permitindo-nos assimilar como o jornal atuou como dispositivo infomemorial ao longo do tempo.

O jornal sendo um dispositivo infomemorial macro e os recortes sendo micro dispositivos infomemoriais, ou seja, marcos de lembrança, porque conduzem a narrativa da época, os sentidos que foram atribuídos aos eventos e a forma como a cidade se estampava e queria ser estampada. A seguir o quadro 13 demonstra o fluxograma interseccionista das etapas:

Quadro 13 - Apresentação das etapas da Análise de Conteúdo



Fonte: Elaborada pelas autoras, 2025

4.1 Tecendo fios da análise: categorias e subcategorias descobertas

APRESENTANDO AS CATEGORIAS TEMÁTICAS E SUBCATEGORIAS DA ANÁLISE

A descrição da análise de conteúdo desta pesquisa, concretiza-se a partir das categorias construídas ao longo da investigação e coleta de dados. Assim, neste momento, é nosso objetivo apresentar por meio da descrição as categorias e subcategorias, fundamentando e validando essas descrições dos argumentos retirados do texto da categorização da pesquisa.

A análise dos dados coletados no jornal Diário da Borborema expõe como a imprensa local atua como agente de mediação da memória social de Campina Grande, de acordo com o pensamento de Maurice Halbwachs (2006), que contempla a memória coletiva como uma construção social, fundamentada por coletivos e/ ou círculos que guardam e comungam de representações comuns. Todo recorte temático da pesquisa, o São João, a Feira Central, o Pólo Tecnológico e o Festival de Inverno, representa um eixo de sentido que contribui para o assentamento de narrativas identitárias da cidade.

A imprensa local, enquanto fonte documental, cumpriu o seu papel descrito por Outlet (2003), que entendia o documento não apenas como um vestígio, mas como construção discursiva que colabora na produção de sentidos. O JDBO não apenas registrou os acontecimentos, mas os interpretou de certa forma na escrita, os organizou e os inseriu em uma lógica narrativa que contribui para a formação da memória social campinense. A pesquisa como foi descrita anteriormente na metodologia foi organizada em quatro recortes temáticos, cada um sendo estruturado a partir de eixos que revelam dimensões diferentes da memória social de Campina Grande.

Foi no processo de categorização, que nasceu os quatro grandes eixos interpretativos:

- a) memória festiva/cultural;
- b) memória ciência/educação/modernidade;
- c) memória comercial e social;
- d) memória cultural/artística.

Dessa forma, a análise documental apoiada em Bardin (2011) serviu de estrutura metodológica, porém foi diante da conversação com os referenciais de Candau, Halbwachs, Nora, Le Goff, Joutard, Pollak, Assmann entre outros que nos foi possível atribuir um sentido mais profundo aos achados, conectando-os a uma discussão ampla sobre memória, identidade e cultura. Utilizamos 04 (quatro) categorias com suas respectivas subcategorias, conforme são apresentadas no **quadro 14**.

Quadro 14 - Apresentação das Categorias e Subcategorias Temáticas

Recortes	Categorias Temáticas	Subcategorias Temáticas
1. SÃO JOÃO	Memória cultura/festividade	a) Tradição; b) Aculturação; c) Identidade local; d) Turismo; e) Institucionalização; f) Modernidade; g) Território de memória do povo; h) Religiosidade.
2. PARQUE TECNOLÓGICO	Memória ciência/educação/modernidade	a) Formação acadêmica; b) Inovação; c) Economia; d) Parcerias internacionais
3. FEIRA CENTRAL CG	Memória social/comercial	a) Cotidiano urbano; b) Modernidade; c) Resistência à tradição; d) Comércio popular; e) Sociabilidade; f) Patrimônio; g) Oralidade; h) Autenticidade; i) Vínculo comunitário; j) Território de memória do povo.
4. FESTIVAL DE INVERNO	Memória cultural/artística/política	a) Expressão artística; b) Censura; c) Regime militar; d) Enfrentamento simbólico; e) Liberdade cultural; f) Resistência cultural; g) Legado da memória artística.

Fonte: Elaborada pelas autoras, 2025

O **primeiro recorte**, foi centrado no São João, articula a categoria temática memória da cultura e da festividade, evidenciando subtemas como tradição, aculturação, identidade local, turismo, institucionalização, modernidade e território de memória do povo. As matérias analisadas revelam sentidos de valorização cultural, pertencimento e celebração coletiva.

A fim de esmiuçar a primeira categoria, referente à memória festiva/cultural, podemos refletir que ela manifesta-se principalmente nos registros sobre o São João de Campina Grande. Ao longo dos anos, o jornal retratou a festa não apenas como entretenimento desde a primeira publicação no mês de junho de 1958, mas como tradição identitária da cidade.

Nessa perspectiva, Halbwachs (2006) nos auxilia a perceber o São João como expressão da memória coletiva, erguida socialmente e participativa entre diferentes gerações. A festa, embora marcada por rituais, símbolos e práticas frequentes, atualiza-se constantemente, o que aproxima-nos da discussão acerca das reflexões de Candau (2012) sobre o papel da memória na constituição das identidades coletivas. Já sob o ponto de vista de Assmann (2011), o São João pode ser compreendido como fragmento da memória cultural, pois seus elementos simbólicos como: danças, músicas, comidas típicas, transpõem a atualidade e se configuram como pecúlio intangível de longa duração.

O jornal, ao compilar e publicar essas expressões populares, cooperou para fortalecer essa memória coletiva e cultural, transformando a festa de São João em um elemento que no momento é parte da identidade não apenas regional e local, mas também nacional.

Observamos que nos anos 1958 e 1977, há predominância de matérias informativas e promocionais, com foco em clubes e programação, pois eram locais de concentração para a festividade. Já, a partir de 1986, há uma virada para o discurso institucional e a espetacularização da festa, onde o destaque passa a ser o Maior São João do Mundo e o Parque do Povo. As matérias do jornal mostram a presença e a diversidade de autoridades políticas até artistas populares, também mostra como o São João se tornou um palco de disputas simbólicas e de afirmação identitária. Como os festejos juninos em Campina passam a ser 30 dias, torna-se evidente a ocorrência de palavras nas matérias do periódico como: Quadrilhas, fogueiras, tradição junina, aculturação, turismo e religiosidade. Em várias matérias foi possível ver no discurso jornalístico a polarização entre tradição e modernidade.

A transformação da festa em um produto de cunho turístico e cultural, onde realça-se o espetáculo e a mercantilização do São João. A representação do São João ao longo das décadas destaca o que Le Goff (2003) chama de “memória como ferramenta de poder”, pois a festa, em sua gênese popular e comunitária, passa a ser institucionalizada e promovida como produto turístico.

O jornal atua como espaço de validação dessa modificação, intensificando o que Nora (1993) designa de lugares de memória, locais simbólicos onde a memória é preservada, ritualizada e reinterpretada. No que tange a parte religiosa do São João, podemos notar a presença de Santo Antônio e São João, como elementos de devoção e identidade e memória religiosa, trazidas em determinadas matérias do jornal.

O **segundo recorte** aborda o Parque Tecnológico de Campina Grande, estruturado na categoria temática, memória da ciência, educação e modernidade. As subcategorias

temáticas incluem a formação acadêmica, a inovação, economia e as parcerias internacionais, construindo sentidos de pioneirismo, desenvolvimento regional e identidade tecnológica. Esta categoria impacta diretamente o desenvolvimento de Campina Grande, aparece de maneira relevante nas matérias que reforçam a evolução da cidade.

O Parque Tecnológico tornou-se uma consequência atualmente. Uma constatação diante da leitura dos discursos relacionados ao progresso e à modernização de Campina. Ao veicular a tecnologia e a inovação como símbolos do porvir de Campina Grande, o jornal também tece uma narrativa de memória voltada para o futuro breve.

Le Goff (2003) lembra-nos que toda memória é excludente, portanto nesse caso, o enfoque dado ao progresso desvela uma preferência argumentativa, com um discurso que associa a identidade campinense ao vanguardismo tecnológico. Por outro lado, Halbwachs (2006), quando fala da memória coletiva, oportuniza-nos apreender o sentido de como esse relato desenvolve-se sobre uma quimera social, ligando o passado de Campina Grande ao seu futuro. Por sua vez, Assmann (2011) pode nos ajudar na análise sobre a reorganização e por conseguinte a renovação da memória cultural em certas situações contemporâneas, pois mesmo em meio a tradições que a cidade cultiva, a memória social abraça elementos de inovação como fração de sua sequência histórica.

Podemos observar que o Parque Tecnológico se coloca na coletânea da memória coletiva como um sinal de modernidade, sem perder de vista a discussão com tradições e identidades locais. A construção simbólica de Campina Grande como Pólo tecnológico é comprovada nas matérias que destacam a Escola Politécnica e a chegada do primeiro computador à UFCG. Aqui, percebemos a memória se articulando com o futuro. Não obstante, o que Pollack (1989) chama de “memória prospectiva”, ou seja, com sentido de uma memória orientada para o futuro, voltada à construção de projetos coletivos. O jornal contribui para consolidar parte desse imaginário de modernidade, aumentando a identificação científica da cidade.

O **terceiro recorte**, voltado à Feira Central, insere-se na categoria temática da cultura social e do comércio, e tem como subcategorias temáticas o cotidiano urbano, a modernidade, a resistência que é a tradição, com destaque para o comércio popular, a sociabilidade, o patrimônio e a oralidade.

A feira ainda é representada como espaço de autenticidade e vínculo comunitário, configurando-se como território de memória do povo. A terceira categoria, memória social e comercial, localiza-se nas matérias sobre a Feira Central de Campina Grande.

O jornal evidenciou a relevância desse lugar como ponto de reunião da população, no que tange a sociabilidade e consequentemente um espaço de resistência cultural. Muito mais do que um espaço para o comércio, a feira institui-se como uma área de troca de mensagens, informações e arauta da cidade. Nessa perspectiva, Pollak (1992) concorre para refletir como as histórias e narrativas jornalísticas exibem certas falas e embaraçam e silenciam outras, manifestando uma memória excludente devido a seletividade que pode corroborar com certas posturas estereotipadas, aqui podemos trazer várias nuances como clichês, chavões, rótulos, preconceitos, generalizações e banalidades. No mais profundo das estereotipias pode ocorrer até mesmo o silenciamento de determinados grupos sociais. Já Nora (1993), mais uma vez, colabora conosco na compreensão da Feira como um “lugar de memória”, pois, mesmo na presença do avanço e modernização urbana, o local permanece como um espaço determinado identitário. Não obstante, Candau (2012) aponta como esses locais de coletividade consolidam vínculos de integração e pertencimento, além de fortalecer a identidade cultural, criando uma galeria **compartilhada** pelas gerações.

Consequentemente, a Feira Central de Campina Grande não deve ser compreendida apenas como um espaço de transações econômicas, mas, sobretudo, como um território simbólico de consolidação da memória social campinense. Ao longo do tempo, ela foi continuamente ressignificada pela população, transformando-se em um lugar de pertencimento, afetividade e expressão cultural. Sua trajetória foi eternizada tanto nas páginas do Jornal Diário da Borborema quanto nas vivências dos sujeitos que dele participaram, revelando-se como um patrimônio vivo da cidade.

O quarto recorte, analisa o Festival de Inverno, inserido na categoria cultura e da arte, política que tem haver com as representações sociais. As matérias revelam tensões entre expressão artística e censura durante o regime militar, com subtemas como enfrentamento simbólico, liberdade cultural e resistência. O festival emerge como espaço de crítica e afirmação e legado da memória artística.

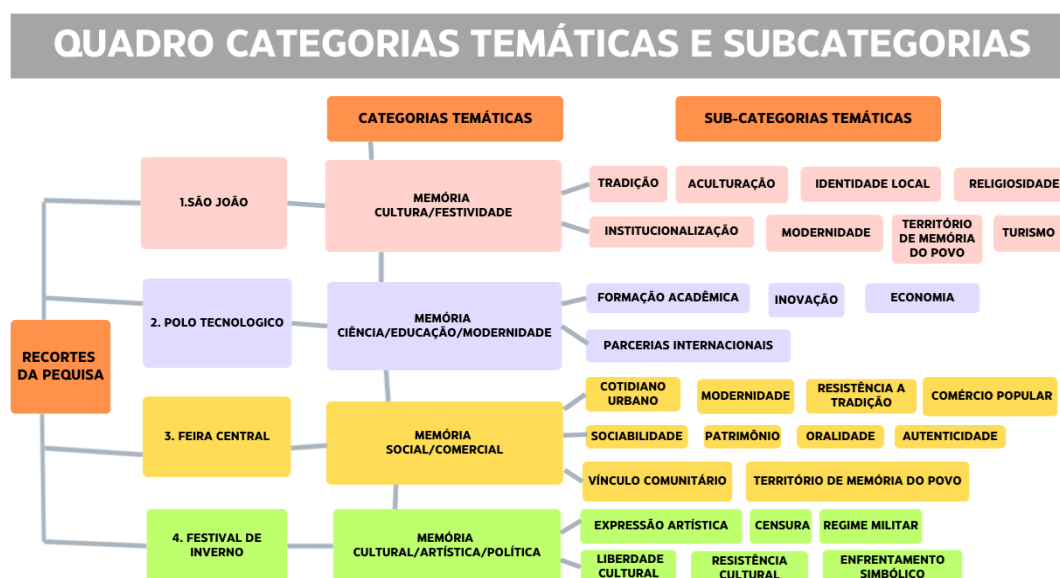
A segunda categoria, memória cultural, artística e política, emerge principalmente nas seções sobre o Festival de Inverno de Campina Grande. O evento, é definido pelas diferentes programações musicais, teatrais e cinematográficas, foi exposto pelo jornal como um lugar de enaltecimento das artes e da cultura erudita como da cultura popular. Nora (1993) oferece neste momento um arranjo profundo e imprescindível, ao perceber os festivais como autênticos “lugares de memória”, locais de conexão metafórica onde a coletividade presente guarda suas reminiscências e vínculos afetuosos.

O Festival de Inverno, por conseguinte, alicerçou-se como uma baliza cultural da cidade, reformando o calendário da cidade e proporcionando um ambiente de congregação de distintas expressões artísticas. Le Goff (2003), no que lhe concerne, auxilia-nos a meditação em relação a função do jornal como intermediador entre memória e história, pois ao registrar o Festival, o JDBO não apenas documenta eventos, episódios e acontecimentos de censura, mas escolhe, ordena e explica fatos.

As primeiras edições do Festival de Inverno foram marcadas por episódios de censura durante o regime militar, mostrando o papel da arte como forma de resistência. Jô Gondar (2005) destaca que a memória artística é também memória afetiva e política, capaz de tensionar discursos dominantes. O jornal, quando passa a escrever esses embates, torna-se espaço de rivalidade de narrativa, onde a memória cultural se contrasta com a repressão institucional. Adicionalmente, Pollack (1992) desperta nosso interesse para o vigor que tradições orais e culturais detêm, inclusive é retratado nesse festival, fazendo-o um lugar heterogêneo de memórias sejam escritas e não escritas. Desta forma, o Festival de Inverno, como é anunciado e revelado pelo jornal, ultrapassa sua posição de acontecimento artístico, transformando-se em uma marca simbólica da memória cultural campinense.

Segue um quadro lúdico das categorias temáticas e subcategorias temáticas, no **Quadro 15**. Este quadro também se encontra na página dos anexos desta pesquisa.

Quadro 15 - Quadro lúdico das Categorias e Subcategorias Temáticas



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2025

Prosseguindo em nossa análise, após a elaboração das categorias e subcategorias, a partir da análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), que nos deu o suporte para a organização dos elementos encontrados de forma sistemática, assegurando a consistência metodológica da pesquisa. Entretanto, é mister salientar que a categorização, intrinsecamente, não exaure a técnica interpretativa. As categorias constituem um recorte descritivo dos dados, que destaca os temas mais frequentes nas matérias do Diário da Borborema. Todavia, ao procurar captar os sentidos mais abrangentes que surgem dessas categorias, revelou-se indispensável a construção de **eixos significantes**. Esses eixos realizam a missão de transpor a apresentação para compreender a interpretação, facilitando a assimilação dos significados sociais, culturais e identitários que o jornal ajudou a contribuir na memória coletiva de Campina Grande.

Dessa maneira, os eixos significantes foram criados como um resumo interpretativo das categorias examinadas, permitindo indicar conexões mais amplas entre os dados e a teoria. Ao passo que as categorias estão estabelecidas nos recortes temáticos (São João, Feira Central, Polo Tecnológico e Festival de Inverno), os eixos representam os sentidos que se reverberam, se cruzam e se arremessam além de cada caso particular, expondo aspectos mais profundos da memória social. Assim, identificamos quatro grandes eixos significantes: **Tradição e Identidade Cultural; Cultura e Patrimônio; Modernidade e Progresso; Memória e Mediação**. Na sequência, analisamos cada um deles de forma mais minuciosa.

O primeiro eixo, Tradição e Identidade Cultural, surge com robustez nas matérias relativas ao São João e à Feira Central. Tanto um como o outro o recorte, exibem práticas e espaços que reiteram relações e vínculos de pertencimento coletivo e de continuidade histórica, como memória afetiva, símbolos religiosos, práticas populares e personagens típicos.

Halbwachs (2006) nos auxilia na absorção desse processo ao apontar que a memória coletiva é construída socialmente, renovando-se nas práticas e rituais que mantêm viva a identidade de um grupo. No caso do São João, a festa se transforma na expressão da identidade campinense, enquanto a Feira Central, com sua sociabilidade e oralidade, fortalece vínculos comunitários e culturais. Candau (2012) corrobora nessa dimensão ao ressaltar que a identidade se ampara na memória compartilhada, ao mesmo tempo que Assmann (2011) revela como tradições populares e festivas conquistam o estatuto de memória cultural, difundida entre gerações. Neste eixo, logo, percebe-se como o jornal **não somente relata, mas também constata práticas que marcam a identidade campinense**.

O segundo eixo, Cultura e Patrimônio, manifesta-se principalmente nos registros sobre o Festival de Inverno, mas também pode ser reconhecido em determinados aspectos do São João, quando este é exposto como ingrediente de valorização cultural. O Festival, ao ser registrado pelo jornal, foi considerado o cenário de “lugar de memória”, nos termos de Nora (1993), transformando-se em uma baliza cultural e representativa da cidade. Além de ser mais do que um simples espetáculo artístico, ele se tornou em patrimônio cultural que agrega diversas linguagens e gerações, caracterizando-se como espólio, um legado cultural de Campina Grande. Le Goff (2003) ajuda-nos no entendimento de que a memória, ao ser documentada pela imprensa, se converte em narrativa histórica, selecionada e organizada de acordo com certos critérios de valor. Este eixo, portanto, admite compreender como o jornal **colaborou para fortalecer determinadas práticas como herança cultural agregada à cidade**.

O terceiro eixo, Modernidade e Progresso, desponta com nitidez nos registros sobre o Polo Tecnológico. A expressão jornalística nas matérias não apenas relata o desenvolvimento tecnológico e científico, mas relaciona tais mudanças à identidade da cidade, celebrando Campina Grande como pólo de inovação e modernidade. Le Goff (2003) lembra que toda memória é seletiva, e, nessa circunstância, o jornal beneficia uma narrativa que acentua o progresso, associando-o à identidade campinense. Halbwachs (2006) consente-nos compreendermos esse processo como uma modernização da memória coletiva, que integra elementos de passado e de futuro para edificar a imagem de uma comunidade. Assmann (2011), ao discutir a memória cultural em contextos atuais, apresenta como tradições e inovações coexistem, sendo reinterpretadas ao longo do tempo. Pollak (1992) também coopera com a ideia de “memória prospectiva”, direcionada à composição de projetos coletivos. Assim, esse eixo evidencia como o jornal **contribuiu a estabelecer uma memória propensa não apenas ao passado, mas também ao porvir, representando Campina Grande como cidade que equilibra tradição e modernidade**.

O quarto eixo, Pluralidade Cultural e Linguagens Artísticas, surge como um terreno criativo de significações no recorte dedicado ao Festival de Inverno de Campina Grande. Os registros jornalísticos descobrem um espaço de convergência estética, em que diversas linguagens como: teatro, música, dança, literatura, artes visuais, perpassam como cordas de uma composição viva, formando um cenário de agitação e florescência cultural. Essa diferença não apenas fortalece o festival como uma festividade artística, mas o firma também em lugar de comunicação identitária e de embate político.

Conforme Halbwachs (2006) nos evoca, a memória coletiva é apoiada por grupos sociais que compartilham referências comuns, então aqui, os artistas, intelectuais e espectadores, juntos, conseguem criar um repertório e espaço de pluralidade cultural e ponto de encontro de diferentes linguagens artísticas, sinalizando território de pertencimento e reconhecimento. Em sintonia, observa Gondar (2005), que a memória artística carrega em si uma dimensão paralelamente afetiva e crítica, capaz de causar tensões nos discursos dominantes e construir sentidos que fogem às narrativas lineares da história. No caso específico do festival, tal memória se sobressai na resistência à censura do regime militar, manifestando-se como espaço de liberdade, de poder criativo e de enfrentamento.

Por sua vez, vem Pierre Nora (1993), nos iluminar a reflexão de que eventos específicos se transmutam em lugares de memória. O Festival de Inverno, ao ser tradicional, fichado e tensionado, assume esse estatuto na cartografia cultural campinense. Tal diversidade de linguagens ecoa ainda a idealização de Jacques Le Goff (2003), que pressupõe que a memória não é um bloco predominante, mas uma trama múltipla e fragmentada, sempre se redefinindo seja pelas práticas culturais ou pelas disputas representativas.

Dessa forma, esse eixo demonstra como o jornal evidencia a pluralidade cultural e das linguagens artísticas concede-nos entender o Festival de Inverno não apenas como festival estética, **mas como território de criação e resistência, onde a arte realiza-se como linguagem política e por conseguinte a diversidade estética transmuta-se em potência de um coletivo, podendo assim ressignificar a própria memória da cidade.**

Finalmente, o eixo da **Memória e Mediação** cruza e percorre todos os recortes examinados. Individualmente, cada um deles compreendeu-se o papel do jornal Diário da Borborema como intermediador entre o episódio e a memória social. O jornal não se restringiu a apresentar e desenvolver fatos, mas os escolheu, representou e estruturou-se em narrativas que adaptaram-se à memória coletiva.

Nesse sentido, é viável a percepção do que Le Goff (2003) nomeou de “memória como ferramenta de poder”, pois a imprensa tem a habilidade de ratificar algumas certas lembranças e silenciar outras. Nora (1993) intensifica a concepção de que a mídia pode assumir como lugar de memória, simultaneamente em que Pollak (1992) acautela para os silêncios e esquecimentos inseparáveis a todo processo de criação memorialística. Esse eixo é fundamental, **pois explicita que o jornal atua não apenas como testemunha da história, mas como agente ativo na produção e mediação da memória social campinense.**

Em síntese, constatamos que a criação dos eixos significantes foi decisiva para aprofundar a interpretação das categorias temáticas, permitindo uma leitura mais ampla e

sensível dos sentidos presentes no corpus analisado. Enquanto as categorias organizam os dados de forma sistemática, os eixos funcionam como lentes interpretativas que revelam as lógicas culturais, sociais e simbólicas que atravessam o material. Essa estrutura analítica evidencia como o Jornal Diário da Borborema se consolida como um agente mediador da memória coletiva de Campina Grande, não apenas registrando fatos, mas também articulando narrativas que sustentam identidades e práticas culturais.

O percurso metodológico adotado, ancorado na análise de conteúdo proposta por Bardin (2011) e enriquecido pelas contribuições dos teóricos da memória, como Halbwachs, Candau e Nora, possibilita uma compreensão que vai além da superfície textual. Ele nos permite acessar os significados profundos, identitários, culturais e políticos, que as matérias jornalísticas ajudam a construir, preservar e ressignificar ao longo do tempo. Trata-se, portanto, de uma abordagem que reconhece o jornal não apenas como veículo informativo, mas como espaço de produção simbólica, onde a cidade se narra, se reconhece e se projeta.

Segue um quadro com a apresentação das categorias, subcategorias e os eixos significantes.

Quadro 16 – Apresentação das Categorias, Subcategorias e Eixos Temáticos

Recrtes	Categorias Temáticas	Subcategorias Temáticas	Eixos Significantes
1. São João	Memória cultura/festividade	Tradição; Aculturação; Identidade local; Turismo; Institucionalização; Modernidade; Território de memória do povo. Religiosidade.	Tradição e Identidade Cultural Como as práticas culturais e espaços populares reafirmam pertencimento coletivo. Cultura e Patrimônio Como o jornal legitima manifestações culturais como lugares de memória. Memória e Mediação O jornal como agente seletivo que registra, mas também molda, a memória social.
2. Polo Tecnológico	Memória ciência/educação/modernidade	Formação Acadêmica; Inovação; Economia; Parcerias Internacionais.	Modernidade e Progresso como a cidade é projetada no futuro imaginário vinculado ao moderna e tecnológica Memória e Mediação O jornal como agente seletivo que registra, mas também molda, a memória social.

3. Feira Central	Memória social/comercial	Cotidiano urbano; Modernidade; Resistência à tradição; Comércio popular; Sociabilidade; Patrimônio; Oralidade; Autenticidade; Vínculo Comunitário; Território de memória do povo.	Tradição e Identidade Cultural Como as práticas culturais e espaços populares reafirmam pertencimento coletivo. Cultura e Patrimônio Como o jornal legitima manifestações culturais como lugares de memória. Memória e Mediação O jornal como agente seletivo que registra, mas também molda, a memória social.
4. Festival de Inverno	Memória cultural/artística/política	Expressão artística; Censura; Regime militar; Enfrentamento simbólico; Liberdade cultural; Resistência cultural; Legado da memória artística	Pluralidade Cultural e Linguagens Artísticas Valorização da cultura e construção de novos lugares de memória. Memória da cidade como espaço de pluralidade cultural e ponto de encontro de diferentes linguagens artísticas. Cultura e Patrimônio Como o jornal legitima manifestações culturais como lugares de memória Memória e Mediação O jornal como agente seletivo que registra, mas também molda, a memória social.

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2025

A seguir, o **Quadro 17** apresenta visualmente a intersecção entre os recortes metodológicos da pesquisa e os eixos significantes que emergem da análise, evidenciando as conexões que sustentam a estrutura conceitual do estudo.

Quadro 17 - Quadro lúdico da Representação dos Recortes e Eixos Significantes



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2025

Observa-se que o **quadro 17** apresenta de forma visual e sistematizada a intersecção entre os recortes metodológicos da pesquisa e os eixos significantes que emergiram da análise sequencial dos dados. Os recortes contemplam quatro expressões socioculturais e urbanas emblemáticas da cidade de Campina Grande (CG): a Festa de São João, o Polo Tecnológico, a Feira Central e o Festival de Inverno. Cada recorte é acompanhado por seus respectivos eixos significantes, revelando as camadas simbólicas, históricas e funcionais que atravessam essas manifestações:

- a) **Festa de São João de CG:** associada aos eixos de **memória cultural e festividade**, evidenciando o papel da celebração junina como patrimônio imaterial e espaço de reafirmação identitária.
- b) **Polo Tecnológico de CG:** vinculado aos eixos de **educação, ciência e modernidade**, refletindo a vocação inovadora da cidade e sua inserção nos circuitos do conhecimento e da tecnologia.

- c) **Feira Central de CG**: relacionada aos eixos de **memória social e comercial**, destacando o entrelaçamento entre práticas econômicas tradicionais e dinâmicas comunitárias de pertencimento.
- d) **Festival de Inverno de CG**: conectado aos eixos de **memória cultural, jornalística e política**, revelando o evento como palco de expressão artística, crítica social e articulação de discursos públicos.

Isso posto, percebe-se que o quadro, ora destacado, organiza essas informações em colunas, separando os recortes da pesquisa e, ao lado de cada um, os eixos significantes correspondentes. As interseções entre os eixos são também evidenciadas, permitindo visualizar como determinadas temáticas, como a memória cultural, atravessam múltiplos contextos e eventos da cidade.

Essa estrutura possibilita uma leitura integrada dos dados, permitindo identificar como os diferentes recortes da pesquisa se articulam entre si por meio de significados recorrentes, tensões simbólicas e elementos complementares. Ao evidenciar essas conexões, o quadro revela a complexidade das relações entre os eventos e espaços analisados, destacando pontos de convergência e divergência que enriquecem a compreensão do tecido sociocultural de Campina Grande.

5 A BUSCA DO PONTO FINAL: QUANDO O FIM É APENAS UMA PAUSA

Ao chegar ao fim desta travessia investigativa, é impossível não sentir o pulsar da memória que ecoa pelas páginas do Diário da Borborema. Concluir esta pesquisa é como fechar um álbum de fotografias antigas, onde cada imagem, cada manchete, cada fragmento de texto nos devolve à alma de Campina Grande, não como uma cidade sem vida, mas como um organismo vivo, que respira história, cultura e identidade.

O **JDBO** não foi apenas objeto de estudo; foi companheiro de jornada, guia silencioso que me conduziu por entre os corredores da memória social campinense. Ao folhear suas edições, revisei não apenas fatos, mas afetos. A palavra impressa se revelou como ponte entre o ontem e o hoje, entre o vivido e o lembrado, entre o esquecido e o redescoberto.

Registrar neste trabalho cada matéria encontrada foi como abrir um baú, repleto de possibilidades infinitas de imaginação e descoberta. A cada página folheada, a cada pista revelada, emergiram fragmentos de evidências e testemunhos silenciosos de um passado soterrado pelo tempo, clamando por atenção e escuta. Foi como se a própria história estendesse suas mãos, pedindo para ser desvelada, compreendida e recontada por mim, com respeito.

Todavia, diante da dança entre tempo, textos e desafios, compreendi que o JDBO não apenas registra: ele interpreta, emociona, preserva e transforma. Ele é testemunha e protagonista, arquivo e voz. E, ao me debruçar sobre suas páginas, não busquei apenas responder as perguntas e alcançar os objetivos da pesquisa, busquei sentido, busquei pertencimento, a fim de aliviar minhas inquietações e insegurança, diante do novo que me assustava.

Neste fluxo de memórias, escolhi como guia os questionamentos que orientaram minhas reflexões e abriram caminhos para compreender o papel do JDBO como dispositivo **infomemorial, destacando seu papel na construção da memória coletiva e nos processos de mudança cultural urbana de Campina Grande**. Para tal, dois questionamentos foram cruciais para a construção dessa pesquisa: como o Jornal Diário da Borborema constitui as memórias sociais da história e da cultura de Campina Grande/PB, que contribuíram para a construção da memória coletiva da comunidade campinense? Como o JDBO destacou os eventos históricos e culturais, que fornecem um retrato vivo das práticas sociais e valores que marcaram a cidade de Campina Grande ao longo do tempo?

Sendo assim, na tentativa de responder essas indagações, a pesquisa abraçou o

objetivo de analisar o JDBO como veículo infomemorial, destacando as memórias sociais e coletivas campinenses, as quais foram preservadas em suas publicações e teve seu papel na promoção da herança política e cultural da cidade.

Neste sentido, no percurso investigativo, percorri suas páginas assim como quem revisita um arquivo pessoal vivo; vasculhei registros, extraí dados e ergui um quadro crítico de relações temáticas. Apesar da minuciosidade e extensividade da investigação, ainda que, marcada por inevitáveis lacunas, nos possibilitou fiar e compor filamentos para compreender os “nós” no processo de análise do editorial, a partir da produção divulgada pelo jornal e os recortes selecionados nesta pesquisa.

Entretanto, foi inevitável analisar o JDBO sem percorrer também os recintos e acontecimentos por onde ele percorreu, mergulhei nos labirintos e ramais de suas folhas em busca de detalhes essenciais sobre: **O São João, o Polo Tecnológico, a Feira Central e o Festival de Inverno de Campina Grande**. Foi nesse contexto, que a palavra impressa se corporificou e se metamorfoseou em depoimento e em dispositivo infomemorial da cidade campinense.

Dissertar sobre o jornal Diário da Borborema constituiu, ao mesmo tempo, um desafio estimulante e provocador, pois revisitar a trajetória de uma instituição jornalística histórica, marcada pela brevidade de seus 52 anos de existência, foi ver sua relevância na vida cultural, social e política da Paraíba, significou mais do que um exercício acadêmico e intelectual, tratou-se de um mergulho afetivo em um espaço que também compõe minha própria história de relação biblioteconômica com o jornal.

A experiência de ter trabalhado por quase dois anos com o JDBO confere a este estudo uma dimensão singular, tornando-o não apenas uma análise distanciada, mas também um testemunho e escrita sensível e, de certo modo, indescritível. A cada leitura retirada, novas sendas se abriram, revelando conexões invisíveis, fios tênues que se entrelaçam a outros já tecidos pela memória coletiva. O trabalho de desembaraçar esse emaranhado assemelhou-se ao ofício paciente do tecelão, que, com rigor e delicadeza, transforma retalhos dispersos em uma nova tapeçaria.

Dessa forma, aventurar-se pelos recantos da memória, neste labiríntico, tecido de narrativas e registros, constituiu uma experiência singular, quase como escutar as vozes que atravessaram o tempo, pois descobrir a existência de um jornal com mais de meio século de vida, ainda pouco explorado pelos estudos da Ciência da Informação, abriu caminho para uma pesquisa capaz de iluminar cantos até então pouco visíveis da história local.

Nos caminhos traçados pelo Diário da Borborema, emerge uma Paraíba delineada

por entrelaçamentos políticos, econômicos e sociais, cujas transformações se prolongam do final da década de 1950 até 2012.

Percebe-se que Campina Grande se revela como um palco onde a memória se faz presente: a **feira de São João**, que se expande em cores, sons e sabores, conquistando proporções monumentais; a criação da Escola Politécnica, gesto visionário do governador José Américo de Almeida reconhecida como a primeira dimensão do **Polo Tecnológico** de Campina; a permanência da **Feira Central** que atravessa décadas e se consagra como patrimônio imaterial do Brasil e; o **Festival de Inverno**, que se configura como espaço vital de expressão e comunicação, permitindo que emoções, ideias e visões de mundo misturem-se ora no plano individual, ora no plano coletivo. Cada um desses elementos não apenas registra a história, mas a transforma em latejo vivo da cidade, entre ecos e silêncios que atravessam o tempo.

Dessa forma, compreende-se que as questões norteadoras e os objetivos propostos nesta pesquisa foram alcançados. As análises realizadas a partir dos achados investigativos no Diário da Borborema permitiram identificar categorias temáticas que revelam diferentes dimensões da memória coletiva campinense. Entre elas, destacam-se: memória cultural e festiva; memória científica, educacional e ligada à modernidade; memória social e comercial; e memória artística, política e cultural. Esses eixos emergiram dos recortes selecionados e contribuíram para uma leitura crítica e sensível do papel do JDBO como agente preservador e difusor das múltiplas expressões da identidade campinense.

Nesse contexto é salutar lembrar que Assis Chateaubriand, um menino saído de Umbuzeiro, parecia antecipar a vitalidade de seu espólio para Campina Grande e para toda a Paraíba ao decidir criar o Jornal Diário da Borborema. Embora sua morte e o encerramento da circulação do jornal pudessem sugerir o fim de um projeto, a história mostrou outro desfecho: o material tornou-se o mais pesquisado no acervo da BORAA, reconhecendo-se, assim, a importância de preservar esse patrimônio e de compreender a trajetória de Campina Grande ao longo do tempo.

Destaca-se o papel fundamental desempenhado pela Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida (BORAA), bem como a atuação de seu bibliotecário de referência, cuja dedicação tem sido essencial para a preservação e valorização do acervo. A BORAA não apenas resguarda documentos de inestimável valor histórico e cultural, mas também mantém um trabalho contínuo de organização, difusão e acesso à informação, contribuindo significativamente para a memória acadêmica e para o fortalecimento da identidade regional."

A parceria do comodato estabelecido transforma-se em ponte para a pesquisa, revelando o valor simbólico de levar esse acervo para a universidade, instituição que assume, com cuidado e rigor, a função de guardar, tratar, acondicionar e disponibilizar o conhecimento à comunidade. Nesse processo, o jornal deixa de ser apenas documento que atravessa gerações, mas faz da história uma experiência compartilhada. Uma das principais intenções desta pesquisa é contribuir para que o Diário da Borborema seja reconhecido na área da Ciência da Informação, incentivando pesquisadores a conhecer, explorar, aprofundar e pesquisar seus estudos sobre este espaço de memória.

Talvez, a mais significativa das aspirações seja que o jornal se perpetue, de forma representativa e concreta, através de pesquisas dessa natureza, tornando-se uma presença duradoura na preservação e na reflexão sobre a história e a memória de Campina Grande.

Vale ressaltar que as análises realizadas a partir dos achados investigativos no Diário da Borborema permitiram identificar eixos que emergiram dos recortes selecionados e contribuíram para uma leitura crítica e sensível do papel do JDBO como agente preservador e difusor das múltiplas expressões da identidade campinense.

Mais do que um veículo de informação, o JDBO se revela como um verdadeiro lugar de memória, um espaço onde o passado vibra e se faz presente. Imagina-se que, em seu espaço físico, poderia ser criado um memorial aberto à visitação, permitindo ao público vivenciar fragmentos da história e das narrativas de Campina Grande. Essa perspectiva não apenas valoriza o patrimônio cultural, mas também inspira futuras pesquisas, abrindo caminhos para novas investigações sobre a preservação e a difusão da memória contida nas páginas do Diário da Borborema, onde fragmentos do passado e sinais do presente, permitem investigar e pesquisar para contar a história de uma cidade.

O desenvolvimento desta pesquisa apresentou desafios, especialmente na identificação e seleção da literatura relacionada ao jornal. Durante o levantamento das fontes históricas e o manuseio das edições, tornou-se evidente a necessidade de transcrever as matérias de modo a torná-las acessíveis ao leitor. Assim, foi possível narrar fragmentos da história social, cultural, tecnológica e política de Campina Grande a partir dos registros do JDBO. Ao nos debruçarmos sobre artigos, livros e clássicos da memória, conseguimos realizar o estudo, refletir sobre essa temática e, dessa forma, perpetuar a presença do Diário da Borborema, conferindo-lhe uma dimensão de eternidade na preservação da memória local.

Dissertar é ao mesmo tempo, desafio e encantamento. A experiência de investigar a memória e o Jornal Diário da Borborema revelou-se um percurso fascinante, marcado pelo rigor da pesquisa documental, bibliográfica, exploratória e qualitativa. No âmbito da CI, esta

dissertação permitiu-nos mergulhar profundamente na temática da memória, explorar lugares de memória e adentrar nos dispositivos infomemoriais que estruturam e preservam o conhecimento coletivo. Esse percurso evidencia não apenas o esforço acadêmico, mas também a magia de estudar e tornar visíveis as histórias, os registros e os patrimônios imateriais que sustentam a narrativa viva de Campina Grande.

De forma sintética, pode-se afirmar que o JDBO atuou como um verdadeiro dispositivo infomemorial, registrou, selecionou e difundiu memórias que compõem o ladrilho social e cultural de Campina Grande, visto que esse jornal, ao longo de sua trajetória, não se limitou a noticiar, mas também a construir representações e narrativas que atravessaram o tempo, revelando sua função como mediador da memória, seja ela coletiva, cultural e histórica de Campina Grande.

Espero que as investigações sobre o Diário da Borborema sigam se expandindo, revelando novas camadas da memória coletiva campinense. Que esta dissertação, possa se configurar como uma contribuição significativa para a sociedade, especialmente no campo da preservação documental e da valorização dos saberes locais. Enquanto mestrande da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), reafirmo meu compromisso com a pesquisa como instrumento de transformação, escuta e resistência.

Estou ciente de que os mistérios e interrogações da pesquisa estão desvelados e abertos a novas interpretações, pesquisas e questionamentos. Que haja espaço para investigações futuras sobre o que não foi dito, sobre os grupos populares marginalizados, as tensões silenciadas, os discursos periféricos e as ausências que ainda ecoam nas entrelinhas do Diário da Borborema. Esses fatos caracterizam e revelam o porquê do título da pesquisa “entre ecos e silêncios”.

Que outros olhares possam revisitar esse acervo com coragem e sensibilidade, ampliando o campo de escuta e revelando novas camadas da memória coletiva campinense. Porque toda pesquisa é também um ponto de partida que inspira outras travessias, novos gestos de preservação e novas formas de narrar o que ainda silencia, mesmo quando não está impresso.

Que esta pesquisa inspire outros olhares, outras mãos a continuar desfiando os fios da memória coletiva, com o mesmo cuidado do tecelão que transforma retalhos em arte. Porque, no fim, é isso que somos: narradores de histórias que não podem e não devem ser esquecidas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Elpídio. **História de Campina Grande**. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 1978.
- ALMEIDA, Horácio de. **Ao redor de mim mesmo (lembranças que não se apagam)**. Campina Grande: [s. n.], 1985.
- ALMEIDA, Horácio de. **Brejo de Areia**: memórias de um município. Rio de Janeiro: MEC; Serviço de Documentação, 1958.
- ALMEIDA, Horácio de. **Contribuição para uma bibliografia paraibana**. Rio de Janeiro: Apex Gráfica e Editora, 1972.
- ALMEIDA, Horácio de. **Contribuição para uma bibliografia paraibana**. 3. ed. rev. ampl. e reform. João Pessoa: Conselho Estadual de Cultura; A União, 1994.
- ALMEIDA, Ruth Almeida. **A arte rupestre nos cariris velhos**. João Pessoa: Editora da UFPB, 1979.
- ANUÁRIO DE 82. **Açude Velho, o eterno problema da poluição**. Anuário de Campina Grande. Campina Grande, 1982.
- ARAÚJO FILHO, Arôdo Romão de. **O “milagre” da Paraíba**: a construção do I Festival de Inverno de Campina Grande (1976). Dissertação (Pós-Graduação em História) - Universidade Federal de Campina Grande. Disponível em: <https://dspace.sti.ufcg.edu.br/handle/riufcg/28369>. Acesso em: 03 jun. 2025.
- ARMITAGE, J. 1807-1856. **História do Brasil**. Brasília: Senado Federal. Conselho Editorial, 2011. (Edições do Senado Federal. v. 142).
- ARÓSTEGUI, Júlio. **A pesquisa histórica**: teoria e método. Bauru, SP: EDUSC, 2006.
- ASSIS CHATEAUBRIAND, F. **O pensamento de Assis Chateaubriand**: seleção de artigos e discursos de 1924 a 1968. Brasília: Horizonte, 1992.
- ASSMANN, Aleida. **Espaços da Recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.
- AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. Informação e memória: as relações na pesquisa. **Revista História em Reflexão**, Dourados, UFGD, v. 1, n. 2, p. 1-19, jul./ dez. de 2007.
- BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1900–2000. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.
- BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico (org.). **Pequeno Dicionário dos Escritores / Jornalistas da Paraíba do século XIX**: de Antônio da Fonseca a Assis Chateaubriand. Editora Universitária UFPB, João Pessoa, 2009. Disponível em: https://www.cchla.ufpb.br/jornaisfolhetins/acervo/Pequeno_dic.pdf. Acesso em: 23 abr. 2025.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, José D'Assunção. **Sobre o uso dos jornais como fontes históricas** – uma síntese metodológica. 2021. Revista Portuguesa de História. Disponível em: https://arquivos.ufrrj.br/arquivos/202120403177f530547278ee100b78003/Sobre_o_uso_dos_jornais_como_fontes_historicas_-_uma_sntese_metodolgica._Revis.pdf. Acesso em 03 abr. 2025.

BATISTA, M. R. P. **Arquivos jornalísticos: o jornal da União como fonte de memória**. 2016. Monografia (Graduação em Arquivologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, João Pessoa, 2016. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/10588/1/PDF%20-%20Maria%20Rafaela%20Porto%20Batista.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2025.

BAWDEN, D. **Users studies and human information behaviour: a three decade perspective on Tom Wilson's "On user studies and information needs"**. Journal of Documentation, London, v. 62, n. 6, p. 671-679, 2006. Disponível em: . Acesso em: 1 jun.2025.

BEVILAQUA, Clóvis. **História da Faculdade de Direito do Recife**. 3. ed. -. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012. (Coleção Nordestina).

BRIET, Suzanne. **O que é a documentação?** Tradução de Maria de Nazareth Rocha Furtado. Brasília: Briquet de Lemos, Livros, 2016. Disponível em: https://dn710103.ca.archive.org/0/items/OQueADocumentaoParapublicar/O_que_%C3%A9_a_documenta%C3%A7%C3%A3o_Parapublicar.pdf . Acesso em: 03 abr. 2025.

BUCKLAND, Michael K. **O que é um documento?** Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/75697117/buckland-o-que-e-um-documento>. Acesso em: 05 jun. 2025.

CÂMARA, Epaminondas. **Os Alicerces de Campina Grande. Esboço Histórico-Social do Povoado e da Vila (1697 a 1864)**. Campina Grande: Edições Caravela, 1999.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Ana Maria Iriarte. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: UFMG, 2003. Tema: Informação, conhecimento e transdisciplinaridade. Disponível em: http://www.capurro.de/enancib_p.htm. Acesso em: 20 jun 2025.

CAPURRO, Rafael; HJØRLAND, Birger. The concept of information. **Annual Review of Information Science and Technology**, v. 37, n. 1, 2003, p. 343–411

CASTRO, R. **O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990, p. 24.

COSTA, F. C. S. **O Estado Novo no controle da informação cotidiana: o caso da cidade de Natal 1941-1943 a partir do jornal A República**. 2019. Dissertação ((Mestrado em Ciência da Informação) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/16803?locale=pt_BR. Acesso em 09 jul. 2025.

COSTA, Suzana Queiroga da. **JORNAL A IMPRENSA como fonte de informação e memória da produção editorial paraibana no século XX (1912 A 1942)**. 2011. 191f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba. Paraíba, 2011.

DANTAS, Sérgio. **Um perfil de Átila Almeida**. Ranhura, Campina Grande, v.2, n.3, 1993.

DEGRANDE, P.E.; SANTOS, W.J.; SILVA, A.F.C.P. **Programa Nacional Contra o Bicudo**. Cultivar Grandes Culturas, Pelotas, n.68, p. 08-10, 2004.

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

DIEHL, Astor Antônio. **Cultura Historiográfica: memória, identidade e representação**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

DODEBEI, Vera Lúcia Doyle. **O sentido e o significado de documento para a memória social**. 1996. 280f. Tese (Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997).

ELLIOTT, A. G. **Informação, imagens e memória: uma análise de discurso em jornais da imprensa negra da Biblioteca da Universidade Federal do Ceará Campus Cariri**. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

EMBRAPA. **Breve História do Algodão no Nordeste do Brasil**, por Napoleão Esberard de Macedo Beltrão. Campina Grande, 2003, 17 p.

FARIAS, Michelle. **CG é a 3ª cidade mais inovadora do país e a 1ª do Nordeste. A União PB**. Disponível em: https://auniao.pb.gov.br/noticias/caderno_paraiba/cg-e-a-3a-mais-inovadora-do-pais-e-a-1a-do-nordeste. Acesso em: 02 mai. 2025.

FECHINE, Dani; MENDES, Pollyane. **UFCG lidera ranking de patentes e coloca a Paraíba como 2º estado com mais depósitos por universidades. G1PB**. Disponível em: <https://fapesq.rpp.br/noticias/ufcg-lidera-ranking-de-patentes-e-coloca-a-paraiba-como-2o-estado-com-mais-depositos-por-universidades>. Acesso em: 02 mai. 2025.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo. In: Alzira Alves de ABREU et al (coords.). **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. In: <http://cpdoc.fgv.br>. Acesso em: 03 ago 2024.

FUNDAÇÃO FURNE. **Maac**. Disponível em: <https://www.fundacaofurne.org.br/index.php/a-furne/maac>. Acesso em: 09 jun. 2025.

GALVÃO, Eduardo, 1921-1976. **Encontro de Sociedades: índios e brancos no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GAUDÊNCIO, Bruno Rafael de Albuquerque. A coleção paraibana e a biblioteca de obras raras Átila Almeida: formação e rearranjo de um patrimônio bibliográfico - documental. **Memória e Informação**, v. 4, n. 1, p. 95-113, jan./jul. 2020. Disponível em: <https://memoriaeinformacao.casaruibarbosa.gov.br/index.php/fcrb/article/view/123/83>. Acesso em 29 jun. 2025.

GAUDÊNCIO, Bruno Rafael de Albuquerque. **Da academia ao bar: círculos intelectuais, cultura impressa e repercussões do modernismo em Campina Grande - PB (1913-1953)**. Campina Grande: UFCG, 2012. Dissertação
<https://dspace.sti.ufcg.edu.br/bitstream/riufcg/2518/3/BRUNO%20RAFAEL%20DE%20ALBUQUERQUE%20GAUD%C3%8ANCIO%20-20DISSERTA%C3%87%C3%83O%20PPGH%20CH%202012..pdf>. Acesso em: 23 abr. 2025

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. (Orgs.) **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa. 2005.

GONZAGA, Luiz. **Tropeiros da Borborema**. RCA Victor, 1953.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Conselho Nacional de Estatística. **Anuário Estatístico do Brasil**. Ano V. Rio de Janeiro: IBGE, 1939/1940. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb_1939_1940.pd. Acesso em: 30 abr. 2025.

JARDIM, José Maria. **O acesso à informação arquivística no Brasil: problemas de acessibilidade e disseminação**. Disponível em: http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/Media/publicacoes/mesa/o_acesso__informao_arquivstica_no_brasil.pdf. Acesso em: 12 jan. 2025.

LAPUENTE, Rafael Saraiva. **O jornal impresso como fonte de pesquisa: delineamentos metodológicos**. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2015.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: uni conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge "Zahar, Ed. 14ª ed., 2001.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Tradução de Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. São Paulo: Editora Loyola, 1974 (Original publicado em 1974 como *La production de l'espace*)

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 2003.

LIMA, Cleonice. E. O.; SILVA, Skarllety. F.; SILVA, Luiz. C. O Diário da Borborema e o Desenvolvimento da Primeira Década do Século XXI. **Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste XIII** – Maceió-Al, 2011, – 15 a 17 de junho 2011. Disponível em: <http://intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2011/resumos/R28-0076-1.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2025.

MACHADO, Márcia Benetti; Jacks, Nilda. O discurso jornalístico. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 10, 2001, Brasília. **Anais...**: Compôs, 2001, p. 280-290.

MADUELL, Itala. **O jornal como lugar de memória**: reflexões sobre a memória social na prática jornalística. 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/4007/2352>. Acesso em: 20 ago. 2025.

MAIOR, Gilson Souto. **História da imprensa na Paraíba**: livros e revistas. Campina Grande : EDUEPB, 2023.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Medios: Olvidos y desmemorias. **Revista Etcéter@** - para entender a los medios, abr. 2001. Disponível em: <http://www.etcetera.com.mx/pag54ne6.asp>. Acesso em: 08 jun. 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. (Coleção temas sociais). https://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1428/minayo_2001.pdf. Acesso em: 29 jul.2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 24. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. (Coleção temas sociais).

MINAYO, Maria. C. de S. (Org.). **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14 ed. Rio de Janeiro: Hucitec, 2014.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO. Directoria Geral de Estatística. **Anuário Estatístico do Brasil**. 1º ano (1908-1912), v. I, Território e População. Rio de Janeiro: Typografia da Estatística, 1916. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb_1908_1912_v1.pdf . Acesso em 09 de abr. 2025.

MORAIS, F. **Chatô, o rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MORIGI, Valdir Jose. **Narrativas do encantamento**: o maior São João do mundo, mídia e cultura regional. Porto Alegre: Armazém Digital, 2007.

MORIN, Edgar. **Sociologia**: a sociologia do microssocial ao macroplanetário. Portugal: Publicações Europa América - Grupo Decklei 1998.

NASCIMENTO, George Silva do. Pátrio-biografia: **Horácio de Almeida e a sua história da Paraíba**. 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

NÓBREGA, Zulmira. **A Festa do Maior São João do Mundo**: Dimensões Culturais

da Festa Junina na Cidade de Campina Grande. 2010. 235p (Tese de Doutorado em Cultura e Sociedade. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2010.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares In: Projeto História. São Paulo, n.10, p.7-28, dez. 1993.

NORA, Pierre (Org.). **Os lugares da memória**. Tradução de Yara Frateschi Vieira. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

OLIVEIRA, Eliane B. de; RODRIGUES, Georgete. M. O conceito de memória na ciência da informação: análise das teses e dissertações dos programas de pós-graduação no Brasil. Rio de Janeiro. **Liinc em Revista**. v.7, n.1, mar. 2011, p. 311- 328. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/3302>. Acesso em: 19 jun. 2025.

OLIVEIRA, Júccia Nathielle do Nascimento. **Véu do tempo**: informação e memória no espólio. João Pessoa. 2024. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, 2024

ORIÁ, Ricardo. **Memória e ensino de História**. In. BITTENCOURT, Circe (org.). O saber histórico na sala de aula. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

OTLET, Paul. **Tratado da documentação: o livro sobre o livro, teoria e prática**. Tradução de Fabiano Cataldo de Azevedo e Rodrigo de Sales. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2018.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Memória, história e cidade**: lugares no tempo, momentos no espaço. ArtCultura, Uberlândia, vol. 4, n. 4, p. 29, 2002.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: NOVAES, Adauto (Org.). **Tempo e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, v. 5, n.10, 1992.

PRÊMIO PRINCIPAL. **Prêmio Esso de Jornalismo**. Disponível em: https://web.archive.org/web/20100419154859/http://www.premioesso.com.br/site/premio_principal/index.aspx?year=2001. Acesso em: 19 jun. 2025.

RAMOS, Erica Lins. Uma relação de poder: a mídia e o movimento estudantil em Campina Grande - PB. **História: Liberdades e Direitos. XIX Encontro Estadual de História – ANPUH-PB**, v. 19, n. 1, 2020. Disponível em: http://anpuhpb.org/arquivos_xix-erh/Anais_XIX_EEH_ANPUH-PB.pdf. Acesso em: 09 jun. 2025.

RETALHOS históricos de Campina Grande. Diário da Borborema. Disponível em: <http://cgretalhos.blogspot.com/2017/09/diario-da-borborema-e-o-fatidico-11-de.html>. Acesso em: 10 jun. 2025.

RETALHOS históricos de Campina Grande. Os famosos coqueiros de Zé Rodrigues. Disponível em: <https://cgretalhos.blogspot.com/search?q=coqueiros>. Acesso em: 25 abr.2025.

RETALHOS históricos de Campina Grande. Memória fotográfica anos 80 e 90. Disponível em: <https://cgretalhos.blogspot.com/2014/02/memoria-fotografica-anos-80-e-90.html>. Acesso em: 10 jun. 2025.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

RODRIGUES, M. **Memória, patrimônio, bibliotecas nacionais e a construção da identidade coletiva**. Em *Questão*, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 243-262, maio/dez. 2015.

RODRIGUES, José Edmilson. **O homem, os livros, o vinho, seus arremessos**. Ranhura, Campina Grande, v.2, n. 3, 1993.

SALDANHA, Gustavo Silva. **Uma filosofia da Ciência da Informação: organização dos saberes, linguagem e transgramáticas**. 2012. 439 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) — Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2012.

SANTOS, Andrea C. **Entre história, memória e esquecimento: narrativas sobre a imprensa juazeirense**. Revista ComSertões, UNEB, 2013.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Metodologia da pesquisa: Metodologia da pesquisa: Metodologia da pesquisa: monografia, dissertação e tese**. São Paulo: Atlas, 2007.

SANTOS, Luciana Mara Espíndola. **O jornal como guardião da memória: arte, cultura e educação: identidade e memória**. 2016. Disponível em: <http://www.unesc.net/portal/resources/595/O%20JORNAL%20COMO%20GUARDIAO%20DA%20MEMORIA.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2025.

SARACEVIC, Tefko. **Ciência da informação: origem, evolução e relações**. Perspec. Ci. Inf., Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996. Disponível em: [adminlti,+PCI-2005-5.pdf](#). Acesso em 03 jul. 2025.

SHERA, Jesse. Epistemologia social, semântica geral e biblioteconomia. *Ci. Inf.*, Rio de Janeiro, v.6, n.1: 9-12, 1977. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/92/92>. Acesso em: 03 jul. 2025.

SILVA, Itan Pereira. **Edvaldo do Ó: Um tropeiro da Borborema (tópicos da sua caminhada)**. Campina Grande (PB): Prefeitura Municipal de Campina Grande; Fundação Edvaldo de Souza do Ó; Edições Caravela, 1999.

SILVA, D. R; FERREIRA, S. M. P. **Quadrilha Junina: reflexões entre o tradicional e o híbrido**. Ver. PPGCLC/UFAM, v.16, n. 1, jun., 2019. ISSN 1415-795

SILVA, Fábio Ronaldo da; MONTENEGRO, Rosilene Dias. Arquivos jornalísticos: impressões de uma memória. **Cadernos do CEOM** - Ano 18, n. 22 - Arquivo: pesquisa acervo e comunicação. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2248/1330>. Acesso em: 02 jun. 2025.

SILVA, Glauber Paiva da. **Festa, versos e forró: Representações do São João de Campina Grande em Cordéis**.

SILVA, Larissa Fernandes. Arquivo pessoal Átila Almeida: organização e preservação de acervo permanente pelas lentes da Arquivologia. **Archeion Online**, João Pessoa, v.9, n.2, p.119-137, jul./dez. 2021. Disponível em:

<https://periodicos.ufpb.br/index.php/archeion/article/view/60625/34852>. Acesso em: 03 ago. 2025.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 31-42.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUZA, Danilo Rodrigues; CABRAL FILHO, Severino. IMPRENSA, TRABALHO E TRABALHADORES EM CAMPINA GRANDE – PB (1957-1980). **X Congresso de Iniciação Científica da Universidade Federal de Campina Grande**, 2013. Disponível em: https://posgraduacao.ufcg.edu.br/anais/2013/artigos-pub/xcicufcg_2041.pdf. Acesso em 09 de out. 2025.

SOUSA, Paulo de Tarso Costa de. Capital social e gestão do conhecimento: união responsável socialmente. **DataGramZero** – Revista de Ciência da Informação, v. 7, n. 6, dez. de 2006.

TEIXEIRA, N. **Introdução às fontes de informação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2005, p. 67-89.

ZARATIM, Samuel Ribeiro. **A performatividade das quadrilhas juninas: reminiscências da tradição e a espetacularização da dança**. Tese - Universidade Federal de Goiás, 2024. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/f939c5eb-54ff-412b-95b5-7751b7fac568>. Acesso em 04 abr. 2025.

APÊNDICES

APÊNDICE A – MAPEAMENTO DOS JDBO (ACERVO COMODATO)

MAPEAMENTO DOS JDBO (ACERVO COMODATO)				
CADERNO	MÊS	ANO	LOCAL	OBSERVAÇÕES
DBO-01	Outubro/Novembro	1957	Campina Grande - PB	
DBO-02	Janeiro, Fevereiro e Março	1958	Campina Grande - PB	
DBO-03	Abril, Maio e Junho	1958	Campina Grande - PB	
DBO-04	Junho, Agosto e Setembro	1958	Campina Grande - PB	
DBO-05	Outubro, Novembro e Dezembro	1958	Campina Grande - PB	
DBO-06	Janeiro, Fevereiro e Março	1959	Campina Grande - PB	
DBO-07	Abril, Maio e Junho	1959	Campina Grande - PB	
DBO-08	Junho, Agosto e Setembro	1959	Campina Grande - PB	
DBO-09	Outubro, Novembro e Dezembro	1959	Campina Grande - PB	
DBO-11	Janeiro, Fevereiro e Março	1960	Campina Grande - PB	
DBO-13	Abril, Maio e Junho	1960	Campina Grande - PB	
DBO-14	Julho, Agosto e Setembro	1960	Campina Grande - PB	
DBO-15	Outubro, Novembro e Dezembro	1960	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário. Encadernação duplicada
DBO-16	Outubro, Novembro e Dezembro	1960	Campina Grande - PB	
DBO-17	Janeiro, Fevereiro e Março	1961	Campina Grande - PB	
DBO-18	Janeiro, Fevereiro a Março	1961	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário. Encadernação duplicada
DBO-19	Abril, Maio e Junho	1961	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário. Encadernação duplicada
DBO-20	Julho, Agosto e Setembro	1961	Campina Grande - PB	
DBO-21	Julho, Agosto e Setembro	1961	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário. Encadernação duplicada
DBO-22	Outubro, Novembro e Dezembro	1961	Campina Grande - PB	
DBO-23	Janeiro, Fevereiro e Março	1961	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário.

				Encadernação duplicada
DBO-24	Janeiro, Fevereiro e Março	1962	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário. Encadernação duplicada
DBO-25	Abril, Maio e Junho	1962	Campina Grande - PB	
DBO-26	Julho, Agosto e Setembro	1962	Campina Grande - PB	
DBO-27	Outubro, Novembro e Dezembro	1962	Campina Grande - PB	
DBO-28	Janeiro, Fevereiro e Março	1963	Campina Grande - PB	
DBO-29	Abril, Maio e Junho	1963	Campina Grande - PB	
DBO-30	Julho, Agosto e Setembro	1963	Campina Grande - PB	
DBO-31	Outubro, Novembro e Dezembro	1963	Campina Grande - PB	
DBO-32	Janeiro	1964	Campina Grande - PB	
DBO-33	Janeiro, Fevereiro e Março	1964	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário. Encadernação duplicada
DBO-34	Abril, Maio e Junho	1964	Campina Grande - PB	
DBO-35	Julho, Agosto e Setembro	1964	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário. Encadernação duplicada
DBO-36	Julho, Agosto e Setembro	1964	Campina Grande - PB	
DBO-37	Outubro, Novembro e Dezembro	1964	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário. Encadernação duplicada
DBO-38	Outubro, Novembro e Dezembro	1964	Campina Grande - PB	
DBO-39	Janeiro, Fevereiro e Março	1965	Campina Grande - PB	
DBO-40	Abril, Maio e Junho	1965	Campina Grande - PB	
DBO-41	Julho, Agosto e Setembro	1965	Campina Grande - PB	
DBO-42	Outubro, Novembro e Dezembro	1965	Campina Grande - PB	
DBO-43	Janeiro, Fevereiro e Março	1966	Campina Grande - PB	
DBO-44	Abril, Maio e Junho	1966	Campina Grande - PB	
DBO-45	Julho, Agosto e Setembro	1966	Campina Grande - PB	
DBO-46	Outubro, Novembro e Dezembro	1966	Campina Grande - PB	
DBO-47	Janeiro, Fevereiro e Março	1967	Campina Grande - PB	
DBO-48	Abril, Maio e Junho	1967	Campina Grande - PB	
DBO-49	Outubro, Novembro e Dezembro	1967	Campina Grande - PB	
DBO-50	Janeiro e Fevereiro	1968	Campina Grande - PB	

DBO-51	Março	1968	Campina Grande - PB	
DBO-52	Abril e Maio	1968	Campina Grande - PB	
DBO-53	Julho, Agosto e Setembro	1968	Campina Grande - PB	
DBO-54	Outubro, Novembro e Dezembro	1968	Campina Grande - PB	
DBO-55	Janeiro, Fevereiro e Março	1969	Campina Grande - PB	
DBO-56	Abril, Maio e Junho	1969	Campina Grande - PB	
DBO-57	Julho, Agosto e Setembro	1969	Campina Grande - PB	
DBO-58	Outubro, Novembro e Dezembro	1969	Campina Grande - PB	
DBO-59	Janeiro e Fevereiro	1970	Campina Grande - PB	
DBO-60	Março e Abril	1970	Campina Grande - PB	
DBO-61	Maio e Junho	1970	Campina Grande - PB	
DBO-62	Julho	1970	Campina Grande - PB	
DBO-63	Setembro e Outubro	1970	Campina Grande - PB	
DBO-64	Novembro e Dezembro	1970	Campina Grande - PB	
DBO-65	Janeiro	1971	Campina Grande - PB	
DBO-66	Fevereiro	1971	Campina Grande - PB	
DBO-67	Março	1971	Campina Grande - PB	
DBO-68	Abril	1971	Campina Grande - PB	
DBO-69	Maio	1971	Campina Grande - PB	
DBO-70	Junho	1971	Campina Grande - PB	
DBO-71	Julho	1971	Campina Grande - PB	
DBO-72	Agosto	1971	Campina Grande - PB	
DBO-73	Setembro	1971	Campina Grande - PB	
DBO-74	Outubro	1971	Campina Grande - PB	
DBO-75	Novembro	1971	Campina Grande - PB	
DBO-77	Dezembro	1971	Campina Grande - PB	
DBO-79	Junho	1972	Campina Grande - PB	
DBO-80	Janeiro	1972	Campina Grande - PB	
DBO-81	Fevereiro	1972	Campina Grande - PB	
DBO-82	Março	1972	Campina Grande - PB	
DBO-83	Abril	1972	Campina Grande - PB	
DBO-84	Maio	1972	Campina Grande - PB	

DBO-85	Julho	1972	Campina Grande - PB	
DBO-86	Agosto	1972	Campina Grande - PB	
DBO-87	Setembro	1972	Campina Grande - PB	
DBO-89	Outubro	1972	Campina Grande - PB	
DBO-91	Novembro	1972	Campina Grande - PB	
DBO-92	Dezembro	1972	Campina Grande - PB	
DBO-93	Janeiro	1973	Campina Grande - PB	
DBO-94	Fevereiro	1973	Campina Grande - PB	
DBO-95	Março	1973	Campina Grande - PB	
DBO-96	Abril	1973	Campina Grande - PB	
DBO-97	Maio	1973	Campina Grande - PB	
DBO-98	Junho	1973	Campina Grande - PB	
DBO-99	Julho	1973	Campina Grande - PB	
DBO-100	Agosto	1973	Campina Grande - PB	
DBO-101	Setembro	1973	Campina Grande - PB	
DBO-102	Outubro	1973	Campina Grande - PB	
DBO-103	Novembro	1973	Campina Grande - PB	
DBO-104	Dezembro	1973	Campina Grande - PB	
DBO-105	Janeiro	1973	Campina Grande - PB	
DBO-106	Fevereiro	1974	Campina Grande - PB	
DBO-107	Março	1974	Campina Grande - PB	
DBO-108	Abril	1974	Campina Grande - PB	
DBO-109	Maio	1974	Campina Grande - PB	
DBO-110	Junho	1974	Campina Grande - PB	
DBO-111	Julho	1974	Campina Grande - PB	
DBO-112	Agosto	1974	Campina Grande - PB	
DBO-113	Setembro	1974	Campina Grande - PB	
DBO-114	Outubro	1974	Campina Grande - PB	
DBO-115	Novembro	1974	Campina Grande - PB	
DBO-116	Dezembro	1974	Campina Grande - PB	
DBO-117	Janeiro	1975	Campina Grande - PB	
DBO-118	Fevereiro e Março	1975	Campina Grande - PB	

DBO-119	Julho	1975	Campina Grande - PB	
DBO-120	Agosto	1975	Campina Grande - PB	
DBO-121	Setembro	1975	Campina Grande - PB	
DBO-122	Outubro	1975	Campina Grande - PB	
DBO-123	Novembro	1975	Campina Grande - PB	
DBO-124	Dezembro	1975	Campina Grande - PB	
DBO-125	Maio	1976	Campina Grande - PB	
DBO-126	Junho	1976	Campina Grande - PB	
DBO-127	Julho	1976	Campina Grande - PB	
DBO-128	Agosto	1976	Campina Grande - PB	
DBO-129	Setembro	1976	Campina Grande - PB	
DBO-130	Outubro	1976	Campina Grande - PB	
DBO-131	Maio	1977	Campina Grande - PB	
DBO-132	Junho	1977	Campina Grande - PB	
DBO-133	Julho	1977	Campina Grande - PB	
DBO-134	Agosto	1977	Campina Grande - PB	
DBO-136	Novembro	1977	Campina Grande - PB	
DBO-138	Dezembro	1977	Campina Grande - PB	
DBO-139	Janeiro	1978	Campina Grande - PB	
DBO-140	Fevereiro	1978	Campina Grande - PB	
DBO-142	Março	1978	Campina Grande - PB	
DBO-143	Abril	1978	Campina Grande - PB	
DBO-145	Julho	1978	Campina Grande - PB	
DBO-146	Agosto	1978	Campina Grande - PB	
DBO-147	Março	1980	Campina Grande - PB	
DBO-148	Abril	1980	Campina Grande - PB	
DBO-149	Maio	1980	Campina Grande - PB	
DBO-150	Junho	1980	Campina Grande - PB	
DBO-151	Julho	1980	Campina Grande - PB	
DBO-152	Agosto	1980	Campina Grande - PB	
DBO-153	Setembro	1980	Campina Grande - PB	
DBO-154	Outubro	1980	Campina Grande - PB	

DBO-155	Novembro	1980	Campina Grande - PB	
DBO-156	Dezembro	1980	Campina Grande - PB	
DBO-157	Março	1981	Campina Grande - PB	
DBO-158	Abril	1981	Campina Grande - PB	
DBO-159	Maió	1981	Campina Grande - PB	
DBO-160	Junho	1981	Campina Grande - PB	
DBO-161	Julho	1981	Campina Grande - PB	
DBO-162	Agosto	1981	Campina Grande - PB	
DBO-163	Setembro	1981	Campina Grande - PB	
DBO-164	Outubro	1981	Campina Grande - PB	
DBO-165	Novembro	1981	Campina Grande - PB	
DBO-166	Dezembro	1981	Campina Grande - PB	
DBO-167	Janeiro	1982	Campina Grande - PB	
DBO-168	Fevereiro	1982	Campina Grande - PB	
DBO-169	Março	1982	Campina Grande - PB	
DBO-170	Abril	1982	Campina Grande - PB	
DBO-171	Maió	1982	Campina Grande - PB	
DBO-172	Junho	1982	Campina Grande - PB	
DBO-173	Setembro	1982	Campina Grande - PB	
DBO-174	Outubro	1982	Campina Grande - PB	
DBO-175	Novembro	1982	Campina Grande - PB	
DBO-176	Dezembro	1982	Campina Grande - PB	
DBO-177	Janeiro	1983	Campina Grande - PB	
DBO-178	Fevereiro	1983	Campina Grande - PB	
DBO-179	Março	1983	Campina Grande - PB	
DBO-180	Abril	1983	Campina Grande - PB	
DBO-181	Julho	1983	Campina Grande - PB	
DBO-182	Agosto	1983	Campina Grande - PB	
DBO-183	Setembro	1983	Campina Grande - PB	
DBO-185	Novembro	1983	Campina Grande - PB	
DBO-186	Dezembro	1983	Campina Grande - PB	
DBO-187	Janeiro	1984	Campina Grande - PB	

DBO-188	Fevereiro	1984	Campina Grande - PB	
DBO-189	Março	1984	Campina Grande - PB	
DBO-190	Abril	1984	Campina Grande - PB	
DBO-191	Maio	1984	Campina Grande - PB	
DBO-182	Agosto	1983	Campina Grande - PB	
DBO-183	Setembro	1983	Campina Grande - PB	
DBO-185	Novembro	1983	Campina Grande - PB	
DBO-186	Dezembro	1983	Campina Grande - PB	
DBO-187	Janeiro	1984	Campina Grande - PB	
DBO-188	Fevereiro	1984	Campina Grande - PB	
DBO-189	Março	1984	Campina Grande - PB	
DBO-190	Abril	1984	Campina Grande - PB	
DBO-191	Maio	1984	Campina Grande - PB	
DBO-192	Junho	1984	Campina Grande - PB	
DBO-193	Julho	1984	Campina Grande - PB	
DBO-194	Agosto	1984	Campina Grande - PB	
DBO-195	Setembro	1984	Campina Grande - PB	
DBO-196	Outubro	1984	Campina Grande - PB	
DBO-197	Novembro	1984	Campina Grande - PB	
DBO-198	Dezembro	1984	Campina Grande - PB	
DBO-199	Janeiro	1985	Campina Grande - PB	
DBO-200	Fevereiro	1985	Campina Grande - PB	
DBO-201	Maio	1985	Campina Grande - PB	
DBO-202	Maio	1985	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada

DBO-203	Junho	1985	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-204	Junho	1985	Campina Grande - PB	
DBO-205	Julho	1985	Campina Grande - PB	
DBO-206	Julho	1985	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-207	Agosto	1985	Campina Grande - PB	
DBO-208	Agosto	1985	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-209	Setembro	1985	Campina Grande - PB	
DBO-210	Setembro	1985	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-211	Outubro	1985	Campina Grande - PB	
DBO-212	Outubro	1985	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-213	Novembro	1985	Campina Grande - PB	
DBO-214	Novembro	1985	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-215	Dezembro	1985	Campina Grande - PB	
DBO-216	Dezembro	1985	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-217	Janeiro	1986	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-218	Janeiro	1986	Campina Grande - PB	
DBO-219	Fevereiro	1986	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-220	Fevereiro	1986	Campina Grande - PB	
DBO-221	Março	1986	Campina Grande - PB	
DBO-222	Março e Abril	1986	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-223	Abril	1986	Campina Grande - PB	
DBO-224	Maio	1986	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-225	Maio	1986	Campina Grande - PB	

DBO-226	Junho	1986	Campina Grande - PB	
DBO-227	Junho	1986	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-228	Julho	1986	Campina Grande - PB	
DBO-229	Agosto	1986	Campina Grande - PB	
DBO-231	Setembro	1986	Campina Grande - PB	
DBO-233	Outubro	1986	Campina Grande - PB	
DBO-234	Outubro	1986	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-235	Novembro	1986	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-235	Novembro	1986	Campina Grande - PB	
DBO-236	Novembro	1986	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-237	Dezembro	1986	Campina Grande - PB	
DBO-238	Dezembro	1986	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-239	Janeiro	1987	Campina Grande - PB	
DBO-240	Janeiro e Fevereiro	1987	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-241	Fevereiro	1987	Campina Grande - PB	
DBO-242	Março	1987	Campina Grande - PB	
DBO-243	Março	1987	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-244	Abril	1987	Campina Grande - PB	
DBO-245	Abril	1987	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-228	Julho	1986	Campina Grande - PB	
DBO-229	Agosto	1986	Campina Grande - PB	
DBO-231	Setembro	1986	Campina Grande - PB	
DBO-233	Outubro	1986	Campina Grande - PB	
DBO-234	Outubro	1986	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada

DBO-235	Novembro	1986	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-235	Novembro	1986	Campina Grande - PB	
DBO-236	Novembro	1986	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-237	Dezembro	1986	Campina Grande - PB	
DBO-238	Dezembro	1986	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-239	Janeiro	1987	Campina Grande - PB	
DBO-240	Janeiro e Fevereiro	1987	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-241	Fevereiro	1987	Campina Grande - PB	
DBO-242	Março	1987	Campina Grande - PB	
DBO-235	Novembro	1986	Campina Grande - PB	
DBO-236	Novembro	1986	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-237	Dezembro	1986	Campina Grande - PB	
DBO-238	Dezembro	1986	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-239	Janeiro	1987	Campina Grande - PB	
DBO-243	Março	1987	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-244	Abril	1987	Campina Grande - PB	
DBO-245	Abril	1987	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-246	Maio	1987	Campina Grande - PB	
DBO-247	Maio e Junho	1987	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-248	Junho	1987	Campina Grande - PB	
DBO-249	Julho	1987	Campina Grande - PB	
DBO-250	Julho	1987	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-251	Agosto	1987	Campina Grande - PB	
DBO-252	Agosto	1987	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois

				é uma encadernação duplicada
DBO-254	Setembro	1987	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-255	Outubro	1987	Campina Grande - PB	
DBO-256	Outubro	1987	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-257	Novembro	1987	Campina Grande - PB	
DBO-258	Novembro	1987	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-259	Dezembro	1987	Campina Grande - PB	
DBO-260	Dezembro	1987	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-261	Janeiro	1988	Campina Grande - PB	
DBO-262	Janeiro e Fevereiro	1988	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-263	Fevereiro	1988	Campina Grande - PB	
DBO-264	Março	1988	Campina Grande - PB	
DBO-265	Abril	1988	Campina Grande - PB	
DBO-266	Maio	1988	Campina Grande - PB	
DBO-267	Maio	1988	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-268	Junho	1988	Campina Grande - PB	
DBO-268	Junho	1988	Campina Grande - PB	
DBO-269	Junho	1988	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-270	Julho	1988	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-271	Julho	1988	Campina Grande - PB	
DBO-272	Agosto	1988	Campina Grande - PB	
DBO-273	Setembro	1988	Campina Grande - PB	
DBO-274	Setembro	1988	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-275	Outubro	1988	Campina Grande - PB	
DBO-276	Outubro	1988	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois

				é uma encadernação duplicada
DBO-277	Novembro	1988	Campina Grande - PB	
DBO-278	Dezembro	1988	Campina Grande - PB	
DBO-279	Janeiro	1989	Campina Grande - PB	
DBO-280	Janeiro	1989	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-281	Fevereiro	1989	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-282	Fevereiro	1989	Campina Grande - PB	
DBO-283	Março	1989	Campina Grande - PB	
DBO-284	Março	1989	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-285	Abril	1989	Campina Grande - PB	
DBO-286	Abril	1989	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-287	Maio	1989	Campina Grande - PB	
DBO-288	Maio e Junho	1989	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-289	Junho	1989	Campina Grande - PB	
DBO-290	Julho	1989	Campina Grande - PB	
DBO-291	Julho	1989	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-292	Agosto	1989	Campina Grande - PB	
DBO-293	Agosto	1989	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-294	Setembro	1989	Campina Grande - PB	
DBO-295	Setembro	1989	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-296	Outubro	1989	Campina Grande - PB	
DBO-297	Outubro	1989	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-298	Novembro	1989	Campina Grande - PB	
DBO-300	Dezembro	1989	Campina Grande - PB	
DBO-301	Dezembro	1989	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois

				é uma encadernação duplicada
DBO-302	Janeiro	1990	Campina Grande - PB	
DBO-303	Janeiro e Fevereiro	1990	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-304	Fevereiro	1990	Campina Grande - PB	
DBO-305	Março	1990	Campina Grande - PB	
DBO-306	Março e Abril	1990	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-307	Abril	1990	Campina Grande - PB	
DBO-308	Maio	1990	Campina Grande - PB	
DBO-309	Maio e Junho	1990	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-310	Junho	1990	Campina Grande - PB	
DBO-311	Julho	1990	Campina Grande - PB	
DBO-312	Julho	1990	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-313	Agosto	1990	Campina Grande - PB	
DBO-314	Agosto	1990	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-315	Setembro	1990	Campina Grande - PB	
DBO-316	Outubro	1990	Campina Grande - PB	
DBO-317	Novembro	1990	Campina Grande - PB	
DBO-318	Novembro	1990	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-319	Dezembro	1990	Campina Grande - PB	
DBO-320	Dezembro	1990	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-321	Janeiro	1991	Campina Grande - PB	
DBO-322	Janeiro	1991	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-323	Fevereiro	1991	Campina Grande - PB	
DBO-324	Fevereiro	1991	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada

DBO-325	Março	1991	Campina Grande - PB	
DBO-326	Março	1991	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-327	Abril	1991	Campina Grande - PB	
DBO-328	Abril	1991	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-329	Maio	1991	Campina Grande - PB	
DBO-330	Maio	1991	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-331	Junho	1991	Campina Grande - PB	
DBO-332	Junho	1991	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-333	Julho	1991	Campina Grande - PB	
DBO-334	agosto	1991	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-335	Agosto	1991	Campina Grande - PB	
DBO-336	Agosto	1991	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-337	Setembro	1991	Campina Grande - PB	
DBO-338	Setembro e Agosto	1991	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-339	Outubro	1991	Campina Grande - PB	
DBO-340	Novembro	1991	Campina Grande - PB	
DBO-341	Novembro	1991	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-342	Dezembro	1991	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-343	Dezembro	1991	Campina Grande - PB	
DBO-344	Janeiro	1992	Campina Grande - PB	
DBO-345	Janeiro	1992	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-346	Fevereiro	1992	Campina Grande - PB	
DBO-347	março	1992	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-348	Março	1992	Campina Grande - PB	

DBO-349	Março	1992	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-350	Abril	1992	Campina Grande - PB	
DBO-351	Abril	1992	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-352	Maio	1992	Campina Grande - PB	
DBO-353	Maio	1992	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-354	Junho	1992	Campina Grande - PB	
DBO-355	Junho	1992	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-356	Julho	1992	Campina Grande - PB	
DBO-357	Julho	1992	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-358	Agosto	1992	Campina Grande - PB	
DBO-359	Agosto	1992	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-360	Setembro	1992	Campina Grande - PB	
DBO-361	Setembro	1992	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-362	Outubro	1992	Campina Grande - PB	
DBO-363	Outubro	1992	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-364	Novembro	1992	Campina Grande - PB	
DBO-365	Novembro	1992	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-366	Dezembro	1992	Campina Grande - PB	
DBO-367	Dezembro	1992	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-368	Janeiro	1993	Campina Grande - PB	
DBO-369	Janeiro	1993	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-370	Fevereiro	1993	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-371	Fevereiro	1993	Campina Grande - PB	
DBO-372	Março	1993	Campina Grande - PB	

DBO-373	Março	1993	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-374	Abril	1993	Campina Grande - PB	
DBO-375	Abril	1993	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-376	Maio	1993	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-377	Maio	1993	Campina Grande - PB	
DBO-378	Junho	1993	Campina Grande - PB	
DBO-379	Junho	1993	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-380	Julho	1993	Campina Grande - PB	
DBO-381	Julho	1993	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-382	Agosto	1993	Campina Grande - PB	
DBO-383	Agosto	1993	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-384	Setembro	1993	Campina Grande - PB	
DBO-385	Setembro	1993	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-386	Outubro	1993	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-387	Outubro	1993	Campina Grande - PB	
DBO-388	Novembro	1993	Campina Grande - PB	
DBO-389	Novembro	1993	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-390	Dezembro	1993	Campina Grande - PB	
DBO-391	Dezembro	1993	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-392	Janeiro e Fevereiro	1994	Campina Grande - PB	
DBO-393	Janeiro e Fevereiro	1994	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-394	Março	1994	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-395	Março	1994	Campina Grande - PB	
DBO-396	Abril	1994	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada

DBO-397	Abril	1994	Campina Grande - PB	
DBO-398	Maio	1994	Campina Grande - PB	
DBO-399	Maio	1994	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-401	Junho	1994	Campina Grande - PB	
DBO-402	Julho	1994	Campina Grande - PB	
DBO-403	Julho e Agosto	1994	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-404	Agosto	1994	Campina Grande - PB	
DBO-405	Setembro	1994	Campina Grande - PB	
DBO-406	Setembro e Outubro	1994	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-407	Outubro	1994	Campina Grande - PB	
DBO-408	Novembro	1994	Campina Grande - PB	
DBO-409	Novembro e Dezembro	1994	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-410	Dezembro	1994	Campina Grande - PB	
DBO-411	Janeiro	1995	Campina Grande - PB	
DBO-412	Janeiro e Fevereiro	1995	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-413	Fevereiro	1995	Campina Grande - PB	
DBO-414	Março	1995	Campina Grande - PB	
DBO-415	Março e Abril	1995	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-416	Abril	1995	Campina Grande - PB	
DBO-417	Maio	1995	Campina Grande - PB	
DBO-418	Maio e Junho	1995	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-419	Junho	1995	Campina Grande - PB	
DBO-420	Julho	1995	Campina Grande - PB	
DBO-421	Julho e Agosto	1995	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada

DBO-422	Agosto	1995	Campina Grande - PB	
DBO-423	Setembro	1995	Campina Grande - PB	
DBO-424	Setembro e Outubro	1995	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-425	Outubro	1995	Campina Grande - PB	
DBO-426	Novembro	1995	Campina Grande - PB	
DBO-427	Novembro e Dezembro	1995	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-428	Dezembro	1995	Campina Grande - PB	
DBO-429	Janeiro	1996	Campina Grande - PB	
DBO-430	Janeiro e Fevereiro	1996	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-431	Fevereiro	1996	Campina Grande - PB	
DBO-432	Março	1996	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-432	Março	1996	Campina Grande - PB	
DBO-434	Abril	1996	Campina Grande - PB	
DBO-435	Abril	1996	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-436	Maio	1996	Campina Grande - PB	
DBO-437	Maio e Junho	1996	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-438	Junho	1996	Campina Grande - PB	
DBO-439	Julho	1996	Campina Grande - PB	
DBO-440	Julho e Agosto	1996	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-441	Agosto	1996	Campina Grande - PB	
DBO-442	Setembro	1996	Campina Grande - PB	
DBO-443	Setembro	1996	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-444	Outubro	1996	Campina Grande - PB	
DBO-445	Outubro	1996	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada

DBO-446	Novembro	1996	Campina Grande - PB	
DBO-448	Dezembro	1996	Campina Grande - PB	
DBO-449	Dezembro	1996	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-450	Janeiro	1996	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-451	Janeiro	1997	Campina Grande - PB	
DBO-452	Fevereiro	1997	Campina Grande - PB	
DBO-453	Fevereiro	1997	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-454	Março	1997	Campina Grande - PB	
DBO-455	Março	1997	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-456	Abril	1997	Campina Grande - PB	
DBO-457	Abril	1997	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-458	Mai	1997	Campina Grande - PB	
DBO-459	Mai	1997	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-460	Junho	1997	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-461	Junho	1997	Campina Grande - PB	
DBO-462	Julho	1997	Campina Grande - PB	
DBO-463	Julho	1997	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-464	Setembro	1997	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-465	Setembro	1997	Campina Grande - PB	
DBO-466	Outubro	1997	Campina Grande - PB	
DBO-467	Outubro	1997	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-468	Novembro	1997	Campina Grande - PB	
DBO-469	Novembro	1997	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-470	Dezembro	1997	Campina Grande - PB	

DBO-471	Dezembro	1997	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-472	Janeiro	1998	Campina Grande - PB	
DBO-473	Janeiro	1998	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-474	Fevereiro	1998	Campina Grande - PB	
DBO-475	Fevereiro	1998	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-476	Março	1998	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-477	Março	1998	Campina Grande - PB	
DBO-478	Abril	1998	Campina Grande - PB	
DBO-479	Abril	1998	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-480	Maio	1998	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-481	Maio	1998	Campina Grande - PB	
DBO-482	Junho	1998	Campina Grande - PB	
DBO-483	Junho	1998	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-484	Julho	1998	Campina Grande - PB	
DBO-485	Julho	1998	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-486	Agosto	1998	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-487	Agosto	1998	Campina Grande - PB	
DBO-488	Setembro	1998	Campina Grande - PB	
DBO-489	Setembro	1998	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-490	Outubro	1998	Campina Grande - PB	
DBO-491	Outubro	1998	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-492	Novembro	1998	Campina Grande - PB	
DBO-493	Novembro	1998	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-494	Dezembro	1998	Campina Grande - PB	

DBO-495	Dezembro	1998	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-496	Janeiro	1999	Campina Grande - PB	
DBO-497	Janeiro	1999	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-498	Fevereiro	1999	Campina Grande - PB	
DBO-499	março	1999	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-500	Março	1999	Campina Grande - PB	
DBO-501	Março	1999	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-502	Abril	1999	Campina Grande - PB	
DBO-503	Abril	1999	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-504	Maiο	1999	Campina Grande - PB	
DBO-505	Maiο	1999	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-506	Junho	1999	Campina Grande - PB	
DBO-507	Junho	1999	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-508	Julho	1999	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-509	Julho	1999	Campina Grande - PB	
DBO-510	Agosto	1999	Campina Grande - PB	
DBO-511	Agosto	1999	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-512	Setembro	1999	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-512	Setembro	1999	Campina Grande - PB	
DBO-514	Outubro	1999	Campina Grande - PB	
DBO-515	Outubro	1999	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-516	Novembro	1999	Campina Grande - PB	
DBO-517	Novembro	1999	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-518	Dezembro	1999	Campina Grande - PB	

DBO-519	Dezembro	1999	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-520	Janeiro	2000	Campina Grande - PB	
DBO-521	Janeiro	2000	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-522	Fevereiro	2000	Campina Grande - PB	
DBO-523	Fevereiro	2000	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-524	Março	2000	Campina Grande - PB	
DBO-525	Março	2000	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-526	Abril	2000	Campina Grande - PB	
DBO-527	Abril	2000	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-528	Maio	2000	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-529	Maio	2000	Campina Grande - PB	
DBO-530	Junho	2000	Campina Grande - PB	
DBO-531	Junho	2000	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-532	Julho	2000	Campina Grande - PB	
DBO-533	Julho	2000	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-534	Agosto	2000	Campina Grande - PB	
DBO-535	Agosto	2000	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-536	Setembro	2000	Campina Grande - PB	
DBO-537	Setembro	2000	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-538	Outubro	2000	Campina Grande - PB	
DBO-539	Outubro	2000	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-540	Novembro	2000	Campina Grande - PB	
DBO-541	Novembro	2000	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-542	Dezembro	2000	Campina Grande - PB	

DBO-543	Dezembro	2001	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-544	Janeiro	2001	Campina Grande - PB	
DBO-545	Janeiro	2001	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-546	Fevereiro	2001	Campina Grande - PB	
DBO-547	Fevereiro	2001	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-548	Março	2001	Campina Grande - PB	
DBO-549	Março	2001	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-550	Abril	2001	Campina Grande - PB	
DBO-551	Abril	2001	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-552	Mai	2001	Campina Grande - PB	
DBO-553	Mai	2001	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-554	Junho	2001	Campina Grande - PB	
DBO-555	Junho	2001	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-556	Julho	2001	Campina Grande - PB	
DBO-557	Julho	2001	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-558	Agosto	2001	Campina Grande - PB	
DBO-559	Agosto	2001	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-560	Setembro	2001	Campina Grande - PB	
DBO-561	Setembro	2001	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-562	Outubro	2001	Campina Grande - PB	
DBO-563	Outubro	2001	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-564	Novembro	2001	Campina Grande - PB	
DBO-565	Novembro	2001	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-566	Dezembro	2001	Campina Grande - PB	

DBO-567	Dezembro	2001	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-568	Janeiro	2002	Campina Grande - PB	
DBO-569	Janeiro	2002	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-570	Fevereiro	2002	Campina Grande - PB	
DBO-571	Fevereiro	2002	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-572	Março	2002	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-573	Março	2002	Campina Grande - PB	
DBO-574	Abril	2002	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-575	Abril	2002	Campina Grande - PB	
DBO-576	Maiο	2002	Campina Grande - PB	
DBO-577	Maiο	2002	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-578	Junho	2002	Campina Grande - PB	
DBO-579	Junho	2002	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-580	Julho	2002	Campina Grande - PB	
DBO-581	Julho	2002	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-582	Agosto	2002	Campina Grande - PB	
DBO-583	Agosto	2002	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-584	Setembro	2002	Campina Grande - PB	
DBO-585	Setembro	2002	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-586	Outubro	2002	Campina Grande - PB	
DBO-587	Outubro	2002	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-588	Novembro	2002	Campina Grande - PB	
DBO-589	Novembro	2002	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-590	Dezembro	2002	Campina Grande - PB	

DBO-591	Dezembro	2002	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-592	Janeiro	2003	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-593	Janeiro	2003	Campina Grande - PB	
DBO-594	Fevereiro	2003	Campina Grande - PB	
DBO-595	Fevereiro	2003	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-596	Março	2003	Campina Grande - PB	
DBO-597	Março	2003	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-598	Abril	2003	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-599	Abril	2003	Campina Grande - PB	
DBO-600	Maiο	2003	Campina Grande - PB	
DBO-601	Maiο	2003	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-602	Junho	2003	Campina Grande - PB	
DBO-603	Junho	2003	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-604	Julho	2003	Campina Grande - PB	
DBO-605	Julho	2003	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-606	Agosto	2003	Campina Grande - PB	
DBO-607	Agosto	2003	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-608	Setembro	2003	Campina Grande - PB	
DBO-609	Setembro	2003	Campina Grande - PB	
DBO-610	Outubro	2003	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-611	Outubro	2003	Campina Grande - PB	
DBO-612	Novembro	2003	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-613	Novembro	2003	Campina Grande - PB	
DBO-614	Dezembro	2003	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada

DBO-615	Dezembro	2003	Campina Grande - PB	
DBO-616	Janeiro	2004	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-617	Janeiro	2004	Campina Grande - PB	
DBO-618	Fevereiro	2004	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-619	Fevereiro	2004	Campina Grande - PB	
DBO-620	Março	2004	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-621	Março	2004	Campina Grande - PB	
DBO-622	Abril	2004	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-623	Abril	2004	Campina Grande - PB	
DBO-624	Maió	2004	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-625	Maió	2004	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-626	Junho	2004	Campina Grande - PB	
DBO-627	Julho	2004	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-628	Junho	2004	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-629	Julho	2004	Campina Grande - PB	
DBO-630	Agosto	2004	Campina Grande - PB	
DBO-631	Agosto	2004	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-632	Setembro	2004	Campina Grande - PB	
DBO-633	Setembro	2004	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-634	Outubro	2004	Campina Grande - PB	
DBO-635	Outubro	2004	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-636	Novembro	2004	Campina Grande - PB	
DBO-637	Novembro	2004	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-638	Dezembro	2004	Campina Grande - PB	

DBO-639	Dezembro	2004	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-640	Janeiro	2005	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-641	Janeiro	2005	Campina Grande - PB	
DBO-642	Fevereiro	2005	Campina Grande - PB	
DBO-643	Fevereiro	2005	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-644	Março	2005	Campina Grande - PB	
DBO-645	Março	2005	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-646	Março	2005	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-647	Março	2005	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-648	Abril	2005	Campina Grande - PB	
DBO-649	Abril	2005	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-650	Maiο	2005	Campina Grande - PB	
DBO-651	Maiο	2005	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-652	Junho	2005	Campina Grande - PB	
DBO-653	Junho	2005	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-654	Julho	2005	Campina Grande - PB	
DBO-655	Julho	2005	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-656	Agosto	2005	Campina Grande - PB	
DBO-657	Agosto	2005	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-658	Setembro	2005	Campina Grande - PB	
DBO-659	Setembro	2005	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-660	Outubro	2005	Campina Grande - PB	
DBO-661	Outubro	2005	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-662	Novembro	2005	Campina Grande - PB	

DBO-663	Novembro	2005	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-664	Dezembro	2005	Campina Grande - PB	
DBO-665	Dezembro	2005	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-666	Janeiro	2006	Campina Grande - PB	
DBO-667	Janeiro	2006	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-668	Janeiro	2006	Campina Grande - PB	
DBO-669	Fevereiro	2006	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-670	Fevereiro	2006	Campina Grande - PB	
DBO-671	Março	2006	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-672	Março	2006	Campina Grande - PB	
DBO-673	Abril	2006	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-674	Abril	2006	Campina Grande - PB	
DBO-675	Maio	2006	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-676	Maio	2006	Campina Grande - PB	
DBO-677	Junho	2006	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-678	Junho	2006	Campina Grande - PB	
DBO-679	Julho	2006	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-680	Julho	2006	Campina Grande - PB	
DBO-681	Agosto	2006	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-682	Agosto	2006	Campina Grande - PB	
DBO-683	Setembro	2006	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-684	Setembro	2006	Campina Grande - PB	
DBO-685	Outubro	2006	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-686	Novembro	2006	Campina Grande - PB	

DBO-687	Novembro	2006	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-688	Dezembro	2006	Campina Grande - PB	
DBO-689	Dezembro	2006	Campina Grande - PB	
DBO-690	Janeiro	2007	Campina Grande - PB	
DBO-691	Janeiro	2007	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-692	Fevereiro	2007	Campina Grande - PB	
DBO-693	Fevereiro	2007	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-694	Março	2007	Campina Grande - PB	
DBO-695	Março	2007	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-696	Abril	2007	Campina Grande - PB	
DBO-697	Abril	2007	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-698	Maiio	2007	Campina Grande - PB	
DBO-700	Maiio	2007	Campina Grande - PB	
DBO-701	Junho	2007	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-702	Junho	2007	Campina Grande - PB	
DBO-703	Julho	2007	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-704	Julho	2007	Campina Grande - PB	
DBO-705	Agosto	2007	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-706	Agosto	2007	Campina Grande - PB	
DBO-707	Setembro	2007	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-708	Outubro	2007	Campina Grande - PB	
DBO-709	Outubro	2007	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-710	Novembro	2007	Campina Grande - PB	
DBO-711	Novembro	2007	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada

DBO-712	Dezembro	2007	Campina Grande - PB	
DBO-713	Dezembro	2007	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-714	Janeiro	2008	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-715	Janeiro	2008	Campina Grande - PB	
DBO-716	Fevereiro	2008	Campina Grande - PB	
DBO-717	Fevereiro	2008	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-718	Março	2008	Campina Grande - PB	
DBO-719	Março	2008	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-720	Abril	2008	Campina Grande - PB	
DBO-721	Abril	2008	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-722	Maio	2008	Campina Grande - PB	
DBO-723	Maio	2008	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-724	Junho	2008	Campina Grande - PB	
DBO-725	Junho	2008	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-726	Julho	2008	Campina Grande - PB	
DBO-727	Julho	2008	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-728	Agosto	2008	Campina Grande - PB	
DBO-729	Agosto	2008	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-730	Setembro	2008	Campina Grande - PB	
DBO-731	Setembro	2008	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-732	Outubro	2008	Campina Grande - PB	
DBO-733	Outubro	2008	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-734	Novembro	2008	Campina Grande - PB	
DBO-735	Novembro	2008	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada

DBO-736	Dezembro	2008	Campina Grande - PB	
DBO-737	Dezembro	2008	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-738	Janeiro	2009	Campina Grande - PB	
DBO-739	Janeiro	2009	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-740	Fevereiro	2009	Campina Grande - PB	
DBO-741	Fevereiro	2009	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-742	Março	2009	Campina Grande - PB	
DBO-743	Março	2009	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-744	Abril	2009	Campina Grande - PB	
DBO-745	Abril	2009	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-746	Maio	2009	Campina Grande - PB	
DBO-747	Maio	2009	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-748	Junho	2009	Campina Grande - PB	
DBO-749	Junho	2009	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-750	Julho	2009	Campina Grande - PB	
DBO-751	Julho	2009	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-752	Agosto	2009	Campina Grande - PB	
DBO-753	Agosto	2009	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-754	Setembro	2009	Campina Grande - PB	
DBO-756	Outubro	2009	Campina Grande - PB	
DBO-757	Outubro	2009	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-758	Novembro	2009	Campina Grande - PB	
DBO-759	Novembro	2009	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-760	Dezembro	2009	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada

DBO-761	Dezembro	2009	Campina Grande - PB	
DBO-762	Janeiro	2010	Campina Grande - PB	
DBO-763	Janeiro	2010	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-764	Fevereiro	2010	Campina Grande - PB	
DBO-765	Fevereiro	2010	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-766	Março	2010	Campina Grande - PB	
DBO-767	Março	2010	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-768	Abril	2010	Campina Grande - PB	
DBO-769	Abril	2010	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-770	Maiο	2010	Campina Grande - PB	
DBO-771	Maiο	2010	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-772	Junho	2010	Campina Grande - PB	
DBO-773	Junho	2010	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-774	Julho	2010	Campina Grande - PB	
DBO-775	Julho	2010	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-776	Agosto	2010	Campina Grande - PB	
DBO-777	Agosto	2010	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-778	Setembro	2010	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-779	Setembro	2010	Campina Grande - PB	
DBO-780	Outubro	2010	Campina Grande - PB	
DBO-781	Outubro	2010	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-782	Novembro	2010	Campina Grande - PB	
DBO-783	Novembro	2010	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-784	Dezembro	2010	Campina Grande - PB	

DBO-785	Dezembro	2010	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-786	Janeiro	2011	Campina Grande - PB	
DBO-787	Janeiro	2011	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-788	Fevereiro	2011	Campina Grande - PB	
DBO-789	Fevereiro	2011	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-790	Março	2011	Campina Grande - PB	
DBO-791	Março	2011	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-792	Abril	2011	Campina Grande - PB	
DBO-793	Abril	2011	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-794	Maio	2011	Campina Grande - PB	
DBO-795	Maio	2011	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-796	Junho	2011	Campina Grande - PB	
DBO-797	Junho	2011	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-798	Julho	2011	Campina Grande - PB	
DBO-799	Julho	2011	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-800	Agosto	2011	Campina Grande - PB	
DBO-801	Agosto	2011	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-802	Setembro	2011	Campina Grande - PB	
DBO-803	Setembro	2011	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-804	Outubro	2011	Campina Grande - PB	
DBO-805	Outubro	2011	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-806	Novembro	2011	Campina Grande - PB	
DBO-807	Novembro	2011	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-808	Dezembro	2011	Campina Grande - PB	

DBO-809	Dezembro	2011	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada
DBO-810	Janeiro	2012	Campina Grande - PB	
DBO-811	Janeiro	2012	Campina Grande - PB	Não está disponível para o usuário, pois é uma encadernação duplicada